

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Património azulejar da Quinta Municipal de Subserra

Elsa Cristina Mendes Lopes

Mestrado em Estudos do Património

Dissertação orientada pela

Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

Janeiro de 2026

DECLARAÇÃO RELATIVA ÀS CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros, desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

O presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar a autora, através do Repositório Aberto da Universidade Aberta.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt>.

Agradecimentos

Começo por deixar o meu profundo reconhecimento à Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara que me acompanhou ao longo desta investigação através do seu olhar atento, da sua avaliação e orientação prática na construção da presente dissertação.

Aos docentes do Mestrado em Estudos do Património endereço a minha gratidão pela profissional transmissão de conhecimentos teóricos e metodológicos que serviram de base à construção desta dissertação.

Agradeço a empenhada e atenta colaboração da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, nomeadamente: Sandra Mendes, Coordenadora Técnica do Arquivo Municipal; Maria João Martinho, Técnica Superior de História da Arte do Setor do Património Histórico; Bruno Branco, Assistente Técnico da Divisão do Turismo e Dinamização do Comércio; Paulo Silva, Técnico Superior da Divisão de Cultura, Museus e Património Histórico; Maria Adelaide Cruz, Técnica Superior de História, Setor de Património Histórico; José Rocha, Técnico Superior da Divisão de Bibliotecas e Arquivo. O registo fotográfico dos azulejos da Quinta Municipal de Subserra por Hugo Dionísio, Maria João Martinho, Daniel Bernardes e Catarina Simão. Uma nota de gratidão ao Professor José Meco por responder às nossas perguntas, contactado através de Maria Adelaide Cruz.

Expresso a minha gratidão à senhora Cremilde Godinho pela sua disponibilidade em abrir as portas da Igreja do antigo Convento de Almoester e por fazer uma visita individual.

Deixo um especial agradecimento a Ivo Férin, Técnico de Conservação e Restauro, a Loubet Simões, Técnico de Conservação e Restauro e a Isabel Colher, Técnica de Conservação e Restauro pela disponibilidade e esclarecimento de dúvidas relativas às suas intervenções na Quinta Municipal de Subserra.

Um bem-haja à Professora Doutora Rosário Salema de Carvalho pela sua receptividade e orientação no sentido de apresentar esta proposta de inventariação dos azulejos *in situ* da Quinta Municipal de Subserra para possível integração no Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo.

Por último, mas não menos importante, deixo o meu profundo agradecimento à minha entidade patronal, às minhas Chefe de Divisão Edite Guimarães e Coordenadora Fernanda Bandeira da Biblioteca Palácio Galveias, aos colegas, à família e aos amigos pela motivação, compreensão e flexibilidade neste percurso árduo.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 15 de janeiro de 2026

Nome completo/Full name: Elsa Cristina Mendes Lopes

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

Anónimos artífices, orientados por não menos ignorados artistas, criaram, em poucos anos, sistemas decorativos de extraordinária riqueza para arquitecturas de reconhecida indigência! Naves austeras, por vezes desproporcionadas, capelas nuas de mimos arquitectónicos, imensos corredores claustrais, páteos e sacristias, escadas mesquinhas, tudo se transforma em cor, tudo ganha em monumentalidade e em espectáculo com esses azulejos policromos, dinamizando e ampliando o espaço; é, podemos dizer, o “milagre” do azulejo português.

SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, tomo I, p. 12.

Património azulejar da Quinta Municipal de Subserra

Resumo

No concelho de Vila Franca de Xira, entre os séculos XVI e XIX, membros da aristocracia implantaram dezenas de quintas de recreio/quintas agrícolas que ainda conservam parte do seu património artístico testemunho da História da Arte Portuguesa. A Quinta Municipal de Subserra, localizada na União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz, fundada em 1633 pelo capitão D. Diogo da Veiga ficou na família durante séculos passando pelos Condes de Subserra, Marqueses da Bemposta-Subserra, Marqueses de Rio Maior e Marqueses do Lavradio até ser vendida na década de 40 do século XX. Mais tarde, em 1980, é adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX) a João Guedes de Sousa, continuando a funcionar como espaço de exploração agrícola, de alojamento local e de dinamização cultural.

A Quinta Municipal de Subserra conserva um importante património artístico, designadamente a pintura “Os Desposórios da Virgem” de Bento Coelho da Silveira, do final do século XVII, os embrechados figurativos na fonte parietal e os embrechados de motivos geométricos e arquitetónicos da casa de fresco, ambos da segunda metade do século XVII. Para além destas manifestações artísticas, ressalta a sua azulejaria datada dos séculos XVII ao XX, nomeadamente do século XVII um padrão raro de influência têxtil da Capela de São José, os painéis figurativos e ornamentais da fonte parietal e os painéis de cenas mitológicas da casa de fresco. O estudo e a inventariação do azulejo em Portugal cresceram ao longo do tempo, entre vários contributos, foram marcados pelo trabalho de João Miguel dos Santos Simões. Considerando a riqueza artística dos azulejos e a necessidade de salvaguarda do património, perante a ausência de investigação académica sobre o tema, apresentamos um estudo e uma proposta de inventariação do património azulejar da Quinta Municipal de Subserra para possível integração no catálogo em linha Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo.

Palavras-chave: Azulejaria; Inventário; Quinta de Recreio; Salvaguarda do Património

Tile Heritage of the Subserra Municipal Estate

Abstract

In the municipality of Vila Franca de Xira, between the 16th and 19th century, members of the aristocracy established dozens of recreational and agricultural country estates, many of which still preserve part of their artistic heritage as a testimony to the history of Portuguese art. The Subserra Municipal Estate, located in the União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes and Calhandriz, was founded in 1633 by Captain D. Diogo da Veiga. It remained in the same family for centuries, passing successively through the Counts of Subserra, the Marquises of Bemposta-Subserra, the Marquises of Rio Maior, and the Marquises of Lavradio, until it was sold in the 1940s. Later, in the year of 1980, it was acquired by the Vila Franca de Xira Municipal Council (CMVFX) from João Guedes de Sousa and has since then, continued to operate as a agricultural estate, tourism and cultural activities

The Subserra Municipal Estate preserves an important artistic heritage, particularly the painting “*Os Desposórios da Virgem*” by Bento Coelho da Silveira, from the late 17th century; the figurative shellwork (*embrechados*) of the wall fountain; and the shellwork with geometric and architectural motifs in the garden pavilion (*casa de fresco*), both from the second half of the 17th century. In addition to these artistic pieces, stands out as well its tilework, dating from the 17th to the 20th centuries. Notably from the 17th century are a rare textile-influenced pattern from the Chapel of São José, the figurative and ornamental panels of the wall fountain, and the panels depicting mythological scenes in the garden pavilion (*casa de fresco*). The study and cataloguing of tiles in Portugal have developed over time and, among many contributions, were notably shaped by the work of João Miguel dos Santos Simões. Considering the artistic richness of tiles and the need for Heritage preservation, and to face the lack of academic research on the subject, we present a study and a proposal for the catalogue of the tile heritage of the Subserra Municipal Estate, with a view to its possible inclusion in the online catalogue *Az Infinitum – Azulejo Indexation and Referencing System*.

Keywords: Tilework; Inventory; Recreational Country Estate; Heritage Preservation

Índice

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 2 |
| Capítulo 1 - Considerações gerais sobre o estudo e a inventariação do azulejo em Portugal | 5 |
| Capítulo 2 – Quinta Municipal de Subserra: estado da arte | 10 |
| Capítulo 3 – Quinta Municipal de Subserra | 15 |
| 3.1. Geografia e implantação | 15 |
| 3.2. Contextualização histórica e artística | 17 |
| 3.2.1. Os primeiros proprietários | 21 |
| 3.2.2. A presença da heráldica | 27 |
| 3.2.3. Venda da Quinta | 30 |
| 3.2.4. Campanhas de obras | 31 |
| 3.2.5. Palácio | 36 |
| 3.2.6. Capela de São José | 37 |
| 3.2.7. Jardins | 41 |
| 3.2.8. Embrechados | 53 |
| 3.3. Património azulejar | 60 |
| 3.3.1. Palácio | 66 |
| 3.3.2. Capela de São José | 75 |
| 3.3.3. Jardins | 86 |
| 3.3.3.1. Banco com espaldar ladeado por canteiros | 86 |
| 3.3.3.2. Fonte de São Marcos | 95 |
| 3.3.3.3. Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes | 98 |
| 3.3.3.4. Canteiros, banco, murete e escadarias | 105 |
| 3.3.3.5. Banco do jardim barroco | 108 |
| 3.3.3.6. Fonte parietal | 110 |
| 3.3.3.7. Antigo tanque de rega | 116 |
| 3.3.4. Casa de fresco | 123 |
| 3.3.5. Dependências | 134 |
| 3.3.5.1. Casa do Olival | 135 |

| | |
|------------------------------|------------|
| 3.3.5.2. Vivenda Sol e Serra | 137 |
| 3.3.5.3. Arrumos e pombal | 147 |
| 3.3.5.4. Escritório | 149 |
| 3.3.5.5. Adegas | 153 |
| 3.3.5.6. Abegoaria | 155 |
| 3.4. Autorias identificadas | 156 |
| 3.4.1. Fábrica Sant’Anna | 158 |
| 3.4.2. Rogério Amaral | 159 |
| Conclusão | 163 |
| Bibliografia | 168 |

Anexos

Anexo I – Árvore genealógica dos primeiros proprietários da Quinta de Subserra

Anexo II – Cronologia histórico-artística

Anexo III – Fichas de inventário dos azulejos *in situ* da Quinta Municipal de Subserra

Índice de tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 – Padrões cerâmicos da Quinta de Subserra. | 63 |
| Tabela 2 – Datação dos revestimentos cerâmicos distribuídos pelos componentes da Quinta de Subserra. | 64 |
| Tabela 3 – Classificação dos revestimentos cerâmicos distribuídos pelos componentes da Quinta de Subserra. | 65 |
| Tabela 4 – Correspondência dos revestimentos cerâmicos da Quinta de Subserra com outros locais. | 65 |
| Tabela 5 – Gravuras que serviram de modelo aos painéis com cenas mitológicas da casa de fresco. | 124 |
| Tabela 6 – Autorias dos revestimentos cerâmicos da Quinta de Subserra. | 157 |

Índice de figuras

| | |
|---|----|
| Fig. 1 – Planta de localização escala 1:5 000, traçado vermelho é o limite da Quinta Municipal de Subserra segundo o seu artigo cadastral: prédio 5, secção H. | 15 |
| Fig. 2 – Mapa 3D com alguns elementos da Quinta de Subserra: o palácio, a Capela de São José, o jardim barroco, a fonte de embrechados e o antigo tanque de rega. | 19 |
| Fig. 3 - Lápide da Capela de São José com informação sobre os proprietários da Quinta de Subserra. | 20 |
| Fig. 4 – Placas à entrada da quinta, uma de 1980 da CMVFX e outra da viúva do Marquês de Rio Maior, António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa. | 20 |
| Fig. 5 – Pedra de armas da Família Roxas, na entrada norte da quinta. Pormenor de fotografia de Mário Saraiva Pinto, 20 de março de 2015. | 28 |
| Fig. 6 – Brasão de armas da Família Roxas nos embrechados da casa de fresco da quinta. | 28 |
| Fig. 7 – Pedra de armas da Família Roxas a encimar o monumento fúnebre a D. João de Roxas e Azevedo, do lado do Evangelho na Capela de São José. | 29 |
| Fig. 8 – Pedra de armas das Famílias Roxas e Contreras a encimar o monumento fúnebre a D. Maria Josefa de Contreras e à sua irmã D. Francisca Agostinha de Contreras, do lado da Epístola na Capela de São José. | 29 |
| Fig. 9 – Lista de c. 1929 com o valor de cada elemento da propriedade. | 30 |
| Fig. 10 – Pormenor da lista de c. 1929. | 30 |
| Fig. 11 – Planta do projeto de reconstrução do palácio encomendadas por João Guedes de Sousa. | 32 |
| Fig. 12 – Planta do projeto de reconstrução do palácio encomendadas por João Guedes de Sousa. | 33 |
| Fig. 13 – Desenho de projeto de arquitetura da Quinta Municipal de Subserra de 1988. | 33 |
| Fig. 14 a 16 – Desenhos de projeto de arquitetura da Quinta Municipal de Subserra de 1988. | 34 |
| Fig. 17 e 18 - Vista exterior e interior do Palácio. Fotografia da direita de @porto7744 . | 37 |
| Fig. 19 e 20 - Vista exterior e interior da Capela de São José. | 38 |
| Fig. 21 – “Os Desposórios da Virgem” de Bento Coelho da Silveira. | 39 |

| | |
|--|----|
| Fig. 22 – Fatura de 1890. | 40 |
| Fig. 23 – Fatura de 1895. | 40 |
| Fig. 24 – Cartão de visita de fornecedor da Quinta de Subserra. | 41 |
| Fig. 25 – Vista do jardim a partir da escadaria do terraço. | 42 |
| Fig. 26 – Vista do jardim de buxo barroco. | 42 |
| Fig. 27 – Vista dos vários patamares dos jardins. | 43 |
| Fig. 28 - Fonte semicircular parietal. | 43 |
| Fig. 29 – Vista de muretes e do muro de suporte. | 43 |
| Fig. 30 – Vista do relvado, à esquerda muro com namoradeiras e alegretes. | 44 |
| Fig. 31 – Vista sobre relvado de um patamar superior. | 44 |
| Fig. 32 – Lago do jardim barroco. | 44 |
| Fig. 33 – Fonte parietal numa construção de dois pisos. | 45 |
| Fig. 34 - Fonte parietal com escultura, embrechados e azulejos. | 46 |
| Fig. 35 – Pormenor de um painel de azulejos e da taça da fonte. | 46 |
| Fig. 36 - Vista geral do antigo tanque de rega adaptado a piscina. | 47 |
| Fig. 37 – Pormenor de uma vista do antigo tanque de rega. | 47 |
| Fig. 38 – Pormenor de uma vista do antigo tanque de rega. | 48 |
| Fig. 39 – Contraforte do muro que ladeia o caminho para a casa de fresco | 48 |
| Fig. 40 – Entrada da casa de fresco. | 48 |
| Fig. 41 - Interior da casa de fresco com azulejos e embrechados onde se destaca o brasão da Família Roxas. | 49 |
| Fig. 42 - Plano geral de Francisco Caldeira Cabral, 10-03-1950, 1:100; 0,52 x 1,10 cm; suporte vegetal. | 50 |
| Fig. 43 – Plano de drenagem de Francisco Caldeira Cabral, 17-05-1950, 1:100; 0,50 x 1,00 cm; suporte vegetal. | 51 |
| Fig. 44 – Cortes de Francisco Caldeira Cabral, sem assinatura, s.d., sem escala; 0,45 x 0,70 cm; suporte vegetal. | 51 |
| Fig. 45 e 46 – Pormenores do jardim de buxo barroco. | 52 |
| Fig. 47 – Ferro forjado artístico. | 53 |
| Fig. 48 – Coluna esculpida com vaso decorativo. | 53 |
| Fig. 49 – Medalhão/escudo esculpido na parede de um anexo. | 53 |
| Fig. 50 – Painel de embrechados da fonte parietal. | 56 |

| | |
|--|----|
| Fig. 51 e 52 – Pormenor da taça conchiforme, escultura, embrechados e azulejos da fonte parietal. | 57 |
| Fig. 53 e 54 – Pormenor de embrechados com motivo da <i>nagina</i> à esquerda e à direita da fonte. | 57 |
| Fig. 55 a 58 – Pormenores dos embrechados da fonte parietal. | 58 |
| Fig. 59 e 60 – Casa de fresco vista geral e vista aproximada. | 59 |
| Fig. 61 – Pormenor dos embrechados com brasão da Família Roxas, motivos geométricos e arquitetónicos. | 59 |
| Fig. 62 - Mapa do património azulejar da Quinta Municipal de Subserra | 62 |
| Fig. 63 e 64 - Silhar de azulejos policromos de motivos florais com padrão pombalino. | 67 |
| Fig. 65 - Silhar de azulejos com padrão pombalino. Fotografias: CMVFX. | 67 |
| Fig. 66 - P-18-00035. Imagem: Inês Aguiar. | 68 |
| Fig. 67 e 68 - Silhar de azulejos policromos de motivos florais com padrão D. Maria. | 69 |
| Fig. 69 – Silhar de azulejos com padrão D. Maria. Fotografia: CMVFX. | 69 |
| Fig. 70 - Silhar de prédio no centro histórico de Beja semelhante ao do palácio da Quinta de Subserra. | 71 |
| Fig. 71 - Azulejos de um banco do Jardim Municipal de Oeiras, posteriores aos anos 50 do século XX da Fábrica Sant’Anna, semelhante ao silhar do palácio da Quinta de Subserra. | 71 |
| Fig. 72 - Cozinha do palácio com revestimento cerâmico branco e friso cor de vinho. | 72 |
| Fig. 73 – Vista da parede exterior do palácio com silhar de azulejos de albarradas. | 73 |
| Fig. 74 – Painel da esquerda com silhar de azulejos de albarradas. | 74 |
| Fig. 75 - Painel da direita com silhar de azulejos de albarradas. | 74 |
| Fig. 76 - Painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, do século XVIII. | 75 |
| Fig. 77 – Pormenor da albarrada de azulejos da parede exterior do palácio. | 75 |
| Fig. 78 - Silhar de azulejos de padrão tipo “tapete”, do século XVII, na nave da Capela de São José. | 76 |

| | |
|---|----|
| Fig. 79 – Pormenor da composição de repetição de padrão dos azulejos da Capela de São José. | 77 |
| Fig. 80 - Pormenor da cercadura com franjas amarelas e contas azuis, encimado por pintura decorativa. | 77 |
| Fig. 81 - Silhar de azulejos na nave e capela-mor da Capela de São José. | 79 |
| Fig. 82 - Revestimento azulejar na Igreja do antigo Convento de Almoster. | 79 |
| Fig. 83 - P-702 do inventário de João Miguel dos Santos Simões. | 80 |
| Fig. 84 - Padrão de azulejos da Igreja do antigo Convento de Almoster. | 80 |
| Fig. 85 - Padrão de azulejos da Igreja do antigo Convento de Almoster. | 80 |
| Fig. 86 - Padrão de azulejos da Capela de São José. | 80 |
| Fig. 87 - Padrão de azulejos do silhar da Capela de São José. | 81 |
| Fig. 88 - C-41 do inventário de João Miguel dos Santos Simões. | 82 |
| Fig. 89 - Cercadura do padrão de azulejos da Capela de São José. | 82 |
| Fig. 90 – Frontal de altar com Brasão de Armas das Carmelitas Descalças, Lisboa, 1650-1675, proveniente do convento carmelita, região de Coimbra. MNAz inv. 388 Az. | 82 |
| Fig. 91 – Pormenor do frontal de altar com Brasão de Armas das Carmelitas Descalças (Lisboa) com motivo das franjas de inspiração têxtil à semelhança da Capela de São José. | 83 |
| Fig. 92 - F-17 do inventário de João Miguel dos Santos Simões. | 83 |
| Fig. 93 - Friso da Capela de São José. | 84 |
| Fig. 94 - Friso da Igreja do antigo Convento de Almoster. | 84 |
| Fig. 95 - F-40 do inventário de João Miguel dos Santos Simões. | 84 |
| Fig. 96 e 97 - Pormenores da albarrada de azulejos azuis e brancos no exterior da Capela de São José, datável do século XVIII. | 85 |
| Fig. 98 - Painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, inv. MAS A 115 (16). | 86 |
| Fig. 99 – Pormenor da albarrada de azulejos do exterior da Capela de São José. | 86 |
| Fig. 100 - Banco com espaldar com painel historiado com cena bélica em azulejos azuis e brancos. | 88 |
| Fig. 101 - Painel historiado com cena militar no espaldar do banco. | 88 |

| | |
|--|-----|
| Fig. 102 - Composição triangular do painel. | 89 |
| Fig. 103 – Pormenor de cena militar no painel historiado. | 89 |
| Fig. 104 - Pormenor de cena militar no painel historiado. | 90 |
| Fig. 105 – Painel de azulejos do claustro do Mosteiro de São Vicente de Fora. | 91 |
| Fig. 106 – Pormenor de painel de azulejos do claustro do Mosteiro de São Vicente de Fora. | 91 |
| Fig. 107 – Pormenor do painel de azulejos do espaldar do banco da Quinta de Subserra. | 92 |
| Fig. 108 e 109 – À esquerda pormenor de painel dos claustros do Mosteiro de São Vicente, à direita pormenor do painel do espaldar do banco da Quinta de Subserra. | 92 |
| Fig. 110 - Lateral de canteiro com painel de azulejos azuis e brancos, com vaso florido e motivos vegetalistas. | 93 |
| Fig. 111 - Frente de canteiro com albarrada de azulejos azuis e brancos. | 94 |
| Fig. 112 – Silhar de albarradas da Coleção Berardo (inv. 101-1395) do segundo quartel do século XVIII. | 95 |
| Fig. 113 e 114 – Vista do pátio com a Fonte de São Marcos (à esquerda) e pormenor da fonte. | 95 |
| Fig. 115 e 116 - Pormenor de fiada de azulejos de figura avulsa e de barra de azulejos na Fonte de São Marcos. | 96 |
| Fig. 117 – Lápide em pedra gravada com moldura de friso de azulejos azuis e brancos. | 97 |
| Fig. 118 – Barra de azulejos e rodapé marmoreado na Fonte de São Marcos. Fotografia: CMVFX. | 98 |
| Fig. 119 e 120 - Vista do terraço com namoradeiras e da escadaria com revestimento azulejar de feição neoclássica. | 99 |
| Fig. 121 – Vista de muro com namoradeiras e alegretes com revestimento azulejar de feição neoclássica. | 99 |
| Fig. 122 e 123 - Pormenor de revestimento azulejar no terraço e na escadaria. | 100 |
| Fig. 124 e 125 – Pormenor de alegrete e muro com namoradeiras com revestimento azulejar. | 100 |
| Fig. 126 – Revestimento de azulejos no terraço da Quinta Municipal de Subserra. | 103 |

| | |
|---|-----|
| Fig. 127 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes da Quinta Municipal de Subserra. | 103 |
| Fig. 128 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes no Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz. | 103 |
| Fig. 129 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes no antigo Jardim do Labirinto do Palácio Nacional de Queluz. | 104 |
| Fig. 130 a 133 – Ramos diferentes dos vasos dos alegretes do Jardim do Botânico do Palácio Nacional de Queluz. | 104 |
| Fig. 134 – Canteiro com azulejos de figura avulsa azuis e brancos. | 105 |
| Fig. 135 – Mesa de mármore e banco corrido com azulejos de figura avulsa azuis e brancos. | 105 |
| Fig. 136 – Escada em “L” com azulejos de figura avulsa azuis e brancos. | 105 |
| Fig. 137 – Vista do murete junto à escada que dá acesso à casa de fresco | 105 |
| Fig. 138 – Escada, junto ao relvado, com duas estruturas quadrangulares revestidas com azulejos de figura avulsa. | 107 |
| Fig. 139 – Pormenor da estrutura quadrangular revestida com azulejos de figura avulsa. | 107 |
| Fig. 140 – Pormenor de painel de azulejos de figura avulsa de escada em “L”. | 108 |
| Fig. 141 – Banco do jardim barroco. | 109 |
| Fig. 142 – Silhar de azulejos da Estação Ferroviária de Urrós (Mogadouro, Bragança). Fotografia: Bruno Cabrita, 2016. | 109 |
| Fig. 143 – Fonte parietal com esculturas, revestimento de embrechados e azulejos. | 110 |
| Fig. 144 – Esquema de leitura do revestimento cerâmico da fonte parietal. | 111 |
| Fig. 145 – Esquema de leitura 3D do revestimento cerâmico da fonte parietal. | 111 |
| Fig. 146 – Painéis de azulejos da secção 1, níveis 1 e com lacunas e azulejos que não pertencem. | 112 |
| Fig. 147 – Painel da secção 3, nível 1 em estilo grotesco com espagnolette sobre concha. | 112 |
| Fig. 148 – Secção 2a, nível 2 com espagnolette sem conchas, tem lacunas e azulejos não pertencentes. | 113 |
| Fig. 149 – Secção 2b, nível 2 com espagnolette sem concha e friso florido. | 113 |

| | |
|---|-----|
| Fig. 150 – Secção 1, nível 2 com azulejos policromos com argolas, laçaria e ramos floridos, em mau estado de conservação. | 114 |
| Fig. 151 - Secção 3, nível 2 com azulejos policromos com argolas, laçaria e ramos floridos. | 114 |
| Fig. 152 – Secção 3a, nível 1 com ramo pendurado por argola e laçaria. | 115 |
| Fig. 153 - Painéis de azulejos da secção 3, níveis 1 e 2. | 115 |
| Fig. 154 e 155 - Pormenores do painel central, secção 2, com dois <i>putti</i> e golfinhos. | 115 |
| Fig. 156 – Esquema de leitura do revestimento cerâmico do antigo tanque de rega. | 116 |
| Fig. 157 - Parede 1, secção 1. | 117 |
| Fig. 158 - Parede 2, secções 1 e 2. | 117 |
| Fig. 159 - Parede 3, secção 1. | 118 |
| Fig. 160 - Parede 4, secções 1 e 2. | 118 |
| Fig. 161 – Pormenor dos enrolamentos de festões de folhagem de acanto, flores e ramos com pequenas folhas que ladeiam cada secção. Fotografia: CMVFX. | 119 |
| Fig. 162 – Pormenor de friso verde esmeralda e barra com bordos amarelos simétricos com composição de enrolamentos de folhas de acanto e flores nas extremidades que emoldura o revestimento cerâmico do antigo tanque de rega. Fotografia: CMVFX. | 119 |
| Fig. 163 – Pormenor de cercadura com bordos amarelos simétricos, enrolamentos de folhas de acanto e flores amarelas nas extremidades. Fotografia: CMVFX. | 120 |
| Fig. 164 - Parede 1, secção 1. Fotografia: CMVFX. | 120 |
| Fig. 165 – Parede 2, secção 1. Fotografia: CMVFX. | 121 |
| Fig. 166 - Parede 2, secção 2. Fotografia: CMVFX. | 121 |
| Fig. 167 – Parede 3, secção 1. Fotografia: CMVFX. | 122 |
| Fig. 168 - Parede 4, secção 1. Fotografia: CMVFX. | 122 |
| Fig. 169 - Parede 4, secção 2. Fotografia: CMVFX. | 123 |
| Fig. 170 e 171 – Vistas dos painéis de azulejos da casa de fresco. | 124 |
| Fig. 172 – Esquema de leitura 3D do revestimento cerâmico da casa de fresco. | 125 |
| Fig. 173 – Parede 1, secção 1. | 125 |
| Fig. 174 – Parede 1, secção 2. | 126 |
| Fig. 175 – Parede 2, secção 1. | 127 |

| | |
|--|-----|
| Fig. 176 – Parede 2, secção 2. | 128 |
| Fig. 177 – “Neptuno no seu carro de água”, parede 1, secção 2. | 129 |
| Fig. 178 – “Ácis e Galateia num carro nupcial”, parede 2, secção 1. | 129 |
| Fig. 179 – “Cortejo de Neptuno e Anfitrite”, Lisboa c. 1670, prov. do antigo Convento de Odivelas. MNAz inv. 141 Az. | 129 |
| Fig. 180 – Metade superior da gravura n.º 1570 “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” de Jean Lepautre. | 129 |
| Fig. 181 – Pormenor de silhar de azulejos com “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” na Escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa). | 130 |
| Fig. 182 - “Neptuno no seu carro de água”, parede 1, secção 2. | 131 |
| Fig. 183 – Pormenor da metade direita da gravura de Jean Lepautre n.º 1542 “Neptune sur son char”. | 131 |
| Fig. 184 - Gravura de Jean Lepautre n.º 1542 “Neptune sur son char”. | 132 |
| Fig. 185 - Pormenor de painel de azulejos com neptuno no seu carro de água, coroado por <i>putto</i> e Ácis e Galateia, na sala 8 da Quinta do Calhariz em Azeitão. Fotografia: Rosário Salema de Carvalho. | 132 |
| Fig. 186 - “Ácis e Galateia num carro nupcial”, parede 2, secção 1. | 133 |
| Fig. 187 - Metade esquerda da gravura de Jean Lepautre n.º 1542 “Acis et Galatée sur un char nuptial”. | 133 |
| Fig. 188 - Gravura de Jean Lepautre n.º 1541 “Acis et Galatée sur un char nuptial”. | 134 |
| Fig. 189 – Pormenor de silhar de azulejos com Ácis e Galateia num carro nupcial na Escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa). | 134 |
| Fig. 190 – Vista da Casa do Olival. | 135 |
| Fig. 191 – Silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Casa do Olival. | 136 |
| Fig. 192 e 193 – Pormenores do silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Casa do Olival. | 136 |
| Fig. 194 – Vista da Vivenda Sol e Serra. | 137 |
| Fig. 195 - Silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Vivenda Sol e Serra. | 138 |

| | |
|---|-----|
| Fig. 196 – Rodapé constituído por friso de trevos e cercadura de marmoreado verde na Vivenda Sol e Serra. | 138 |
| Fig. 197 e 198 – Pormenores do silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Vivenda Sol e Serra. | 139 |
| Fig. 199 – Silhar de azulejos policromos do corredor da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX. | 139 |
| Fig. 200 – Pormenor do silhar de azulejos policromos do corredor da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX. | 140 |
| Fig. 201 - Sala de estar da Vivenda Sol e Serra com silhar cerâmico. | 141 |
| Fig. 202 – Silhar cerâmico policromo da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX. | 141 |
| Fig. 203 - Painel de azulejos de padrão inv. 101-43 da Coleção Berardo. | 142 |
| Fig. 204 – Pormenor do silhar cerâmico policromo da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX. | 142 |
| Fig. 205 - Conjunto de azulejos do Museu de Alberto Sampaio inv. MAS A 127 (14). | 143 |
| Fig. 206 – Cercadura com número/identificador C-63. | 143 |
| Fig. 207 – Cercadura do silhar da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. | 143 |
| Fig. 208 – Cozinha da Vivenda Sol e Serra com silhar de azulejos azuis e brancos. | 144 |
| Fig. 209 – Pormenor do silhar de azulejos da cozinha da Vivenda Sol e Serra. | 144 |
| Fig. 210 – Pormenor do rodapé do revestimento cerâmico da cozinha da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX. | 145 |
| Fig. 211 – Silhar cerâmico policromo da casa de banho da Vivenda Sol e Serra. | 146 |
| Fig. 212 – Pormenor do silhar cerâmico da casa de banho da Vivenda Sol e Serra. | 146 |
| Fig. 213 – Vista da zona de arrumos e pombal. | 147 |
| Fig. 214 – Vista do pombal. | 147 |
| Fig. 215 – Silhar de azulejos azuis e brancos dos arrumos. Fotografia: CMVFX. | 148 |
| Fig. 216 – Silhar de azulejos azuis e brancos do pombal. Fotografia: CMVFX. | 148 |
| Fig. 217 – Vista do escritório com silhar de azulejos azuis e brancos. | 149 |
| Fig. 218 – Pormenor do revestimento exterior do escritório. | 150 |

| | |
|--|-----|
| Fig. 219 – Pormenor do revestimento exterior do escritório. | 150 |
| Fig. 220 – Revestimento cerâmico interior policromo de camélias do escritório. Fotografia: CMVFX. | 151 |
| Fig. 221 – Padrão policromo da Quinta de Subserra. | 152 |
| Fig. 222 – P-17-01005. | 152 |
| Fig. 223 – P- 207, P-208, P-209 e P-212. | 152 |
| Fig. 224 - Adega da Quinta de Subserra. | 153 |
| Fig. 225 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da adega. | 153 |
| Fig. 226 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da adega. | 154 |
| Fig. 227 – Abegoaria, fotografia tirada no dia 15-02-2024 (antes das obras). | 155 |
| Fig. 228 – Abegoaria, fotografia tirada no dia 13-09-2025 (após as obras). | 155 |
| Fig. 229 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da abegoaria. | 156 |
| Fig. 230 - Parede 2, secção 1. | 158 |
| Fig. 231 - Parede 2, secção 2. | 158 |
| Fig. 232 - Parede 4, secção 1. | 158 |
| Fig. 233 – Painel de azulejos policromos do terraço. | 159 |
| Fig. 234 – Pormenor da assinatura da Fábrica Sant’Anna. | 159 |
| Fig. 235 – Cartão de aluno de Rogério Amaral. | 160 |
| Fig. 236 - Azulejo cozido na primeira fornada da Calçada da Boa Hora, em 1936. | 160 |
| Fig. 237 – Assinatura de Rogério Amaral na Parede 2, secção 1 do antigo tanque de rega. | 162 |
| Fig. 238 - Assinatura de Rogério Amaral na Parede 3, secção 1 do antigo tanque de rega. | 162 |
| Fig. 239 – Assinatura de Rogério Amaral. | 162 |

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AMVFX – Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira

ANTT - Arquivo Nacional Torre do Tombo

ARTIS-IHA/FLUL - ARTIS — Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

C. – cerca de

CEAX - Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira

Cf. - confira

CMVFX - Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Compil. - compilação

Coord. - coordenação

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

Ed. – edição

Ed. lit. – edição literária

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Fig. – figura

FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Inv. - inventário

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico

MNAz – Museu Nacional do Azulejo

P. – página

P.e. – por exemplo

Pp. - páginas

Prov. - proveniente

S.d. – sem data

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

S.l. – sem local

SNIT - Sistema Nacional de Informação Territorial

UNL – Universidade Nova de Lisboa

Créditos das imagens:

As fotografias sem indicação de autoria e/ou fonte são da nossa autoria, as restantes fotografias e imagens têm os créditos identificados.

Introdução

O tema definido e delimitado para a dissertação de Mestrado em Estudos do Património é o **Património azulejar da Quinta Municipal de Subserra** situada na União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz, no concelho de Vila Franca de Xira. É uma quinta barroca do século XVII que pertence à tipologia da quinta agrícola/quinta de recreio que tem ampla presença neste concelho onde se regista um total de 52 quintas como património cultural.¹ Fundada, em 1633, pelo capitão D. Diogo da Veiga ficou na família até à década de 40 do século XX, por ela passaram os Condes de Subserra, Marqueses da Bemposta-Subserra, Marqueses de Rio Maior e Marqueses do Lavradio. A quinta foi adquirida pela CMVFX, em 1980, a João Guedes de Sousa, sendo uma das poucas quintas agrícolas do século XVII, deste concelho, que ainda conserva em funcionamento os seus vários componentes.²

Relativamente ao tema procedemos à formulação dos problemas da investigação e chegamos à seguinte **problematização**:

- Falta uma investigação académica aprofundada sobre o património artístico, nomeadamente a azulejaria, da Quinta Municipal de Subserra;
- Necessidade de salvaguarda do património artístico;
- Ausência de classificação patrimonial³;
- Mau estado de conservação de parte do seu património;
- Falta de divulgação deste património junto da comunidade académica.

¹ Conforme pesquisa na CMVFX. *Carta Arqueológica* [SIG mapa interativo]. Em linha. 2017. Disponível em: <https://sigvfx.cm-vfxira.pt/MuniSIG/Html5Viewer/index.html?viewer=CartaArqueologica>. [visualizado em 2024-10-15].

² COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Casa da Quinta da Subserra. IPA.00010457*. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2001/2002. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457. [visualizado em 2024-06-13].

³ O Plano Diretor Municipal de Vila Franca de Xira, aprovado no dia 29 de outubro de 1992, considerava a Quinta de Subserra “património a ser objeto de propostas de classificação” vide Resolução do Conselho de Ministros 16/93, de 17 de março. *Ratifica o Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira*. Em linha. Diário da República: I-B série, n.º 64 (1993), pp. 1261 e 1262. Disponível em: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1993/03/064b00/12601271.pdf>. [visualizado em 2024.05-27]. Em 2010 foi feito um pedido de classificação pelo Grupo de Habitantes e Amigos da Freguesia de São João dos Montes, indeferido em 2012 vide LEITE, Sílvia - *Pesquisa do património imóvel: Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. Ulysses, sistema de informação do património classificado / Património Cultural, I.P. Disponível em: <https://imovel.patrimoniocultural.gov.pt/detalhes.php?code=17194983>. [visualizado em 2024-05-27]. Continua até ao presente sem classificação patrimonial.

A elaboração da dissertação, no âmbito da História da Arte, permitirá atualizar e completar a informação existente sobre a Quinta, trazendo junto do público o conhecimento do seu património artístico. Em resposta aos **problemas** apresentados, os **objetivos** desta dissertação são:

- Sensibilizar para a salvaguarda patrimonial da Quinta Municipal de Subserra;
- Estabelecer contactos com os serviços camarários tendo em vista o apoio no estudo dos azulejos;
- Contribuir para a investigação histórica e artística da Quinta Municipal de Subserra, com enfoque no seu património azulejar diversificado;
- Inventariar⁴ o património azulejar *in situ* da Quinta Municipal de Subserra e integrar a informação no Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo;
- Apresentar propostas de datação, identificar estilos, temáticas, iconografia, autorias, entre outros;
- Apelar à promoção de uma nova candidatura para classificação⁵ que viria a aumentar a proteção deste património.

A **metodologia** segue uma abordagem qualitativa com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, à consulta em linha do Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo⁶ e do ICONCLASS – Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais⁷, à observação direta, ao registo fotográfico, à análise, ao método comparativo e à interpretação dos dados recolhidos. A elaboração das fichas de inventário segue o modelo do *Guia de Inventário de Azulejo in situ* da Az – Rede de Investigação em Azulejo.⁸ A

⁴ Um dos objetivos desta dissertação é contribuir para a proteção deste património azulejar através da sua inventariação à luz da Lei n.º 107/2001, de 08 de setembro. *Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*. Em linha. Diário da República: I-A série, n.º 209 (2001). [Legislação consolidada]. Disponível em:

https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&artigo_id=&tabela=leis&ficha=101&pagina=&nversao=&so_miolo=. [visualizado em 2024-05-27].

⁵ De acordo com o Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro. *Estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de protecção e do plano de pormenor de salvaguarda*. Em linha. Diário da República: I série, n.º 206 (2009). Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1574&tabela=leis. [visualizado em 2024-05-27].

⁶ *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*. Em linha. Disponível em: [Az INFINITUM \(ulisboa.pt\)](https://ulisboa.pt). [visualizado em 2024/2026].

⁷ *ICONCLASS – Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais*. Em linha. Disponível em: <https://iconclass.org/pt/>. [visualizado em 2024/2025].

⁸ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Guia de inventário de azulejo in situ*. Em linha. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS – Instituto de História da Arte,

colaboração da CMVFX, proprietária da Quinta Municipal de Suberra, foi essencial para a prossecução da investigação. Em relação à descrição cromática dos azulejos seguimos a terminologia apresentada na exposição temporária *Uma Viagem Cromática pelo Azulejo Português*.⁹

A presente dissertação de mestrado é composta por três capítulos e três anexos que se desenvolvem do seguinte modo:

- Após a introdução, o capítulo 1 apresenta considerações gerais sobre o estudo e inventariação do azulejo em Portugal - o início do seu florescimento; os protagonistas da sua investigação e inventariação; as exposições; os contributos do “Projeto SOS Azulejo” e da AZ – Rede de Investigação em Azulejo; alguns exemplos de projetos de estudo do azulejo.
- No capítulo 2 é delineado o estado da arte da Quinta Municipal de Suberra, verificando-se a necessidade do desenvolvimento do estudo do seu património artístico.
- O capítulo 3 aborda a Quinta Municipal de Suberra, dividindo-se em três partes, a sua contextualização histórica e artística; a análise e descrição do seu património azulejar; apresentação das autorias identificadas dos azulejos.
- Após a conclusão e a bibliografia, apresentamos três anexos: uma árvore genealógica dos primeiros proprietários da Quinta de Suberra; uma cronologia histórico-artística; as fichas de inventário dos azulejos *in situ* da Quinta Municipal de Suberra. Este último anexo representa o coração desta investigação, constitui uma proposta de inventariação do património azulejar da Quinta Municipal de Suberra de acordo com o modelo do Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo.

A redação da dissertação de mestrado segue o Novo Acordo Ortográfico e as normas de citação e referenciação adotadas são a NP ISO 690 que substitui a NP 405.

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (ARTIS-IHA/FLUL). MNAz. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), DGPC, 2018. Disponível em: https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/multimedia/files/GuiaInventario/Guia_Inventario_v1.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

⁹ Exposição temporária inaugurada, no dia 10 de dezembro de 2024, no MNAz no âmbito do projeto ChromAz – The Chromatic Journey of the Portuguese Azulejo financiado pela FCT, entre 2020 e 2023.

Capítulo 1 - Considerações gerais sobre o estudo e a inventariação do azulejo em Portugal

Como refere Alexandra Gago da Câmara, os registos escritos mais antigos sobre o azulejo são dos séculos XVII e XVIII como os textos de Frei Nicolau de Oliveira *Livro das Grandezas de Lisboa* de 1620 e de Agostinho de Santa Maria no *Santuário Mariano* [...] de 1707-1723.¹⁰ O estudo do azulejo em Portugal alavancou, a partir da segunda metade do século XIX, com a inventariação encetada por vários autores ao longo do tempo.¹¹ A inventariação é de grande importância e requer uma atualização constante, sendo essencial para a salvaguarda do azulejo perante vários riscos a que está sujeito como: a deterioração do seu estado de conservação, os furtos, o vandalismo, as obras de alteração de edifícios, entre outros. Em 1883, **Joaquim de Vasconcelos** (1849-1936) dedica uns capítulos à azulejaria à luz da História da Arte e **Francisco Sousa Viterbo** (1845-1910) também escreve sobre os azulejos.¹² Ao nível dos museus e do colecionismo, no final do século XIX, o azulejo ganha protagonismo através de algumas exposições de artes decorativas, designadamente: a *Exposição de Cerâmica* no Palácio de Cristal, no Porto, em 1882; a *Exposição Ulissiponenses* no Palácio Galveias, em Lisboa, em 1936; e a primeira grande exposição de azulejos organizada cronologicamente no Museu Nacional de Arte Antiga, em 1947, que levaria à criação do Museu do Azulejo.¹³

Liberato Telles¹⁴ na sua obra *Duas palavras sobre pavimentos*, de 1896, dedicou várias páginas aos azulejos, sendo pioneiro ao apresentar um *Mappa auxiliar para a classificação dos azulejos*. **José Queiroz** (1916 a 1920) e **Vergílio Correia** (a partir de 1920) fizeram parte da Comissão de Inventariação dos Azulejos do Estado.¹⁵ **João Miguel dos Santos Simões**, em meados do século XX, fez parte das Brigadas de Azulejaria da

¹⁰ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. O azulejo barroco – o estudo e a investigação em Portugal. *Revista de História da Arte*. Em linha. 2012, n.º 9, p. 108. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/16729>. [visualizado em 2024-05-30].

¹¹ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Guia de inventário de azulejo in situ*. Em linha. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS-IHA/FLUL. MNAz. SIPA, DGPC, 2018, p. 5. Disponível em: https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/multimedia/files/GuiaInventario/Guia_Inventario_v1.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

¹² CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. *Op. cit.*, pp. 108 e 109.

¹³ AzLab. *A exposição de azulejos ONTEM*. Em linha. 7 abril 2014. Disponível em: <https://blogazlab.wordpress.com/2014/04/07/a-exposicao-de-azulejos-ontem-e-hoje-4/>. [visualizado em 2024-08-07].

¹⁴ TELLES, Liberato. *Duas palavras sobre pavimentos*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1896.

¹⁵ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Op. Cit.*, p. 6.

Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) começando a inventariação do património azulejar dos séculos XV ao XVIII publicada ao longo do tempo em vários volumes pela FCG.¹⁶

Ainda em 1943, é digno de nota a edição da Academia de Belas-Artes de Lisboa do *Inventário Artístico de Portugal* onde o azulejo é incluído. De 1957 temos a obra de **Reinaldo dos Santos** (1880-1970) *O Azulejo em Portugal* no volume III de *Oito Séculos de arte portuguesa*. **José Meco** escreve *Azulejos de Lisboa* de 1984 e **Rafael Salinas Calado** (1937-2006) *Azulejo: 5 séculos do azulejo em Portugal* em 1986, ambas obras resultantes de exposições sobre o azulejo em Portugal. Ainda na década de 80 temos vários estudos dedicados ao azulejo de autores como **Flávio Gonçalves, Carlos Moura, José Meco, Luísa Arruda**, entre outros. A década de 90 também é profícua em estudos sobre o azulejo do século XVIII em Portugal e no Brasil. A revista *Azulejo* do Museu Nacional do Azulejo (MNAz) começa em 1991. Temos os estudos de **Luís Moura Sobral** e de outros autores sobre a azulejaria em Lisboa. No século XXI vários autores trazem novas abordagens ao estudo do azulejo: o estudo das olarias, a análise iconográfica, a interpretação dos espaços e programas decorativos, as fontes de inspiração do azulejo (a importância da gravura), a análise laboratorial do azulejo, entre outras perspetivas.¹⁷

Em 2006, um projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) faz uma revisão do inventário referente aos azulejos do século XVIII de João Miguel dos Santos Simões que é publicado em 2010.¹⁸

Em 2007, o **Projeto “SOS Azulejo”**¹⁹ é criado pelo Museu de Polícia Judiciária, na dependência do Instituto de Polícia Judiciária e Ciências Criminais, com o objetivo de combater os atentados contra os azulejos: furto, vandalismos, negligência na sua conservação, entre outros. Este projeto implementa na comunidade a prevenção criminal, promove a conservação preventiva e a sensibilização para a valorização do azulejo. Numa abordagem multidisciplinar, o Projeto “SOS Azulejo” estabeleceu diversas parcerias para a proteção e valorização do património azulejar em Portugal, nomeadamente com a Associação Nacional de Municípios Portugueses, a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, o Instituto Politécnico de Tomar, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Lisboa – Instituto de História da Arte

¹⁶ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Op. Cit.*, p. 6.

¹⁷ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. *Op. cit.*, pp. 115 e 116.

¹⁸ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Op. Cit.*, p. 6.

¹⁹ Projeto “SOS Azulejo”. *Apresentação*. Em linha. Disponível em: http://www.sosazulejo.com/?page_id=16. [visualizado em 2024-11-13].

– Rede de Investigação em Azulejo, a Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública.²⁰ O trabalho desenvolvido pelo Projeto “SOS Azulejo” teve como resultados positivos: a redução em 93,5% do número de furtos registados na Polícia Judiciária, entre 2007 e 2023; a consagração do dia 6 de maio como o Dia Nacional do Azulejo²¹; a produção de legislação que “Recomenda ao Governo a proteção e valorização do património azulejar português²², levando à décima terceira alteração ao Regime Jurídico da Urbanização e Edificação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro²³, que essencialmente proíbe a demolição de fachadas com azulejos e a remoção de azulejos com valor patrimonial.²⁴ O Projeto “SOS Azulejo” foi importante no esclarecimento de dúvidas e no apoio aos municípios através da produção de documentos orientadores.²⁵ Teve impacto ao nível da comunicação social e da sociedade, levou a Câmara Municipal de Lisboa a alterar o Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa. Em 2013, o projeto tem o reconhecimento internacional em Atenas com o Grande Prémio da União Europeia para o Património Cultural/Europa Nostra (categoria 4).²⁶ Leonor Sá, conservadora do Museu de Polícia Judiciária e responsável pelo Projeto “SOS Azulejo”, defende o estudo do azulejo através da sua inventariação ao nível nacional levando à criação de um “Mapa Nacional do Azulejo”.²⁷

²⁰ Projeto “SOS Azulejo”. *Apresentação*. Em linha. Disponível em: http://www.sosazulejo.com/?page_id=16. [visualizado em 2024-11-13].

²¹ Resolução da Assembleia da República n.º 144/2017. *Consagra o dia 6 de maio como o Dia Nacional do Azulejo*. Em linha. Diário da República: I Série, n.º 129 (2017-07-06) p. 3387. Disponível em: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2017/07/12900/0338703388.pdf>. [visualizado em 2024-11-14].

²² IDEM. *Ibidem*, p. 3387.

²³ Lei n.º 79/2017, de 18 de agosto. *Protege o património azulejar, procedendo à décima terceira alteração ao Regime Jurídico da Urbanização e Edificação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro*. Em linha. Diário da República: I Série, n.º 159 (2017) p. 4781. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/79-2017-108016474>>. [visualizado em 2024-11-14].

²⁴ Projeto “SOS Azulejo”. *Apresentação*. Em linha. Disponível em: http://www.sosazulejo.com/?page_id=16. [visualizado em 2024-11-13].

²⁵ IDEM. *Ibidem*. Cf. os documentos *Esclarecimentos aos municípios no que concerne à aplicação da nova Lei n.º 79/2017 de 18 de agosto, que protege o património azulejar*. Em linha. Disponível em: <http://www.sosazulejo.com/wp-content/uploads/2020/05/Esclarecimentos-aos-munic%C3%ADpios.pdf>. [visualizado em 2024-11-14] e *Critérios indicativos para a avaliação do valor patrimonial relevante de azulejos de fachada, com vista à aplicação da Lei n.º 79/2017 de 18 de agosto*. Em linha. Disponível em: <http://www.sosazulejo.com/wp-content/uploads/2018/07/Crit%C3%A9rios-orientadores-de-avalia%C3%A7%C3%A3o-de-fachadas-azulejadas-para-aplica%C3%A7%C3%A3o-Lei-79-2017.pdf>. [visualizado em 2024-11-14].

²⁶ Projeto “SOS Azulejo”. *Apresentação*. Em linha. Disponível em: http://www.sosazulejo.com/?page_id=16. [visualizado em 2024-11-14].

²⁷ LUSA. Projeto defende inventariação de património azulejar e mapa nacional do azulejo. *Público*. Em linha. 2023 (2 jul.). Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/07/02/culturaipilon/noticia/projecto-defende-inventariacao-patrimonio-azulejar-mapa-nacional-azulejo-2055387>. [visualizado em 2024-11-14].

O projeto "**Lisboa em Azulejo antes do Terramoto de 1755**", aprovado em 2009 pela FCT e iniciado em 2010, do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) em parceria com a Rede Temática de Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões, sob coordenação de Susana Varela Flor, teve como principal objetivo o estudo do "Grande Panorama de Lisboa" à guarda do MNAz (n.º inv. 1) e centrou-se na análise histórica, artística e laboratorial do painel de azulejos.²⁸

Em 2010, o **Az – Rede de Investigação em Azulejo**²⁹ em parceria com o MNAz e a empresa Sistemas do Futuro, com coordenação de Rosário Salema de Carvalho e Alexandre Pais, inicia o **Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo** que é uma plataforma em linha para a inventariação, catalogação e documentação do património azulejar *in situ* em Portugal e, mais tarde, disponibiliza um importante **Guia de inventário de azulejo in situ** publicado pela primeira vez em 2014.³⁰ O Az Infinitum apresenta uma nova metodologia para o estudo do azulejo que combina a História da Arte e as Humanidades Digitais.³¹ Esta iniciativa defende também a importância da elaboração de um inventário nacional do património azulejar, constantemente atualizado, começando pela azulejaria hispano-mourisca até à azulejaria contemporânea.

Merece destaque o **Projeto DigiTile** um projeto de investigação científica na área da azulejaria e cerâmica financiado pela FCT, entre 2013 e 2016, que permitiu a criação de uma biblioteca digital que disponibiliza fontes documentais e estudos sobre a azulejaria e a cerâmica. Esta foi uma iniciativa conjunta do ARTIS — Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ARTIS-IHA/FLUL) e da Biblioteca de Arte da FCG, com a colaboração do Instituto de História da Arte e do Centro de História

²⁸ *Apresentação*. Em linha. Disponível em: <https://lisboaemazulejo.fcsh.unl.pt/index.php/project/01-apresentacao>. [visualizado em 2025-10-18].

²⁹ Az - Rede de Investigação em Azulejo [ARTIS-IHA/FLUL]. *Projectos*. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/detail.aspx?lang=PT&cid=110&bid=370&pid=40>. [visualizado em 2024-11-13].

³⁰ Az - Rede de Investigação em Azulejo [ARTIS-IHA/FLUL]. *Az Infinitum - Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-az/azinfinitem.aspx?pesquisaGeral=1>. [visualizado em 2024-11-13]. CARVALHO, Rosário Salema de; ALEXANDRE PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Guia de inventário de azulejo in situ*. Em linha. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS-IHA/FLUL. MNAz. SIPA, DGPC, 2018. Disponível em: https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/multimedia/files/GuiaInventario/Guia_Inventario_v1.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

³¹ Az - Rede de Investigação em Azulejo. *Az Infinitum | Explore*. Em linha. Disponível em: <https://youtu.be/zmezOHfAVjM?si=phXnQq3IF199tSdd>. [visualizado em 2024-11-14].

de Aquém e Além-Mar da FCSH da UNL, da Universidade dos Açores e do Institut National d’Histoire de l’Art (Paris).³²

Em 2018 é fundado o projeto **Azulejo Publicitário Português** que tem por missão criar e manter um inventário digital do azulejo publicitário português e intervir na proteção deste património.³³

O projeto **ChromAz – The Chromatic Journey of the Portuguese Azulejo** financiado pela FCT, entre 2020 e 2023, visou o estudo da evolução cromática do azulejo e a investigação, contextualização e divulgação das paletas identificadas e as receitas utilizadas para as produzir.³⁴ Parte deste importante contributo para o estudo do azulejo foi materializado na exposição temporária *Uma Viagem Cromática pelo Azulejo Português* que inaugurou no dia 10 de dezembro de 2024 no MNAz.

Um movimento cívico independente, em 2024, nasce com o nome **MAPA – Movimento de Acção pela Protecção do Azulejo** com o objetivo de proteger e salvaguardar o azulejo, entre outras ações, promove os princípios da Petição pelo Reforço das Medidas de Salvaguarda do Património Azulejar Nacional iniciada em 2018.

Apresentamos alguns dos projetos e intervenientes que têm contribuído para o estudo do azulejo em Portugal que tem sido abordado por múltiplos investigadores.

³² BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN. *Projeto DigiTile*. Em linha. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/a-biblioteca/projetos-e-parcerias/projeto-digitile/>. [visualizado em 2025-09-05].

³³ *Sobre o projeto*. Em linha. Disponível em: <https://azulejopublicitario.pt/about/>. [visualizado em 2025-10-18].

³⁴ *The project*. Em linha. Disponível em: <https://sites.google.com/fct.unl.pt/chromaz/about-chromaz/the-project?authuser=0>. [visualizado em 2025-10-18].

Capítulo 2 – Quinta Municipal de Subserra: estado da arte

O estudo da Quinta Municipal de Subserra, como património artístico, ainda não foi objeto de dissertação de mestrado ou tese de doutoramento. Acreditamos que a bibliografia existente sobre esta quinta de recreio é suficiente para iniciar a investigação científica.

Ao nível dos livros impressos, o *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*, de 1963, 3.º volume, dirigido por D. Fernando Almeida, dedicado a *Mafra, Loures, Vila Franca de Xira* não menciona a Quinta de Subserra e omite uma boa parte do património edificado do concelho de Vila Franca de Xira. As obras de João Miguel dos Santos Simões *Azulejaria em Portugal no século XVII* (em dois tomos) editada em 1971 e *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, 1.ª edição de 1979 e 2.ª edição revista e atualizada de 2010, não contemplam a azulejaria da Quinta Municipal de Subserra que pertence ao concelho de Vila Franca de Xira.

O facto da Quinta de Subserra não ser património classificado³⁵ contribui para a escassez de bibliografia, não constando por esse motivo do *Património classificado: arquitectónico e arqueológico: inventário* publicado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), em 1993.

António Carvalho da Costa na *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal* [...], tomo 3, de 1712, no capítulo dedicado a Alhandra destaca a Quinta de Subserra e a sua Capela. Em 1893, Lino de Macedo na sua obra *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira*³⁶, num estilo jornalístico, apresenta dados histórico-arqueológicos sobre as freguesias do concelho de Vila Franca de Xira³⁷, dedica algumas páginas à Quinta de Subserra e aos seus proprietários ao longo do tempo. Alberto Pimentel no primeiro volume da sua obra *A Extremadura portuguesa*, de 1908, consagra algumas linhas à Quinta de Subserra. O jornal *A Hora*, n.º 33 de 1936, na p. 38 trata da antiga freguesia de São João dos Montes onde refere a Quinta de Subserra. Em 1939,

³⁵ Cf. Resolução do Conselho de Ministros 16/93, de 17 de março. *Ratifica o Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira*. Em linha. Diário da República: I-B série, n.º 64 (1993) pp. 1261 e 1262. Disponível em: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1993/03/064b00/12601271.pdf>. [visualizado em 2024-05-27] e LEITE, Sílvia – *Op. cit.*

³⁶ MACEDO, Lino de. *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira*. Em linha. Vila Franca de Xira: Typ. do Campino, 1893, pp. 308-312. Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Antiguidades_do_moderno_concelho_de_Vill.html?id=UwshIH0C3vIC&redir_esc=y. [visualizado em 2025-11-21].

³⁷ CAMACHO, Clara Frayão. Introdução. In: Lino de MACEDO. *Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*. 2.ª ed. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 1992, p. XVI.

Francisco Câncio na sua obra *Ribatejo histórico e monumental*, volume 3, fascículo XXV, aborda com alguma profundidade a Quinta de Subserra. O *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, 1937-1940, nas páginas dedicadas à antiga freguesia de São João dos Montes refere brevemente a Quinta de Subserra. José António Veríssimo Silva, em junho de 1981, elabora a *Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio de Subserra (Freguesia de S. João dos Montes)* nalgumas páginas datilografadas. Mais tarde, o arqueólogo Rui Parreira publica o *Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira* em vários números do *Boletim cultural* da CMVFX. É precisamente no n.º 2 do *Boletim cultural* da CMVFX, publicado em 1986 (p. 75), que Rui Parreira apresenta uma ficha de inventário sobre a Quinta de Subserra que servirá de base para futuras publicações, nomeadamente, para a ficha de inventário n.º 230 da *Carta arqueológica de Vila Franca de Xira* de João Pimenta e Henriques Mendes, publicada em 2016 (p. 64). Fundamentalmente, nos vários números do *Boletim cultural* da CMVFX e da *CIRA. Boletim cultural* (assim designado a partir do n.º 5) são publicados estudos específicos relacionados com a Quinta de Subserra de grande relevância para a nossa investigação – *Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira – notícia da parcela 404-1* de Rui Parreira (1986) acima referido; *As quintas de recreio do concelho de Vila Franca de Xira* de Aurora Carapinha (1998/1999); *Jardins históricos do concelho de Vila Franca de Xira* de Fernando Graça e Teresa Fernandes (1998/1999); *A classificação das quintas: perspectivas de salvaguarda* de Alberto Flávio Monteiro Lopes (1998/1999); *A agricultura do século XIX em algumas quintas da região de Vila Franca de Xira* de Graça Soares Nunes (1998/1999); *Os Desposórios da Virgem, pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta de Subserra* de Luís de Moura Sobral (1998/1999); *Vinhas & vinho da Quinta de Subserra através dos tempos* de Maria Paula Boloca Carvalho (2014/2015); *A Pintura Antiga em Terras de Vila Franca De Xira: alguns casos de estudo* de Vítor Serrão (2015/2016). O Museu Municipal de Vila Franca de Xira publica um folheto sobre a Quinta Municipal de Subserra³⁸ e a CMVFX, em 1997, edita também um folheto sobre a Quinta Municipal de Subserra da autoria de Clara Frayão Camacho e José Alberto Ribeiro.³⁹ Merecem destaque os 10 volumes da coleção *Vila Franca de Xira*.

³⁸ Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Quinta Municipal de Subserra*. [Folheto]. Vila Franca de Xira; Câmara Municipal, Departamento de Economia e Turismo, (s.d.).

³⁹ CAMACHO, Clara Frayão e José Alberto RIBEIRO. *Quinta Municipal de Subserra*. [Folheto] Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1997.

Saber mais sobre... de Orlando Raimundo, nomeadamente o volume 7 *Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho*, editado em 2011, que dedica algumas páginas à Quinta de Subserra e à Capela de São José.

Em 2001/2002 é inventariada a *Casa da Quinta de Subserra* no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) por Patrícia Costa, Teresa Vale e Maria Ferreira. Mais tarde, em 2004 é inventariada a *Quinta de Subserra* no SIPA por Teresa Câmara. No Ulysses, sistema de informação do património classificado / Património Cultural, I.P. na pesquisa do património imóvel temos uma ficha de inventário para a *Quinta Municipal de Subserra* cuja descrição geral é da autoria de Sílvia Leite.⁴⁰

No âmbito do património azulejar pesquisamos a Quinta de Subserra no catálogo em linha Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo⁴¹ da Az – Rede de Investigação em Azulejo⁴² e, infelizmente, não encontramos a inventariação dos seus azulejos. Acreditamos que, através do estudo da documentação existente, da observação e da inventariação foi possível iniciar esta investigação e apresentar novos contributos científicos.

Em relação às fontes documentais temos o Fundo Marqueses de Rio Maior⁴³, no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), que auxilia na contextualização das vivências desta quinta de recreio, nomeadamente a seguinte documentação: Correspondência recebida pelo senhor Conde de Rio Maior, enviada pela Marquesa da Bemposta Subserra (1861); Documentos de despesa de Subserra (1884-1890); Documentos de despesa de Subserra (1891-1901); Balanços da Caixa da Casa de Rio Maior e Subserra (1900-1908); Documentos de Caixa da Sociedade Agrícola da Vinhas de Subserra (1928-1929); Contas – Receita e Despesa da Soc. Agrícola para exploração das vinhas da Quinta de Subserra e propriedades anexas (1928-1930).⁴⁴

⁴⁰ LEITE, Sílvia. *Pesquisa do património imóvel: Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. Ulysses, sistema de informação do património classificado / Património Cultural, I.P. Disponível em: <https://imovel.patrimoniocultural.gov.pt/detalhes.php?code=17194983>. [visualizado em 2024/2025].

⁴¹ Disponível em: [Az INFINITUM \(ulisboa.pt\)](https://redeazulejo.ulisboa.pt/).

⁴² Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/>.

⁴³ JORGE, Teresa. *Marqueses de Rio Maior: catálogo*. Em linha. Lisboa: ANTT, 2016. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Catalogo-PT-TT-MRM-Final.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

⁴⁴ A documentação que consultamos é referente à contabilidade da Quinta de Subserra.

Na Internet encontramos informação sobre a Quinta de Suberra: no site da Junta da União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz⁴⁵; num artigo de uma revista⁴⁶; num vídeo promocional⁴⁷; no site de uma associação⁴⁸; em documentos sobre o Plano Diretor Municipal de Vila Franca de Xira⁴⁹; no site da Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa⁵⁰; no site da CMVFX⁵¹; no roteiro n.º 8 do Museu Municipal de Vila Franca de Xira⁵²; entre outros.

Por outro lado, desenvolvemos contactos com os serviços culturais da CMVFX que, desde o primeiro momento, foram muito colaborantes e generosos na partilha de informação e na indicação de pistas de investigação. Nomeadamente, Sandra Mendes do Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira (AMVFX) foi excepcional na indicação da documentação de arquivo e bibliografia a pesquisar, respondendo às nossas questões e fazendo a ponte com os colegas da área do Património Histórico, nomeadamente Maria João Martinho. Assim sendo, relativo às obras de conservação e restauro promovidas pela CMVFX temos a seguinte documentação do AMVFX da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral) R/A.2.7.: “Levantamento topográfico da Quinta de Suberra”,

⁴⁵ União das Freguesias de Alhandra, São dos Montes e Calhandriz. *Quinta Municipal Suberra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: https://www.alhandra.pt/freguesia/locais-a-visitar/9-quinta_municipal_suberra. [visualizado em 2024-05-27].

⁴⁶ Um brinde à vitória. *Invade: Rota Histórica das Linhas de Torres*. Em linha. 2020 (dez.), n.º 3, p. 26-27. Disponível na Internet: <URL: <https://www.rhlt.pt/wp-content/uploads/2022/01/INVADE-Patrimo%CC%81nio-Turismo-Lazer-No-3.pdf>>. [visualizado em 2024-05-27].

⁴⁷ Secrets Places. *Experience the Charm of Quinta da Suberra in Alhandra - Vila Franca de Xira - Portugal* -. [Vídeo]. Em linha. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/a6q2VBpJ4sw?si=C54GUKCX1Y9P2o-b>. [visualizado em 2024-05-27].

⁴⁸ Rota Histórica das Linhas de Torres. *Quinta Municipal de Suberra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: <https://www.rhlt.pt/pt/portfolio/quinta-municipal-de-suberra/>. [visualizado em 2024-05-27].

⁴⁹ PLURAL - Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, Lda. *1.ª revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Análise e diagnóstico*. Em linha. Caderno IV – História e património (v6) vol. I. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 2004/2009. Disponível em: https://www.museumunicipalvfxira.pt/cmvmfxira/uploads/writer_file/document/22303/proteccao_patrimonio_cultural.pdf. [visualizado em 2024-05-27]. PLURAL - Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, Lda. *1.ª revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Regulamento (versão 19)*. Em linha. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 2024, vol. III. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/writer_file/document/34651/regulamento_pdm_novembro_2024.pdf. [visualizado em 2025-12-11].

⁵⁰ ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO DA REGIÃO DE LISBOA. *Quinta Municipal de Suberra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: <https://www.ertlisboa.pt/pt/informacao-turistica/cidades/equipamentos/quinta-municipal-de-suberra/>. [visualizado em 2024-05-27].

⁵¹ CMVFX. *Quinta Municipal de Suberra*. Em linha. (s.d.) Disponível em: <https://www.cm-vfxira.pt/saber-lazer/quintas-municipais/poi/quinta-municipal-de-suberra>. [visualizado em 2024-05-27].

⁵² Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Roteiro n.º 8 – Quinta Municipal da Suberra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: https://www.museudoneorealismo.pt/cmvmfxira/uploads/writer_file/document/19846/roteiro_no_8_qta_suberra.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

1977/1988; “Reparação da cobertura do chalé n.º 4 da Quinta de Subserra”, 1986/1988; “Reparação e beneficiação da camarata e chalé n.º 2 da Quinta da Subserra”, 1987; “Recuperação da casa do caseiro da Quinta da Subserra”, 1986/1989; “Obra de remodelação da casa da uva – refeitório da Quinta de Subserra”; “Restauro exterior da Capela da Quinta de Subserra”, 1987.

Revista a literatura existente sobre a Quinta de Subserra concluímos que a referência ao seu património azulejar é escassa. A inventariação do SIPA da *Casa da Quinta de Subserra* por Patrícia Costa, Teresa Vale e Maria Ferreira (2001/2002) menciona: o silhar de azulejos “a simularem a representação de tecidos” no interior da Capela de São José; os painéis cerâmicos “com composições definidas por meninos com golfinhos” da fonte parietal do jardim de buxo; o “silhar de azulejos de feição neoclássica com medalhões a inscreverem vasos com flores” do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes. Nesta ficha de inventário encontramos uma imprecisão que é a datação do silhar de azulejos do interior da Capela de São José como sendo do século XVI, quando a capela foi fundada em 1633, apontamos como datação deste silhar cerâmico entre 1633 e 1650. A inventariação do SIPA da *Quinta de Subserra* por Teresa Câmara (2004) menciona: o revestimento cerâmico policromo do antigo tanque de rega; os painéis cerâmicos policromos da casa de fresco; o silhar cerâmico policromo do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes; a colocação de azulejaria exterior da responsabilidade do proprietário João Guedes de Sousa. Na pesquisa do património imóvel⁵³ a ficha de inventário da *Quinta Municipal de Subserra* na sua descrição geral da autoria de Sílvia Leite menciona os “azulejos seiscentistas” da Capela de São José.

⁵³ No Ulysses, sistema de informação do património classificado / Património Cultural, I.P.

Capítulo 3 – Quinta Municipal de Subserra

3.1. Geografia e implantação

A Quinta de Subserra pertence à antiga freguesia de São João dos Montes⁵⁴, com morada no Largo 1.º de Maio, n.º 1, no concelho de Vila Franca de Xira (fig. 1).



Fig. 1 – Planta de localização escala 1:5 000, traçado vermelho é o limite da Quinta Municipal de Subserra segundo o seu artigo cadastral: prédio 5, secção H.⁵⁵

Fica junto à povoação de Subserra, implantada numa encosta dominando o vale da Ribeira de Santo António, segundo a Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira tem uma área total de c. 18 hectares⁵⁶, no entanto, no contrato de compra e venda é referido que tem 17 hectares⁵⁷ o que vai de encontro à área calculada no *SIG – Mapa interativo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*.⁵⁸ Segundo o Sistema Nacional de Informação

⁵⁴ Atualmente União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz.

⁵⁵ Planta emitida através da CMVFX. *Emissão de plantas de localização* [SIG mapa interativo]. Em linha. Disponível em: <https://sigvfx.cm-vfxira.pt/MuniSIG/Html5Viewer/index.html?viewer=PlantasLocalizacao>. [visualizado em 2024-11-17]. O artigo cadastral foi recolhido da escritura n.º 62/80 - *Contrato de compra e venda de uma propriedade denominada Quinta de Subserra, sita na freguesia de São João dos Montes*, 31 de outubro 1980.

⁵⁶ Conforme ficha 230 da *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Em linha. Disponível em: [230.pdf \(cm-vfxira.pt\)](https://sigvfx.cm-vfxira.pt). [visualizado em 2024-10-15].

⁵⁷ Escritura n.º 62/80 - *Contrato de compra e venda de uma propriedade denominada Quinta de Subserra, sita na freguesia de São João dos Montes*, 31 de outubro 1980.

⁵⁸ CMVFX. *Emissão de plantas de localização* [SIG mapa interativo]. Em linha. Disponível em: <https://sigvfx.cm-vfxira.pt/MuniSIG/Html5Viewer/index.html?viewer=PlantasLocalizacao>. [visualizado em 2024-11-17].

Territorial (SNIT) e a Carta do Regime do Uso do Solo⁵⁹, a quinta está situada em solo rural, num espaço agrícola e natural. Caracteriza-se por ser uma quinta agrícola e de recreio constituída por um palácio, um jardim de buxo barroco do século XVIII, uma capela e instalações agrícolas - o lagar, a abegoaria e o casario dos trabalhadores⁶⁰, a sua vista panorâmica sobre as suas vinhas, a vila de Alhandra e o rio Tejo é digna de nota. O topónimo “Subserra” indicia as características do terreno onde está implantada a quinta.⁶¹ Localizada na área metropolitana de Lisboa, a sua implantação caracteriza-se pelos seus terrenos férteis, junto a ribeiras, pela facilidade de acesso à capital, perto do rio Tejo por via fluvial, por via terrestre e, mais tarde, por via-férrea. A Quinta de Subserra pertence ao grupo das quintas implantadas em zonas de encosta cujo terreno tem modelação de socacos, aqui a exploração agrícola do terreno é exponenciada, os jardins são escalonados criando um efeito de perspetiva e ao nível funcional facilitava o abastecimento da água tirando proveito da gravidade, através do recurso a uma mina ou tanque em cotas superiores.⁶² O palácio e a capela estão num patamar superior, a sul, em relação ao jardim formal, enquanto a norte temos o antigo tanque de rega da largura do jardim também numa cota superior. Nos patamares inferiores temos as hortas, os laranjais e uma casa de fresco que recebem o abastecimento de água.⁶³ Graça Soares Nunes fez um levantamento das quintas da região de Vila Franca de Xira, no século XIX, onde apresentou os seguintes dados relativos à Quinta de Subserra: localização em Alhandra; proprietária Marquesa de Bemposta-Subserra; culturas – vinha, pomares de laranjeiras, espinho e caroço; estruturas identificadas – palácio, capela, adega, celeiros, mina de água, tanques de rega e jardim.⁶⁴

⁵⁹ SNIT. Em linha. Disponível em: <https://snit-mais.dgterritorio.gov.pt/PortalSobreposicoes/>. [visualizado em 2024-11-18].

⁶⁰ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

⁶¹ CATARINO, Maria Manuela dos Santos Costa. *Na margem direita do baixo Tejo: paisagem rural e recursos alimentares (Séc. XIV-XV)*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da NOVA, 1998, p. 23. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/10751>. [visualizado em 2024-05-27].

⁶² FERNANDES, Inês Pires. *A quinta de recreio no concelho de Vila Franca de Xira*. Em linha. IV Seminário Internacional A Casa Nobre: um Património para o Futuro, Arcos de Valdevez, 2014-11-27, p. [14]. Disponível em: [10.13140/RG.2.1.3754.4400](https://hdl.handle.net/10.13140/RG.2.1.3754.4400). [visualizado em 2024-05-27].

⁶³ IDEM. *Ibidem*, p. [17].

⁶⁴ NUNES, Graça Soares. A agricultura do século XIX em algumas quintas da região de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, pp. 175, 176 e 178.

3.2. Contextualização histórica e artística

Segundo Inês Pires Fernandes, as quintas de recreio são uma tipologia vinda do modelo italiano da *villa* suburbana que proliferou em Portugal, a partir do século XVI, nessa época a expansão ultramarina levou ao grande desenvolvimento da cidade de Lisboa o que incentivou a construção de quintas de recreio no seio rural envolvente.⁶⁵ De acordo com Aurora Carapinha, a quinta de recreio é nas vertentes ideológica, social e económica um símbolo da urbanidade com ligação à cidade.⁶⁶ O concelho de Vila Franca de Xira tinha muitas quintas de recreio da nobreza portuguesa ao longo das encostas do Vale do Tejo, aproveitando as vistas e colocando a fachada principal dos seus palácios virados para o rio.⁶⁷ No Antigo Regime assistimos ao crescimento da “quinta” como tipo de campo agrícola associado às culturas ricas (pomares, hortas, vinhas) e ao individualismo agrário mais presente nos arredores urbanos ou regiões de povoamento disperso.⁶⁸ A dimensão da propriedade e da sua produção agrícola revelavam a importância da família detentora da quinta composta por uma casa nobre e por todo um conjunto que incluía, entre outros, um jardim de buxo, pomares, hortas, zonas de miradouro, um sistema de rega.⁶⁹ As grandes casas titulares detinham morgados cujas terras das quintas, nos arredores de Lisboa, eram exploradas para fins agrícolas, as restantes propriedades distribuídas pelo País eram arrendadas, a aristocracia beneficiava de rendimentos de dízimos, direitos de foral e foros enfitêuticos.⁷⁰ Aurora Carapinha refere que há uma transformação da quinta de exploração agrícola para a quinta como espaço de recreio devido à renovação cultural trazida pelo humanismo através dos autores clássicos como Horácio, Virgílio, Plínio, entre outros, que retratam a vida campestre de forma idílica, calma e bela em oposição à agitação da urbe.⁷¹ A autora refere ainda que, a partir do século XVI, as quintas passaram a ser propriedade da nobreza, de funcionários administrativos e de “aventureiros regressados da Índia”.⁷² É

⁶⁵ FERNANDES, Inês Pires. *Op. cit.*, p. [2].

⁶⁶ CARAPINHA, Aurora. As quintas de recreio do concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 156.

⁶⁷ FERNANDES, Inês Pires. *Op. cit.*, p. [17].

⁶⁸ SERRÃO, José Vicente. O quadro económico. In: José MATTOSO, dir. e António Manuel HESPANHA, coord. *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, volume 4, p. 71.

⁶⁹ FERNANDES, Inês Pires. *Op. cit.*, p. [4].

⁷⁰ MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia. In: José MATTOSO, dir. e António Manuel HESPANHA, coord. *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, volume 4, p. 330.

⁷¹ CARAPINHA, Aurora. *Op. cit.*, p. 154.

⁷² IDEM. *Ibidem, Op. cit.*, p. 155.

neste contexto que é fundada a Quinta de Subserra, no concelho de Vila Franca de Xira, como local de produção agrícola, de repouso, de afirmação de riqueza e erudição através da arte nela aplicada (pintura, azulejos, escultura, embrechados, paisagismo, entre outros).

Em 1633, regressado da Índia, o capitão D. Diogo da Veiga instituiu o Morgadio de São Severino ou de São Severim, fundou a Capela de São José e a Quinta de Subserra - uma quinta de recreio barroca que pertenceu por longos anos a membros da nobreza, a particulares e, por fim, desde 1980, à CMVFX.⁷³ Aqui foi encontrado um pote do tipo *martabã* (atualmente pertencente ao Museu Municipal de Vila Franca de Xira) que é de origem asiática, do século XVI, que chegou a Portugal por via da expansão ultramarina.⁷⁴

A Quinta de Subserra começou ainda no domínio filipino (1580-1640), passou pela aclamação de D. João IV como rei de Portugal (1640-1656), pela guerra (1640-1668) e pela crise económica após a Restauração de 1640, esta conjuntura potenciou a encomenda artística de azulejaria.⁷⁵ Entretanto a recuperação económica e a abundância da nobreza impulsionaram um florescimento artístico que culminou na regência e reinado de D. Pedro II (1683-1706), que levou ao enriquecimento dos palácios.⁷⁶ Desde o último terço do século XVII, temos o surgimento “de uma classe aristocrática, construtora de palácios ou casas nobres, conhecedora das modas internacionalizadas nas cortes europeias”⁷⁷, neste contexto temos a Quinta de Subserra cuja construção foi iniciada pelo capitão D. Diogo da Veiga (fig. 2). A estrutura económica de Portugal, entre o final do século XVII e 1822, era baseada em grande parte no comércio com o Brasil e no florescimento de uma economia portuguesa europeia fundada na agricultura, no comércio e no surgimento das primeiras produções da indústria.⁷⁸

⁷³ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

⁷⁴ SIMÕES, Sara Teixeira. *Os potes martabã: contributos para o seu conhecimento*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da NOVA, 2009, pp. 2 e 64. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/12138>. [visualizado em 2024-05-27].

⁷⁵ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 26.

⁷⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 37.

⁷⁷ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. rer. e atualizada. Lisboa: FCG, 2010, p. 4.

⁷⁸ MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal: do Renascimento às Revoluções Liberais*. Lisboa: Editorial Presença, 1998, volume II, pp. 286 e 387.



Fig. 2 – Mapa 3D com alguns elementos da Quinta de Suberra: o palácio, a Capela de São José, o jardim barroco, a fonte de embrechados e o antigo tanque de rega.⁷⁹

O Terramoto de 1 de novembro de 1755 destruiu aproximadamente metade da cidade de Lisboa marcando a nossa história e influenciando o desenvolvimento cultural e artístico subsequente através da reconstrução orientada pelo futuro Marquês de Pombal.⁸⁰ A Quinta de Suberra também sofreu grandes danos que foram reparados mais tarde por iniciativa de Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real, 1.º Conde de Suberra, e da sua esposa D. Isabel de Lemos e Roxas através da reconstrução do palácio e da reconsagração da Capela de São José.⁸¹ Segundo uma fonte esta campanha de obras terá sido entre 1825-1827⁸², outra fonte indica o ano 1821⁸³ e a lápide da Capela de São José (fig. 3) indica o dia 1 de maio de 1823 como a data da finalização. Podemos apontar os anos 20 do século XIX como a época da reconstrução e reconsagração da Capela de São José. A Revolução Liberal de 1820 marcou uma profunda rutura política e defendeu o regresso da corte a Lisboa, em 1822 é aprovada a primeira Constituição Portuguesa e é declarada a independência do Brasil, por ordem de D. Miguel (1828-1834) em 1828 foram feitos

⁷⁹ Mapa elaborado através do Google Earth <https://earth.google.com/web/>.

⁸⁰ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Op. cit.*, volume II, p. 354.

⁸¹ CÂMARA, Teresa. *Quinta de Suberra. IPA.00021431*. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2004. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431. [visualizado em 2024-10-06].

⁸² COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

⁸³ CÂMARA, Teresa. *Op. Cit.*

muitos presos políticos e exilados em Portugal⁸⁴, entre eles o Conde de Subserra, Manuel Inácio Moniz Pamplona Corte Real.⁸⁵

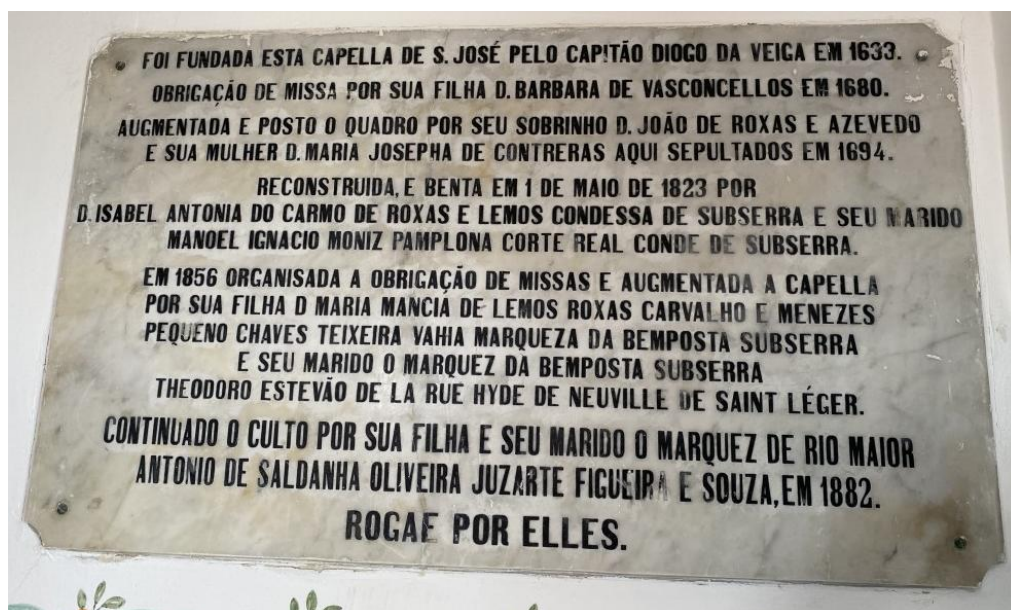


Fig. 3 - Lápide da Capela de São José com informação sobre os proprietários da Quinta de Subserra.

À entrada da quinta temos uma placa indicando que é património municipal, desde 1980, e temos uma placa que refere que a estrada de acesso foi feita, de 1883 a 1891, por iniciativa do Marquês de Rio Maior, António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa (fig. 4).



Fig. 4 – Placas à entrada da quinta, uma de 1980 da CMVFX e outra da viúva do Marquês de Rio Maior, António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa.

⁸⁴ RAMOS, Rui. Ruptura constitucional e guerra civil (1820-1834). In: Rui RAMOS, coord. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, p. 457.

⁸⁵ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Memórias da Marquesa de Rio Maior: Bemposta-Subserra*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2005, p. 11.

Mais recentemente, temos notícia em 2009⁸⁶ da insatisfação da população perante a degradação e falta de utilização da Quinta, situação que mais tarde foi corrigida pela CMVFX que investiu na sua reabilitação e reutilização como alojamento local, cedência de espaços, quinta produtora do vinho “Encostas de Xira” e espaço de dinamização cultural. Ao nível da preservação e valorização do património a autarquia tem feito um trabalho importante que necessita de continuidade. Em fevereiro de 2024, arrancou uma nova obra de reabilitação⁸⁷, focada na adega, que prevê a manutenção do edifício atual, uma nova edificação de ampliação adjacente e a definição de acesso para veículos pesados.

3.2.1. Os primeiros proprietários

D. Diogo da Veiga, o fundador

O capitão **D. Diogo da Veiga** (1575?-1640?) é o fundador da Quinta de Subserra e da Capela de São José, em 1633, sendo responsável pela instituição do Morgadio de São Severino ou de São Severim. Orlando Raimundo refere que foi um rico mercador das Índias que residia no Brasil onde ganhou fortuna na época do domínio Filipino (1580-1640), regressando a Portugal com a idade de 58 anos onde mandou construir a Quinta de Subserra.⁸⁸ Com base nesta informação podemos colocar a possibilidade de ter nascido em 1575. D. Diogo da Veiga está registado na base de dados online do projeto VINCULUM, associado a **D. João de Roxas e Azevedo** e a **D. Bárbara Vasconcelos**, com a informação de que fazia parte do seu património o juro na Casa das Imposições de Vinho e o Almojarifado de Beja e de que tinha como capela a igreja do convento de S. Francisco em Lisboa.⁸⁹

⁸⁶ TALIXA, Jorge. Chovem críticas à degradação da Quinta Municipal de Subserra. Em linha. *Publico*. 14 agosto 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/08/14/local/noticia/chovem-criticas-a-degradacao-da-quinta-municipal-de-subserra-1396133>. [visualizado em 2024-06-13].

⁸⁷ CARRILHO, Pedro. *Quinta Municipal da Subserra*. Em linha. 2021. Disponível em: [Quinta Municipal da Subserra — Pedro Carrilho](#). [visualizado em 2024-05-27].

⁸⁸ RAIMUNDO, Orlando. *Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre... Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho*, 7. Em linha. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2011, p. 49. Disponível em: <https://www.museumunicipalvfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/772/7.pdf>. [visualizado em 2024-11-18].

⁸⁹ D. Diogo da Veiga está registado com o identificador VINC002904 na base de dados do projeto VINCULUM. Em linha. Disponível em: <https://www.vinculum-database.fcsh.unl.pt/index.php/diogo-da-veiga>. [visualizado em 2024-11-18].

D. Bárbara de Vasconcelos ou D. Maria da Veiga, a filha

D. Bárbara de Vasconcelos é referida como filha de D. Diogo da Veiga que na Capela de São José tinha obrigação de missa em 1680⁹⁰, contudo, consultado o *Nobiliário de famílias de Portugal* de Felgueiras Gaio⁹¹ encontramos a referência a **D. Maria da Veiga** como filha de D. Diogo da Veiga e D. Maria Roxas, naturais do Peru. Ainda segundo a mesma fonte, D. Maria da Veiga casou com D. Pedro Roxas de Azevedo.⁹² A Quinta de Suberra, fundada em 1633, passou de D. Diogo da Veiga para a sua filha D. Bárbara de Vasconcelos e, mais tarde, para o seu sobrinho D. João de Roxas e Azevedo.

D. João de Roxas e Azevedo (?-1704), o sobrinho ou o neto

D. João de Roxas e Azevedo⁹³ foi um titular da Santa Sé, com posto em Roma, com o cargo de Enviado, tendo tomado posse em abril de 1669 e terminado funções em 1670⁹⁴, foi embaixador de D. Pedro II em Roma.⁹⁵ Na lápide da capela (fig. 3) é referido como sobrinho de D. Diogo da Veiga, no entanto, no *Nobiliário de famílias de Portugal* de Felgueiras Gaio é referido como filho de D. Pedro de Roxas e Azevedo que casou com D. Maria da Veiga, filha de D. Diogo da Veiga, ou seja, seria neto e não sobrinho.⁹⁶ D. João de Roxas e Azevedo e a sua esposa **D. Maria Josefa de Contreras** foram responsáveis pela ampliação da Capela de São José.⁹⁷ A tela de Bento Coelho da Silveira “Os Desposórios da Virgem” terá sido encomendada entre a data da morte de D. Maria Josefa de Contreras (1694) e antes da morte do marido (1704).⁹⁸ Além da capela, terão sido responsáveis por uma importante campanha de obras de ampliação e apetrechamento

⁹⁰ Conforme informação em lápide no interior da Capela de São José (fig. 3). D. Bárbara Vasconcelos também é referida como filha de D. Diogo da Veiga em COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

⁹¹ GAIO, Felgueiras. *Nobiliário de famílias de Portugal*. Em linha. [Braga]: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Aarújo Affonso, 1938, tomo 3, p. 132. Disponível em: https://purl.pt/12151/4/hg-40103-v/hg-40103-v_item4/hg-40103-v_PDF/hg-40103-v_PDF_24-C-R0150/hg-40103-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. [visualizado em 2024-11-19].

⁹² IDEM. *Ibidem*, p. 132.

⁹³ Aparece também mencionado como “João Roxas de Azevedo” ou “João de Roxas de Azevedo”.

⁹⁴ *Santa Sé – Titulares*. Em linha. Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/titulares/santa-se-titulares>. [visualizado em 2024-11-16].

⁹⁵ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

⁹⁶ GAIO, Felgueiras. *Op. Cit.*, p. 132.

⁹⁷ Conforme informação em lápide no interior da Capela de São José (fig. 3).

⁹⁸ SOBRAL, Luís de Moura, ed. lit. *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*. [Lisboa]: IPPAR, 1998, p. 382.

artístico da quinta.⁹⁹ Em 1704, falece e a propriedade é herdada pela sua neta **D. Caetana Rita Venância Bernardina Felícia de Roxas e Lemos**¹⁰⁰ (1700-1738)¹⁰¹.

D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos (1762-1856)¹⁰², 1.^a Condessa de Subserra

D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos, em 1779, é mencionada como morgada e proprietária da quinta.¹⁰³ Contraiu matrimónio pela primeira vez com o seu primo-direito Manuel de Roxas de Lemos de Carvalho e Vasconcelos de quem teve a sua filha D. Maria Mância de Lemos e Roxas de Carvalho e Menezes; em 1806, casou pela segunda vez com Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real (1762-1832) que adota a filha do primeiro casamento.¹⁰⁴ Na lápide da capela (fig. 3), D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos e o seu marido Manuel Inácio Moniz Pamplona Corte Real, 1.^a Condessa e 1.^o Conde de Subserra, são referidos como responsáveis pela reconstrução e reconsagração da capela no dia 1 de maio de 1823. É precisamente nesse mesmo ano de 1823 que D. João VI concede a Manuel Inácio Moniz Pamplona Corte Real o título de Conde de Subserra¹⁰⁵; Entre 1825 e 1827, foi embaixador de Portugal em Espanha.¹⁰⁶ Em 1828 é preso por ordem de D. Miguel e falece no Forte de Elvas em 1832.¹⁰⁷

⁹⁹ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

¹⁰⁰ IDEM. *Ibidem.*

¹⁰¹ Datas de nascimento e morte. Em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/D-Caetana-Rita-de-Roxas-e-Lemos/6000000029409543451>. [visualizado em 2024-11-21].

¹⁰² Datas de nascimento e morte. Em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Isabel-Ant%C3%B3nia-do-Carmo-de-Carvalho-e-Menezes-1-%C2%AA-condessa-de-Subserra/6000000020240940420>. [visualizado em 2024-11-21].

¹⁰³ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

¹⁰⁴ Informação em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Isabel-Ant%C3%B3nia-do-Carmo-de-Carvalho-e-Menezes-1-%C2%AA-condessa-de-Subserra/6000000020240940420>. [visualizado em 2024-11-21].

¹⁰⁵ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Memórias da Marquesa de Rio Maior: Bemposta-Subserra*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2005, p. 11.

¹⁰⁶ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

¹⁰⁷ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Op. cit.*, p. 11.

**D. Maria Mância de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves
Teixeira Vahia (1805-1881)¹⁰⁸, 2.ª Condessa de Subserra**

D. Maria Mância contraiu matrimónio pela primeira vez com o seu primo Fradique Lopes de Souza Alvim e Lemos, que faleceu aos 26 anos; casou pela segunda vez em 1833 com **Teodoro Estevão de la Rue Hyde de Neuville de Saint Léger (1799-1871)**, tornando-se os dois marqueses da Bemposta-Subserra.¹⁰⁹ Em 1841, nasce a única filha do casal - D. Maria Isabel de Lemos e Roxas Carvalho e Meneses de la Rue Saint Léger (1841-1920). Viveram grandes temporadas na Quinta de Subserra cuja proximidade ao rio Tejo e ao barco a vapor facilitava o acesso à capital lisboeta.¹¹⁰

Na lápide da Capela de São José (fig. 3) é referida a obrigatoriedade de missas e a ampliação da capela, em 1856, da responsabilidade do casal.

**D. Maria Isabel de Lemos e Roxas Carvalho e Meneses de la Rue Saint Léger
(1841-1920), 1.ª Marquesa da Bemposta-Subserra e 1.ª Marquesa de Rio Maior**

As *Memórias da Marquesa de Rio Maior* redigidas por Branca de Gonta Colaço, a partir de 1913 e editadas em 1930¹¹¹, são uma importante fonte de informação sobre D. Maria Isabel de Lemos e Roxas Carvalho e Meneses de la Rue Saint Léger, 1.ª Marquesa de Rio Maior.

Relativamente ao seu nascimento, a Marquesa relata que a Rainha D. Maria II, numa tarde de verão, foi visitar os pais na Quinta de Subserra, sentou-se num banco e disse “Saint-Léger, de hoje a um ano já há-de ter uma filha, e haverá alegria nesta casa.” O pai responde que preferia um filho, a Rainha diz que sonhou que era uma menina. O facto é que estavam casados há nove anos, sem filhos, a visita da Rainha aconteceu no dia 24 de junho de 1840 e nove meses depois nasce a futura Marquesa de Rio Maior.¹¹² Nasceu no dia 25 de março de 1841 na casa da avó materna, D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e

¹⁰⁸ Datas de nascimento e morte. Em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Maria-M%C3%A2ncia-de-Lemos-Roxas-Carvalho-e-Menezes-2-%C2%AA-condessa-de-Subserra/6000000021209353313>. [visualizado em 2024-11-21].

¹⁰⁹ Informação em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Isabel-Ant%C3%B3nia-do-Carmo-de-Carvalho-e-Menezes-1-%C2%AA-condessa-de-Subserra/6000000020240940420>. [visualizado em 2024-11-21].

¹¹⁰ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Op. cit.*, p. 11.

¹¹¹ IDEM. *Ibidem*, p. 7.

¹¹² COLAÇO, Branca de Gonta, compil. *Memórias da Marquesa de Rio Maior: Bemposta-Subserra*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2005, pp. 28 e 30.

Lemos de Carvalho e Menezes, era a 16.^a senhora da Casa da Trofa e a última representante dos Roxas em Portugal.¹¹³ Detinha uma importante posição social, sendo dama da Rainha D. Maria Pia.¹¹⁴ Recebeu uma educação cuidada, desde cedo dedicou-se a ajudar doentes e pessoas desfavorecidas, nomeadamente, na grande epidemia de cólera de 1856. Aprendeu a identificar as características medicinais das plantas.¹¹⁵ Posteriormente, coopera com a Marquesa de Palmela na fundação das Cozinhas Económicas.¹¹⁶

Nas suas memórias a Marquesa refere que devido aos tumultos e revoluções em Portugal, entre 1807 e 1853, a sua família viu três das suas casas serem incendiadas:

*Desgostosos da vida e da sociedade, entristecidos por mil motivos, mal de meios, meus Pais resolveram ir viver de todo para Subserra.*¹¹⁷

No capítulo II, dedicado à localidade de Subserra, a Marquesa descreve o Ribatejo por volta de 1839:

*Ao longo da margem do Tejo, sucediam-se os palácios e quintas senhoriais, desde Xabregas até à Póvoa. E neles se davam constantemente festas luzidas, que bem marcavam a preferência da melhor sociedade do tempo por aquela linda região.*¹¹⁸

Com efeito, o concelho de Vila Franca de Xira era profícuo em quintas de recreio e palácios, nas quais se incluía a Quinta de Subserra que fica na proximidade de Alhandra.

Os pais também fizeram parte da vida social da nobreza e da realeza, como narra a Marquesa, a Rainha montava num “burrico” para subir a serra e passar a tarde na Quinta de Subserra.¹¹⁹ Refere que os pais decidiram ir viver definitivamente na Quinta de Subserra quando a mãe tinha 44 anos, era ela que dirigia a Quinta. A vida era calma e aprazível, apenas com mais animação por ocasião de aniversários, nessas ocasiões iam buscar os convidados à Ponte do Vapor em Alhandra, burros com cadeirinhas para as senhoras e um

¹¹³ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Op. cit.*, pp. 9 e 10.

¹¹⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 7.

¹¹⁵ IDEM. *Ibidem*, pp. 11 e 12.

¹¹⁶ Informação em linha. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Maria-Isabel-da-Anuncia%C3%A7%C3%A3o-e-Meneses-de-Saint-L%C3%A9ger-Marquesa-de-Rio-Maior/600000020241400584>. [visualizado em 2024-11-21].

¹¹⁷ COLAÇO, Branca de Gonta, compil. *Op. Cit.*, p. 44.

¹¹⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 45.

¹¹⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 46.

carrão puxado por quatro juntas de bois para os senhores.¹²⁰ Entre 1847 e 1853 passaram o tempo todo na Quinta de Subserra, o pai não era adepto do *Cabralismo*, por isso se afastou da política refugiando-se no campo e no projeto de uma Companhia de África, desenhado na Companhia Inglesa das Índias.¹²¹

Entre dezembro de 1846 e janeiro de 1847, vários abalos sísmicos se fizeram sentir no Ribatejo o que reforçou a decisão de permanecer na Quinta de Subserra. A Marquesa conta que os pais resolveram acampar no centro do pátio: “O ponto escolhido para o acampamento foi o centro do pátio; a nossa ‘instalação’ estava, portanto, rodeada por todas as arrecadações de lavoura, cavalariças, capoeiras, etc.”¹²² A Marquesa, a mãe e a avó ficaram instaladas no carrão histórico no qual tinham vindo os seus avós de Paris para Subserra, este carro pertencera aos General Duque de Ragusa e tinha estado em Wagram. O pai ficou noutra carruagem mais pequena. Os criados ficaram em dormitórios improvisados em pipas sem fundo com colchões e as criadas mais velhas dormiam em grandes arcas. À volta as pessoas do lugar ficaram embrulhados em capotes, cobertores e mantas, quando se sentia um abalo o povo entoava o cântico *Miserere*.¹²³

Em 1861, D. Maria Isabel casa com António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa (1836-1891), que era inicialmente conde e depois 1.º Marquês de Rio Maior¹²⁴, escolhe a Quinta de Subserra para a realização da boda.¹²⁵ O marido era bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, oficial-maior da Casa Real com o cargo de mestre-sala, Par do Reino e deputado, foi também adido honorário da Legação em Paris, Provedor da Santa Casa da Misericórdia em Lisboa, membro da Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida de Lisboa e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.¹²⁶

Em 1881 herda a Quinta de Subserra e, em 1882, o casal continua o culto da Capela de São José.¹²⁷

Deste matrimónio não resultou descendência, no entanto cuidaram dos seus sobrinhos com quem conviviam diariamente no Palácio da Anunciada, em Lisboa, e durante temporadas na Quinta de Subserra. O Marquês de Rio Maior falece no dia 4 de

¹²⁰ COLAÇO, Branca de Gonta, compil. *Op. Cit.*, p. 47.

¹²¹ IDEM. *Ibidem.*, p. 48.

¹²² IDEM. *Ibidem.*, p. 54.

¹²³ IDEM. *Ibidem.*, p. 54.

¹²⁴ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. Cit.*

¹²⁵ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Op. cit.*, p. 14.

¹²⁶ IDEM. *Ibidem.*, pp. 14 e 15.

¹²⁷ Conforme informação em lápide no interior da Capela de São José (fig. 3).

fevereiro de 1891, a Marquesa continua a residir no Palácio da Anunciada com o cunhado e os sobrinhos, tem algumas reuniões de angariação de donativos para caridade. Em 1893, é nomeada Vice-Presidente da Sociedade Protetora das Cozinhas Económicas.¹²⁸ A Marquesa de Rio Maior tentou permanecer em Portugal, contudo a Implantação da República no dia 5 de outubro de 1910 obrigou-a a deixar o País. Regressa mais tarde, em 1918 adoece e falece no dia 16 de dezembro de 1920.¹²⁹

3.2.2. A presença da heráldica

Na Quinta de Subserra encontramos vários elementos de heráldica:

- Na entrada norte temos a pedras de armas da Família Roxas (fig. 5);
- Nos embrechados da cobertura da casa de fresco temos o brasão de armas da Família Roxas (fig. 6);
- Na Capela de São José temos a pedra de armas da Família Roxas a encimar o monumento fúnebre a D. João de Roxas e Azevedo e a pedra de armas das Famílias Roxas e Contreras a encimar o monumento fúnebre a D. Maria Josefa de Contreras e à sua irmã D. Francisca Agostinha de Contreras (fig. 7 e 8).

¹²⁸ MÓNICA, Maria Filomena, pref. *Op. Cit.*, pp. 15 e 16.

¹²⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 16.



Fig. 5 – Pedra de armas da Família Roxas, na entrada norte da quinta. Pormenor de fotografia de Mário Saraiva Pinto, 20 de março de 2015.¹³⁰



Fig. 6 – Brasão de armas da Família Roxas nos embrechados da casa de fresco da quinta.

¹³⁰ CARVALHO, Maria Paula Boloca. Vinhas & vinho da Quinta de Subserra através dos tempos. *CIRA. Boletim cultural*. Em linha. 2014/2015, n.º 12, p. 126. Disponível em: https://www.cmvfxira.pt/cmvfxira/uploads/document/file/752/Cira12_.pdf. [visualizado em 2024-11-20].



Fig. 7 – Pedra de armas da Família Roxas a encimar o monumento fúnebre a D. João de Roxas e Azevedo, do lado do Evangelho na Capela de São José.



Fig. 8 – Pedra de armas das Famílias Roxas e Contreras a encimar o monumento fúnebre a D. Maria Josefa de Contreras e à sua irmã D. Francisca Agostinha de Contreras, do lado da Epístola na Capela de São José.

A Família Roxas é uma família de origem espanhola com um ramo em Portugal. Em Espanha o apelido mudou para Rojas, enquanto se manteve com a grafia Roxas em Portugal.¹³¹ Segundo o *Armorial lusitano*, as armas desta família são compostas por “[...] ouro, com cinco estrelas de azul de oito raios, postos em sautor [forma de cruz]”.¹³² A Família Contreras, que derivou no apelido Contreiras, tem as suas armas compostas de “[...] prata, com três palas de azul; bordadura de vermelho carregada de oito aspas de ouro. Timbre: aspa azul”.¹³³ Em suma, a presença da heráldica da Família Roxas (sobretudo) e

¹³¹ ZÚQUETE, Afonso. *Armorial lusitano: genealogia e heráldica*. Lisboa: Zairol, 2000, p. 481.

¹³² IDEM. *Ibidem*, p. 481.

¹³³ NORTON, Manuel Artur. *A heráldica em Portugal: o armorial português de família e copiadores desaparecidos do cartório da nobreza*. Lisboa: Dislivro Histórica, 2004, vol. II, p. 134.

Contreras (apenas na monumento fúnebre a D. Maria Josefa de Contreras e à sua irmã D. Francisca Agostinha de Contreras) na entrada norte, na Capela de São José e na casa de fresco permite datar na segunda metade do século XVII e início do século XVIII algumas intervenções artísticas – escultura das pedras de armas da entrada e monumentos fúnebres, tela de Bento Coelho da Silveira “Desposórios da Virgem” da Capela de São José, embrechados e painéis azulejares de temática mitológica da casa de fresco. A fonte parietal com embrechados também pode ser datada na segunda metade do século XVII.

3.2.3. Venda da Quinta

Em 1920, a Marquesa de Rio Maior falece e a propriedade é herdada pela sua sobrinha Maria da Piedade Saldanha Oliveira e Souza e pelo marido José Maria de Almeida Correia de Sá, 6.º Marquês do Lavradio. Uma curiosidade de c. 1929, reveladora da grandeza da quinta, é uma lista com o preço de cada elemento da propriedade onde foi escrito “Palácio e capela acho-me incompetente para lhe dar valor” (fig. 9 e 10).¹³⁴

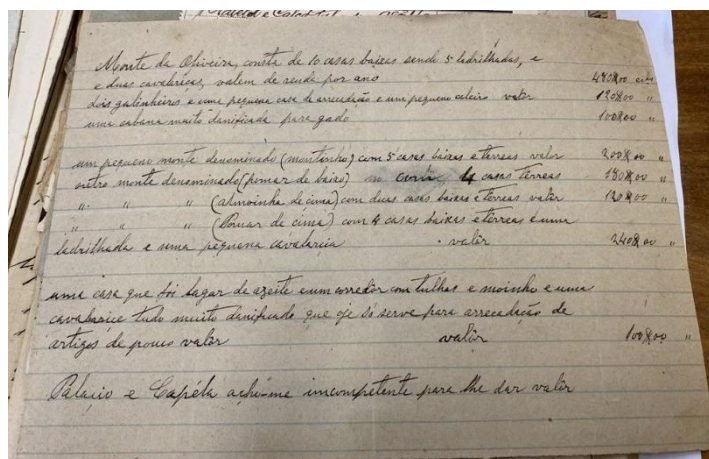


Fig. 9 – Lista de c. 1929 com o preço de cada elemento da propriedade.¹²⁶

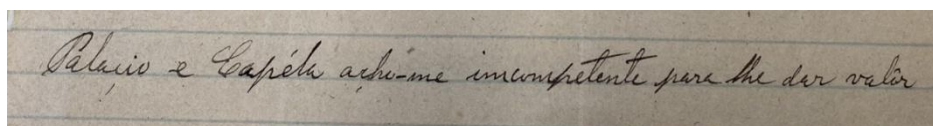


Fig. 10 – Pormenor da lista de c. 1929.¹³⁵

Aquando do falecimento da Marquesa de Rio Maior a área exata da Quinta de Subserra não é conhecida, segundo Maria Paula Boloca Carvalho teria c. 200 hectares drasticamente

¹³⁴ ANTT. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de Caixa da Sociedade Agrícola da Vinhas de Subserra*, 1928/1929, PT/TT/MRM/M093.003.

¹³⁵ Fonte da imagem: ANTT. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de Caixa da Sociedade Agrícola da Vinhas de Subserra*, 1928/1929, PT/TT/MRM/M093.003.

reduzidos devido à venda de grande parte da propriedade pelo 6.º Marquês do Lavradio para saldar dívidas de jogo.¹³⁶ Mais tarde, na década de 40 do século XX, a Quinta de Subserra é totalmente vendida e deixa de pertencer a esta família aristocrática. No apêndice I apresentamos uma árvore genealógica dos primeiros proprietários. Ao longo do tempo a quinta passa por vários proprietários, em 1941, o francês Pierre Benoist, diretor da Fábrica Nacional de Penteação de Lãs em Alhandra, era o proprietário e o administrador da quinta era Eduardo Barata que foi responsável por importantes obras de beneficiação. Por volta de 1945, o Dr. Silva Araújo, diretor dos Hospitais Cívicos de Lisboa, adquire a propriedade. Em 1947, a propriedade apresenta alguma degradação e é comprada por João Guedes de Sousa que é responsável por obras gerais de consolidação e restauro, essencialmente na capela e no palácio. Por fim, em 1980, a quinta é comprada pela CMVFX que ao longo do tempo procede a obras de conservação¹³⁷, a escritura n.º 62/80 documenta a aquisição a João Guedes de Sousa.¹³⁸

3.2.4. Campanhas de obras

Por iniciativa de alguns dos seus proprietários, ao longo do tempo, a Quinta de Subserra sofreu importantes campanhas de obras:

- Na segunda metade do século XVII, D. João de Roxas e Azevedo foi responsável por uma importante campanha de obras de ampliação e enriquecimento artístico da quinta¹³⁹;
- Por volta de 1823, devido aos danos causados pelo Terramoto de 1755, por iniciativa de D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos e Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real são concluídas obras de reconstrução do palácio e da capela que é reconsagrada¹⁴⁰;
- Na segunda metade do século XIX, foram feitas obras de renovação que abrangeram os jardins, a gruta (casa de fresco), o tanque dos peixes (antigo tanque de rega), os pombais e a estrada de acesso¹⁴¹;

¹³⁶ CARVALHO, Maria Paula Boloca. *Op. cit.*, p. 119.

¹³⁷ COSTA, Patrícia; VALE, Teresa; FERREIRA, Maria - *Op. cit.*

¹³⁸ Escritura n.º 62/80 - *Contrato de compra e venda de uma propriedade denominada Quinta de Subserra, sita na freguesia de São João dos Montes*, 31 de outubro 1980.

¹³⁹ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

¹⁴⁰ IDEM. *Ibidem*. CÂMARA, Teresa. *Op. cit.* LEITE, Sílvia. *Op. cit.*

¹⁴¹ LEITE, Sílvia. *Op. cit.*

- Entre 1883 e 1891, por iniciativa do Marquês de Rio Maior, António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa foi feita uma estrada da Quinta da Ponte para a Quinta de Suberra de modo a facilitar o acesso¹⁴²;
- Em 1941, o proprietário da quinta Pierre Benoist, diretor da Fábrica Nacional de Penteação de Lãs em Alhandra, diligencia significativos melhoramentos,¹⁴³
- João Guedes de Sousa, em 1947, adquire a quinta que encontra degradada e, por isso, empreende obras de conservação e restauro nomeadamente no palácio (fig. 11 e 12) e na capela¹⁴⁴, em 1950 encomenda o projeto de reconstituição dos jardins da Quinta de Suberra ao arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral (fig. 42 a 44);¹⁴⁵

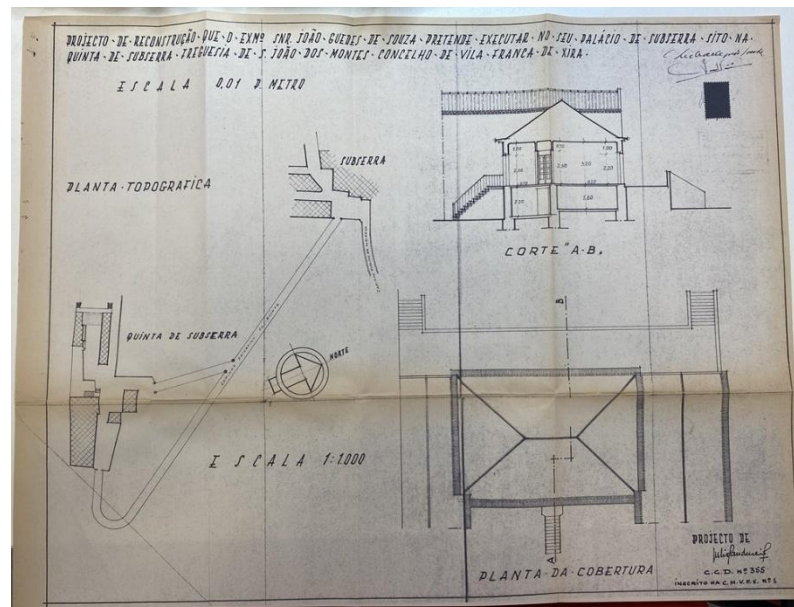


Fig. 11 – Planta do projeto de reconstrução do palácio encomendadas por João Guedes de Sousa.¹⁴⁰

¹⁴² Conforme inscrição numa lápide (fig. 3) à entrada da Quinta de Suberra colocada por iniciativa da Marquesa de Rio Maior.

¹⁴³ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

¹⁴⁴ IDEM. *Ibidem.*

¹⁴⁵ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

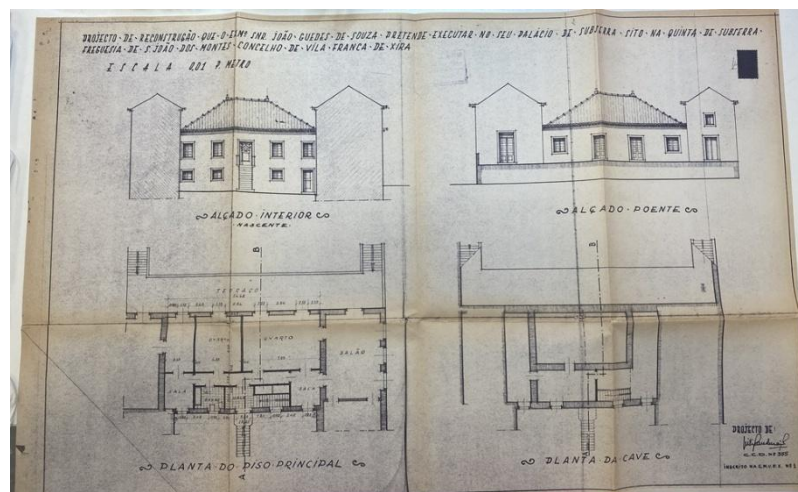


Fig. 12 – Planta do projeto de reconstrução do palácio encomendadas por João Guedes de Sousa.¹⁴⁶

- Em 1980, a CMVFX compra a quinta a João Guedes de Sousa realizando obras de conservação até 1989¹⁴⁷ (fig. 13 a 16), destacando-se as obras de recuperação do jardim da responsabilidade do arquiteto paisagista Fernando Graça, as obras de drenagem¹⁴⁸ e o restauro exterior da Capela de São José que incluiu a limpeza dos azulejos¹⁴⁹;

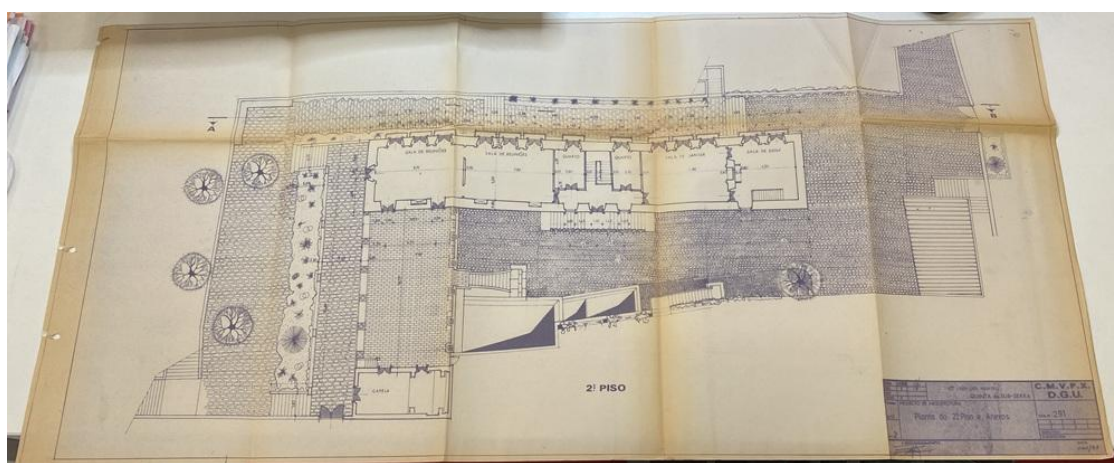


Fig. 13 – Desenho de projeto de arquitetura da Quinta Municipal de Subserra de 1988.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Plantas de c. 1950 do AMVFX. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Levantamento topográfico da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1977/1988.*

¹⁴⁷ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.* Cf. AMVFX. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Reparação da cobertura do chalé n.º 4 da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1986/1988.; Reparação e beneficiação da camarata e chalé n.º 2 da Quinta da Subserra, R/A.2.7., 1987; Recuperação da casa do caseiro da Quinta da Subserra, R/A.2.7., 1986/1989; Obra de remodelação da casa da uva – refeitório da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1984/1988.*

¹⁴⁸ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

¹⁴⁹ Cf. AMVFX. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Restauro exterior da Capela da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1987.*

¹⁵⁰ Projeto de arquitetura da responsabilidade da CMVFX de 1988 integrado no AMVFX. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Levantamento topográfico da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1977/1988.*

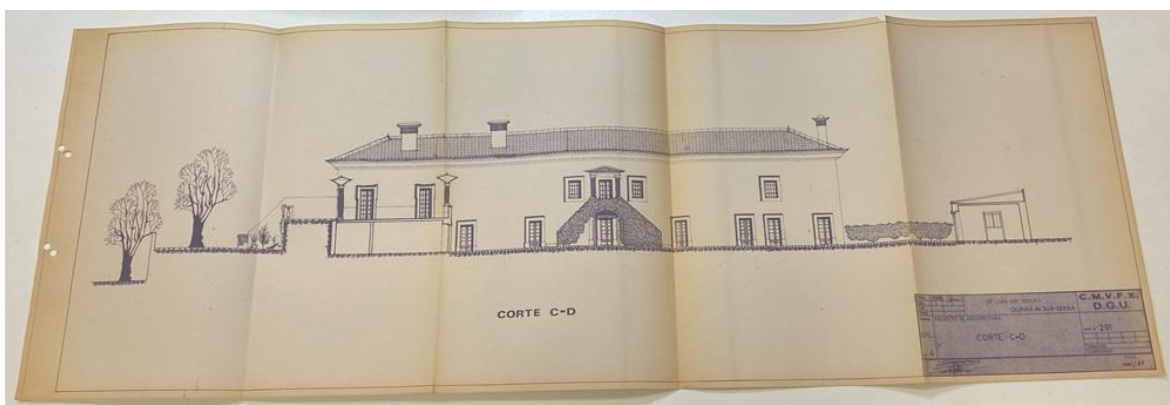
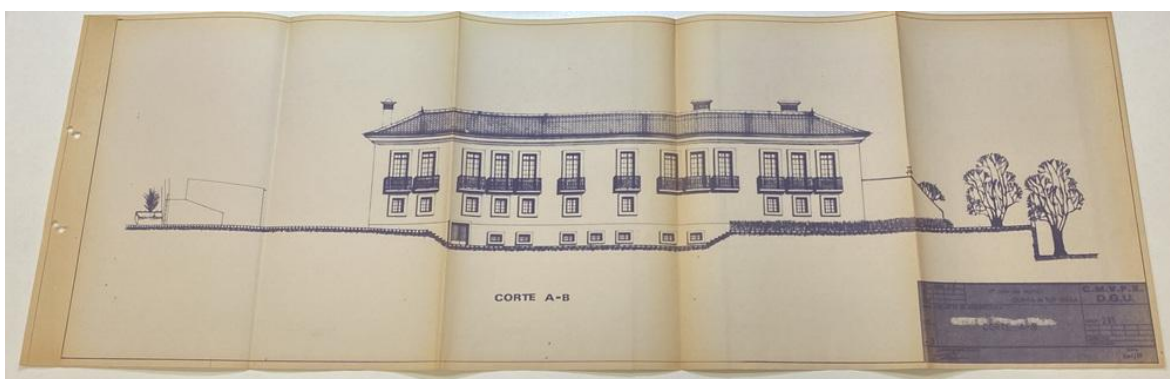
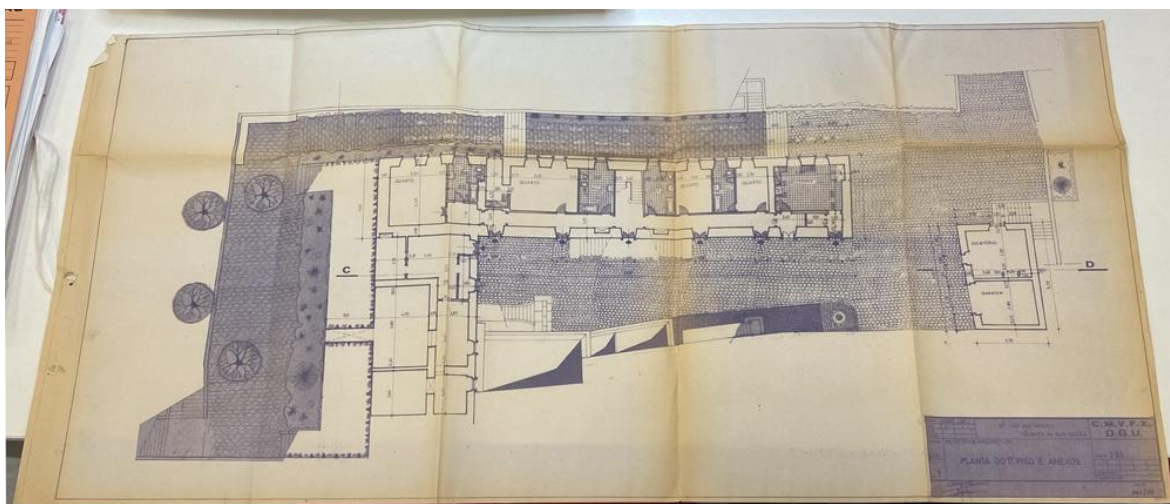


Fig. 14 a 16 – Desenhos de projeto de arquitetura da Quinta Municipal de Subserra de 1988.¹⁴⁴

- Em 2008, a CMVFX adjudica a execução de trabalhos de salvaguarda do revestimento azulejar do terraço e da escadaria aos técnicos de conservação e restauro Isabel Colher, Pedro Ivo Férrin e Loubet Simões.¹⁵¹

¹⁵¹ Conforme documentação consultada da CMVFX. Ofício 2430 de 2008/09/09. *Adjudicação: Quinta Municipal de Subserra – salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da igreja e escadaria de acesso.*

- Em 2009, a população manifestava o seu desagrado perante a deterioração e abandono da quinta, ao qual o executivo da CMVFX respondeu que nos últimos dois anos tinham investido 100 mil euros no reforço dos muros e que tinham dado prioridade à recuperação das áreas habitacionais;¹⁵²
- Em 2014, a CMVFX assina o contrato de empreitada de obras n.º 163/2014, *Empreitada da obra de requalificação do edifício da quinta Municipal de Subserra, São João dos Montes*;¹⁵³
- Em 2016, a CMVFX assina a aquisição de serviços n.º 62/2016, *Contratação de serviços para elaboração da avaliação estrutural do edifício do Palácio da Quinta Municipal de Subserra*;¹⁵⁴
- Em 2020, a CMVFX assina o contrato de empreitada de obras n.º 281/2020, *Empreitada de obras de adaptação de edifícios da Quinta Municipal de Subserra*, referente a intervenção em oito edifícios para adaptação a alojamento local.¹⁵⁵ Na mesma data assina a aquisição de serviços n.º 278/2020, *Contratação de serviços para a elaboração de projeto de reabilitação de edifícios na Quinta Municipal de Subserra*;¹⁵⁶
- Em 2023, a CMVFX assina o contrato de empreitada de obras n.º 336/2023, *Empreitada de trabalhos de reparação e melhoramentos na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*, referente a obras em vários edifícios da quinta, nomeadamente pequenas obras de construção civil, substituição de portas e vãos, substituição de equipamento sanitário, reparação e impermeabilização de coberturas, pinturas e revestimentos cerâmicos,

¹⁵² TALIXA, Jorge. *Op. cit.*

¹⁵³ Cf. contrato de empreitada de obras n.º 163/2014. *Empreitada da obra de requalificação do edifício da quinta Municipal de Subserra, São João dos Montes*. Em linha. 8 setembro 2014. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1563854&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

¹⁵⁴ Cf. aquisição de serviços n.º 62/2016. *Contratação de serviços para elaboração da avaliação estrutural do edifício do Palácio da Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1772133&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

¹⁵⁵ Cf. contrato de empreitada de obras n.º 281/2020. *Empreitada de obras de adaptação de edifícios da Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 14 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1413029&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

¹⁵⁶ Cf. aquisição de serviços n.º 278/2020. *Contratação de serviços para a elaboração de projeto de reabilitação de edifícios na Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 14 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1386832&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

reparação de serralharias e carpintarias, reabilitação das redes de abastecimento de água e de esgoto, AVAC, eletricidade e ITED.¹⁵⁷

- Em fevereiro de 2024, arrancou uma nova obra de reabilitação focada na adega, que prevê a manutenção do edifício atual, uma nova edificação de ampliação adjacente e a definição de acesso para veículos pesados;¹⁵⁸
- Em 2025, a CMVFX assina o contrato de empreitada de obras n.º 241/2025, *Empreitada de beneficiação de coberturas e execução de mezzanine na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*.¹⁵⁹

Em suma, ao longo do tempo a Quinta Municipal de Subserra foi alvo de campanhas de obras por parte de alguns dos seus proprietários particulares - D. João de Roxas e Azevedo, D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos e Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real, António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, Pierre Benoist, João Guedes de Sousa – e por parte da CMVFX que investiu e investe na reabilitação e reutilização da quinta para alojamento local, cedência de espaços, realização de eventos culturais (p.e. “Encostas de Xira Sunset”) e quinta produtora do vinho “Encostas de Xira”.

3.2.5. Palácio

O **palácio**¹⁶⁰ (fig. 17), também designado como casa da quinta, tem planta retangular e forma de paralelepípedo, cobertura em quatro águas e três pisos. No alçado voltado para o pátio há uma escadaria de lanços convergentes que dá acesso ao 1.º andar através de uma porta encimada por alpendre de três águas sustentado por duas colunas. No 1.º andar nobre as divisões têm pintura decorativa aparentemente produção pós-Pillement¹⁶¹ (fig. 18).

¹⁵⁷ Cf. contrato de empreitada de obras n.º 336/2023. *Empreitada de trabalhos de reparação e melhoramentos na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*. Em linha. 5 de dezembro de 2023. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=2206150&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

¹⁵⁸ CARRILHO, Pedro. *Op. cit.*

¹⁵⁹ Cf. contrato de empreitada de obras n.º 241/2025. *Empreitada de beneficiação de coberturas e execução de mezzanine na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*. Em linha. 22 de julho de 2025. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=2342435&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

¹⁶⁰ Designação adotada na inventariação do SIPA é “casa”, vamos optar pela nomenclatura “palácio”. COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

¹⁶¹ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

Devido ao mau estado de conservação, o seu acesso está interdito, apenas foi possível visitar o rés-do-chão. No interior (escadarias e corredores) temos silhares de azulejo de estilo pombalino datáveis entre 1770 e 1820 e do estilo D. Maria produzidos por volta dos anos 50 do século XX, possivelmente pela Fábrica Sant'Anna. No exterior do palácio temos albarradas de azulejos azuis e brancos de estilo barroco datáveis entre 1700 e 1750.



Fig. 17 e 18 - Vista exterior e interior do Palácio. Fotografia da direita de [@porto7744](#).

3.2.6. Capela de São José

Em 1633, a Quinta de Subserra e a **Capela de São José** (fig. 19 e 20) são fundadas por D. Diogo da Veiga. Em 1821, D. Isabel de Lemos e Roxas e o seu marido Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real restauram e reconsagraram a capela que tinha sido afetada pelo terramoto de 1755¹⁶², numa lápide (fig. 3) no interior da capela é referida a data de 1 de maio de 1823 que podemos concluir ser a data do término da obra. A capela tem uma planta longitudinal composta pela sobreposição de dois retângulos que correspondem à nave única e à capela-mor com cobertura em abóboda de berço separada por cornija.¹⁶³ O coro-alto, junto à face interior da fachada principal, tem um arco triunfal de volta perfeita em cantaria, a capela-mor tem muros laterais com os monumentos fúnebres de D. João de Roxas e Azevedo e de D. Maria Josefa de Contreras e a sua irmã D. Francisca Agostinha de Contreras inscritos em arcossólios e muro de topo decorado por retábulo-mor em cantaria com camarim a albergar a pintura sobre tela¹⁶⁴ de **Bento Coelho**

¹⁶² CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

¹⁶³ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

¹⁶⁴ IDEM. *Ibidem.*

da Silveira “Os Desposórios da Virgem” (fig. 21) do final do século XVII.¹⁶⁵ Luís de Moura Sobral data a pintura entre 1694 e 1704 referindo que D. João de Roxas e Azevedo terá encomendado a tela após a morte da esposa D. Maria Josefa de Contreras sendo o tema uma homenagem ao casal.¹⁶⁶ Segundo o autor, no século XVII verifica-se a frequência do tema dos “Desposórios da Virgem” que está relacionado com a defesa pelo Concílio de Trento do carácter sacramental do matrimónio que tinha sido posto em causa pelo Protestantismo.¹⁶⁷



Fig. 19 e 20 - Vista exterior e interior da Capela de São José.

Bento Coelho da Silveira (1617-1708) foi um notável pintor português do século XVII que viu a sua obra homenageada, em 1670, pelo círculo literário Academia dos Singulares que através da poesia são o testemunho dos debates contemporâneos sobre a relação entre a pintura e a poesia – *ut pictura poesis*.¹⁶⁸ Após a morte de Domingos Vieira, em 1678, Bento Coelho da Silveira ocupou o seu lugar como pintor de D. Pedro II, a partir de finais do século XVII recebe múltiplas encomendas¹⁶⁹ entre elas a tela “Os Desposórios da

¹⁶⁵ SOBRAL, Luís de Moura. Os Desposórios da Virgem, pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta de Suberra. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 37.

¹⁶⁶ SOBRAL, Luís de Moura, ed. lit. *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*. [Lisboa]: IPPAR, 1998, p. 382.

¹⁶⁷ IDÊM - *Ibidem*, p. 385.

¹⁶⁸ SILVA, Sara Gomes da. Bento Coelho entre o aplauso e o silêncio. *Revista de história da arte e arqueologia*. Em linha. 2015, n.º 23, pp. 49 e 50. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/chaa/rhaa/downloads/Revista%2023%20-%20artigo%203.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

¹⁶⁹ SILVA, Sara Gomes da. *Op. cit.*, p. 51.

Virgem” (fig. 21) para a Capela de São José da Quinta de Subserra. A encomenda desta pintura é um reflexo do estatuto social dos proprietários da quinta e da sua importância dentro do círculo régio. Segundo Vitor Serrão, Bento Coelho da Silveira pintou “Os Desposórios da Virgem”, por volta de 1690, “num momento mais pessoal de produção e com resultado artístico mais feliz”.¹⁷⁰



Fig. 21 – “Os Desposórios da Virgem” de Bento Coelho da Silveira.

A sua pintura é influenciada pela pintura de Rubens onde é visível o protagonismo da cor em detrimento do desenho.¹⁷¹ Félix da Costa Meseen (1639-1712), autor do tratado *Antiguidade da Arte da Pintura* (1696), estranhamente não mencionou o pintor Bento Coelho da Silveira e apelidou ao período da segunda metade do século XVII em Portugal de *mingoente da pintura*. Atualmente a História da Arte Portuguesa está em desacordo com esta visão do autor do tratado.¹⁷² Vitor Serrão afirma que Bento Coelho da Silveira representava a corrente do tenebrismo que era dominante na pintura portuguesa após a Restauração.¹⁷³ “Os desposórios da Virgem” foi uma das pinturas restauradas que constou do catálogo da exposição “Bento Coelho e a cultura do seu tempo (1620-1708)” inaugurada em abril de 1998 na Galeria de Pintura do Rei D. Luís e comissariada por Luís

¹⁷⁰ SERRÃO, Vítor. A Pintura Antiga em Terras de Vila Franca De Xira: alguns casos de estudo. *CIRA. Boletim cultural*. Em linha. 2015-2026, n.º 13, p. 227. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cm-vfxira/uploads/document/file/960/CIRA_BOLETIM_CULTURAL_13_2015-2016_2.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

¹⁷¹ SILVA, Sara Gomes da. *Op. cit.*, p. 51.

¹⁷² IDEM. *Ibidem*, pp. 49 e 52.

¹⁷³ SERRÃO, Vítor. *Op. cit.*, p. 228.

de Moura Sobral¹⁷⁴ que define Bento Coelho da Silveira como “[...] o pintor mais importante da segunda metade do século XVII e um dos artistas mais significativos do barroco português.”¹⁷⁵ No âmbito desta exposição, António João Cruz fez a análise laboratorial das pinturas e reconhece em Bento Coelho da Silveira uma técnica impressionista, menciona que nos “Desposórios da Virgem” as pinceladas são notoriamente expressivas nos panejamentos.¹⁷⁶

Tal como o palácio, a capela tem apontamentos de pintura parietal decorativa: frisos florais e vegetalistas, a representação do Espírito Santo, cartela decorativa, entre outros. Uma das técnicas utilizadas possivelmente é o *stencil*. Defendemos que a pintura parietal da capela é produção pós-Pillement à semelhança do palácio. O SIPA refere que junto à capela há uma outra entrada com portal de verga reta destacada encimada por pedra de armas dos Roxas e Azevedo e Sousa Coutinho¹⁷⁷ (fig. 5), contudo verificamos que a heráldica representada é apenas da Família dos Roxas.

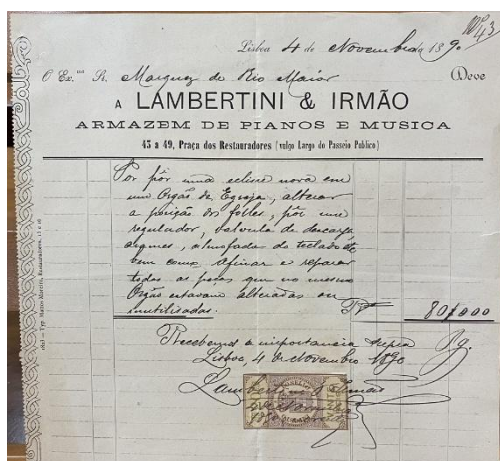


Fig. 22 – Fatura de 1890.¹⁷⁸



Fig. 23 – Fatura de 1895.¹⁷⁹

¹⁷⁴ CRUZ, António João. *Da sombra para a luz: materiais e técnicas da pintura de Bento Coelho da Silveira*. Em linha. Lisboa: IPPAR, 2000, p. 9.

¹⁷⁵ SOBRAL, Luís de Moura. Apresentação. In: António João CRUZ. *Da sombra para a luz: materiais e técnicas da pintura de Bento Coelho da Silveira*. Em linha. Lisboa: IPPAR, 2000, p. 11. Disponível em: <http://www.ciarte.pt/artigos/pdf/199901.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

¹⁷⁶ CRUZ, António João. *Op. cit.*, p. 64.

¹⁷⁷ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

¹⁷⁸ Fonte da imagem: ANTT. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de despesa de Subterra, 1884/1890, PT/TT/MRM/ M164.001*.

¹⁷⁹ Fonte da imagem: ANTT. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de despesa de Subterra, 1891/1901, PT/TT/MRM/ M164.001*.

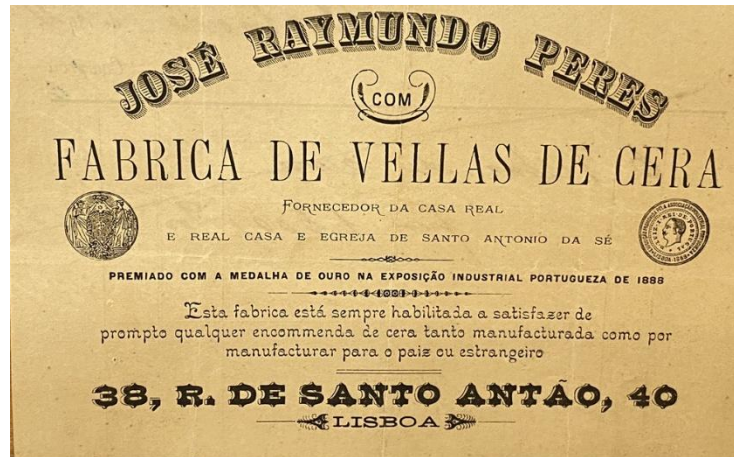


Fig. 24 – Cartão de visita de fornecedor da Quinta de Suberra.¹⁶⁹

A manutenção da Capela de São José tinha impacto na gestão financeira da Quinta de Suberra implicava diversas despesas, p.e. com velas e com o órgão (fig. 22 a 24).

3.2.7. Jardins

De acordo com Aurora Carapinha, o jardim português não tem um desenho formalmente regular e único, sobressaindo uma macroestrutura geométrica irregular com vários polos, à escala humana.¹⁸⁰ Helder Carita refere que o jardim ao longo dos séculos está relacionado com “[...] a arquitetura e a vida doméstica. Altos muros, alegretes, bancos, casas de fresco, azulejos e pavimentos de tijoleira definem-se como elementos dum espaço sobretudo de estar [...]”¹⁸¹, menciona ainda que o azulejo e os embrechados trazidos pela arte indo-portuguesa dão aos espaços um “clima de preciosidade mágica e imaterial”.¹⁸² Nesse sentido José Meco afirma que “[...] o jardim pode assumir-se como a conjugação de todas as artes, ao serviço de uma natureza recriada pelo homem e destinada a ser usufruída pelo mesmo homem.”¹⁸³ Dentro das artes combinadas presentes nos jardins, José Meco destaca os azulejos e os embrechados que refletem a influência do Mudejarismo (nos azulejos) e do Renascimento italiano (nos embrechados) na arte portuguesa.¹⁸⁴

¹⁸⁰ CARAPINHA, Aurora. Da essência do jardim na cultura lusíada. In: José Eduardo FRANCO e Ana Cristina da Costa GOMES, coord. *Jardins do mundo: discursos e práticas*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 200.

¹⁸¹ CARITA, Helder. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte*. S.l.: Edição de autores, 1987, p. 15.

¹⁸² CARITA, Helder. *Op. cit.*, p. 15.

¹⁸³ MECO, José. Azulejos e embrechados nos jardins portugueses dos séculos XVII e XVIII. In: José Eduardo FRANCO e Ana Cristina da Costa GOMES, coord. *Jardins do mundo: discursos e práticas*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 405.

¹⁸⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 405.

Os jardins da Quinta de Suberra (fig. 25 a 27) estão de acordo com este conceito, compostos por vários elementos distribuídos nos seus espaços: um banco com espaldar e canteiros; a Fonte de São Marcos com os seus três tanques de água dispostos em escada no pátio do palácio; terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes; canteiros, banco, murete e escadarias; banco do jardim barroco; fonte parietal, antigo tanque de rega e casa de fresco. Também é composto por um jardim de buxo formal de estilo barroco (fig. 26),



Fig. 25 – Vista do jardim a partir da escadaria do terraço.



Fig. 26 – Vista do jardim de buxo barroco.



Fig. 27 – Vista dos vários patamares dos jardins.

do século XVIII, que apresenta simetrias e lago no centro; por zonas de árvores, horta e pomar; uma fonte semicircular parietal com uma cabeça masculina barbada esculpida na pedra (fig. 28). O jardim barroco está dividido em doze canteiros de buxo que demarcam cinco caminhos longitudinais e oito caminhos transversais, com um lago oval no centro (fig. 32), com repuxo e taça.¹⁸⁵ O acesso aos jardins é feito pelos dois extremos do terraço através de escadarias que ligam à Capela de São José e ao palácio.



Fig. 28 - Fonte semicircular parietal.



Fig. 29 – Vista de muretes e do muro de suporte.

¹⁸⁵ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

No fundo do jardim barroco, num patamar superior temos à esquerda uma **fonte parietal** com esculturas, embrechados e azulejos e à direita um antigo tanque de rega revestido de azulejos. Do lado direito do jardim, um grande muro de suporte (fig. 29) com c. 4 metros é sustentado por contrafortes, ladeado por um caminho que leva a uma **casa de fresco**. Com acesso pelo jardim e escadas, há um relvado (fig. 30 e 31) de frente para o palácio circundado por muros com namoradeiras e alegretes.¹⁸⁶ Estes jardins caracterizam-se pela abertura das suas vistas para o rio Tejo, os muros estão orientados para Este com bancos incorporados.¹⁸⁷



Fig. 30 – Vista do relvado, à esquerda muro com namoradeiras e alegretes.



Fig. 31 – Vista sobre relvado de um patamar superior.



Fig. 32 – Lago do jardim barroco.

¹⁸⁶ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

¹⁸⁷ IDEM. *Ibidem.*

Como já referido, no final do jardim barroco num patamar superior, do lado esquerdo, temos na parede de uma pequena construção de dois pisos uma fonte parietal (fig. 33 e 34), datável entre 1650-1680¹⁸⁸, com uma taça conchiforme ladeada por um



Fig. 33 – Fonte parietal numa construção de dois pisos.

banco de cada lado, a encimar a taça temos dois golfinhos ou peixes entrelaçados esculpidos em alto-relevo sobre um fundo de ondas por onde flui a água. A delimitar do lado direito temos uma coluna da mesma altura da estrutura da fonte. Na parte superior, ocupando dois terços da área da fonte, tem revestimento com a técnica dos embrechados e, na parte inferior, ocupando um terço, tem revestimento cerâmico (fig. 35) distribuído por nove painéis figurativos e ornamentais policromos (branco, amarelo, verde esmeralda, púrpura, castanho, azul e contorno preto). Todos os painéis têm pintada uma moldura amarela combinada com um contorno preto de espessuras diferentes dando a ilusão de sombra.

¹⁸⁸ Segundo COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.* os painéis de azulejos policromos da fonte são datáveis do final do século XVII e, de acordo, com a cronologia definida por João Miguel dos Santos Simões (*Azulejaria em Portugal no século XVII*, Tomo I, p. 13) enquadram-se no período de 1650 a 1680.

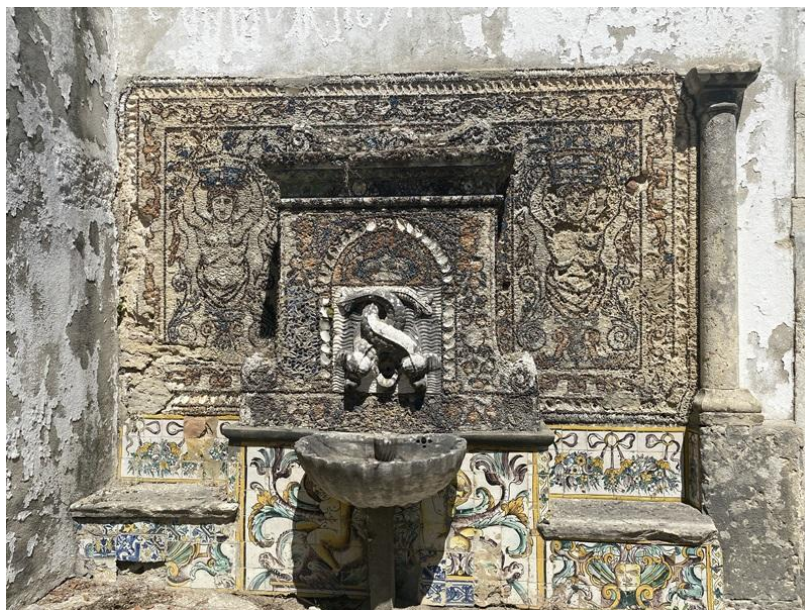


Fig. 34 - Fonte parietal com escultura, embrechados e azulejos.



Fig. 35 - Pormenor de um painel de azulejos e da taça da fonte.

No mesmo patamar superior da fonte parietal, do lado direito temos um antigo tanque de rega adaptado a piscina (fig. 36 a 38) cuja largura corresponde à largura do desenho de buxo.¹⁸⁹ O antigo tanque de rega tem um revestimento azulejar figurativo e ornamental policromo em tons de azul, verde esmeralda, amarelo, púrpura, branco e contornos a preto. Os azulejos são datáveis de c. 1950 e as autorias estão sinalizadas pela presença das assinaturas da Fábrica Sant'Anna e do pintor Rogério Amaral. Os azulejos

¹⁸⁹ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

estão distribuídos por quatro paredes, sendo que as paredes 1 e 3 têm uma secção cada e as paredes 2 e 4 têm duas secções cada. Cada secção tem uma cena mitológica aquática em tons de azul e branco inscrita num medalhão emoldurado por festões de folhagem de acanto com volutas, flores e concha policromos.



Fig. 36 - Vista geral do antigo tanque de rega adaptado a piscina.



Fig. 37 – Pormenor de uma vista do antigo tanque de rega.



Fig. 38 – Pormenor de uma vista do antigo tanque de rega.

O jardim de buxo barroco, à direita, é sustentado por um muro com contrafortes que é ladeado, num nível inferior, por um caminho (fig. 39) que direciona para uma casa de fresco (fig. 40). A casa de fresco tem uma fonte e um banco corrido, o teto é decorado com embrechados onde se destaca o brasão da Família Roxas (fig. 41) e as paredes estão revestidas com azulejos policromos¹⁹⁰ com cenas mitológicas, datáveis entre 1650 e 1680, e azulejos azuis e brancos de padrão e cercaduras pombalinas, datáveis entre 1770 e 1820.



Fig. 39 – Contraforte do muro que ladeia o caminho para a casa de fresco.

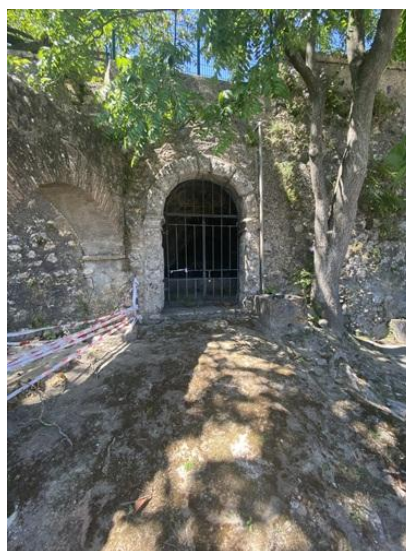


Fig. 40 – Entrada da casa de fresco.

¹⁹⁰ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*



Fig. 41 - Interior da casa de fresco com azulejos e embrechados onde se destaca o brasão da Família Roxas.

O anterior proprietário João Guedes de Sousa mandou colocar azulejos e reestruturar o jardim através do projeto de reconstituição do jardim, de 1950¹⁹¹, da autoria de **Francisco Caldeira Cabral** (fig. 42 a 44) que foi o fundador do ensino e da prática da arquitetura paisagista em Portugal.¹⁹² Esta intervenção de Francisco Caldeira Cabral no jardim barroco da Quinta de Suberra enquadra-se nos seus projetos em jardins históricos que procuram recriar os jardins de outra época¹⁹³ e é uma das suas primeiras intervenções em jardins históricos.¹⁹⁴ Neste contexto, em 1941, Francisco Caldeira Cabral recebeu um apoio do Instituto para a Alta Cultura para estudar os jardins históricos em colaboração com os seus alunos do curso de Arquitetura Paisagista, referindo na época que:

As características dos nossos jardins [...] resultam naturalmente de um conjunto de circunstâncias: [...] as descobertas pondo-nos em contacto com novos mundos e novas plantas [...] o acidentado do nosso território [...] determinaram o tipo dos nossos jardins. [...] Associados aos alegretes e outros elementos do jardim encontramos os azulejos que, embora se vejam

¹⁹¹ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

¹⁹² LISBOA. Câmara Municipal. Comissão Municipal de Toponímia. *Prof. Francisco Caldeira Cabral: 1908-1992*. Em linha. Lisboa: C.M.-C.M.T., 2008, p. 7. Disponível na Internet: https://www.lisboa.pt/fileadmin/informacao/publicacoes/topon%C3%ADmia/professor_francisco_caldeira_cabral.pdf. [visualizado em 2025-09-12].

¹⁹³ LISBOA. Câmara Municipal. Comissão Municipal de Toponímia. *Op. cit.*, pp. 16 e 17.

¹⁹⁴ ANDRESEN, Teresa; Teresa Bettencourt da CÂMARA e Luís Guedes de CARVALHO. Lugares da arquitectura paisagista portuguesa: 1940-1970. In: Ana TOSTÕES; Manuel Costa CABRAL. *Do Estádio Nacional ao jardim Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*. Lisboa: FCG, 2003, p. 172.

*também noutros países, tiveram entre nós um desenvolvimento e uma forma absolutamente originais. Com frequência aproveitamos os acidentes do terreno para construir os jardins em terraços [...].*¹⁹⁵

As palavras de Francisco Caldeira Cabral vão ao encontro das características do jardim barroco da Quinta de Suberra, nomeadamente o terreno acidentado onde se encontra implantada a quinta e os seus jardins em vários patamares, a existência de alegretes e a presença estética dos azulejos. O jardim barroco assenta num largo terraço sustentado por muros de suporte, com uma orientação norte-sul e amplas vistas sobre o vale e a lezíria do Tejo.¹⁹⁶ Segundo Teresa Andresen, Teresa Bettencourt da Câmara e Luís Guedes de Carvalho, os documentos existentes de Francisco Caldeira Cabral não permitiram verificar o seu campo de intervenção e o arquiteto envolvido neste projeto. Os autores referem que Francisco Caldeira Cabral terá encontrado o jardim barroco da Quinta de Suberra em muito mau estado de conservação devido aos problemas de drenagem, por isso, foi necessário executar um projeto de reconstituição.¹⁹⁷

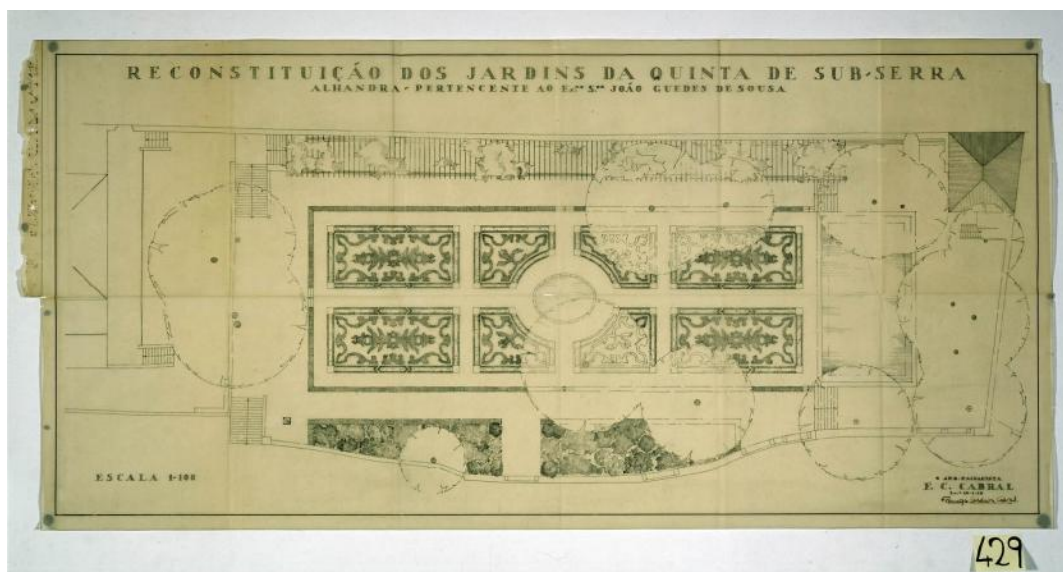


Fig. 42 - Plano geral de Francisco Caldeira Cabral, 10-03-1950, 1:100; 0,52 x 1,10 cm; suporte vegetal.¹⁹⁸

¹⁹⁵ Apud ANDRESEN, Teresa; Teresa Bettencourt da CÂMARA e Luís Guedes de CARVALHO. *Op. cit.*, p. 172.

¹⁹⁶ ANDRESEN, Teresa; Teresa Bettencourt da CÂMARA e Luís Guedes de CARVALHO. *Op. cit.*, p. 174.

¹⁹⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 174.

¹⁹⁸ CABRAL, Francisco Caldeira e Manuel Silveira RAMOS, fotografias. *Quinta da Suberra de João Guedes de Sousa, Alhandra* [Projeção visual]. Em linha. 2002-2003. Disponível em: <https://www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?term=francisco+Caldeira+Cabral+suberra&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab11&session=17AP404437593.6688199&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=200&spp=200&profile=ba&ri=>. [visualizado em 2025-09-09]. A planta do plano geral também

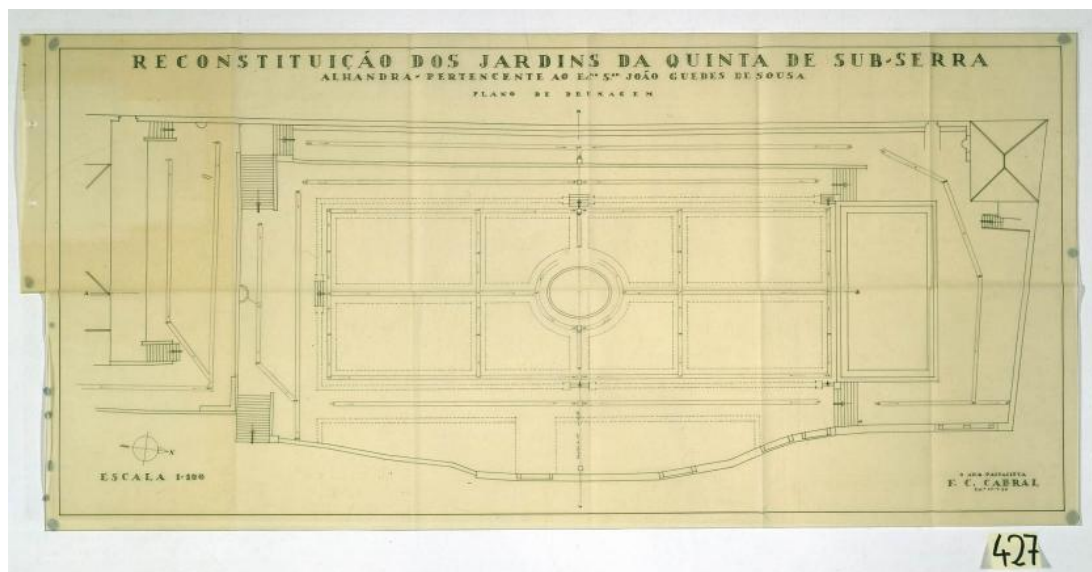


Fig. 43 – Plano de drenagem de Francisco Caldeira Cabral, 17-05-1950, 1:100; 0,50 x 1,00 cm; suporte vegetal.¹⁹²

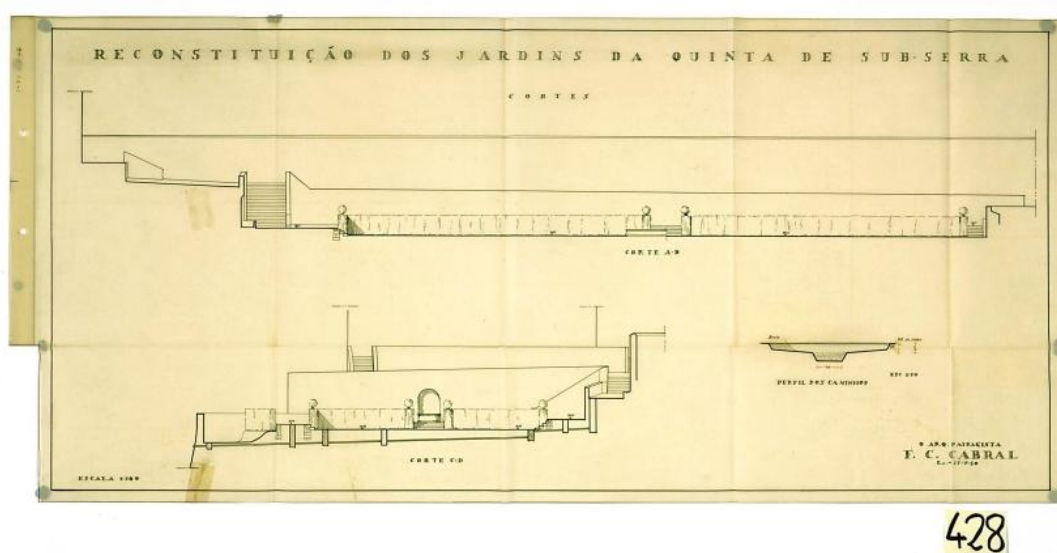


Fig. 44 – Cortes de Francisco Caldeira Cabral, sem assinatura, s.d., sem escala; 0,45 x 0,70 cm; suporte vegetal.¹⁹²

Em 1980, a CMVFX adquire a quinta e executa obras de recuperação no jardim da responsabilidade de **Fernando Graça**¹⁹⁹ que terão decorrido nos anos 90.²⁰⁰ No âmbito do “Levantamento dos Jardins Históricos do Concelho de Vila Franca de Xira” Fernando Graça e Teresa Fernandes sinalizam e descrevem os jardins da Quinta Municipal de

está disponível no SIPA cf. CÂMARA, Teresa. *Quinta de Subterra*. IPA.00021431. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2004. Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00021431. [visualizado em 2024-02-09].

¹⁹⁹ CÂMARA, Teresa. *Op. cit.*

²⁰⁰ ANDRESEN, Teresa; Teresa Bettencourt da CÂMARA e Luís Guedes de CARVALHO. *Op. cit.*, p. 174.

Subserra (fig. 45 e 46) como jardins históricos, datados dos séculos XVII ao XIX,²⁰¹ referem que a quinta tem os seus jardins em patamares, sendo o principal uma estrutura ortogonal, com lago no centro e canteiros delimitados por duplas sebes de buxo, de estilo barroco, algumas espécies arbóreas estão colocadas de forma assimétrica pressupondo as várias alterações que o jardim sofreu ao longo do tempo. Mencionam também o antigo tanque de rega que foi adaptado a piscina, junto do qual está uma fonte de embrechados de grande riqueza artística e árvores com idade avançada – um dragoeiro e uma magnólia - destacam também o porte dos plátanos do jardim e um eucalipto presente no pátio.²⁰² Os jardins da Quinta Municipal de Subserra são exemplos da arte paisagista e dos jardins de Portugal em determinadas épocas, segundo os autores, a arte paisagista tradicional portuguesa resulta da combinação de vários elementos “[...] o pequeno jardim de buxo,



Fig. 45 e 46 – Pormenores do jardim de buxo barroco.

o arboreto, o rosal, o laranjal, a horta de cheiros, o pátio e a alameda, os muros decorados a azulejo, o tanque, os alegretes e as latadas.”²⁰³ A presença do laranjal é uma reminiscência do jardim islâmico, assim como a presença da água e o valor do perfume.²⁰⁴ Data de c. 1635 a difusão das laranjas doces da China em Portugal que foram aceites em todas as classes sociais e disseminaram-se pela Europa e Mediterrâneo.²⁰⁵

²⁰¹ GRAÇA, Fernando e Teresa FERNANDES. Jardins históricos do concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, pp. 145 e 147.

²⁰² IDEM. *Ibidem*, p. 147.

²⁰³ IDEM. *Ibidem*, p. 148.

²⁰⁴ CARITA, Helder. *Op. cit.*, pp. 27 e 29.

²⁰⁵ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Op. cit.* Volume II, p. 102.

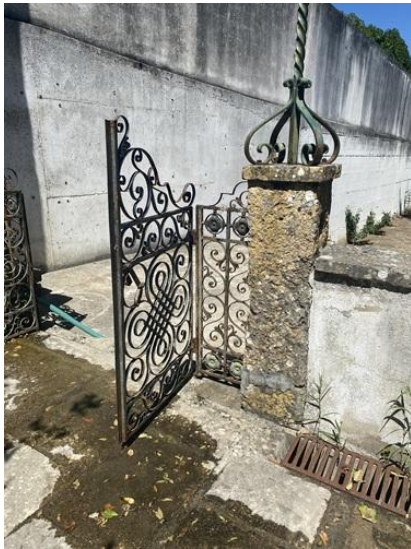


Fig. 47 – Ferro forjado artístico.



Fig. 48 – Coluna esculpida com vaso decorativo.



Fig. 49 – Medalhão/escudo esculpido na parede de um anexo.

Para além das expressões artísticas já apresentadas, encontramos ao longo do espaço exterior da Quinta Municipal de Subserra outros apontamentos artísticos (fig. 47 a 49) dignos de nota como p.e. o ferro forjado aplicado em portões, colunas esculpidas com vasos decorativos e medalhões/escudos esculpidos na parede de um anexo.

3.2.8. Embrechados

Segundo Isabel Soares de Albergaria, a origem dos embrechados está no tema das grutas das ninfas da Antiguidade Clássica a que se tinha acesso através de um bosque e da

qual brotava água fresca.²⁰⁶ Efetivamente na Quinta de Suberra através de um caminho com latada de plantas temos acesso a uma casa de fresco/gruta decorada com embrechados e azulejos na qual flui água num rochedo. A autora afirma que a criação de grutas em jardins no século XVI tem ligação ao Maneirismo, no século XVII a gruta é concebida como “caverna subterrânea, metáfora da vida engendrada no interior da terra” (o que se aplica na casa de fresco/gruta da Quinta de Suberra) e, ainda no século XVII, há o conceito de “gruta-museu de história natural” vindo da descoberta dos fósseis que eram incrustados em conjunto com conchas e pedras, ou seja, a gruta é o primeiro museu de história natural.²⁰⁷ Os embrechados, nas palavras de Isabel Soares de Albergaria, são *puzzles* de materiais que decoram grutas, nos embrechados portugueses os materiais são: pedras, conchas, vidros, metais, faianças e porcelanas.²⁰⁸ A técnica dos embrechados consiste “em cravar ou imbricar materiais diversos em argamassa fresca, no revestimento de paredes e tectos das mais variadas arquitecturas, e que conferem efeitos cenográficos e ornamentações insólitas, com características ora rudes e ingénuas, ora sofisticadas e eruditas.”²⁰⁹ De acordo com Helder Carita, a aplicação da técnica dos embrechados, no século XVII, trouxe uma grande inovação aos jardins portugueses através de uma estética de pendor orientalista que é um reflexo, entre outros, dos móveis indo-portugueses com embutidos de diversos materiais e cores.²¹⁰ Isabel Soares de Albergaria refere que a utilização de porcelanas nos embrechados, no século XVII, também remete para uma variante das artes indo-portuguesas e para o gosto orientalizante, contudo os motivos decorativos da porcelana chinesa não se refletem na iconografia dos embrechados e terá sido utilizada por ser acessível e económica.²¹¹ A porcelana nos embrechados aparece partida em pedaços, com os fundos dos pratos invertidos revelando um motivo floral ou um pássaro, e pequenos pires com paisagens ou cenas de costumes.²¹² Os embrechados revestiam grutas, casas de fresco, paredes, nichos, arcos, cimalthas, segundo Helder Carita

²⁰⁶ ALBERGARIA, Isabel Soares de. Os embrechados na arte portuguesa dos jardins. *ARQUIPÉLAGO, História*. Em linha. 1997, 2.^a série, n.º 2, pp. 459 e 460. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/483>. [visualizado em 2025-10-16].

²⁰⁷ IDEM. *Ibidem*, pp. 461, 462, 466 e 468.

²⁰⁸ IDEM. *Ibidem*, pp. 469 e 470.

²⁰⁹ SILVA, André Lourenço e. Conservação e restauro de embrechados. *VIII Jornadas de arte e ciência. Conservação e restauro de artes decorativas de aplicação arquitectónica*. Em linha. Porto, (2012-09-29), p. 167. Disponível em: https://www.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/VIII-Jornadas-Arte-Ciencia_compressed.pdf. [visualizado em 2025-10-17].

²¹⁰ CARITA, Helder. *Op. cit.*, p. 82.

²¹¹ ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Op. cit.*, p. 474.

²¹² IDEM. *Ibidem.*, pp. 474 e 475.

são um dos elementos mais característicos dos jardins portugueses trazendo ao espaço “um elemento mágico que se liga intimamente ao gosto português pelo azulejos.”²¹³ Isabel Soares de Albergaria alude que os embrechados reforçavam o traçado de vãos e linhas de força de estruturas arquitetónicas, em conjunto com a aplicação de azulejos num nível inferior, decorando paredes e coberturas.²¹⁴ De acordo com a autora, os embrechados portugueses podiam ter temática arquitetónica, geométrica, figurativa (raramente) e relativa aos *grottesche e ferronerias* ao gosto do Maneirismo flamengo que se reduziam à utilização dos enrolamentos *rollwerk*.²¹⁵ Os embrechados evoluíram do naturalismo do rústico *grottoes* para a decoração de teor arquitetónico com a compartimentação do espaço de forma racional e geométrica.²¹⁶ A ourivesaria também foi fonte de inspiração nos ornatos dos embrechados do século XVII.²¹⁷ Segundo José Meco, o embrechado reflete “[...] uma tendência exótica da Itália do Renascimento na procura de texturas e materiais insólitos usados na composição de grutas e de casas de fresco [...]”²¹⁸, também salienta o facto dos embrechados portugueses recorrerem à porcelana chinesa.²¹⁹

Os jardins da Quinta de Subserra têm embrechados em duas estruturas – na fonte parietal e na casa de fresco. Na fonte parietal combinam com escultura e azulejos do século XVII. Na casa de fresco combinam com azulejos dos séculos XVII e XVIII. Os materiais utilizados nos embrechados da Quinta de Subserra são: conchas, basalto, pedras calcárias, pedras diversas, porcelana e vidro.

A fonte parietal é revestida nos seus dois terços superiores com embrechados (fig. 50, 55 a 58) e no terço inferior com painéis de azulejos figurativos e ornamentais, no centro tem uma taça conchiforme encimada por escultura de dois golfinhos/peixes entrelaçados sobre ondas (fig. 51 e 52). O revestimento de embrechados é policromo (branco, negro, azul, cor âmbar e castanho) com a aplicação de pedras, vidros, porcelanas, basalto e conchas. Os embrechados compõem um desenho de uma cercadura com motivos vegetalistas na qual estão inseridos simetricamente duas *naginas* que carregam uma cesta

²¹³ CARITA, Helder. *Op. cit.*, p. 85.

²¹⁴ ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Op. cit.*, p. 484.

²¹⁵ IDEM. *Ibidem*, pp. 485 e 486.

²¹⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 486.

²¹⁷ ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Op. cit.*, p. 487.

²¹⁸ MECO, José. Azulejos e embrechados nos jardins portugueses dos séculos XVII e XVIII. In: José Eduardo FRANCO e Ana Cristina da Costa GOMES, coord. *Jardins do mundo: discursos e práticas*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 406.

²¹⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 406.

da qual saem motivos florais e vegetalistas, a ladear cada *nagina* estão dois pássaros (um de cada lado) e decorações de volutas (fig. 53 e 54). José Meco refere que o motivo da *nagina* com um vaso de fecundidade à cabeça, de onde sai a árvore da vida, ladeada por aves, tem inspiração oriental nos componentes indianos da simbologia hindu e dá como exemplo na azulejaria um dos pendentis da cúpula da capela-mor da Igreja Paroquial de Carcavelos, do terceiro quartel do século XVII.²²⁰ Ao centro os embrechados da fonte parietal de Subserra formam o desenho de um arco de volta inteira delimitado por conchas cujo tímpano tem desenhada uma coroa encimada por uma cruz ladeada por dois peixes. A composição tem motivos arquitetónicos, vegetalistas e figurativos, os motivos figurativos segundo Isabel Soares de Albergaria eram raros nos embrechados portugueses²²¹ o que confere um especial valor a este revestimento da fonte parietal da Quinta de Subserra.



Fig. 50 – Painel de embrechados da fonte parietal.

²²⁰ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 33.

²²¹ ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Op. cit.*, pp. 485 e 486.



Fig. 51 e 52 – Pormenor da taça conchiforme, escultura, emblechados e azulejos da fonte parietal.



Fig. 53 e 54 – Pormenor de emblechados com motivo da *nagina* à esquerda e à direita da fonte.



Fig. 55 a 58 – Pormenores dos embrechados da fonte parietal.

A casa de fresco (fig. 59 e 60) assemelha-se a uma caverna subterrânea com a presença de um grande rochedo no centro, de onde brota água, à volta tem um banco corrido, num nível inferior é decorada com painéis de azulejos padrão e figurativos de



Fig. 59 e 60 – Casa de fresco vista geral e vista aproximada.²²²

temática mitológica aquática, num nível superior tem revestimento de embrechados (fig. 61). O revestimento de embrechados é policromo (branco, negro, azul, cor âmbar e castanho) com a aplicação de pedras, vidros, porcelanas, basalto e conchas. O basalto e as



Fig. 61 – Pormenor dos embrechados com brasão da Família Roxas, motivos geométricos e arquitetónicos.

conchas fazem o desenho dos contornos e definem as cartelas. A composição tem duas cartelas colocadas simetricamente cujo interior tem um motivo vegetalista de cor castanha e contorno negro, ao centro temos o brasão da Família Roxas inserido numa forma circular, à volta distribuídos de forma simétrica temos motivos geométricos (círculos, losangos e paralelogramas). Os círculos são feitos de porcelana inteira, possivelmente pequenos pires,

²²² Nota: a casa de fresco está fechada com gradeamento, não foi possível entrar para observação e tiragem de fotografias mais aproximadas.

enquanto os pedaços de porcelana formam losangos. Na casa de fresco, além da temática geométrica, temos a temática arquitetónica com o traçado das linhas do vão (arco) e das paredes, além do desenho de aduelas e de outras estruturas arquitetónicas.

3.3. Património azulejar

O património azulejar, de acordo com Alexandra Gago da Câmara, deve ser analisado à luz da sua integração na arquitetura e do seu papel social, dado que o azulejo é uma resposta estética e prática em simultâneo.²²³ A integração do azulejo na arquitetura civil revela-se como um elemento transformador dos espaços e um reflexo do contexto social e cultural da época.²²⁴ Neste sentido, a autora afirma que “[...] o azulejo animou os espaços públicos e privados, revestindo interiores e exteriores, com uma notável capacidade de adaptação ao gosto e às solicitações de cada época.”²²⁵ Nomeadamente, após a Guerra da Restauração (1640-1668) assistimos à necessidade de renovação dos espaços habitacionais, há uma procura pela sumptuosidade de corte, ao nível da azulejaria a padronagem tradicional é trocada pelas temáticas mitológicas, militares, de caça, satíricas, entre outras. Os espaços exteriores também são objeto desta renovação artística através da aplicação do azulejo em jardins, tanques, fontes, alegretes, casas de fresco, escadarias, entre outros.²²⁶ Nesse período assistimos ao florescimento da azulejaria figurativa e à intensificação cromática da pintura dos azulejos na linha da tradição da arte da faiança italiana.²²⁷ Este momento da azulejaria, após o domínio filipino, está presente na Quinta de Suberra nos painéis figurativos da fonte parietal e nos painéis mitológicos da casa de fresco. O património azulejar da Quinta de Suberra é um claro exemplo do papel social do azulejo ao longo tempo, de 1633 até aos anos 50 do século XX, e da sua importância na criação de ambientes que se ligam à arquitetura. A paleta cromática do património azulejar português, do século XVI ao século XVIII, antes da era industrial, era obtida através de óxidos metálicos de cobalto, cobre, manganês e ferro, e através de um pigmento sintético que é o amarelo de Nápoles, que eram pintados sobre um vidrado branco de chumbo e

²²³ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. O azulejo na construção de ambientes nos séculos XVII e XVIII. In: Gonçalo Vasconcelos e SOUSA, dir. *Matrizes da investigação em artes decorativas V*. Em linha. Porto: UCE/CITAR, 2013, p. 78. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6514>>. [visualizado em 2024-05-27].

²²⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 79.

²²⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 81.

²²⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 81.

²²⁷ CALADO, Rafael Salinas; António Celso MANGUCCI; Luís Fernandes PINTO e Paula FERREIRA. *O revestimento cerâmico na arquitectura em Portugal*. Lisboa: Estar, 1998, p. 31.

estanho.²²⁸ Esta paleta cromática é a que encontramos no património azulejar da Quinta de Subserra nos seguintes revestimentos cerâmicos: no banco com espaldar ladeado por canteiros; na sala de estar da Vivenda Sol e Serra; na adega; no escritório; numa barra de azulejos da fonte de São Marcos; na Capela de São José; no exterior do palácio; na fonte parietal; na casa de fresco; nos canteiros, banco, murete e escadarias dos jardins.

A simplicidade arquitetónica desta quinta de recreio foi enriquecida pelos seus diversos revestimentos cerâmicos que sinalizámos num mapa (fig. 62). Identificamos na Quinta Municipal de Subserra 16 núcleos com património azulejar *in situ*:

- Palácio;
- Capela de São José;
- Jardins – banco com espaldar ladeado por canteiros; fonte de São Marcos; terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes; canteiros, banco, murete e escadarias; escada de acesso ao jardim barroco; fonte parietal; antigo tanque de rega;
- Casa de fresco;
- Dependências – Casa do Olival; Vivenda Sol e Serra; arrumos e pombal; escritório; adega; abegoaria.

²²⁸ Informação consultada na exposição temporária *Uma Viagem Cromática pelo Azulejo Português*, inaugurada, no dia 10 de dezembro de 2024, no MNAz no âmbito do projeto ChromAZ – The Chromatic Journey of the Portuguese Azulejo financiado pela FCT, entre 2020 e 2023.



Fig. 62 - Mapa²²⁹ do património azulejar da Quinta Municipal de Suberra







Legenda:

| | | |
|---|--|---|
| 1- Banco com espaldar ladeado por canteiros | 7- Abegoaria | 12- Banco do jardim barroco |
| 2- Casa do Olival | 8- Palácio | 13- Antigo tanque de rega |
| 3- Vivenda Sol e Serra | 9- Fonte de São Marcos | 14- Fonte Parietal |
| 4- Adega | 10- Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes | 15- Casa de fresco |
| 5- Arrumos e Pombal | 11- Capela de São José | 16- Canteiros, banco, murete e escadarias |
| 6- Escritório | | |

Nestes espaços com azulejos foram identificadas duas autorias (Fábrica Sant'Anna e Rogério Amaral), nove padrões (tabela 1), 49 molduras e 26 revestimentos cerâmicos. Os revestimentos cerâmicos têm diversas datações que atribuímos: 1633-1650; 1650-1680; 1700-1750; 1750-1800; 1770-1820; 1823; 1947-1950 (tabela 2).

²²⁹ Mapa elaborado através do Google Earth <https://earth.google.com/web/>.

Tabela 1 – Padrões cerâmicos da Quinta de Suberra.

| Revestimentos cerâmicos | Padrões | Designação |
|---|--|------------|
| Escadaria 1 do palácio. Corredor 1 do palácio. |  | Pombalino |
| Corredor 2 do palácio. |  | D. Maria |
| Escadaria 2 do palácio. Corredor 2 do palácio. |  | D. Maria |
| Interior da Capela de São José. |  | Tapete |
| Revestimento cerâmico do banco do jardim barroco |  | - |
| Revestimento cerâmico da casa de fresco |  | Pombalino |

| | | |
|--|---|----------|
| Revestimento cerâmico do corredor |  | Tapete |
| Revestimento cerâmico da sala de estar |  | Laçarias |
| Revestimento cerâmico interior do escritório |  | Camélia |

Tabela 2 – Datação dos revestimentos cerâmicos distribuídos pelos componentes da Quinta de Subserra.

| Datações | Componentes da Quinta de Subserra com revestimentos cerâmicos | | | | |
|-----------|---|-------------------|---------|----------------|--------------|
| | Palácio | Capela de S. José | Jardins | Casa de fresco | Dependências |
| 1633-1650 | | x | | | x |
| 1650-1680 | | | x | x | x |
| 1700-1750 | x | x | x | | x |
| 1750-1800 | | | x | | x |
| 1770-1820 | x | | | x | |
| 1823 | | | x | | x |
| 1947-1950 | x | | x | | x |

Foram identificadas as seguintes classificações de revestimentos cerâmicos: padrão, composição de repetição, figurativo, figura avulsa e ornamental (tabela 3).

Tabela 3 – Classificação dos revestimentos cerâmicos distribuídos pelos componentes da Quinta de Suberra.

| Classificação | Componentes da Quinta de Suberra com revestimentos cerâmicos | | | | |
|-------------------------|--|-------------------|---------|----------------|--------------|
| | Palácio | Capela de S. José | Jardins | Casa de fresco | Dependências |
| Padrão | x | x | x | x | x |
| Composição de repetição | x | x | x | | |
| Figurativo | | | x | x | |
| Figura avulsa | | | x | | x |
| Ornamental | | | x | x | |

Aplicamos o método comparativo no sentido de encontrar revestimentos cerâmicos semelhantes ou idênticos aos da Quinta de Suberra de modo a aprofundar a análise do nosso objeto de estudo, melhorar a sua identificação e descrição.

Tabela 4 – Correspondência dos revestimentos cerâmicos da Quinta de Suberra com outros locais.

| Revestimentos cerâmicos semelhantes ou idênticos | |
|---|---|
| Quinta de Suberra | Outros locais |
| Silhar de padrão D. Maria do palácio. | Beja, Centro Histórico, silhar de padrão D. Maria |
| | Oeiras, Jardim Municipal, espaldar de banco. |
| Silhar de albarradas do palácio e da capela. | Guimarães, Museu de Alberto Sampaio, painel de azulejos inv. MAS A 115 (16). |
| Silhar de padrão do interior da capela. | Almoster, Igreja do antigo Convento, padrão da parede testeira do transepto. |
| Frente de canteiro com albarrada. | Coleção Berardo, silhar de albarradas (inv. 101-1395). |
| Revestimento cerâmico do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes. | Queluz, Palácio Nacional, revestimento cerâmico dos muros com alegretes no Jardim Botânico e no antigo Jardim do Labirinto. |
| Banco do jardim barroco. | Bragança, Mogadouro, estação ferroviária de Urrós, silhar de padrão. |
| Painéis “Neptuno no seu carro de água” e “Ácis e Galateia num carro nupcial” da casa de fresco. | Lisboa, MNAz, “Cortejo de Neptuno e Anfitrite”, prov. antigo Convento de Odivelas |
| | Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora, “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” na Escadaria dos Cardeais. |
| | Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora, “Ácis e Galateia num carro nupcial” na Escadaria dos Cardeais. |

| | |
|---|---|
| | Azeitão, Quinta do Calhariz, sala 8, pormenor de painel com neptuno no seu carro de água, coroado por <i>putto</i> e Ácis e Galateia. |
| Silhar de padrão da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. | Coleção Berardo, painel de azulejos de padrão (inv. 101-43). |
| | Guimarães, Museu de Alberto Sampaio, conjunto de azulejos inv. MAS A 127 (14). |

Em suma, a Quinta Municipal de Suberra é detentora de revestimentos cerâmicos de variadas classificações, datações (XVII-XX) e correspondências com outros locais (tabela 4), que nos capítulos seguintes passamos a identificar, descrever e analisar.

3.3.1. Palácio

No interior (escadarias e corredores) e exterior do palácio temos revestimentos azulejares de três estilos: pombalino, D. Maria e barroco. No rés-do-chão encontramos dois tipos de silhares de azulejos policromos que acompanham duas escadarias para o andar superior.

A padronagem pombalina segue uma racionalização das formas com ordenação clássica, devido à necessidade de acelerar a reconstrução da cidade de Lisboa (e arredores) após o Terramoto de 1755²³⁰ foram produzidas grandes quantidades de azulejos aos quais se recorria por serem funcionais, higiénicos, decorativos e duráveis²³¹. Malhas geométricas retas colocadas em diagonal com decoração fitomórfica simplificada são aplicadas com jogos de luz e sombra que trazem ritmo visual e volumetria.²³² A necessidade levou a que a produção dos azulejos passasse do artesanal para o pré-industrial recorrendo à estandardização que levou à industrialização da construção.²³³ O silhar de azulejos que acompanha a escadaria de madeira tem seis azulejos de altura (incluindo a cercadura) prolongando-se num corredor no 1.º andar (fig. 63 a 65), os azulejos são policromos (branco, verde-seco, azul-claro, amarelo, laranja, castanho e contorno preto) com motivos florais que formam um padrão pombalino do século XVIII, tem uma cercadura com motivos florais simplificados, a encimar estes azulejos temos pintura decorativa parietal

²³⁰ PEREIRA, João Castel-Branco. Azulejos neoclássicos. *Oceanos*. 1998 (out.) -1999 (mar.), n.º 36-37, p. 219.

²³¹ CALADO, Rafael Salinas. *Azulejo: 5 séculos do azulejo em Portugal*. Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1986, p. 49.

²³² PEREIRA, João Castel-Branco. *Op. cit.*, p. 220.

²³³ ALMEIDA, Ana de Jesus Rui L. *O azulejo: técnicas e padrões*. [S.l.: s.n.], 2006, p. 51.

em forma de friso floral com um perfil dinâmico semelhante a ondas, possivelmente com a técnica do *stencil*. O módulo de padrão é formado por um azulejo que é repetido. O azulejo

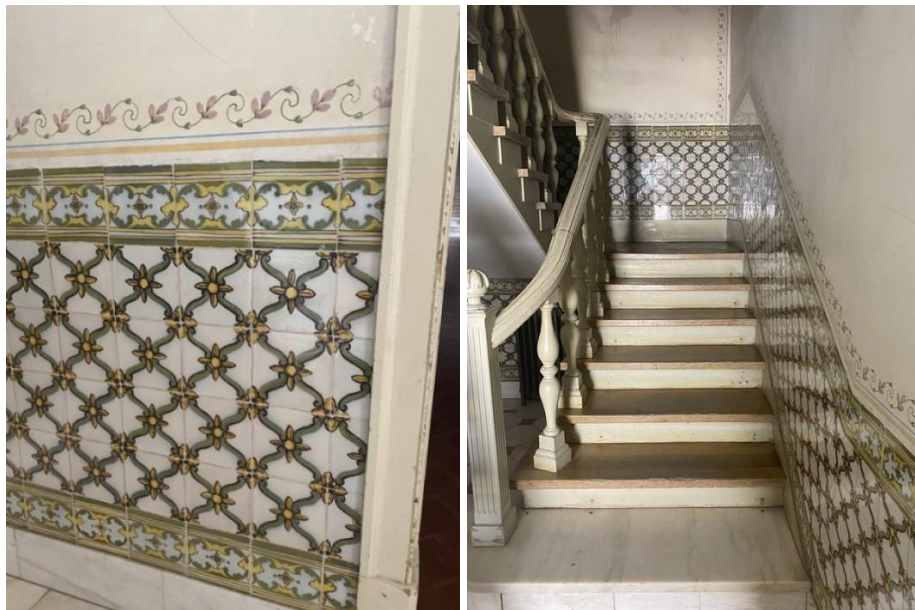


Fig. 63 e 64 - Silhar de azulejos policromos de motivos florais com padrão pombalino.



Fig. 65 - Silhar de azulejos com padrão pombalino. Fotografia: CMVFX.

no centro tem uma flor quadripétala de tons amarelo e laranja com núcleo amarelo (com o desenho de uma linha interior em cada pétala), em cada canto do azulejo temos um 1/4 de outro tipo de flor quadripétala com as mesmas cores, mas com núcleo castanho (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). As flores estão ligadas por caules

curvilíneos de cor verde-seco. Este padrão tem semelhanças com o P-18-00035 (fig. 66) do Az Infinitum²³⁴. A cercadura é policroma com fundo azul-claro e tons de verde-seco,

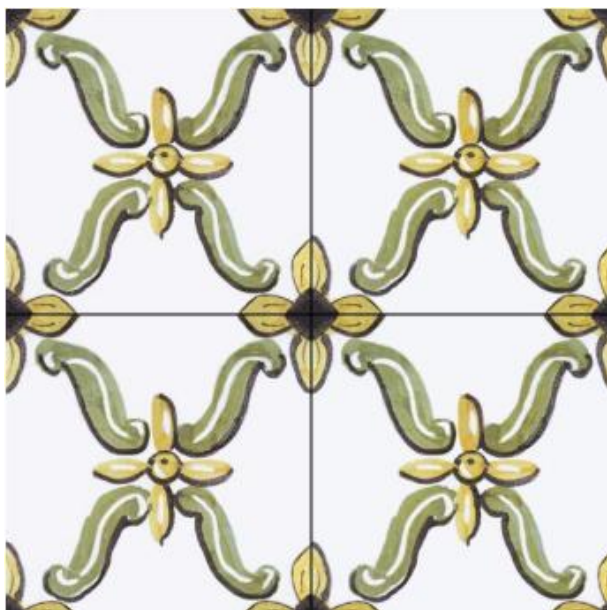


Fig. 66 - P-18-00035. Imagem: Inês Aguiar.²³⁵

amarelo, laranja, castanho e contorno preto. O azulejo tem como elemento central uma flor quadripétala amarela com núcleo castanho (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). A flor central é rematada em cada pétala por uma conta em verde-seco, ficando no interior duma moldura vegetalista em tons de verde-seco e amarelo. A moldura vegetalista nos bordos tem uma sequência de faixas horizontais amarelas com contorno castanho, alternadas por uma faixa branca, terminando com uma faixa em verde-seco. A flor central da cercadura é semelhante à flor dos cantos do azulejo do padrão pombalino que esta cercadura acompanha.

A padronagem do reinado de D. Maria I tem o predomínio dos motivos lineares com motivos geométricos simples conjugados com motivos florais simples, ramos e pequenas grinaldas.²³⁶ O outro silhar (fig. 67 a 69) com cercadura acompanha a escadaria de

²³⁴ “Padrões e Molduras” com número/identificador P-18-00035. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=745&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=9347>. [visualizado em 2024-10-14].

²³⁵ Este padrão pombalino consta do AZ Infinitum nos “Padrões e Molduras” com número/identificador P-18-00035. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=745&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=9347>. [visualizado em 2024-10-14].

²³⁶ PEREIRA, João Castel-Branco. *Op. cit.*, p. 220.

mármore que dá acesso ao 1.º andar. O silhar de azulejos tem oito azulejos em altura (incluindo a cercadura e o rodapé) no primeiro patamar da escadaria, a altura vai variando ao longo das escadas. Os azulejos são policromos (branco, azul-escuro, azul-claro, amarelo, laranja, verde-seco, púrpura e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas de contornos feitos a preto que formam um padrão D. Maria do século XVIII, com cercadura de motivos florais e rodapé de azulejos marmoreados a púrpura, possivelmente produzidos pela Fábrica Sant'Anna na década de 50 do século XX. Este silhar no corredor do 1.º andar tem sete azulejos em altura (incluindo a cercadura) nalgumas partes do corredor e noutras partes tem oito azulejos em altura (incluindo a cercadura e o rodapé).



Fig. 67 e 68 - Silhar de azulejos policromos de motivos florais com padrão D. Maria.

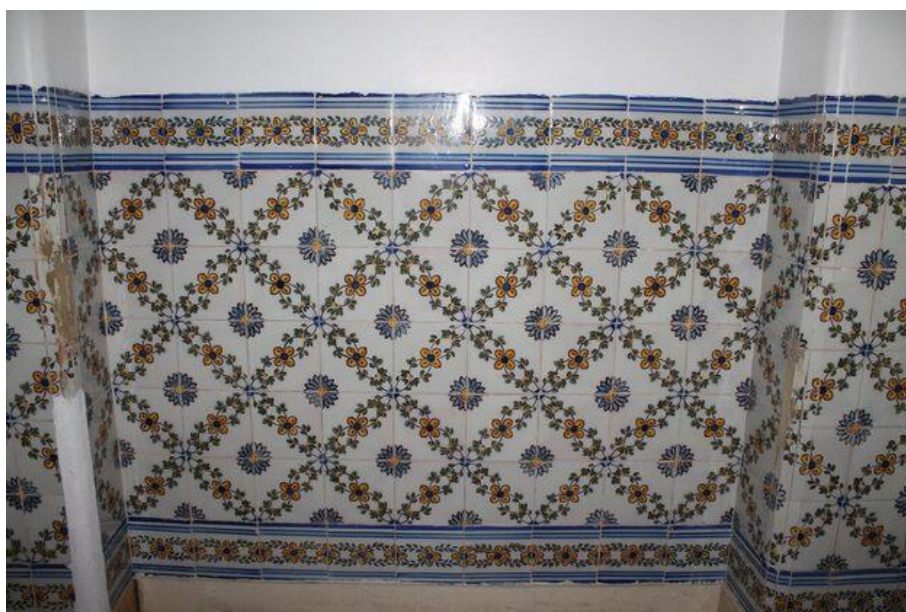


Fig. 69 – Silhar de azulejos com padrão D. Maria. Fotografia: CMVFX.

O módulo de padrão é formado pelo esquema de 2x2, dois modelos de azulejo em espelho. O azulejo tem uma grinalda colocada na diagonal que vai de um vértice ao outro do azulejo que termina em 1/4 de círculo azul-escuro cujo padrão forma um círculo que liga as grinaldas. A grinalda é composta por ramagem entrelaçada com duas flores pequenas de cinco pétalas azuis-claras com núcleo amarelo e uma flor maior de seis pétalas em tons amarelos e laranjas com o núcleo azul-escuro (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). Numa parte do corredor, a grinalda é composta por ramagem entrelaçada com dois pequenos círculos amarelos e uma flor central quadripétala em tons amarelo e laranja com o núcleo azul-escuro (com o desenho de uma linha interior em cada pétala). Nos vértices opostos do azulejo temos 1/4 de uma flor de pétalas azuis-claras com núcleo amarelo, o padrão compõe uma flor de 16 pétalas. O azulejo da cercadura tem como elemento central uma flor de seis pétalas amarelas e tons alaranjados (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala) o núcleo da flor é azul-escuro. A flor central faz parte de uma grinalda de folhagem em verde-seco que é ligada por um círculo amarelo. A cercadura nos bordos tem uma faixa horizontal mais larga azul-escura, seguida por duas faixas mais estreitas azuis-claras separadas por retas azuis-escuras. A flor central da cercadura é semelhante à flor das grinaldas do azulejo do padrão que esta cercadura acompanha. Numa parte do corredor, o azulejo tem como elemento central uma flor com um núcleo azul-escuro e quatro pétalas amarelas e tons alaranjados cujo interior tem o desenho de uma linha, a mesma flor é repetida em metades em cada lado do azulejo.

Análise comparativa

Após pesquisa, encontramos um silhar de azulejos de um prédio no centro histórico de Beja semelhante ao silhar de padrão D. Maria do palácio da Quinta Municipal de Subserra (fig. 70), a única diferença é que no silhar de Beja o padrão é interrompido por um medalhão decorativo com um pássaro e motivos florais. Encontramos também o mesmo padrão e cercadura no espaldar de bancos do Jardim Municipal de Oeiras (fig. 71), que são posteriores aos anos 50 do século XX e estão assinados pela Fábrica Sant'Anna, tal como o silhar de Beja o padrão é interrompido pelo mesmo medalhão que neste caso funciona como legenda. No silhar D. Maria do palácio da Quinta de Subserra não

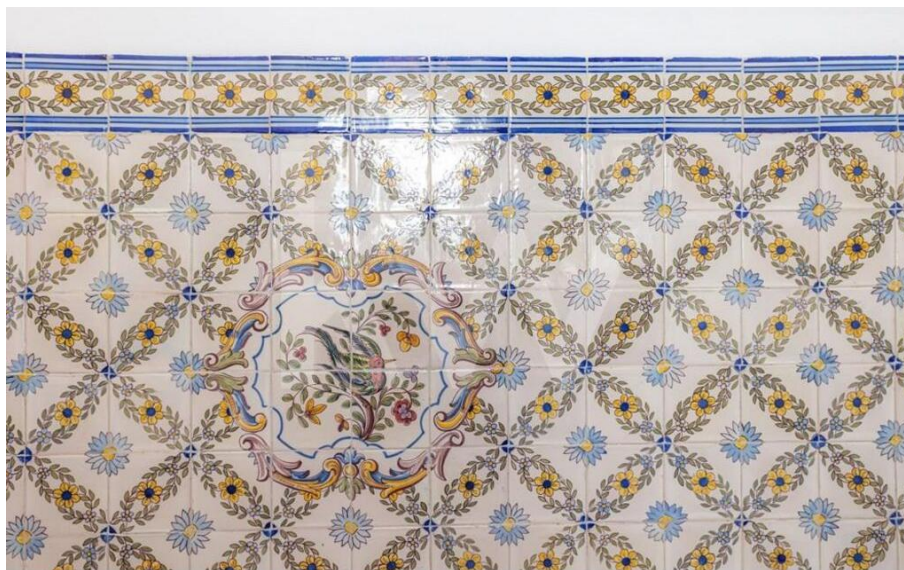


Fig. 70 - Silhar de prédio no centro histórico de Beja semelhante ao do palácio da Quinta de Subserra.²³⁷

encontramos essa assinatura, contudo por analogia supomos ser produzidos pela Fábrica Sant'Anna pelo facto de o revestimento azulejar do antigo tanque de rega ter a assinatura dessa fábrica.



Fig. 71 - Azulejos de um banco do Jardim Municipal de Oeiras, posteriores aos anos 50 do século XX da Fábrica Sant'Anna, semelhante ao silhar do palácio da Quinta de Subserra.²³⁸

²³⁷ KW Portugal. *Anúncio 4556*. Em linha. Disponível em: [https://www.kwportugal.pt/Imovel/Venda/Predio/Beja/Beja/Beja-\(Santiago-Maior-e-Sao-Joao-Baptista\)/4556](https://www.kwportugal.pt/Imovel/Venda/Predio/Beja/Beja/Beja-(Santiago-Maior-e-Sao-Joao-Baptista)/4556). [visualizado em 2024-10-04].

²³⁸ Facebook do Município de Oeiras. Fotografia. Em linha. 29 de março de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10160927536453696&set=pcb.10160927538763696>. [visualizado em 2024-10-14].

Ainda no interior do palácio, no rés-do-chão, temos uma cozinha com azulejos brancos e friso cor de vinho de grande simplicidade (fig. 72) e sem valor artístico.



Fig. 72 - Cozinha do palácio com revestimento cerâmico branco e friso cor de vinho.

Na azulejaria do período barroco assistimos à autonomia de elementos decorativos como os vasos floridos ou “albarradas” reunidos de modo linear em silhares e à individualização de motivos que levaram à criação da tipologia dos azulejos de “figura avulsa”.²³⁹ O palácio tem uma parede exterior com revestimento cerâmico barroco (fig. 73), a azul de cobalto e vidrado branco, da primeira metade do século XVIII, aplicado num silhar que é interrompido por uma porta que divide o revestimento em dois painéis.

²³⁹ MECO, José, ed. lit. *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal, 1984, p. 48.



Fig. 73 – Vista da parede exterior do palácio com silhar de azulejos de albarradas.

O painel da esquerda (fig. 74) tem nove azulejos de altura (incluindo a barra e rodapé) e 17 azulejos de largura. O painel da direita (fig. 75) tem 8,5 azulejos de altura (incluindo a barra e rodapé) e 16 azulejos de largura. O tema são as albarradas que, como referido, a partir do final do século XVII resultaram da autonomização dos vãos, potes e cestos floridos que eram agrupados em silhares.²⁴⁰ As albarradas na época de D. João V são diversas, com vasos ou cestos floridos, que intercalam com palmitos e/ou *putti* ou dentro de molduras barrocas.²⁴¹ As albarradas das paredes exteriores do palácio eram compostas por vasos floridos maiores ladeados por figuras infantis aladas que são intercaladas por vasos floridos menores de largura de um azulejo, os chamados “palmitos”. Sobre uma base quadrangular temos os vasos floridos maiores com 13 flores, decorados com elemento conchiforme, folhas de acanto e dois golfinhos na base. Sobre uma peanha com folhas de acanto temos os vasos floridos menores com cinco flores unidas por laço, os “palmitos”, decorados com motivo floral e volutas nas pegas. As figuras infantis estão assentes em volutas com folhas de acanto e apoiam com os braços uma base de coluna encimada também por volutas com folhas de acanto. A encimar os vasos floridos menores temos rostos alados com flor quadripétala no cabelo. As albarradas estão emolduradas por uma

²⁴⁰ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 38.

²⁴¹ IDEM, ed. lit. *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal, 1984, p. 61.



Fig. 74 – Painel da esquerda com silhar de azulejos de albarradas.



Fig. 75 - Painel da direita com silhar de azulejos de albarradas.

barra composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais. No painel da esquerda, a barra nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), no centro da barra o rosto tem uma flor quadripétala no cabelo. A barra do painel da direita não tem no centro um rosto, mas sim um enrolamento de folhas acanto sem flores. Ambos os painéis têm um rodapé marmoreado a púrpura, no painel da esquerda o rodapé tem a altura de um azulejo e no painel da direita tem a altura de meio azulejo. Ao longo da primeira metade do século

XVIII, a pintura a azul de cobalto sobre esmalte branco teve grande profusão e destaque nos azulejos portugueses o que se deveu ao processo simplificado de cozedura.²⁴²

Análise comparativa

Os revestimentos azulejares a azul de cobalto e vidro branco com albarradas de vasos floridos e *putti* são muito comuns na azulejaria portuguesa da primeira metade do século XVIII, apresentamos abaixo um exemplo do Museu de Alberto Sampaio (fig. 76) semelhante ao silhar de albarradas das paredes exteriores do palácio (fig. 77) e da Capela de São José.



Fig. 76 - Painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, do século XVIII.²⁴³



Fig. 77 – Pormenor da albarrada de azulejos da parede exterior do palácio.

3.3.2 Capela de São José

Revestimento cerâmico interior da capela

Nas paredes da nave e da capela-mor da Capela de São José temos um amplo silhar de azulejos (fig. 78) que segundo o SIPA são datáveis do século XVI e representam tecidos.²⁴⁴ Considerando que a quinta foi fundada em 1633, os azulejos são do século XVII e não do século XVI, no Ulysses - sistema de informação do património classificado /

²⁴² MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 38.

²⁴³ Museus e Monumentos de Portugal. *Raiz: plataforma destinada ao inventário, gestão e divulgação de bens culturais*. Em linha. Disponível na Internet: [RAIZ \(museusemonumentos.pt\)](http://RAIZ.museusemonumentos.pt). [visualizado em 2024-10-06].

²⁴⁴ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

Património Cultural, I.P. os azulejos são referidos como seiscentistas.²⁴⁵ De acordo com a sistematização de João Miguel dos Santos Simões²⁴⁶, este revestimento cerâmico policromo do tipo "tapete" corresponde ao período de 1630 a 1650, época em que este tipo de azulejo ganhou monumentalidade. A padronagem policroma dos “tapetes” foi muito comum na primeira metade do século XVII e era inspirada pelos brocados vindos da Índia.²⁴⁷ Segundo José Meco, estas composições destinavam-se a capelas mais abastadas²⁴⁸, como é o caso da Capela de São José da Quinta de Suberra. O silhar da nave tem de altura 9,5 azulejos (incluindo a cercadura) e o silhar da capela-mor tem alturas diferentes - 20,5 azulejos e 19,5 azulejos (incluindo cercadura) - sendo recortado pelos monumentos fúnebres do lado da Epístola e do lado do Evangelho. A encimar o silhar de azulejos temos pintura parietal decorativa, com as cores azul-claro, verde-seco e laranja, de motivos florais e vegetalistas espiralados.

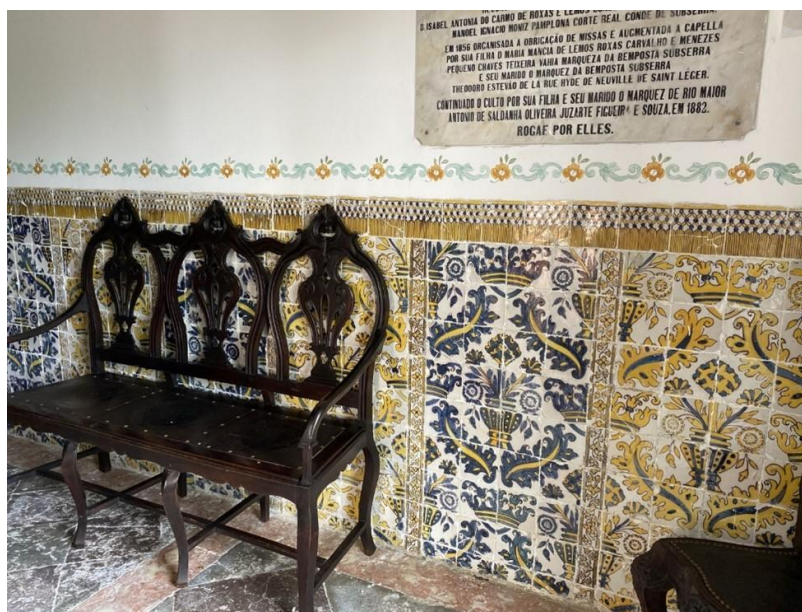


Fig. 78 - Silhar de azulejos de padrão tipo “tapete”, do século XVII, na nave da Capela de São José.

Este padrão de azulejos reflete a influência dos tapetes bordados e tecidos estampados vindos da Índia na azulejaria do século XVII²⁴⁹, "os tecidos adamascados onde há mutação de cores formando listas verticais de fundos alternadamente amarelos e azuis"²⁵⁰ serviram

²⁴⁵ LEITE, Sílvia. *Op. cit.*

²⁴⁶ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: FCG, 1971, tomo I, pp. 13 e 19.

²⁴⁷ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 28.

²⁴⁸ IDEM, ed. lit. *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal, 1984, p. 42.

²⁴⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 41.

²⁵⁰ IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 121.

de inspiração. O módulo deste padrão é retangular de 6x4 que João Miguel dos Santos Simões refere ser menos comum e mais oneroso²⁵¹ composto por 12 elementos diferentes. A cercadura deste silhar de azulejos tem a representação de franjas e contas que guarneciam os tecidos vindos da Índia.²⁵²

O padrão do revestimento cerâmico é policromo – azul de cobalto, amarelo, vidrado branco e contorno preto (fig. 79) – com motivos vegetalistas e florais, coroas representativas do título nobiliárquico da família proprietária e uma cercadura (fig. 80)



Fig. 79 – Pormenor da composição de repetição de padrão dos azulejos da Capela de São José.



Fig. 80 - Pormenor da cercadura com franjas amarelas e contas azuis, encimado por pintura decorativa.

superior de franjas amarelas encimadas por três fileiras de contas azuis unidas por fios amarelos que formam diagonais, o bordo superior é uma faixa amarela, os contornos são desenhados a preto. A composição é dominada por vaso florido com cinco flores de três tipos diferentes - uma camélia central e um par de flores amarelas/azuis e abaixo um par de

²⁵¹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 121.

²⁵² CRISTÓVÃO, Inês de Castro. "*A principal riqueza que dali vem*": *Os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH, Departamento de História da Arte, 2018, p. 81. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/35219>. [visualizado em 2025-08-28].

flores azuis/brancas e amarelas/brancas - com folhagem. À volta do vaso florido temos folhas de acanto colocadas na diagonal em espelho. Os ornamentos formam um hexágono aberto. O friso vertical, que separa as variantes cromáticas do padrão, tem fundo branco com motivos florais amarelos com contorno e ramagem ondulante a preto, nos bordos tem faixa amarela com diagonais e contorno a preto. O padrão policromo repete-se, alternadamente, em duas cores dominantes (azul e amarelo) delimitado por frisos verticais. Os frisos têm motivos florais amarelos com fundo branco e contornos desenhados a preto, tem bordos amarelos preenchidos com diagonais a preto. O fundo branco do friso é ornamentado por ramagem com flor central quadripétala ladeada por pares de flores. Esta composição de repetição de padrão não tem centro, tem um elemento de separação constituído por friso vertical de tamanho inferior a um azulejo com motivo floral amarelo.

Análise comparativa

O padrão de azulejos da Capela de São José (fig. 81) é similar ao padrão P-702 (fig. 83)²⁵³ que está na parede testeira do transepto da Igreja do antigo Convento de Almoester (fig. 82), considerado por João Miguel dos Santos Simões o padrão "Mais espectacular, mais belo e muito mais raro [...]"²⁵⁴. Aquando do inventário referia que o revestimento cerâmico da Igreja do antigo Convento de Almoester era o único que existia com este padrão. Através desta dissertação atualizamos a inventariação e apresentamos o padrão azulejar da Capela de São José que é semelhante ao da Igreja do antigo Convento de Almoester. Ambos os padrões correspondem ao período entre 1630 e 1650, identificado por João Miguel dos Santos Simões como o período dos últimos padrões policromos para "tapetes".²⁵⁵ Os elementos decorativos dos dois padrões (fig. 84 a 86) são na sua quase totalidade iguais – coroas, folhas de acanto, camélia central e flores a ladear, vasos. Nos dois padrões as duas flores pendentes do vaso são diferentes: na Capela de São José são azuis/brancas e amarelas/brancas e na Igreja do antigo Convento de Almoester são

²⁵³ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 123. No dia 23 de julho de 2025, Cremilde Godinho abriu-nos as portas da Igreja do antigo Convento de Almoester para uma visita, observação e registo fotográfico deste padrão de azulejos.

²⁵⁴ IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 121.

²⁵⁵ IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 13.



Fig. 81 - Silhar de azulejos na nave e capela-mor da Capela de São José.



Fig. 82 - Revestimento azulejar na Igreja do antigo Convento de Almoester.

amarelas/azuis e azuis/amarelas. A folhagem dos vasos é diferente nos dois padrões e abaixo das flores pendentes, na Capela de São José temos um ramo com três folhas a pender e na Igreja do antigo Convento de Almoester temos um pendente composto por três contas terminando com uma pequena flor. A principal diferença entre estes dois padrões é o facto de o padrão da Capela de São José ter frisos verticais a delimitar e as folhas de acanto não terem interrupção cromática, a interrupção é feita nos vasos. No padrão da Igreja do antigo Convento de Almoester os mesmos frisos verticais existem, mas funcionam como moldura do revestimento cerâmico, a interrupção cromática é feita nas folhas de acanto. Por outro lado, na Igreja do antigo Convento de Almoester o padrão tem maior monumentalidade ao preencher toda a parede testeira do transepto onde está situado o túmulo de D. Berengária Aires, aia da Rainha Santa Isabel, fundadora do Mosteiro de Santa Maria de Almoester em 1289.²⁵⁶ Enquanto na Capela de São José o revestimento

²⁵⁶ GORDALINA, Rosário. *Convento de Santa Maria de Almoester / Igreja Paroquial de Almoester / Igreja de Santa Maria*. IPA.00002440. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 1998. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440. [visualizado em 2025-08-28].



Fig. 83 - P-702 do inventário de João Miguel dos Santos Simões.²⁵⁷



Fig. 84 - Padrão de azulejos da Igreja do antigo Convento de Almoster.



Fig. 85 - Padrão de azulejos da Igreja do antigo Convento de Almoster



Fig. 86 - Padrão de azulejos da Capela de São José.

cerâmico é um silhar. Na Igreja do antigo Convento de Almoster o padrão cerâmico cria um maior efeito visual que dá a ilusão de um tecido adamacado que varia entre o azul e

²⁵⁷ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 123.

o amarelo sobre um fundo branco. Enquanto na Capela de São José temos a referência aos tecidos orientais, mas delimitados em vários painéis individuais que destacam o módulo retangular (fig. 86).



Fig. 87 - Padrão de azulejos do silhar da Capela de São José.

A cercadura do padrão da Capela de São José (fig. 89) é similar à cercadura C-41 (fig. 88) inventariada por João Miguel dos Santos Simões²⁵⁸ que considera azulejos "graciosíssimos" e raros, são "franjas" de inspiração têxtil que separavam as áreas superiores dos tapetes. A cercadura C-41 também está aplicada no padrão de "tapete" da Igreja do antigo Convento de Almoester, funcionando como uma divisória que separa o nicho do tímpano e no topo a separar o revestimento cerâmico da cobertura. Com efeito, a utilização do motivo decorativo das "franjas" de inspiração têxtil estava presente na azulejaria do século XVII, como no frontal de altar com Brasão das Carmelitas Descalças (fig. 90 e 91).

²⁵⁸ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, pp. 142 e 145.

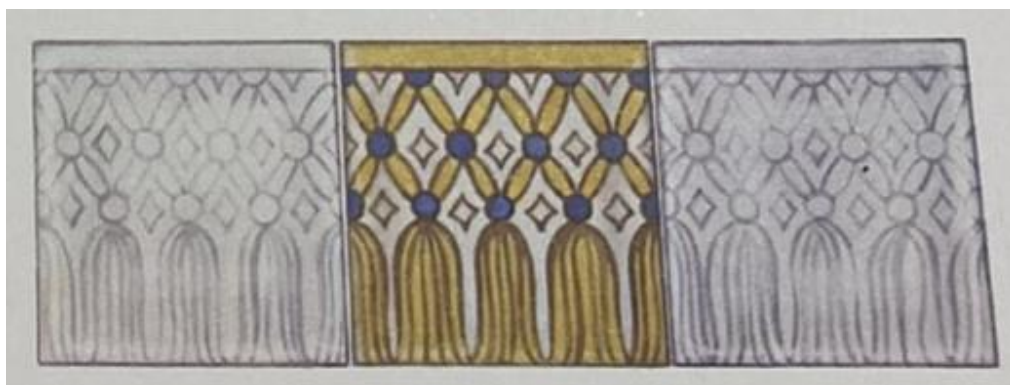


Fig. 88 - C-41 do inventário de João Miguel dos Santos Simões.²⁵⁹

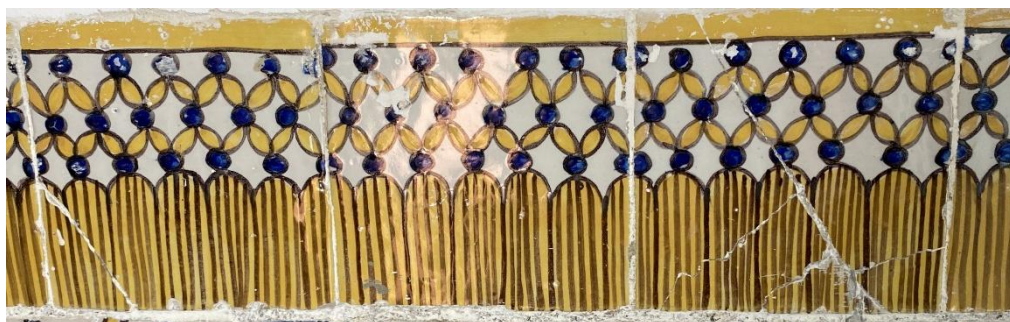


Fig. 89 - Cercadura do padrão de azulejos da Capela de São José.



Fig. 90 – Frontal de altar com Brasão de Armas das Carmelitas Descalças, Lisboa, 1650-1675, proveniente do convento carmelita, região de Coimbra. MNaz n.º inv. 388 Az.

²⁵⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 145.



Fig. 91 – Pormenor do frontal de altar com Brasão de Armas das Carmelitas Descalças (Lisboa) com motivo das franjas de inspiração têxtil à semelhança da Capela de São José.

O friso vertical da Capela de São José (fig. 93), que faz a separação entre as variantes cromáticas amarela/azul do padrão criando um ritmo visual cromático vertical, tem semelhanças com o F-17 (fig. 92) inventariado por João Miguel dos Santos Simões, o investigador refere que o F-16 e o F-17 foram encontrados na Igreja do antigo Convento de Almoester²⁶⁰, contudo verificamos que o friso do “tapete” da parede testeira do transepto (fig. 94) assemelha-se mais ao F-40 (fig. 95).²⁶¹



Fig. 92 - F-17 do inventário de João Miguel dos Santos Simões.²⁶²

²⁶⁰ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, pp. 128 e 131.

²⁶¹ IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 133.

²⁶² IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 131.



Fig. 93 - Friso da Capela de São José



Fig. 94 - Friso da Igreja do antigo Convento de Almoester



Fig. 95 - F-40 do inventário de João Miguel dos Santos Simões.

Apesar das semelhanças do friso da Capela de São José com o F-17, existem algumas diferenças: o friso é apenas amarelo e branco, não há a cor azul como no F-17 (flor central e bordos); tem apenas bordos amarelos preenchidos de diagonais, o F-17 tem bordos assimétricos azuis e amarelos. Por outro lado, o friso da Capela de São José assemelha-se ao F-40 nos bordos simétricos preenchidos com diagonais.

Revestimento cerâmico exterior da capela

No exterior da capela, na entrada principal, temos um revestimento azulejar (fig. 96 e 97) a azul de cobalto e vidrado branco aplicado em silhar com oito azulejos de altura (incluindo a barra). O tema são as albarradas compostas por vasos floridos maiores ladeados por figuras infantis aladas (*putti*) que são intercaladas por vasos floridos menores,

os chamados “palmitos”. Sobre uma base quadrangular temos os vasos floridos maiores com 13 flores, decorados com elemento conchiforme, folhas de acanto e dois golfinhos na base. Sobre uma peanha com folhas de acanto temos os vasos floridos menores com cinco flores unidas por laço, os “palmitos”, decorados com motivo floral e volutas nas pegas. As figuras infantis estão assentes em volutas com folhas de acanto e apoiam com os braços uma base de coluna encimada também por volutas com folhas de acanto. A encimar os vasos floridos menores temos rostos alados com flor quadripétala no cabelo. As albarradas estão emolduradas por uma barra composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais. A barra nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), no centro da barra o rosto tem uma flor quadripétala no cabelo. Este silhar cerâmico data possivelmente da primeira metade do século XVIII.



Fig. 96 e 97 - Pormenores da albarrada de azulejos azuis e brancos no exterior da Capela de São José, datável do século XVIII.

Análise comparativa

Os revestimentos azulejares a azul de cobalto e vidro branco com albarradas de vasos floridos e *putti* são muito comuns na azulejaria portuguesa da primeira metade do século XVIII, apresentamos abaixo um exemplo do Museu de Alberto Sampaio (fig. 98) semelhante aos azulejos do exterior da Capela de São José (fig. 99).



Fig. 98 - Painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, inv. MAS A 115 (16).²⁶³



Fig. 99 – Pormenor da albarada de azulejos do exterior da Capela de São José.

3.3.3. Jardins

Nos jardins da quinta encontramos vários componentes revestidos com azulejos de diversos estilos, tipos e épocas. Passando a entrada da quinta encontramos um **banco com um espaldar e canteiros** revestidos com azulejos a azul de cobalto e vidrado branco do século XVIII, mais à frente no pátio, junto ao palácio, temos a **Fonte de São Marcos** com azulejos dos séculos XVIII e XIX, ao fundo temos uma **escadaria** que dá acesso a um **terraço** e ao lado, num nível inferior junto ao relvado, temos um **muro** de suporte com azulejos policromos do século XX ao gosto neoclássico e estilo D. Maria. Continuando pelos jardins encontramos **canteiros, banco, murete e escadarias** com azulejos a azul de cobalto e vidrado branco do século XVIII e uma **escada de acesso** ao jardim barroco com azulejos policromos do século XX. Ao fundo do jardim barroco, num nível superior, temos uma **fonte parietal** com embrechados e azulejos policromos do século XVII e, por fim, do lado direito temos o **antigo tanque de rega** revestido com azulejos policromos do século XX.

3.3.3.1. Banco com espaldar ladeado por canteiros

Ao entrarmos no espaço da quinta, do lado direito após as arcadas viradas para o rio Tejo, temos um **banco com um espaldar** (fig. 100 e 101) ladeado por **canteiros** revestidos

²⁶³ Museus e Monumentos de Portugal. *Raiz: plataforma destinada ao inventário, gestão e divulgação de bens culturais*. Em linha. Disponível em: [RAIZ \(museusemonumentos.pt\)](http://RAIZ(museusemonumentos.pt)). [visualizado em 2024-10-06].

a azulejos a azul de cobalto e vidrado branco. O espaldar do banco é revestido com um painel com nove azulejos de altura (incluindo o rodapé) e 21 azulejos de largura, o tema é uma cena historiada militar da primeira metade do século XVIII. Vemos vários soldados de mosquete com baioneta em punho, a cavalo e a pé, dois destes soldados a cavalo transportam um estandarte. Todos os soldados têm tricórnios, alguns com uma flor do tipo margarida, este é um chapéu de influência francesa que fazia parte da farda militar até ao final do século XVIII. A guarnição emoldura a cena numa estrutura arquitetónica com volutas, curvas e contracurvas, elementos vegetalistas (folhas de acanto) e florais, um friso escultórico decorado com motivos em forma de “M” intercalados por uma fileira vertical de contas, na parte inferior temos canhões, balas, tambores, estandartes e uma pá, na parte superior temos canhões, balas e tambores, ao centro temos um rosto esculpido (espagnolette) com panejamentos pendentes com cordas e borlas. Esta guarnição tem a particularidade de não se enquadrar nos seguintes tipos de moldura - a barra, a cercadura ou o friso – por não ter um número exato de azulejos na sua formação, é uma moldura com recorte interno. Segundo Rosário Salema de Carvalho, com a assunção dos painéis figurativos as guarnições complexificam-se dando destaque cenográfico e teatral às molduras barrocas do período da *Grande Produção*.²⁶⁴ O painel do espaldar do banco da Quinta de Suberra é um claro exemplo da complexificação das guarnições, neste caso, adquirindo grande expressividade ao apresentar uma deformidade visual da própria moldura que parece acompanhar o movimento dos personagens da cena militar. A finalizar o painel temos um rodapé azul que imita a pedra e os seus rebordos.

²⁶⁴ CARVALHO, Rosário Salema de. *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias - um novo paradigma*. Tese de doutoramento. Lisboa: FLUL, Departamento de História, 2012, p. 411. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10451/6527>>. [visualizado em 2025-11-07].



Fig. 100 - Banco com espaldar com painel historiado com cena bélica em azulejos azuis e brancos.

Neste painel cerâmico observamos uma grande qualidade do desenho, do jogo de sombras e luzes, da riqueza dos pormenores decorativos e figurativos, do domínio da tridimensionalidade, da sugestão do movimento dos cavalos e do equilíbrio na distribuição dos elementos da composição. No centro da composição temos um soldado a cavalo,



Fig. 101 - Painel historiado com cena militar no espaldar do banco.



Fig. 102 - Composição triangular do painel.

de perfil, com o seu tricórnio com uma flor (tipo margarida), o cavalo tem grande destaque pela sua majestosidade e cauda ondulante. É possível observar uma composição triangular (fig. 102) na distribuição dos elementos da representação que é composta por três conjuntos de soldados a cavalo num primeiro plano e dois conjuntos de soldados, a cavalo (à esquerda) e a pé (à direita), no plano de fundo. A sensação de movimento da cena (fig. 103), da direita para esquerda, está bem representada nas cavalgadas dos cavalos e na própria moldura que sugere a deslocação ao ter o espagnolette descentrado em relação ao



Fig. 103 – Pormenor de cena militar no painel historiado.

centro do painel. A moldura funciona como uma boca de cena para o teatro de operações, neste caso uma cena de índole militar, onde é visível um panejamento com cordas e borlas que pode funcionar como uma cortina de teatro. Outra especificidade é o facto de a representação estar interrompida ao nível da sua moldura arquitetónica, como se fosse uma fotografia limitada pelo retângulo do espaldar. Este painel figurativo é um exemplo do cuidado que existia na divisão da retícula nos azulejos, nomeadamente no cuidado em não cortar as partes primordiais das personagens, neste caso os rostos não foram cortados (fig. 104), segundo José Meco isso levava a que os pintores de azulejos modificavam ou adaptavam as gravuras utilizadas como modelos, este era um traço distintivo em relação à obra dos pintores de azulejos holandeses onde não existia esta preocupação.²⁶⁵



Fig. 104 - Pormenor de cena militar no painel historiado.

Infelizmente não encontramos nenhuma assinatura neste painel historiado da Quinta de Suberra, o que dificulta a atribuição de uma autoria a esta composição de grande qualidade artística. Através do método comparativo tentamos encontrar noutros painéis de azulejos, já estudados, semelhanças na iconografia, no desenho e na pincelada com o painel do espaldar do banco da Quinta de Suberra. Os painéis dos claustros do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, (fig. 105) do segundo quartel do século XVIII, que José Meco atribui a Valentim de Almeida²⁶⁶, no desenho e na pincelada têm similaridade com o painel da Quinta de Suberra, nomeadamente o espagnolette/máscara central da

²⁶⁵ MECO, José. *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, p. 25.

²⁶⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 181.

guarnição tem semelhanças no desenho, assim como os panejamentos, cordas e borlas pendentes (fig. 106 e 107) que dão um carácter cenográfico, o desenho dos trajes dos soldados na Quinta de Suberra é semelhante ao desenho dos trajes de um dos painéis do Mosteiro de São Vicente (fig. 108 e 109). Apresentamos o artista Valentim de Almeida como possibilidade de atribuição de autoria do painel historiado do espaldar do banco da Quinta de Suberra.



Fig. 105 – Painel de azulejos do claustro do Mosteiro de São Vicente de Fora.



Fig. 106 – Pormenor de painel de azulejos do claustro do Mosteiro de São Vicente de Fora.



Fig. 107 – Pormenor do painel de azulejos do espaldar do banco da Quinta de Subserra.



Fig. 108 e 109 – À esquerda pormenor de painel dos claustros do Mosteiro de São Vicente, à direita pormenor do painel do espaldar do banco da Quinta de Subserra.

Indubitavelmente, este painel é um exemplo do barroco na azulejaria portuguesa pelo recurso à representação figurativa em conjunto com a ornamentação que acentua o dramatismo da cena.²⁶⁷ Após múltiplas pesquisas e consultas, não foi possível encontrar um painel cerâmico historiado de cena militar que tivesse semelhanças com o painel do espaldar do banco da Quinta de Subserra, quer na composição quer na moldura peculiar cujo desenho oval horizontal parece distorcido e maleável. Consultamos também, sem sucesso, a obra de Augusto Moutinho Borges, *O Exército e o azulejo: tradição e arte*, referente à inventariação do património azulejar do Exército Português que está ricamente ilustrada e documentada.²⁶⁸

²⁶⁷ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. rer. e atualizada. Lisboa: FCG, 2010, p. 4.

²⁶⁸ BORGES, Augusto Moutinho. *O Exército e o azulejo: tradição e arte*. Lisboa: By the Book, 2016, em especial as páginas 31-34, 47-170.

A ladear o banco, temos dois canteiros em forma de paralelepípedo e cada canteiro tem apenas duas faces com revestimento cerâmico de azulejos a azul de cobalto e vidrado branco, datáveis da primeira metade do século XVIII. Na face lateral menor (fig. 110) tem um painel com seis azulejos de altura (incluindo a cercadura) e cinco azulejos de largura, o tema é o vaso florido sobre uma base, guarnecido com oito flores distribuídas simetricamente e com ramagens, fora do vaso temos em baixo uma flor de cada lado. Este



Fig. 110 - Lateral de canteiro com painel de azulejos azuis e brancos, com vaso florido e motivos vegetalistas.

painel é emoldurado por uma cercadura de fundo azul com enrolamentos de folhas de acanto e bordos azuis e brancos. Na face frontal maior (fig. 111) tem um painel com seis azulejos de altura (incluindo a cercadura) e 11 azulejos de largura, o tema são as albarradas compostas por dois vasos floridos maiores sobre uma base encimados por uma concha e ladeados por sereias aladas e golfinhos cujas caudas se entrelaçam. No centro do painel temos um vaso florido menor com três flores unidas por laço, o “palmito”, sobre uma peanha decorada com folhas de acanto, a encimar o vaso temos um rosto alado (espagnolette) com flor quadripétala no cabelo. A emoldurar este painel temos uma cercadura de fundo azul com volutas, folhas de acanto e bordos azuis e brancos.



Fig. 111 - Frente de canteiro com albarrada de azulejos azuis e brancos.

Análise comparativa

Durante o barroco, na primeira metade do século XVIII, os silhares de albarradas de azulejos a azul de cobalto e vidrado branco tiveram ampla produção e utilização em Portugal enquadrando-se numa produção seriada de azulejos que era mais económica, eram emoldurados por diversas cercaduras de motivos vegetalistas ou arquitetónicos. Estas albarradas foram aplicadas na arquitetura civil e religiosa²⁶⁹, como é o caso da Quinta de Suberra. O modelo de albarradas dos painéis de azulejos dos canteiros do banco com espaldar é muito comum, apresentamos como exemplo um painel de azulejos da Coleção Berardo (inv. 101-1395) (fig. 112)²⁷⁰, do segundo quartel do século XVIII, que é idêntico nas albarradas e diferente na sua cercadura.

²⁶⁹ BERARDO, José. *800 anos de história do azulejo*. Em linha. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020, p. 385. Disponível em: https://museuberardoestremoz.pt/pdf/Museu_Berardo_Estremoz-Catalogo.pdf. [visualizado em 2025-09-08].

²⁷⁰ BERARDO, José. *Op. cit.*, pp. 406 e 407.



Fig. 112 – Silhar de albarradas da Coleção Berardo (inv. 101-1395) do segundo quartel do século XVIII.²⁷¹

3.3.3.2. Fonte de São Marcos



Fig. 113 e 114 – Vista do pátio com a Fonte de São Marcos (à esquerda) e pormenor da fonte (à direita).

Na azulejaria de exterior, as fontes são um dos exemplos da aplicação do azulejo português ao longo do tempo²⁷² que encontramos na Quinta de Suberra. A Fonte de São Marcos (fig. 113 e 114) está situada no pátio que tem à direita um dos alçados do palácio e ao fundo tem a escadaria que dá acesso a um terraço e à Capela de São José. A fonte é constituída por três tanques de água em escada. Ao longo da parede de um dos tanques temos uma fiada de azulejos de figura avulsa (fig. 115), a azul de cobalto e vidro branco, da primeira metade do século XVIII, com motivo central de flores diversas e, algumas,

²⁷¹ BERARDO, José. *Op. cit.*, pp. 406 e 407.

²⁷² VELOSO, A. Barros e Isabel ALMASQUÉ. *Azulejaria de exterior em Portugal*. Lisboa: Inapa, 1991, p. 14.



Fig. 115 e 116 - Pormenor de fiada de azulejos de figura avulsa e de barra de azulejos na Fonte de São Marcos.

caravelas. Nos cantos destes azulejos temos um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Os azulejos de figura avulsa são uma das tipologias mais recorrentes ao longo do século XVIII, com possível influência holandesa, teve maior expressão na individualização das flores “[...] a partir das albarradas, que se agrupam com motivos diversos como pássaros e outros animais, figuras humanas, barcos, cestos, construções (castelos, casas, moinhos de vento) variados.”²⁷³ Os azulejos de figura avulsa são azulejos anónimos de feição popular caracterizados pela repetição temática, unidade, facilidade de aplicação na arquitetura e baixo custo de aquisição.²⁷⁴

²⁷³ MECO, José, ed. lit. *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal, 1984, p. 50.

²⁷⁴ CALADO, Rafael Salinas. *Azulejo: 5 séculos do azulejo em Portugal*. Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1986, p. 43.



Fig. 117 – Lápide em pedra gravada com moldura de friso de azulejos azuis e brancos.

A parede do lado esquerdo junto aos tanques tem uma lápide (fig. 117) em pedra gravada com o seguinte texto:

D. Isabel de Lemos e Roxas regressada à Pátria em 1821, com o seu marido Manuel Inácio Martins Pamplona e sua filha D. Maria Mância de Lemos e Roxas, do exílio... (terminado nesse ano) em países estrangeiros, julgado injusto por sua Nobreza Real, edificou nesta Quinta uma modesta habitação no lugar em que esteve (um) Palácio arrasado na sua ausência pela cobiçosa Administração do Fisco. Levantou os paredões caídos em ruínas e restaurou esta fonte, perdida (um) século e de nova descoberta (no) dia de São Marcos, aos 24 de março (ou maio?) de 1823.²⁷⁵

O ano de 1823 inscrito na lápide permite datar a sua moldura de azulejos, por sua vez o texto documenta que o palácio e a fonte foram renovados nessa data e que a fonte foi batizada de São Marcos. A lápide é emoldurada por um friso de azulejos azuis e brancos de motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas), o fundo é azul-escuro e os bordos são azuis e brancos.

²⁷⁵ Transcrição de SILVA, José António Veríssimo. *Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio de Suberra (freguesia de S. João dos Montes)*. [Texto policopiado]. Junho de 1981, p. 7.



Fig. 118 – Barra de azulejos e rodapé marmoreado na Fonte de São Marcos. Fotografia: CMVFX.

Ao fundo, na parede de onde sai a água que abastece os tanques, temos uma barra de azulejos (fig. 116 e 118) a azul de cobalto e vidro branco de motivo vegetalista (folhas de acanto com volutas) e floral (flor com oito pétalas trilobadas com uma pinta e um núcleo), o padrão é por rotação. A barra tem fundo azul e bordos simétricos azuis e brancos, o motivo floral está sobre uma cartela azul que por sua vez está sobre outra cartela branca. Abaixo da barra temos um rodapé de azulejos com marmoreado púrpura. Este conjunto azulejar possivelmente data da primeira metade do século XVIII.

3.3.3.3. Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes

O muro com namoradeiras e alegretes (fig. 121), junto ao relvado em frente à fachada principal do palácio, a escadaria (fig. 120) e o terraço com namoradeiras (fig. 119) que ligam o palácio, a capela e os jardins têm um revestimento cerâmico de traçado neoclássico²⁷⁶ e estilo D. Maria.²⁷⁷ A azulejaria neoclássica em Portugal decorreu entre 1780 e 1830²⁷⁸ e teve como principal fornecedor a Real Fábrica de Loiça do Rato (1767-1835).²⁷⁹ O gosto neoclássico recorria aos medalhões circulares, ovais ou quadrangulares com molduras em fitas, coroadas com folhagens, elementos decorativos lineares, urnas e taças, grinaldas envolvendo os elementos, sobre um fundo branco que criava uma

²⁷⁶ COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Op. cit.*

²⁷⁷ FÉRIN, Pedro Ivo. *Orçamento para salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da Igreja e escadaria de acesso*. 22 de agosto de 2008.

²⁷⁸ Cf. *Cronologia de Azulejos portugueses*. Em linha. 2014. Disponível em: <https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/timeline/>. [visualizado em 2025-10-24].

²⁷⁹ PEREIRA, João Castel-Branco. O azulejo neoclássico. In: PORTUGAL. MNAz; Alexandre Nobre PAIS e João Castel-Branco PEREIRA, ed. lit. *Cerâmica neoclássica em Portugal*. Lisboa: MNA, 1997, p. 18.

espacialidade delimitada pelos ornamentos.²⁸⁰ Os primeiros silhares de azulejos neoclássicos tinham ornatos arquitetónicos como platibandas, socos, pilastras retas e almofadas de cantaria criando uma ilusão ótica.²⁸¹ O revestimento cerâmico do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes da Quinta de Suberra seguem a estética neoclássica, contudo não foram produzidos nesse período e constituem um revivalismo do século XX. Os azulejos são policromos (branco, amarelo, púrpura, verde-seco, castanho e azul-claro), a temática é ornamental numa composição de repetição de medalhões com elementos arquitetónicos.



Fig. 119 e 120 - Vista do terraço com namoradeiras e da escadaria com revestimento azulejar de feição neoclássica.



Fig. 121 – Vista de muro com namoradeiras e alegretes com revestimento azulejar de feição neoclássica.

²⁸⁰ O azulejo neoclássico. In: PORTUGAL. MNAz; Alexandre Nobre PAIS e João Castel-Branco PEREIRA, ed. lit. *Cerâmica neoclássica em Portugal*. Lisboa: MNA, 1997, pp. 21 e 22.

²⁸¹ IDEM. *Ibidem*, p. 22.

O revestimento cerâmico (fig. 122 a 125) tem um fundo branco sobre o qual temos recortes retangulares com esponjado amarelo com contorno que sugere reentrância, num primeiro plano sobreposto temos medalhões brancos com vasos floridos com espirais laterais sobre peanha decorada com folhas de acanto, à volta temos festões de folhagem de cor púrpura e azul-clara a unir. A envolver os medalhões temos filetes amarelos que também estão presentes na horizontal e nalguns apontamentos na vertical ao longo do revestimento azulejar. O fundo tem uma tonalidade azul-clara no guarda-corpo direito da escadaria e no muro com namoradeiras e alegretes. Ao longo do revestimento temos um rodapé marmoreado a branco, verde-seco e castanho. A composição sugere a volumetria e a incidência da luz.



Fig. 122 e 123 - Pormenor de revestimento azulejar no terraço e na escadaria.



Fig. 124 e 125 – Pormenor de alegrete e muro com namoradeiras com revestimento azulejar.

Conforme documentação consultada da CMVFX, em 2007²⁸² e 2008²⁸³ são apresentados orçamentos para a salvaguarda do revestimento azulejar do terraço e da escadaria da responsabilidade dos técnicos de conservação e restauro Isabel Colher e Pedro Ivo Férin. Nessa época os azulejos foram tratados pelos técnicos de conservação e restauro Isabel Colher, Pedro Ivo Férin, e Loubet Simões²⁸⁴. Nestes documentos técnicos é mencionado que estes silhares policromos têm o estilo D. Maria e são produzidos pela Fábrica Sant'Anna no século XX²⁸⁵, cuja assinatura encontramos num dos painéis do terraço, apontamos a década de 50 como a data de produção destes azulejos por ser a época em que João Guedes de Sousa investiu em obras de melhoramento que incluíram a colocação de azulejos e, pelo facto, da assinatura não ter as iniciais H. C. de Henrique Constâncio que foi proprietário da Fábrica Sant'Anna até 1937.²⁸⁶ O traçado neoclássico e estilo D. Maria dos azulejos vai ao encontro da tendência revivalista na produção de azulejos em Portugal em meados do século XX. O muro de suporte com as namoradeiras e alegretes, com o mesmo tipo de revestimento, necessita de uma intervenção urgente de conservação e restauro, devido a problemas de drenagem o muro sofreu um desnível que causou danos a alguns azulejos.

Análise comparativa

O revestimento azulejar do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes da Quinta Municipal de Subserra (fig. 126 e 127) é idêntico ao revestimento azulejar dos muros com alegretes no Jardim Botânico (fig. 128) e no antigo Jardim do Labirinto (fig. 129) do Palácio Nacional de Queluz. O antigo Jardim do Labirinto foi construído nos anos

²⁸² COLHER, Isabel. *Orçamento*. 30 de julho de 2007.

²⁸³ IDEM - *Proposta de orçamento para a salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da Igreja e escadaria de acesso da Quinta de Subserra – VFX*. 21 de agosto de 2008. FÉRIN, Pedro Ivo. *Orçamento para salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da Igreja e escadaria de acesso*. 22 de agosto de 2008.

²⁸⁴ Segundo um blogue temos a seguinte informação sobre a intervenção de Loubet Simões: “2008 Execução e coordenação do restauro dos azulejos pertencentes ao Terraço da Igreja e escadaria de acesso da Quinta de Sub Serra, em Alhandra, para a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira”. Cf. SILVA, Manuel. “Quem é Loubet Simões?”. In: *Obras da Igreja da Ota*. Em linha. 28 de setembro de 2009. Disponível em: <https://obrasdaigrejadaota.blogspot.com/2009/09/quem-e-loubet-simoes.html>. [visualizado em 2024-09-23].

Contactamos Loubet Simões que confirmou esta informação.

²⁸⁵ COLHER, Isabel. *Op. cit.*, p. 2. FÉRIN, Pedro Ivo. *Op. cit.*, p. 2.

²⁸⁶ COUCEIRO, Gonçalo. *Elementos para a história da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna, desde 1741*. Em linha. 2015, p. 29. Disponível em: https://www.academia.edu/38490205/Elementos_para_a_Hist%C3%B3ria_da_F%C3%A1brica_de_Azulejos_SantAnna_desde_1741. [visualizado em 2025-08-31].

60 do século XVIII²⁸⁷, mais exatamente no ano de 1764²⁸⁸, por sua vez, o Jardim Botânico foi construído entre 1769 e 1776 sofrendo alterações e danos ao longo do tempo, entre 2015 e 2017 é alvo de reabilitação que mereceu em 2018 o prémio Europa Nostra na categoria de conservação.²⁸⁹ Os revestimentos azulejares dos muros com alegretes nestes jardins do Palácio Nacional de Queluz seguem o gosto setecentista de estilo neoclássico, contudo foram construídos no século XX.²⁹⁰ Na Quinta de Suberra os azulejos seguem a mesma estética e datam também do século XX, em Suberra a autoria pode ser verificada pela presença da assinatura da Fábrica Sant'Anna, enquanto que em Queluz não encontramos a presença de assinaturas. Ao nível do estilo, das cores e da iconografia os revestimentos de Queluz e de Suberra são semelhantes, sendo a principal diferença o facto dos ramos floridos serem diferentes em vários vasos de Queluz (fig. 130 a 133), enquanto em Suberra o ramo florido tem sempre a mesma composição nos vários vasos. Outro pormenor é o facto de o rodapé de Queluz ser um marmoreado verde-seco e branco, enquanto em Suberra é verde-seco, castanho e branco.

²⁸⁷ LIMA, Pereira de. *Jardim do Palácio de Queluz/Quinta Real de Queluz*. IPA.00024040. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2005. Disponível em:

http://monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24040. [visualizado em 2024-10-06].

²⁸⁸ Conforme placa informativa no jardim e aplicação ZOOMGUIDE. *Jardins do Palácio Nacional de Queluz: 161 – Antigo Jardim do Labirinto*. Em linha. Disponível em:

https://www.zoomguide.app/attraction/123?searchMode=list_search&activeZone=outdoor. [visualizado em 2025-10-21].

²⁸⁹ ZOOMGUIDE. *Jardins do Palácio Nacional de Queluz: 173 – Jardim Botânico*. Em linha. Disponível em: https://www.zoomguide.app/attraction/123?searchMode=list_search&activeZone=outdoor. [visualizado em 2025-10-21].

²⁹⁰ Cf. *Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz*. Em linha. 12/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aqduyk-W-NQ>>. [visualizado em 2025-10-21]. SANCHES, Ana. Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: do passado ao futuro. In: Nadja HORSCH; Michael SCHOLZ-HÄNSEL e Marta OLIVEIRA SONIUS. *Gardens of the Iberian Peninsula: news perspectives on na entangled history*. Em linha. Berlim: Frank & Timme, 2023, p. 296. Disponível em: https://www.parquesdesintra.pt/media/xpddbc0m/gardensoftheiberianpeninsula_ana_sanches.pdf. [visualizado em 2025-10-21].



Fig. 126 – Revestimento de azulejos no terraço da Quinta Municipal de Suberra.



Fig. 127 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes da Quinta Municipal de Suberra.



Fig. 128 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes no Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz.



Fig. 129 – Revestimento de azulejos do muro com alegretes no antigo Jardim do Labirinto do Palácio Nacional de Queluz.



Fig. 130 a 133 – Ramos diferentes dos vasos dos alegretes do Jardim do Botânico do Palácio Nacional de Queluz.

3.3.3.4. Canteiros, banco, murete e escadarias



Fig. 134 – Canteiro com azulejos de figura avulsa azuis e brancos.



Fig. 135 – Mesa de mármore e banco corrido com azulejos de figura avulsa azuis e brancos.

Nos jardins temos canteiros (fig. 134), banco (fig. 135), murete (fig. 137) e escadarias (fig. 136) com revestimento de azulejos de figura avulsa a azul de cobalto e vidrado branco cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Nos canteiros do jardim barroco estes azulejos têm como motivo central flores diversas. No banco corrido, junto a uma mesa de mármore, o motivo central são flores, barcos, coelhos, castelos, cestas de fruta, pássaros e figuras



Fig. 136 – Escada em “L” com azulejos de figura avulsa azuis e brancos.



Fig. 137 – Vista do murete junto à escada que dá acesso à casa de fresco

humanas. Em 2004, Loubet Simões procedeu à conservação e restauro dos azulejos deste banco do jardim (fig. 135).²⁹¹ No murete, junto à escada que dá acesso à casa de fresco, os azulejos têm como motivo central flores, pássaros, barcos e coelhos. O murete divide-se em seis secções, cada painel de azulejos de figura avulsa tem uma cercadura, as secções 1 e 6 têm o mesmo tipo de cercadura que é idêntico à C-18-00018²⁹² e as restantes secções que têm outro tipo. Na escada constituída por quatro degraus, junto ao relvado, temos duas estruturas quadrangulares revestidas com padrão de azulejo de figura avulsa com motivo central flores, numa face um padrão que ao juntar quatro azulejos forma estrelas de oito pontas e noutra face um padrão constituído por azulejos cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Na escada em "L", que tem um patamar intermédio, o guarda-corpo está revestido por seis painéis de azulejos de figura avulsa com moldura de cercadura de padrão pombalino idêntico ao C-18-00011²⁹³ em azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco. Quatro painéis têm azulejos de figura avulsa sem ornamentação nos cantos e dois painéis têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão" nos cantos, o motivo central dos azulejos são as flores, os pássaros e veados. Ao longo dos degraus na zona do rodapé temos azulejos com um marmoreado azul. Os azulejos destes canteiros, banco, murete e escadarias são da primeira (barrocos) e da segunda metade do século XVIII (pombalinos) (fig. 138 a 140).

²⁹¹ Confirmamos com Loubet Simões qual o banco que tinha sido intervencionado e que é referido num blogue: “2004 Técnico responsável pela equipa que executou o assentamento e tratamento dos azulejos pertencentes a um banco localizado na Quinta de Sub-Serra, em Vila Franca de Xira, para a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.”. Cf. SILVA, Manuel. “Quem é Loubet Simões?” In: *Obras da Igreja da Ota*. Em linha. 28 de setembro de 2009. Disponível em:

<https://obrasdaigrejadaota.blogspot.com/2009/09/quem-e-loubet-simoes.html>. [visualizado em 2025-09-12].

²⁹² Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador C-18-00018. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&IPR=7785>>. [visualizado em 2024-10-14].

²⁹³ Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador C-18-00011. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>. [visualizado em 2024-10-14].



Fig. 138 – Escada, junto ao relvado, com duas estruturas quadrangulares revestidas com azulejos de figura avulsa.



Fig. 139 – Pormenor da estrutura quadrangular revestida com azulejos de figura avulsa.



Fig. 140 – Pormenor de painel de azulejos de figura avulsa de escada em “L”.

3.3.3.5. Banco do jardim barroco

O banco do jardim barroco (fig. 141) tem um revestimento de azulejos de padrão e friso policromos datável de c. 1950. Cada face tem um padrão de dois azulejos de altura por 10 azulejos de largura emoldurado por um friso de azulejo. Os azulejos de padrão têm fundo branco com tons de amarelo, azul-escuro e contornos a azul-escuro, decorados por folhas de acanto nos cantos do padrão de 2x2, linhas contracurvadas, ferromerries e volutas, o motivo central é um quadrado. O padrão tem semelhanças com o P-17-01082²⁹⁴ e o P-17-01033²⁹⁵ ao nível das linhas contracurvadas, das cores e da utilização de folhas de acanto nos cantos. A principal diferença é que este padrão tem um quadrado como motivo central, enquanto no P-17-01082 e no P-17-01033 o motivo central é um losango. Este tipo de padrão foi integrado em composições de "caixilhos compostos" produzidos entre o final do século XVI e a década de 1630.²⁹⁶ O friso tem tons de amarelo, azul-escuro e azul-claro com linhas contracurvadas, motivos geométricos e vegetalistas.

²⁹⁴ Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador P-17-01082. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=1953&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>. [visualizado em 2024-10-14].

²⁹⁵ Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador P-17-01033. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=189&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>. [visualizado em 2024-10-14].

²⁹⁶ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 31.



Fig. 141 – Banco do jardim barroco.



Fig. 142 – Silhar de azulejos da Estação Ferroviária de Urrós (Mogadouro, Bragança). Fotografia: Bruno Cabrita, 2016.²⁹⁷

Análise comparativa

O padrão de azulejos do banco do jardim barroco da Quinta de Suberra é idêntico ao silhar de azulejos de padrão da Estação Ferroviária de Urrós (Mogadouro, Bragança)²⁹⁸

²⁹⁷ Fonte da imagem: OLIVEIRA, Armando. *Estação Ferroviária de Urrós. IPA.00035689*. Em linha. 2016. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689. [visualizado em 2025-09-12].

²⁹⁸ Vide OLIVEIRA, Armando. *Estação Ferroviária de Urrós. IPA.00035689*. Em linha. 2016. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689. [visualizado em 2025-09-12].

(fig. 142), o emolduramento é diferente sendo constituído por um friso em Subterra de motivo diferente da cercadura de Urrós. Esta estação ferroviária foi inaugurada em 1938, por esse motivo o revestimento cerâmico do banco do jardim barroco poderá datar do período das obras implementadas por João Guedes de Sousa, entre 1947 e 1950, contudo a sua decoração tem inspiração na azulejaria do final do século XVI até 1630.

3.3.3.6. Fonte parietal

No terceiro quartel do século XVII há uma renovação temática presente nos painéis figurativos com representações profanas para a arquitetura palaciana. Segundo José Meco, as composições apesar da “sua relativa incipiência” começam a desenvolver a representação da perspectiva no espaço e, entre 1660 e 1680, há uma “exacerbação momentânea da policromia” nos azulejos. Nesta fase de transição os azulejos têm um contorno carregado a manganês, às cores amarelas e azuis juntam-se os verdes de cobre e os roxos de manganês.²⁹⁹ Os painéis de azulejos da fonte parietal (fig. 143 a 155) enquadram-se neste momento da azulejaria portuguesa.

No final do jardim barroco, num patamar superior, temos na parede de uma pequena construção de dois pisos, do lado esquerdo, uma fonte parietal com uma taça conchiforme, ladeada por um banco de cada lado, a encimar a taça temos dois golfinhos ou peixes



Fig. 143 – Fonte parietal com esculturas, revestimento de embrechados e azulejos.

²⁹⁹ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 37.

entrelaçados esculpidos em alto-relevo sobre um fundo de ondas por onde flui a água, do lado direito temos uma coluna da mesma altura da estrutura da fonte. Na parte superior, ocupando dois terços da área da fonte, tem revestimento com a técnica dos embrechados e na parte inferior, ocupando um terço, tem revestimento cerâmico datável entre 1650 e 1680 distribuído por nove painéis (fig. 144 e 145) figurativos e ornamentais policromos (vidrado branco, amarelo, verde esmeralda, púrpura, castanho, azul de cobalto e contorno preto).



Fig. 144 – Esquema de leitura do revestimento cerâmico da fonte parietal.

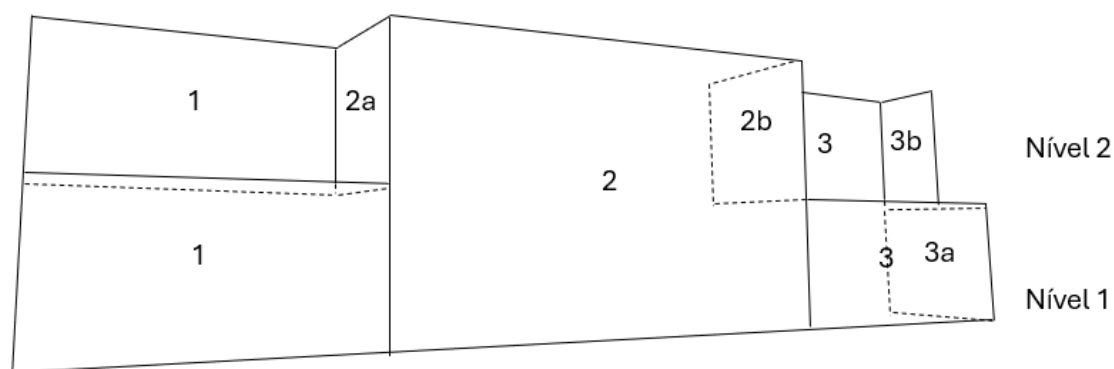


Fig. 145 – Esquema de leitura 3D do revestimento cerâmico da fonte parietal.

Todos os painéis têm pintada uma moldura amarela combinada com um contorno preto de espessuras diferentes dando a ilusão de sombra. O revestimento cerâmico nas secções 1 e 3 do nível 1 (fig. 146 e 147) é composto por españolette sobre concha com motivos vegetalistas, arquitetónicos e volutas, na parte inferior a ladear temos garras de animal



Fig. 146 – Painéis de azulejos da secção 1, níveis 1 e com lacunas e azulejos que não pertencem.



Fig. 147 – Painel da secção 3, nível 1 em estilo gótico com espagnolette sobre concha.

e a encimar o espagnolette temos uma conta. As secções 2a e 2b do nível 2 (fig. 148 e 149) têm espagnolettes sem concha, motivos vegetalistas e volutas, uma conta ao centro em cima e em baixo. Nas secções 3 e 3a do nível 1, na secção 2, nas secções 2a e 2b do nível 2 nas cantoneiras temos um friso vertical de bordos simétricos amarelos, fundo branco com flor quadripétala verde com núcleo amarelo no centro e nas ligações do azulejo, a ladear a



Fig. 148 – Secção 2a, nível 2 com espagnolette sem conchas, tem lacunas e azulejos não pertencentes.



Fig. 149 – Secção 2b, nível 2 com espagnolette sem concha e friso florido.

flor central temos ramagens com duas flores amarelas em cada lado. Nas secções 1 e 3 do nível 2 (fig. 150, 151 e 153) os painéis são compostos por dois ramos floridos maiores



Fig. 150 – Secção 1, nível 2 com azulejos policromos com argolas, laçaria e ramos floridos, em mau estado de conservação.



Fig. 151 - Secção 3, nível 2 com azulejos policromos com argolas, laçaria e ramos floridos.

e um ramo menor no centro pendurados por três argolas através de laçaria. Nas secções 3a e 3b dos níveis 1 e 2 (fig. 152) os painéis têm um ramo pendurado por uma argola



Fig. 152 – Secção 3a, nível 1 com ramo pendurado por argola e laçaria.



Fig. 153 - Painéis de azulejos da secção 3, níveis 1 e 2.

através de laçaria. A secção 2 (fig. 154 e 155) tem o painel maior central composto por dois *putti* que sustentam com os seus braços a taça da fonte, sentados sobre golfinhos que deitam jatos de água pela boca com motivos vegetalistas e arquitetónicos. Nas secções 1 (nível 1), 2a (nível 2) e 2 encontramos lacunas preenchidas por azulejos ornamentais azuis e brancos e policromos (branco, azul e amarelo) que não pertencem aos painéis.

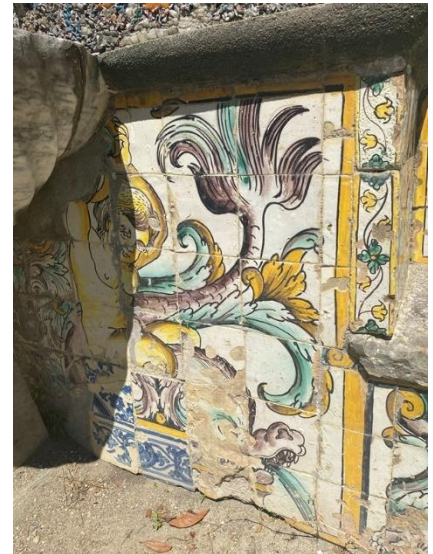


Fig. 154 e 155 - Pormenores do painel central, secção 2, com dois *putti* e golfinhos.

Os painéis azulejares da fonte parietal caracterizam-se pela intensidade cromática do desenho figurativo a amarelo, verde esmeralda, púrpura, castanho, azul e contorno preto sobre um fundo branco. Cada painel é limitado por cercadura amarela com contorno preto

que dá a ilusão de sombra/profundidade. De acordo com Ana de Jesus Rui L. Almeida ³⁰⁰, podemos considerar esta ornamentação dos painéis como de brutesco sendo composta por: argolas, laçarias, flores, animais (golfinhos e garras), espagnolettes sobre concha, *putti* e folhas de acanto. Ao nível técnico é uma pintura em majólica com fundo branco e contornos a manganês, cromaticamente intensa.³⁰¹

3.3.3.7. Antigo tanque de rega

No patamar superior, no fundo do jardim de buxo barroco, do lado direito temos um **tanque de rega** adaptado a piscina que foi revestido com azulejaria figurativa, ornamental e policroma em tons de azul, verde esmeralda, amarelo, púrpura, branco e contornos a preto, na qual constam as assinaturas da Fábrica Sant'Anna e do pintor Rogério Amaral. A composição é constituída por seis cenas mitológicas inseridas em cartelas com moldura vegetalista encimada por uma concha, o conjunto azulejar tem moldura vegetalista. Conforme as assinaturas nos painéis da Fábrica Sant'Anna sem as iniciais H.C. de Henrique Constâncio, proprietário da fábrica até 1937³⁰², os azulejos terão sido produzidos na década de 50 do século XX, imitando azulejos do século XVII.

Os azulejos estão distribuídos por quatro paredes (fig. 156), sendo que as paredes 1 e 3 (fig. 157 e 159) têm uma secção cada e as paredes 2 e 4 (fig. 158 e 160) têm duas secções cada. Cada secção tem uma cena mitológica aquática em tons de azul e branco inscrita num medalhão emoldurado por festões de folhagem de acanto com volutas, flores e

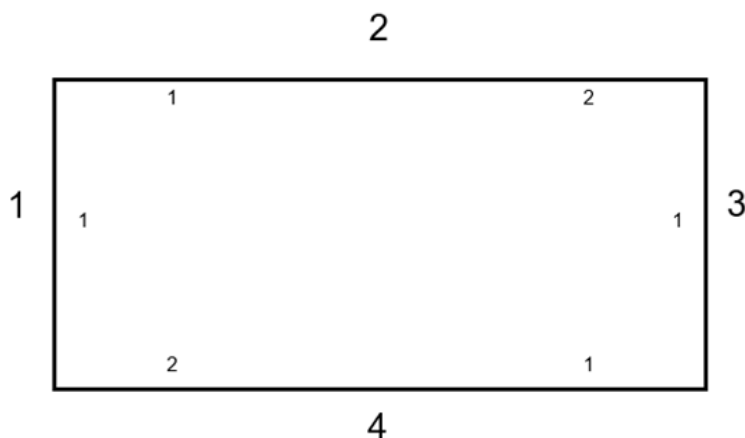


Fig. 156 – Esquema de leitura do revestimento cerâmico do antigo tanque de rega.

³⁰⁰ ALMEIDA, Ana de Jesus Rui L. *O azulejo: técnicas e padrões*. [S.l.: s.n.], 2006, p. 32.

³⁰¹ IDEM. *Ibidem*, p. 33.

³⁰² COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, p. 29.



Fig. 157 - Parede 1, secção 1



Fig. 158 - Parede 2, secções 1 e 2.



Fig. 159 - Parede 3, secção 1.



Fig. 160 - Parede 4, secções 1 e 2.

concha policromos. A ladear cada secção temos enrolamentos de festões de folhagem de acanto, flores e ramos com pequenas folhas (fig. 161). Todo o revestimento cerâmico é emoldurado por barra com bordos amarelos simétricos com composição de enrolamentos de folhas de acanto e flores nas extremidades. A barra superior é encimada por friso em tons de verde esmeralda (fig. 162). Num nível superior, num degrau do antigo tanque de rega, temos uma cercadura com bordos amarelos simétricos, enrolamentos de folhas de acanto e flores amarelas nas extremidades (fig. 163).



Fig. 161 – Pormenor dos enrolamentos de festões de folhagem de acanto, flores e ramos com pequenas folhas que ladeiam cada secção. Fotografia: CMVFX.



Fig. 162 – Pormenor de friso verde esmeralda e barra com bordos amarelos simétricos com composição de enrolamentos de folhas de acanto e flores nas extremidades que emoldura o revestimento cerâmico do antigo tanque de rega. Fotografia: CMVFX.



Fig. 163 – Pormenor de cercadura com bordos amarelos simétricos, enrolamentos de folhas de acanto e flores amarelas nas extremidades. Fotografia: CMVFX.

Na parede 1, secção 1, temos um tritão com uma coroa de flores na cabeça soprando um búzio montado num golfinho rodeado por três tritões, ao fundo temos uma paisagem montanhosa (fig. 164).



Fig. 164 - Parede 1, secção 1. Fotografia: CMVFX

Na parede 2, secção 1 (fig. 165), temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), com panejamentos numa embarcação com volutas, ladeada por uma sereia que segura o panejamento e outra sereia que segura um espelho conchiforme na sua direção, à direita na água temos uma concha com pérolas.



Fig. 165 – Parede 2, secção 1. Fotografia: CMVFX.

Na parede 2, secção 2 (fig. 166), temos Neptuno com uma capa drapeada segurando um tridente, ao seu lado tem a sua esposa Salácia (Anfitrite na mitologia grega) com panejamentos, estão ambos sentados numa concha, à esquerda na água temos uma sereia soprando um búzio e uma sereia segurando a capa de Neptuno.



Fig. 166 - Parede 2, secção 2. Fotografia: CMVFX.

Na parede 3, secção 1 (fig. 167), temos Neptuno envolto em panejamentos que segura um tridente e dirige o seu carro de água puxado por dois cavalos-marinhos.



Fig. 167 – Parede 3, secção 1. Fotografia: CMVFX.

Na parede 4, secção 1 (fig. 168), temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), sentada envolta em panejamentos ladeada por duas sereias, com um golfinho à esquerda e um tritão que sopra um búzio à direita num plano recuado.



Fig. 168 - Parede 4, secção 1. Fotografia: CMVFX

Na parede 4, secção 2 (fig. 169), temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), num barco em forma de concha ladeada à esquerda por uma sereia que acompanha um golfinho, num plano recuado à esquerda temos uma sereia que sopra um búzio.



Fig. 169 - Parede 4, secção 2. Fotografia: CMVFX.

3.3.4. Casa de fresco

O acesso à **casa de fresco** é feito por um caminho ladeado por um amplo muro de suporte com contrafortes, situado num nível inferior em relação ao jardim de buxo. A casa de fresco tem uma fonte, um banco corrido, um teto decorado com embrechados com o brasão da Família Roxas e paredes revestidas com azulejos policromos (fig. 170 e 171) em tons de azul de cobalto, amarelo, verde esmeralda, púrpura, preto e vidrado branco³⁰³ que compõem painéis ornamentais e figurativos de temática mitológica, datáveis entre 1650 e 1680 de acordo com a cronologia definida por João Miguel dos Santos Simões³⁰⁴, e painéis de padrão e cercaduras de estilo pombalino em tons de azul de cobalto e vidrado branco, datáveis entre 1770 e 1820. Os painéis de cenas mitológicas com personagens marinhos representam o céu, o mar e a terra e terão tido como modelos gravuras de Jean Lepautre (1618-1682), que por sua vez se basearam n' "As metamorfoses" de Ovídio (tabela 5). Com efeito, no terceiro quartel do século XVII há uma renovação temática nos painéis de azulejos policromos figurativos que se inspiravam em temas mitológicos e clássicos.³⁰⁵ Em 1998, Ana Paula Correia referia que a mitologia era um tema pouco estudado nas artes

³⁰³ CÂMARA, Teresa. *Op. Cit.*

³⁰⁴ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 13.

³⁰⁵ MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985, p. 37.



Fig. 170 e 171 – Vistas dos painéis de azulejos da casa de fresco.

plásticas em Portugal, sendo um tema pouco frequente na pintura barroca que foi dominada pela temática religiosa, foi presente na azulejaria portuguesa cuja principal fonte de inspiração foram as *Metamorfoses* de Ovídio materializadas em gravuras estrangeiras que serviram de modelo aos pintores ceramistas que as adaptaram aos painéis azulejares.³⁰⁶

Tabela 5 – Gravuras que serviram de modelo aos painéis com cenas mitológicas da casa de fresco.

| Revestimento cerâmico da Quinta de Suberra | Gravura |
|--|--|
| “Neptuno no seu carro de água”. | “Neptune sur son char” de Jean Lepautre, gravura n.º 1542, editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666 (metade direita serviu de modelo). |
| “Ácis e Galateia num carro nupcial” | “Acis et Galatée sur un char nuptial” de Jean Lepautre, gravura n.º 1541, editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666 (metade esquerda serviu de modelo). |

O revestimento cerâmico da casa de fresco distribui-se por duas paredes, cada uma com duas secções distintas (fig. 172). Na parede 1, secção 1 (fig. 173) temos um painel composto por um padrão floral e geométrico em tons de azul de cobalto e vidro branco formando uma rede de losangos unida por flor quadripétala sobre a qual está pintada uma circunferência aguarelada, no centro do padrão temos um painel de 3x5 azulejos policromos (vidrado branco, amarelo, verde esmeralda, púrpura, azul de cobalto e preto) figurativos que estão misturados e parecem pertencer aos painéis mitológicos presentes na casa de fresco. A encimar o padrão temos uma cercadura policroma de fundo branco com

³⁰⁶ CORREIA, Ana Paula. Palácios, azulejos e metamorfoses. *Oceanos*. 1998 (out.) -1999 (mar.), n.º 36-37, pp. 181, 195 e 197.

folhas de acanto amarelas e verde esmeralda que envolvem uma barra azul com uniões amarelas, os contornos são pretos e os bordos são amarelos e simétricos. No rodapé temos

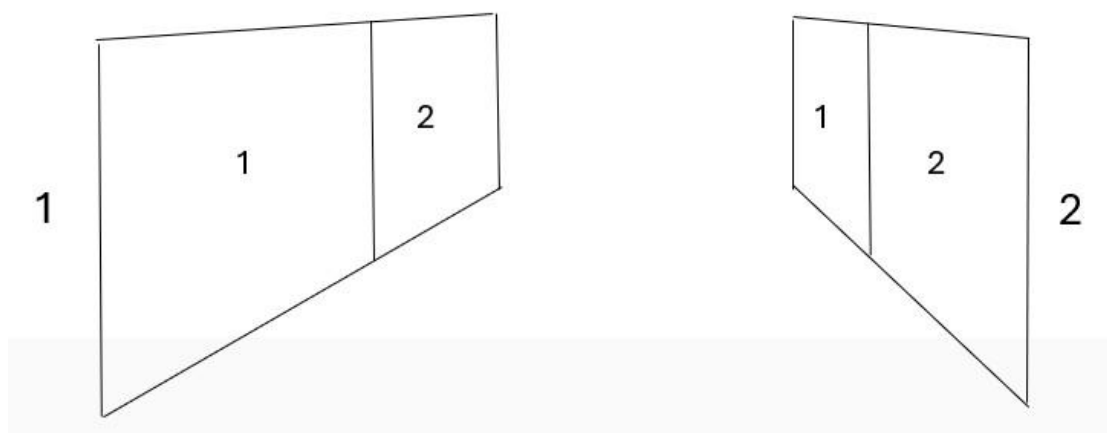


Fig. 172 – Esquema de leitura 3D do revestimento cerâmico da casa de fresco.



Fig. 173 – Parede 1, secção 1.

uma cercadura em tons de azul e branco com folhas que envolvem uma barra, tem bordos azuis e brancos simétricos. Esta secção tem sete azulejos de altura (incluindo as cercaduras) por sete azulejos de largura.

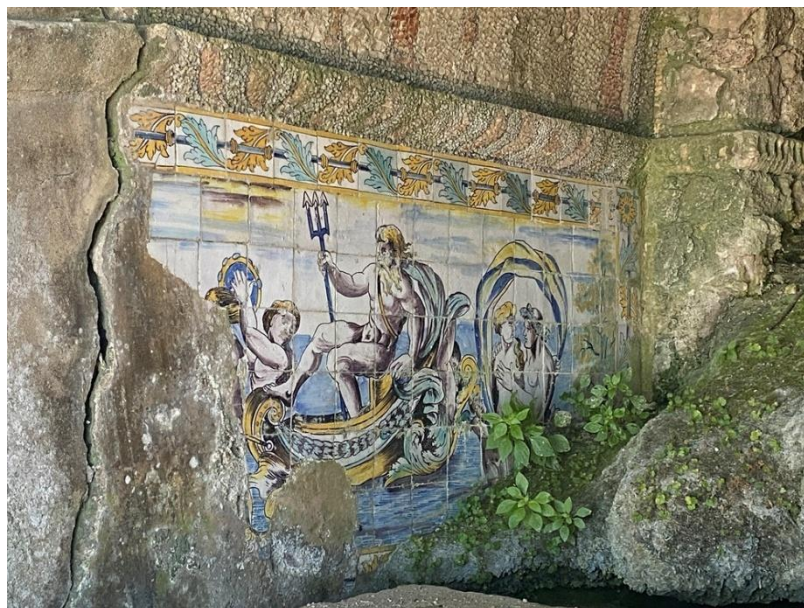


Fig. 174 – Parede 1, secção 2.

Na parede 1, a secção 2 (fig. 174) tem um painel figurativo policromo (vidrado branco, amarelo, azul de cobalto, púrpura, verde esmeralda e preto) de temática mitológica que apresenta uma iconografia de acordo com a descrição do capítulo "Carro dell'Acqua" da obra de Cesare Ripa³⁰⁷ que representa "Neptuno no seu carro de água", de pé segurando o tridente e com uma capa drapeada, ladeado à esquerda por um tritão que toca pandeireta e, à direita, por um tritão e uma nereida envoltos por um panejamento em arco. O carro é ricamente decorado com volutas, folhas de acanto e grinaldas. No lado direito do painel temos uma árvore de folhas amarelas e, do lado esquerdo, verifica-se a interrupção do desenho que deveria apresentar os cavalos que puxam o carro e o tritão que o conduz do qual apenas vemos os cabelos amarelos. Este painel tem uma moldura constituída por uma cercadura superior e inferior idêntica à cercadura do cabeçalho da secção 1 (parede 1) e secção 2 (parede 2), esta moldura apresenta interrupções do lado esquerdo e no rodapé. Esta secção tem oito azulejos de altura (incluindo as cercaduras), não é possível determinar o número de azulejos de largura devido às lacunas. A gravura de Jean Lepautre n.º 1542³⁰⁸ "Neptune sur son char", editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666³⁰⁹, na sua metade

³⁰⁷ RIPA, Cesare. *Iconologia: ovvero: descrizione di diverse imagini cuate dall'antichità, & di própria inuentione, trouate, & dichiarate*. Roma: Appresso Lepido Faeÿ, 1603, pp. 57 e 58.

³⁰⁸ PRÉAUD, Maxime. *Inventaire du fonds français, graveurs du XVII^e siècle: Jean Lepautre (deuxième partie)*. Em linha. Tome 12. Paris: Bibliothèque nationale de France, 1999, p. 156. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4227495v>. [visualizado em 2025-09-25].

³⁰⁹ *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections*. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>. [visualizado em 2025-09-25].

direita, serviu de inspiração para este painel da casa de fresco cuja principal diferença é Neptuno não ser coroado por um *putto*.



Fig. 175 – Parede 2, secção 1.

Na parede 2, a secção 1 (fig. 175) tem um painel figurativo policromo (vidrado branco, amarelo, azul de cobalto, púrpura, verde esmeralda e preto) de temática mitológica, inspirado no livro XIII d’ “As metamorfoses” de Ovídio, representando “Ácis e Galateia num carro nupcial”. Galateia segura numa mão uma rosa e noutra o panejamento em arco que a envolve com Ácis, à esquerda temos uma árvore de folhas amarela, um tritão com uma lira na mão e um *putto* nas suas costas, à direita temos dois cupidos que conduzem o carro nupcial puxado por cavalos-marinhos cuja representação está interrompida. O carro nupcial é ricamente decorado com motivos arquitetónicos, folhas de acanto e um rosto-máscara envolto em folhas de acanto. Este painel tem uma moldura idêntica ao painel de Neptuno no seu carro, neste caso interrompida do lado direito e no rodapé. A gravura de Jean Lepautre n.º 1541³¹⁰ “Acis et Galatée sur un char nuptial”, editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666³¹¹, na sua metade esquerda, serviu de inspiração para este painel da casa de fresco cuja principal diferença é ter menos um *putto* a puxar o carro de água.

³¹⁰ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, 1999, pp. 155 e 156.

³¹¹ *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections*. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-2-acis-et-galatee-sur-un-char-nuptial-f12e12fb-514f-4ee0-816b-d6d781f106e6>. [visualizado em 2025-09-25].



Fig. 176 – Parede 2, secção 2.

O painel da parede 2, secção 2 (fig. 176) é semelhante ao painel da parede 1, secção 1 que é composto por um padrão azul e branco que forma uma rede de losangos unidos por flor quadripétala. As diferenças são as seguintes: tem uma largura maior de dez azulejos e o padrão constituído por uma miscelânea de azulejos não está centrado e, além dos azulejos figurativos, tem azulejos ornamentais de várias proveniências (cantos de cercadura, motivos florais, barras, almofadas). A encimar temos a mesma cercadura policroma que vem da secção 1 da parede 2. No rodapé temos uma cercadura idêntica à cercadura da parede 1, secção 1. Esta secção tem 7 azulejos de altura (incluindo as cercaduras).

Observando o revestimento cerâmico do interior da casa de fresco verifica-se o seu mau estado de conservação, a lacuna de alguns azulejos, manchas e rachas, por outro lado temos painéis que reúnem uma miscelânea de azulejos numa aparente tentativa de preenchimento das paredes. Há um contraste entre a riqueza artística dos painéis de temática mitológica e os painéis laterais compostos de modo aleatório.

Análise comparativa

Os painéis de temática mitológica da casa de fresco da Quinta de Suberra (fig. 177 e 178) podem ser comparados ao painel do MNAz (n.º inv. 141 Az) que representa o “Cortejo de Neptuno e Anfitrite”, produzido em Lisboa c. 1670, proveniente do antigo Convento de Odivelas (fig. 179), através deste paralelismo podemos apontar a década de 70 do século XVII como possível data de produção dos azulejos da Quinta de Suberra.

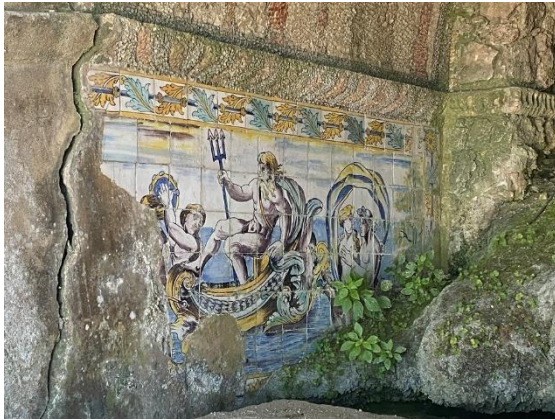


Fig. 177 – “Neptuno no seu carro de água”, parede 1, secção 2



Fig. 178 – “Ácis e Galateia num carro nupcial”, parede 2, secção 1.



Fig. 179 – “Cortejo de Neptuno e Anfitrite”, Lisboa c. 1670, prov. do antigo Convento de Odivelas. MNAz n.º inv. 141 Az.³¹²



Ce vendent a Paris ches Pierre Mariette rue S^t Jacques a l'esperance avec privilege du Roy
Fig. 180 – Metade superior da gravura n.º 1570³¹³ “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” de Jean Lepautre.³¹⁴

³¹² Fotografia do MNAz. *Cortejo de Neptuno e Anfitrite*. Em linha. Disponível em: [Cortejo de Neptuno e Anfitrite — Google Arts & Culture](#). [visualizado em 2024-10-15].

³¹³ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, pp. 163 e 164.

³¹⁴ Fonte da imagem: *The Met: the collection: Drawings and Prints*. Em linha. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/399405>. [visualizado em 2025-09-25].

Ao nível das cores, da forma, do desenho, do estilo e da composição há grandes semelhanças entre os azulejos do antigo Convento de Odivelas e os azulejos da Quinta de Suberra. Há maior desenvolvimento do desenho dos drapeados e do jogo de luz e sombra nos painéis da Quinta de Suberra, por outro lado, o painel do antigo Convento de Odivelas está em excelente estado de conservação e tem o seu painel completo numa cercadura floral de inspiração têxtil de grande riqueza no seu desenho, enquanto na Quinta de Suberra divide-se em dois painéis e está em mau estado de conservação e com lacunas. Há diferenças nas cenas mitológicas aquáticas entre os painéis e nas gravuras de Jean Lepautre que serviram de inspiração a cada painel. O painel de azulejos “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” do antigo Convento de Odivelas inspirou-se na gravura n.º 1570 (fig. 180)³¹⁵ com o mesmo título de Jean Lepautre, editada por Pierre Mariette le fils entre 1640 e 1682³¹⁶, na metade superior da gravura. A iconografia do “Cortejo de Neptuno e Anfitrite”, adaptada ao meio terrestre, também está presente num silhar de azulejos na escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa (fig. 181).



Fig. 181 – Pormenor de silhar de azulejos com “Cortejo de Neptuno e Anfitrite” na Escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa).

O painel “Neptuno no seu carro de água” na parede 1, secção 2 (fig. 182) da casa de fresco encontrou a sua inspiração na metade direita da gravura de Jean Lepautre n.º 1542

³¹⁵ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, pp. 163 e 164.

³¹⁶ *The Met: the collection: Drawings and Prints*. Em linha. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/399405>. [visualizado em 2025-09-25].

(fig. 183 e 184)³¹⁷ “Neptune sur son char”, editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666³¹⁸, a principal diferença é Neptuno não ser coroado por um *putto*, como já tínhamos referido.



Fig. 182 - “Neptuno no seu carro de água”, parede 1, secção 2.



Fig. 183 – Pormenor da metade direita da gravura de Jean Lepautre n.º 1542 “Neptune sur son char”.

³¹⁷ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, p. 156.

³¹⁸ *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections*. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>. [visualizado em 2025-09-25].



Fig. 184 - Gravura de Jean Lepautre n.º 1542³¹⁹ “Neptune sur son char”.³²⁰



Fig. 185 - Pormenor de painel de azulejos com neptuno no seu carro de água, coroado por *putto* e Ácis e Galateia, na sala 8 da Quinta do Calhariz em Azeitão. Fotografia: Rosário Salema de Carvalho.³²¹

Conforme identificação de Rosário Salema de Carvalho³²², esta mesma representação mitológica encontra-se num painel de azulejos a azul de cobalto e vidro branco, na sala 8 da Quinta do Calhariz em Azeitão (fig. 185), contrariamente ao painel da casa de fresco da Quinta de Suberra, aqui Neptuno é coroado por um *putto* como na gravura de Jean Lepautre n.º 1542.

O painel da casa de fresco na parede 2, secção 1 (fig. 186) tem inspiração na metade esquerda da gravura de Jean Lepautre n.º 1541³²³ “Acis et Galatée sur un char nuptial”, editada por Jean Leblond entre 1648 e 1666 (fig. 187 e 188)³²⁴, a principal diferença é ter

³¹⁹ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, p. 156.

³²⁰ Fonte da imagem: *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections* [Em linha]. [Consult. 25-09-2025]. Disponível na Internet: <URL:<https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>>.

³²¹ CARVALHO, Rosário Salema de – *Op. cit.*, p. 511.

³²² IDEM – *Ibidem.*, pp. 510 e 511.

³²³ PRÉAUD, Maxime – *Op. cit.*, pp. 155 e 156.

³²⁴ *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections*. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>. [visualizado em 2025-09-25].

menos um *putto* a puxar o carro de água no painel da casa de fresco. Por sua vez, esta gravura de Jean Lepautre baseia-se no livro XIII d' "As metamorfoses" de Ovídio.



Fig. 186 - "Ácis e Galateia num carro nupcial", parede 2, secção 1.



Fig. 187 - Metade esquerda da gravura de Jean Lepautre n.º 1541 "Acis et Galatée sur un char nuptial".



Fig. 188 - Gravura de Jean Lepautre n.º 1541³²⁵ “Acis et Galatée sur un char nuptial”.³²⁶



Fig. 189 – Pormenor de silhar de azulejos com Ácis e Galateia num carro nupcial na Escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa).

Rosário Salema de Carvalho identificou a representação de Ácis e Galateia num carro nupcial num painel de azulejos a azul e branco, na Escadaria dos Cardeais do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa (fig. 189). Em relação à gravura de Jean Lepautre n.º 1541 há diferenças neste painel cuja cena mitológica foi adaptada ao meio terrestre, o carro nupcial tem rodas e circula na direção oposta, os personagens principais estão acompanhados por um músico com uma lira num cenário bucólico campestre.³²⁷

3.3.5. Dependências

Para além do palácio, da Capela de S. José, dos jardins e da casa de fresco, a Quinta de Suberra era também composta por dependências como o casario, os anexos para

³²⁵ PRÉAUD, Maxime. *Op. cit.*, pp. 155 e 156.

³²⁶ *Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections*. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-2-acis-et-galatee-sur-un-char-nuptial-f12e12fb-514f-4ee0-816b-d6d781f106e6>. [visualizado em 2025-09-25].

³²⁷ CARVALHO, Rosário Salema de. *Op. cit.*, p. 510.

arrumos de alfaías agrícolas, a adega, o pombal e a abegoaria. Parte das dependências do casario foram adaptadas para alojamento local pela CMVFX, às quais deu o nome de Casa do Olival e Vivenda Sol e Serra, outra dependência foi adaptada para escritório. Estas dependências referidas têm diversos revestimentos azulejares que iremos apresentar de seguida.

3.3.5.1. Casa do Olival

A **Casa do Olival** (fig. 190) é uma das dependências do casario da Quinta de Subserra que foi adaptada pela CMVFX numa unidade de alojamento local. As paredes exteriores da Casa do Olival são revestidas com um silhar (fig. 191 a 193) com nove azulejos em altura (incluindo os frisos e o rodapé). Os azulejos são de figura avulsa em tons de verde e branco cujos cantos têm um motivo constituído por dois semicírculos, dois pontos e três traços oblíquos. Os motivos centrais são os animais da quinta (coelho, porco, peru, ovelha, cabra, galinha, galo, touro, etc.) alternados por flores diversas. O silhar é encimado por um friso de fundo branco com bordos simétricos verdes e preenchido por quatro trevos de três folhas em cada azulejo que se repete em baixo em conjunto com um rodapé de marmoreado verde. Este revestimento cerâmico exterior possivelmente data dos anos 50 do século XX, época da campanha de obras do proprietário João Guedes de Sousa.



Fig. 190 – Vista da Casa do Olival.



Fig. 191 – Silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Casa do Olival.



Fig. 192 e 193 – Pormenores do silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Casa do Olival.

3.3.5.2. Vivenda Sol e Serra



Fig. 194 – Vista da Vivenda Sol e Serra.

A **Vivenda Sol e Serra** (fig. 194) é uma das dependências do casario da Quinta de Subserra que foi adaptada pela CMVFX numa unidade de alojamento local. As paredes exteriores da Vivenda Sol e Serra estão revestidas com um silhar (fig. 195, 197 e 198) com sete azulejos em altura (incluindo os frisos e a cercadura). Os azulejos são de figura avulsa em tons de verde e branco cujos cantos têm um motivo constituído por dois semicírculos, dois pontos e três traços oblíquos. Os motivos centrais são os animais da quinta (coelho, porco, peru, ovelha, cabra, galinha, galo, touro, etc.) alternados por flores diversas. O silhar é encimado por um friso decorado de fundo branco com bordos simétricos verdes e preenchido por quatro trevos de três folhas em cada azulejo que se repete em baixo em conjunto com um rodapé de marmoreado verde. Nalgumas zonas consta apenas o rodapé constituído pelo friso de trevos e pela cercadura de marmoreado verde (fig. 196). Este revestimento cerâmico exterior possivelmente data dos anos 50 do século XX, época da campanha de obras do proprietário João Guedes de Sousa.



Fig. 195 - Silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Vivenda Sol e Serra.



Fig. 196 – Rodapé constituído por friso de trevos e cercadura de marmoreado verde na Vivenda Sol e Serra.



Fig. 197 e 198 – Pormenores do silhar de azulejos verdes e brancos de figura avulsa da Vivenda Sol e Serra.

Ao entrarmos na Vivenda Sol e Serra temos um corredor revestido por um silhar cerâmico (fig. 199) com cercadura e rodapé com altura total de cinco azulejos. O padrão do tipo "tapete" e a cercadura são policromos (branco, azul e amarelo), inspirados no século



Fig. 199 – Silhar de azulejos policromos do corredor da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX.



Fig. 200 – Pormenor do silhar de azulejos policromos do corredor da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX.

XVII, o rodapé é composto por azulejo marmoreado a púrpura (fig. 200). O padrão tem fundo azul com o motivo central da vesica piscis ou mandorla de cor branca com contorno exterior e interior a amarelo e azul, o centro é azul com um motivo branco que resulta da interseção de quatro círculos, a restante decoração é vegetalista estilizada branca e floral branca e amarela, com volutas brancas e anéis amarelos com nervuras a unir os elementos vegetalistas. A cercadura tem fundo azul, com bordos simétricos azuis e amarelos, com elementos vegetalistas estilizados e volutas brancas e motivos florais brancos e amarelos, ramagem amarela e anel amarelo com nervuras que une ao centro os elementos vegetalistas. A cercadura delimita o silhar na parte superior numa orientação e na parte inferior noutra orientação, terminando num rodapé de marmoreado púrpura. Este revestimento cerâmico interior terá sido produzido nos anos 50 do século XX, época da campanha de obras do proprietário João Guedes de Sousa, contudo a sua estética enquadra-se na azulejaria de padrão de 1630 a 1650, de acordo com a sistematização de João Miguel dos Santos Simões.³²⁸

A sala de estar da Vivenda Sol e Serra (fig. 201) tem um silhar cerâmico (fig. 202) com cercadura e rodapé com altura total de sete azulejos. A cercadura é policroma (vidrado branco, azul-claro, azul-escuro e amarelo), o padrão é em tons de azul-claro, azul-escuro e

³²⁸ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 13.



Fig. 201 - Sala de estar da Vivenda Sol e Serra com silhar cerâmico.



Fig. 202 – Silhar cerâmico policromo da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX.

branco e o rodapé é marmoreado a púrpura. A cercadura delimita o silhar na parte superior numa orientação e na parte inferior noutra orientação. A cercadura tem contorno azul com motivo central de flor com cálice amarela com conta no centro e volutas sobre um fundo azul-claro e azul-escuro. A ladear a flor amarela temos motivos vegetalistas brancos com volutas. A cercadura tem bordos amarelos, branco e azul-escuro e um bordo maior decorado com motivo de grega entrelaçada que na ligação dos azulejos tem flor amarela do núcleo azul-escuro. O padrão tem contornos a azul sendo composto por laçarias em estrela e cruz que formam dois motivos. Um motivo em forma de estrela de oito pontas com núcleo quadrangular rodeado por contas brancas, a ladear a estrela nas quatro pontas temos

um losango envolto por contas brancas. O outro motivo está envolto numa laçaria de forma circular com um motivos vegetalistas e volutas com núcleo quadrangular. Estes azulejos enquadram-se na azulejaria de padrão de 1630 a 1650, de acordo com a sistematização de João Miguel dos Santos Simões³²⁹, considerando que a Quinta de Subserra foi fundada em 1633 a datação a atribuir situa-se entre 1633 e 1650.

Análise comparativa

O padrão do silhar (fig. 204) tem influência da azulejaria de Talavera de la Reina presente em Portugal entre o final do século XVI e o início do século XVII³³⁰, segundo João Miguel dos Santos Simões, a decoração baseada em laçarias em forma de estrela e cruz têm reminiscência na arte mudéjar.³³¹ Este padrão é idêntico ao painel de azulejos de padrão 101-43 da Coleção Berardo (fig. 203)³³² e ao conjunto de azulejos do Museu de



Fig. 203 - Painel de azulejos de padrão inv. 101-43 da Coleção Berardo.³³³



Fig. 204 – Pormenor do silhar cerâmico policromo da sala de estar da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX.

³²⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit*, tomo I, p. 13.

³³⁰ BERARDO, José. *800 anos de história do azulejo*. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020, p. 235.

³³¹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 32.

³³² BERARDO, José. *800 anos de história do azulejo*. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020, p. 241.

³³³ Fonte da imagem: BERARDO, José. *800 anos de história do azulejo*. Em linha. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020, p. 243. Disponível em: https://museuberardoestremoz.pt/pdf/Museu_Berardo_Estremoz-Catalogo.pdf. [visualizado em 2025-09-08].



Fig. 205 - Conjunto de azulejos do Museu de Alberto Sampaio inv. MAS A 127 (14).³³⁴

Alberto Sampaio MAS A 127 (14) (fig. 205)³³⁵, ambos datados do século XVII. A cercadura do silhar (fig. 207) é idêntica à C-17-00138³³⁶ e é semelhante à C-63 (fig. 206) da antessacristia do Mosteiro de Alcobaça.³³⁷

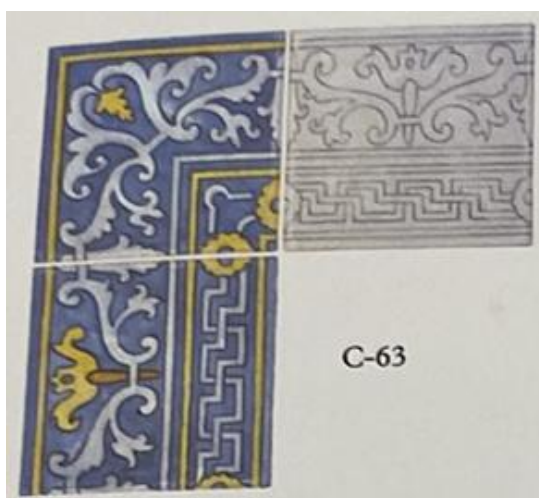


Fig. 206 – Cercadura com número/identificador C-63.³³⁸



Fig. 207 – Cercadura do silhar da sala de estar da Vivenda Sol e Serra.

³³⁴ Fonte da imagem: Museu e Monumentos de Portugal. *Raiz: plataforma destinada ao inventário, gestão e divulgação de bens culturais*. Em linha. Disponível em:

<http://raiz.museusemonumentos.pt/DetailsObra?id=5702&tipo=OBJ>. [visualizado em 2024-10-06].

³³⁵ Vide Museu e Monumentos de Portugal. *Raiz: plataforma destinada ao inventário, gestão e divulgação de bens culturais*. Em linha. Disponível em:

<http://raiz.museusemonumentos.pt/DetailsObra?id=5702&tipo=OBJ>. [visualizado em 2024-10-06].

³³⁶ Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador C-17-00138. Em linha. Disponível em:

<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=133&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>. [visualizado em 2024-10-14].

³³⁷ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, pp. 150 e 153.

³³⁸ Fonte da imagem: SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 153.



Fig. 208 – Cozinha da Vivenda Sol e Serra com silhar de azulejos azuis e brancos.



Fig. 209 – Pormenor do silhar de azulejos da cozinha da Vivenda Sol e Serra.



Fig. 210 – Pormenor do rodapé do revestimento cerâmico da cozinha da Vivenda Sol e Serra. Fotografia: CMVFX.

A cozinha da Vivenda Sol e Serra (fig. 208) tem um revestimento cerâmico (fig. 209) composto por um silhar com frisos, azulejos de figura avulsa e rodapé. O silhar tem a altura total de onze azulejos. O friso e os azulejos de figura avulsa são em tons de azul e branco, o rodapé é marmoreado a azul-claro (fig. 210). O friso tem fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul. Os azulejos de figura avulsa têm como motivo central diversos tipos de flores sobre fundo branco. Cada azulejo tem nos quatro cantos flores quadripétalas e em cada lado uma flor quadripétala cortada na longitudinal, estas oito flores estão dispostas em círculo à volta do motivo floral central. Os frisos deste silhar são idênticos à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, por esse motivo datamos este silhar do ano de 1823. Este revestimento cerâmico da cozinha tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.



Fig. 211 – Silhar cerâmico policromo da casa de banho da Vivenda Sol e Serra



Fig. 212 – Pormenor do silhar cerâmico da casa de banho da Vivenda Sol e Serra

A casa de banho da Vivenda Sol e Serra tem um revestimento cerâmico (fig. 211 e 212) composto por um silhar com frisos, azulejos de figura avulsa e rodapé. O silhar tem a altura total de onze azulejos. O friso e os azulejos de figura avulsa são policromos (verde-claro, verde-escuro, púrpura, castanho-escuro, azul-claro, azul-escuro, amarelo, branco, preto), o rodapé é marmoreado a púrpura. O friso superior tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com terminações em espiral, quatro folhas, flor quadripétala castanho-escura com núcleo preto em cada lado. O friso inferior tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com cinco folhas, flor central azul e amarela de cinco pétalas ladeada por bago circular castanho-escuro preso na ramagem. Os azulejos de figura avulsa têm como motivo central diversos tipos de flores sobre fundo branco, alguns decorados com terminações em espiral. Cada azulejo tem nos quatro cantos um raminho com três folhas. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo de figura avulsa. A terminar o silhar temos um rodapé com marmoreado púrpura. Este revestimento cerâmico terá sido produzido nos anos 50 do século XX, época da campanha de obras do proprietário João Guedes de Sousa.

3.3.5.3. Arrumos e pombal



Fig. 213 – Vista da zona de arrumos e pombal.



Fig. 214 – Vista do pombal.

Os **arrumos e pombal** (fig. 213 e 214) fazem parte das dependências da Quinta Municipal de Suberra. As paredes exteriores dos arrumos e do pombal estão revestidas com um silhar (fig. 215 e 216) com 8,5 azulejos em altura (incluindo os frisos, a cercadura e o rodapé). O silhar é encimado por um friso com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul. Os azulejos são de figura avulsa em tons de azul e branco cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou

"aranhão". Os motivos centrais são animais, flores, barcos, figuras humanas, vasos, cestas, edifícios. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo de figura avulsa. O nível inferior do silhar é constituído por uma cercadura de fundo branco com bordos inferiores branco e azul, de espessuras diferentes, decorada com motivos curvos e volutas em tons de azul-escuro, azul-claro e branco, nos dois cantos superiores do azulejo temos "estrelinhas" ou "aranhões" e a



Fig. 215 – Silhar de azulejos azuis e brancos dos arrumos. Fotografia: CMVFX.



Fig. 216 – Silhar de azulejos azuis e brancos do pombal. Fotografia: CMVFX.

terminar temos um rodapé de azulejos marmoreados a azul. Os frisos dos silhares dos arrumos e pombal são idênticos à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, por esse motivo datamos estes silhares do ano de 1823. Este revestimento cerâmico tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.

3.3.5.4. Escritório



Fig. 217 – Vista do escritório com silhar de azulejos azuis e brancos.

Uma das dependências da Quinta Municipal de Suberra foi adaptada pela CMVFX como **escritório** (fig. 217). As paredes exteriores do escritório estão revestidas com um silhar (fig. 218 e 219) com oito azulejos em altura (incluindo cercaduras e rodapé). O silhar é interrompido por portas e uma janela que é emoldurada pela cercadura. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, flor quadripétala com conta em cada pétala e núcleo a azul-escuro e motivo vegetalista com folhas de acanto com enrolamento em tons de branco e azul. Os azulejos do silhar são de figura avulsa em tons de azul de cobalto e vidro branco cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Os motivos centrais são animais, flores, barcos e figuras humanas. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura. Este revestimento cerâmico exterior é datável entre 1700 e 1750.



Fig. 218 – Pormenor do revestimento exterior do escritório.



Fig. 219 – Pormenor do revestimento exterior do escritório.

As paredes interiores do escritório estão revestidas com um silhar (fig. 220) policromo (vidrado branco, azul de cobalto, amarelo, verde esmeralda, púrpura e contornos pretos) com seis azulejos em altura (incluindo cercadura e rodapé). O silhar tem a encimar cercadura de fundo branco, com bordos simétricos amarelos, motivo vegetalista com volutas e motivo de ligação com anéis amarelos e azuis alternados. Os azulejos formam um padrão policromo (azul de cobalto, amarelo, verde esmeralda, vidrado branco e contorno preto) de camélias do tipo "tapete" com módulo 2x2 com motivos vegetalistas, florais e bagas nas extremidades de caules em fundo branco. Este padrão tem um centro e dois tipos



Fig. 220 – Revestimento cerâmico interior policromo de camélias do escritório. Fotografia: CMVFX.

de elementos de ligação. O centro é uma camélia com três camadas de pétalas azuis com rebordo amarelo, no núcleo tem uma flor branca. À volta da camélia temos ramagens com folhas amarelas, azuis e verde esmeralda, e bagas azuis nas extremidades dos caules. Num dos vértices temos um elemento de ligação que é um florão azul de folhas de acanto com reserva interior branca em forma de estrela. Outro elemento de ligação, em dois vértices do azulejo, é uma flor estilizada de oito pétalas azuis-escuras e verde esmeralda com bagas amarelas nas extremidades de caules. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura. De acordo com a cronologia definida por João Miguel dos Santos Simões³³⁹, este tipo de revestimento enquadra-se no período de 1650 a 1680.

³³⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 13.

Análise comparativa



Fig. 221 – Padrão policromo da Quinta de Subserra.



Fig. 222 – P-17-01005.³⁴⁰

O padrão do interior do escritório (fig. 221) tem semelhanças formais com o P-17-01005 do Az Infinitum (fig. 222), diferindo nas cores aplicadas. Este padrão tem também semelhanças com os seguintes padrões identificados por João Miguel dos Santos Simões: P-207, P-208, P-209 e P-212 (fig. 223).³⁴¹ A este tipo de padrão com o tema da flor oriental com pétalas sobrepostas que se desenvolve no centro de rotação João Miguel dos Santos Simões deu o nome de "camélias".³⁴²



Fig. 223 – P-207, P-208, P-209 e P-212.³⁴³

³⁴⁰ Fonte da imagem: Inês Aguiar “Padrões e Molduras” com número/identificador P-17-01005. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.letas.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=58&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=9672>. [visualizado em 2024-10-14].

³⁴¹ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, pp. 45-46.

³⁴² IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 44.

³⁴³ IDEM. *Ibidem*, tomo I, pp. 45-46.

3.3.5.5. Adega



Fig. 224 - Adega da Quinta de Subserra.

As paredes exteriores da **adega** (fig. 224) estão revestidas com um silhar (fig. 225 e 226) com oito azulejos em altura (incluindo cercaduras e rodapé). O silhar é interrompido por portas. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com bordos assimétricos a azul e branco, com motivo de linhas contracurvas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central, e outra reserva preenchida a azul-



Fig. 225 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da adega.

claro, em dois cantos do azulejo temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Os azulejos do silhar são de figura avulsa em tons de azul de cobalto e vidro branco cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão", os motivos centrais são animais, flores, barcos, figuras humanas, edifícios e cestas. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura. A cercadura é idêntica à C-18-00018.³⁴⁴ Este revestimento cerâmico corresponde ao período pombalino, entre 1750 e 1800.



Fig. 226 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da adega.

³⁴⁴ Vide “Padrões e Molduras” com número/identificador C-18-00018. Em linha. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>. [visualizado em 2024-10-14].

3.3.5.6. Abegoaria



Fig. 227 – Abegoaria, fotografia tirada no dia 15-02-2024 (antes das obras).



Fig. 228 – Abegoaria, fotografia tirada no dia 13-09-2025 (após as obras).

A **abegoaria** (fig. 227 e 228) é a dependência onde ficavam os animais da quinta e se guardavam as alfaias agrícolas. As paredes exteriores da abegoaria estão revestidas com um silhar (fig. 229) policromo com sete azulejos em altura (incluindo as cercaduras). O silhar é interrompido por portas. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com bordos simétricos a azul-escuro e branco, com motivo de linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor central de seis pétalas



Fig. 229 – Pormenor do silhar de azulejos de figura avulsa da abegoaria.

com três folhas em cima e em baixo, e uma reserva preenchida a amarelo, em dois cantos do azulejo temos um motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Os azulejos do silhar são de figura avulsa policromos (branco, azul-escuro, azul-claro, amarelo, verde-seco, púrpura e castanho) cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão", os motivos centrais são animais, flores, barcos, figuras humanas e edifícios. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo policromo de figura avulsa. Este revestimento cerâmico exterior possivelmente data dos anos 50 do século XX, época da campanha de obras do proprietário João Guedes de Sousa.

3.4. Autorias identificadas

O património azulejar da Quinta de Suberra não tem autorias identificadas na sua quase totalidade (tabela 6), situação muito comum na azulejaria portuguesa que se caracterizou pela ausência de assinaturas remetendo muitas vezes o pintor de azulejos ao anonimato. A investigação relativa a este património azulejar permitiu a identificação inequívoca de duas autorias através das assinaturas presentes da **Fábrica Sant'Anna** nos azulejos do antigo tanque de rega e do terraço e do artista **Rogério Amaral** no antigo tanque de rega. A assinatura da Fábrica Sant'Anna já não tem a inicial H.C. de Henrique Constâncio, proprietário da fábrica até 1937³⁴⁵, o que reforça a atribuição do ano de 1950

³⁴⁵ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, p. 29.

aos revestimentos azulejares da Quinta de Subserra correspondendo à época em que o proprietário João Guedes de Sousa investiu em obras de melhoramento.

O revestimento azulejar do antigo tanque de rega é figurativo e ornamental, policromo em tons de azul, verde esmeralda, amarelo, púrpura, branco e contornos a preto. Os azulejos estão distribuídos por quatro paredes, sendo que as paredes 1 e 3 têm uma secção cada e as paredes 2 e 4 têm duas secções cada. Cada secção tem uma cena mitológica aquática em tons de azul e branco inscrita num medalhão emoldurado por festões de folhagem de acanto com volutas, flores e concha policromos.

O revestimento cerâmico do terraço tem traçado neoclássico policromo (branco, amarelo, púrpura, verde-seco, castanho e azul-claro) e estilo D. Maria. A temática é ornamental numa composição de repetição de medalhões de vasos floridos com elementos arquitetónicos.

Tabela 6 – Autorias dos revestimentos cerâmicos da Quinta de Subserra.

| Núcleos com revestimentos cerâmicos | Autorias |
|--|---|
| Banco com espaldar ladeado por canteiros | Valentim de Almeida – possível autoria. |
| Casa do Olival | Sem autoria atribuída. |
| Vivenda Sol e Serra | Sem autoria atribuída. |
| Adega | Sem autoria atribuída. |
| Arrumos e Pombal | Sem autoria atribuída. |
| Escritório | Sem autoria atribuída. |
| Abegoaria | Sem autoria atribuída. |
| Palácio | Sem autoria atribuída. Silhar em estilo D. Maria possível autoria da Fábrica Sant'Anna. |
| Fonte de São Marcos | Sem autoria atribuída. |
| Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes | Fábrica Sant'Anna – autoria identificada por assinatura. |
| Capela de São José | Sem autoria atribuída. |
| Banco do jardim barroco | Sem autoria atribuída. |
| Antigo tanque de rega | Fábrica Sant'Anna e Rogério Amaral – autoria identificada por assinatura. |
| Fonte Parietal | Sem autoria atribuída. |
| Casa de fresco | Sem autoria atribuída. |
| Canteiros, banco, murete e escadarias | Sem autoria atribuída. |

3.4.1. Fábrica Sant'Anna

Como refere Gonçalo Couceiro, segundo a tradição, a Fábrica Sant'Anna começou em 1741, na Rua de Sant'Ana à Lapa, com o nome de “Olaria das Terras de Sant'Ana”, mudando de localização, primeiro para a Rua da Junqueira e depois para a Calçada da Boa Hora ficando com a designação “Fábrica de Faianças e Azulejos de Sant'Ana”.³⁴⁶ Possivelmente, a Fábrica Sant'Anna é a mais antiga olaria e fábrica de cerâmica e azulejos a funcionar ainda em Lisboa.³⁴⁷ Segundo Gonçalo Couceiro, antes do século XIX poucas olarias identificavam com assinatura as suas peças, com efeito não se encontram peças da Fábrica Sant'Anna assinadas desse período.³⁴⁸ Na década de 40 do século XX, começa o período de maior desenvolvimento da Fábrica Sant'Anna nas instalações da Calçada da Boa Hora.³⁴⁹ Nas décadas de 40 e 50 verifica-se um aumento da utilização do azulejo nas obras públicas e particulares, a Fábrica Sant'Anna recebe muitas encomendas de painéis decorativos e revestimentos azulejares³⁵⁰, como os azulejos da Quinta de Subserra. Os trabalhos encomendados à Fábrica Sant'Anna nessa época até ao 25 de Abril de 1974 seguiam, na sua maioria, um estilo ligado ao gosto tradicional, académico e revivalista.³⁵¹

Assinaturas da Fábrica Sant'Anna na Quinta de Subserra



Fig. 230 - Parede 2, secção 1



Fig. 231 - Parede 2, secção 2



Fig. 232 - Parede 4, secção 1

No revestimento azulejar do antigo tanque de rega da Quinta de Subserra a autoria da Fábrica Sant'Anna está sinalizada pela presença de assinaturas na parede 2, secção 1 e 2, e na parede 4, secção 1 (fig. 230 a 232). Na parede 2 as assinaturas estão fora do medalhão onde está inscrita a cena mitológica, superiormente do lado direito. Na parede 4, secção 1 a assinatura está no interior do medalhão, no canto inferior direito. As assinaturas

³⁴⁶ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, p. 4. No site da fábrica também é indicado o ano de 1741 como data de início. Em linha. Disponível em: <https://www.santanna.com.pt/pt/historia>. [visualizado em 2025-08-31].

³⁴⁷ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, pp. 12 e 13.

³⁴⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 14.

³⁴⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 39.

³⁵⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 43.

³⁵¹ IDEM. *Ibidem*, pp. 76 e 77.

apresentam uma pequena variação ora a palavra *fábrica* está escrita por extenso ora está abreviada.

No revestimento azulejar do terraço da Quinta de Subserra a assinatura está presente num dos painéis do lado da Capela de São José (fig. 233 e 234).

Assinaturas da Fábrica Sant'Anna na Quinta de Subserra



Fig. 233 – Painel de azulejos policromos do terraço.



Fig. 234 – Pormenor da assinatura da Fábrica Sant'Anna.

O facto de a Fábrica Sant'Anna ter mudado de instalações algumas vezes e de as últimas instalações terem sofrido um incêndio em 1971 levou à perda de documentação de arquivo sobre a sua atividade. Por essa razão não foi possível encontrar informação sobre a encomenda de azulejos para a Quinta de Subserra por João Guedes de Sousa à Fábrica de Sant'Anna nos anos 50 do século XX.³⁵²

3.4.2. Rogério Amaral

O artista Rogério Amaral (1917-1996) frequentou a escola António Arroio (fig. 235) onde fez o curso de cerâmica, no quarto ano desse curso foi convidado a realizar um estágio de azulejaria e cerâmica na Fábrica Sant'Anna onde acabou por ficar a trabalhar por longos anos.³⁵³ Gonçalo Couceiro menciona um azulejo cozido na primeira fornada da Fábrica Sant'Anna na Calçada da Boa Hora (fig. 236), em 1936, que contém a azul sobre fundo branco as iniciais do proprietário Henrique Constâncio e as assinaturas dos seus

³⁵² Enviamos um e-mail no dia 2 de agosto de 2024 à Fábrica Sant'Anna a perguntar se tinham informação sobre a encomenda de azulejos por parte de João Guedes de Sousa, tivemos resposta de Francisco Tomás a informar que não tinham registo documental.

³⁵³ RIBEIRO, Rogério e Fernando de AZEVEDO. *Breve retrospectiva da obra de Rogério Amaral: pintura, desenho*. Almada. Câmara Municipal, 1992, p. 17.



Fig. 235 – Cartão de aluno de Rogério Amaral.³⁵⁴

funcionários, entre elas a de Rogério Amaral na época com 19 anos.³⁵⁵ Sucedeu ao pintor Gilberto Renda no desenvolvimento da pintura sobre azulejo na Fábrica Sant’Anna, ao longo de 50 anos orientou importantes encomendas da fábrica, sobretudo a partir de meados do século XX³⁵⁶, época que corresponde à data de produção do revestimento azulejar do antigo tanque de rega da Quinta de Subserra. Rogério Amaral tem uma



Fig. 236 - Azulejo cozido na primeira fornada da Calçada da Boa Hora, em 1936.³⁵⁷

vasta obra artística de cerâmica, pintura, gravura, serigrafia, cenografia, escultura, fotografia e azulejaria. Gonçalo Couceiro salienta as competências de coordenação e dinamização do artista na Fábrica Sant’Anna através da feitura de maquetas bidimensionais para projetos de azulejaria e através da conceção de moldes para escultura

³⁵⁴ Fonte da imagem: RIBEIRO, Rogério e Fernando de AZEVEDO. *Breve retrospectiva da obra de Rogério Amaral: pintura, desenho*. Almada. Câmara Municipal, 1992, p. 16.

³⁵⁵ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, pp. 33 e 34.

³⁵⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 74.

³⁵⁷ Fonte da imagem: COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, p. 34.

em barro, para além da realização da pintura de painéis de azulejos. O autor considera-o um dos mais importantes pintores de azulejaria do século XX.³⁵⁸ Para Rogério Amaral o trabalho na Fábrica Sant'Anna era muito duro e rotineiro, o artista sentiu necessidade de se libertar dessas amarras e passou a utilizar um atelier na Avenida da Liberdade onde se dedicava à pintura incentivado pelo arquiteto Roberto Araújo. Fernando de Azevedo e José-Augusto França organizaram a sua primeira exposição na Galeria de Março (Lisboa), em 1954³⁵⁹, participou em exposições coletivas e individuais de pintura em Portugal e no estrangeiro (p.e. Japão, Venezuela e Bulgária)³⁶⁰ ao longo da década de 50, na década de 60 fez uma pausa, retomou na década 70 até à década de 90.³⁶¹ Ganhou, entre outros prémios, o 1.º prémio Silva Porto, em 1959, e Nika Grand Prix-Nikakai da Associação de Artistas de Tóquio, em 1976, a sua obra está representada no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa, na FCG, nos Museus Municipais de Almada, Lisboa, Loures e Mirandela, no Museu de Sófia, na Bulgária e ainda em várias coleções particulares.³⁶² Gonçalo Couceiro refere que “são notáveis, e reveladores de uma apurada construção plástica e domínio da composição, muitos dos painéis de azulejaria que produziu na *Sant'Anna* [...]” e apresenta exemplos da sua obra azulejar:

*[...] os painéis do Chafariz Velho de Paço d'Arcos, o Chafariz de Ponte de Lousa, em Loures, os trabalhos de baixo relevo cerâmico na Rua Primeiro de Dezembro em Lisboa, para a fachada da Sapataria Presidente, o painel executado para as instalações da Emissora Nacional em Faro, ou em Silves com painéis públicos que reproduzem vistas da cidade e os seus monumentos, para o mercado de Algés, ou a Igreja de S. João de Deus na Ordem Hospitaleira, no Telhal, considerada a obra cimeira da arte azulejar dedicada a S. João de Deus, tendo sido encomendada em 1950, quando se comemorava o quinto centenário da sua morte.*³⁶³

³⁵⁸ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, pp. 75 e 76.

³⁵⁹ RIBEIRO, Rogério Ribeiro e Fernando de AZEVEDO. *Op. cit.*, p. 18.

³⁶⁰ AZEVEDO, Fernando de. *Moniz Pereira, João Hogan, José de Guimarães, Rogério Amaral*. Funchal: Quetzal, 1982, p. 14

³⁶¹ RIBEIRO, Rogério Ribeiro e Fernando de AZEVEDO. *Op. cit.*, p. 20.

³⁶² AMARAL, Rogério. *Rogério Amaral: pintura do silêncio*. Costa da Caparica: Almadarte Galeria, 1993, p. [18].

³⁶³ COUCEIRO, Gonçalo. *Op. cit.*, p. 78.



Fig. 237 – Assinatura de Rogério Amaral na Parede 2, secção 1 do antigo tanque de rega.



Fig. 287 - Assinatura de Rogério Amaral na Parede 3, secção 1 do antigo tanque de rega.

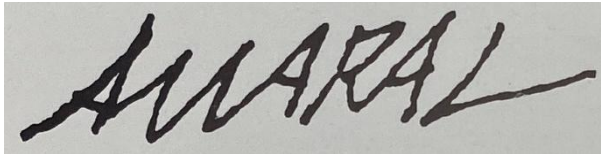


Fig. 239 – Assinatura de Rogério Amaral.³⁶⁴

No revestimento azulejar do antigo tanque de rega da Quinta de Subserra, a autoria de Rogério Amaral está sinalizada pela assinatura do artista da Fábrica Sant'Anna na parede 2, secção 1 e na parede 3, secção 1 (fig. 237 e 238) que corresponde à grafia do artista (fig. 239). As assinaturas estão localizadas no interior do medalhão, no canto inferior direito. A temática destes azulejos é a mitologia aquática que se adequa por revestirem um antigo tanque de rega, esta escolha temática reflete a tendência revivalista e académica que dominava a produção de azulejos em meados do século XX.

³⁶⁴ Fonte da imagem: RIBEIRO, Rogério Ribeiro e Fernando de AZEVEDO. *Op. cit.*, p. 25.

Conclusão

A Quinta Municipal de Subserra foi o “ponto de partida” para a investigação no decurso do Mestrado em Estudos do Património, no domínio da História da Arte, com foco no estudo do seu património azulejar que atravessa várias épocas históricas, testemunhando as vivências dos seus proprietários e a especificidade das suas encomendas que refletem a evolução artística da pintura sobre azulejo, a erudição dos temas escolhidos e a afirmação do poder através da encomenda artística numa sociedade de corte.

Fundada, em 1633, pelo capitão D. Diogo da Veiga, representa a tipologia da quinta de recreio barroca utilizada para lazer, promoção da saúde através das estadias no campo e, neste caso, também como quinta agrícola refletia o poder económico e social dos proprietários. A Quinta de Subserra ficou na família durante séculos passando pelas Famílias Roxas e Contreras, pelos Condes de Subserra, Marqueses da Bemposta-Subserra, Marqueses de Rio Maior e Marqueses do Lavradio até ser vendida na década de 40 do século XX. Por fim, em 1980, é adquirida a João Guedes de Sousa pela CMVFX que tem promovido a sua reabilitação e conservação ao longo do tempo, além de ter colaborado ativamente para o desenvolvimento desta investigação (acesso ao espaço, disponibilização de documentação e fotografias, entre outros aspetos).

Ao longo do tempo, a quinta foi objeto de várias campanhas de obras, como por exemplo: na segunda metade do século XVII, por D. João de Roxas e Azevedo com obras de ampliação e apetrechamento artístico; no ano de 1823, por D. Isabel Antónia do Carmo de Roxas e Lemos e Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real com obras de reconstrução do palácio e da capela; na segunda metade do século XIX, obras de renovação nos jardins, na casa de fresco, no tanque dos peixes, nos pombais e na estrada de acesso; entre 1947 e 1950, por João Guedes de Sousa obras de conservação e restauro do palácio e da capela e o projeto de reconstituição dos jardins pelo arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral; da década de 80 do século XX até à atualidade, pela CMVFX obras de conservação e restauro, com destaque para a recuperação do jardim barroco da responsabilidade do arquiteto paisagista Fernando Graça e a salvaguarda do revestimento azulejar do terraço e da escadaria em 2008.

Uma particularidade desta quinta foi a fundação da Capela de São José onde se realizavam missas, tendo por isso impacto religioso na comunidade de Subserra. A capela

é revestida por um amplo silhar de azulejos de padrão do tipo “tapete”, datado entre 1633 e 1650, inspirado nos brocados orientais com um módulo retangular de 6x4 de utilização rara e execução mais dispendiosa.³⁶⁵ Na Igreja do antigo Convento de Almoester temos um padrão semelhante, na parede testeira do transepto, o padrão P-702³⁶⁶ inventariado por João Miguel dos Santos Simões. Através da nossa investigação concluímos que podemos acrescentar o revestimento cerâmico interior da Capela de São José como mais um padrão semelhante ao P-702. Mais tarde, a capela acolhe no seu altar-mor a significativa tela “Os Desposórios da Virgem” do pintor régio Bento Coelho da Silveira encomendada por D. João de Roxas e Azevedo após a morte da sua esposa (1694). Concluímos que estas duas manifestações artísticas (azulejos e pintura) na Capela de São José refletem a grande relevância e influência dos proprietários da Quinta de Subserra.

A Quinta de Subserra tem jardins históricos onde o paisagismo se combina com os azulejos e os embrechados. Aqui destacamos um painel cerâmico de cena historiada militar que reveste o espaldar de um banco, da primeira metade do século XVIII, de acordo com as tipologias de guarnições definidas por Rosário Salema de Carvalho³⁶⁷ a sua moldura enquadra-se na tipologia das “flores e arquitetura”, porém como tem elementos militares poderia configurar uma nova tipologia. Salientamos também, no final do jardim de buxo barroco, do lado esquerdo, uma fonte parietal (1650-1680) cujos dois terços superiores estão revestidos com embrechados de motivo figurativo que segundo Isabel Soares de Albergaria eram raros nos embrechados portugueses³⁶⁸ conferindo um especial valor a este revestimento. O terço inferior da fonte parietal tem um peculiar revestimento cerâmico com ornamentação de brutesco com argolas, laçarias, flores, animais (golfinhos e garras), espagnolettes sobre concha, *putti* e folhas de acanto. Por último, ressaltamos a relevância da casa de fresco pelos embrechados e painéis de azulejos de cenas mitológicas (1650-1680) inspirados em gravuras de Jean Lepautre.

Através do estudo e proposta de inventariação do património azulejar da Quinta Municipal de Subserra trazemos a reflexão sobre o valor histórico e artístico deste património que ainda não tinha sido objeto de investigação. A elaboração das fichas de

³⁶⁵ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 41 e 121.

³⁶⁶ IDEM. *Ibidem*, tomo I, p. 123.

³⁶⁷ CARVALHO, Rosário Salema de. *Op. cit.*, p. 441 e 442

³⁶⁸ ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Op. cit.*, pp. 485 e 486.

inventário segue o modelo do *Guia de Inventário de Azulejo in situ* da Az – Rede de Investigação em Azulejo³⁶⁹ o que permite a descrição e organização da informação sobre os azulejos de forma uniformizada e normalizada.

Identificamos 16 núcleos com património azulejar *in situ*: palácio; Capela de São José; banco com espaldar ladeado por canteiros; fonte de São Marcos; terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes; canteiros, banco, murete e escadarias; escada de acesso ao jardim barroco; fonte parietal; antigo tanque de rega; casa de fresco; Casa do Olival; Vivenda Sol e Serra; arrumos e pombal; escritório; adega; abegoaria. Os revestimentos cerâmicos são os originais que foram encomendados, pensados e organizados para o local, conservados *in situ* permitindo aferir o chamado “equilíbrio das três dimensões” referido por José Meco: ornato ou composição, azulejo e totalidade do revestimento.³⁷⁰

A principal dificuldade de investigação foi a atribuição de autorias devido à ausência de assinaturas, o que é comum em grande parte da azulejaria portuguesa, sobretudo do século XVII, e devido à ausência de documentação relativa às encomendas de azulejos. Na documentação de arquivo do Fundo Marqueses de Rio Maior referente à Quinta de Suberra, datada dos séculos XIX e XX, não constam alusões à encomenda de azulejos. Todavia, foi possível a identificação inequívoca de duas autorias através das assinaturas da Fábrica Sant’Anna e do artista Rogério Amaral presentes nos azulejos do antigo tanque de rega e do terraço de c. 1950. Através do método comparativo para o painel cerâmico do espaldar do banco com uma cena historiada militar, da primeira metade do século XVIII, especulamos como possível autoria o artista Valentim de Almeida. Nos painéis dos Claustros de São Vicente de Fora, em Lisboa, do segundo quartel do século XVIII, atribuídos a este artista por José Meco³⁷¹ encontramos similaridade com o painel da Quinta de Suberra no desenho e na pincelada, designadamente o espagnolette/máscara central da guarnição tem semelhanças no desenho, assim como os panejamentos, cordas e borlas pendentes (fig. 105 e 106) que dão um carácter cenográfico, o desenho dos trajes dos

³⁶⁹ CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Guia de inventário de azulejo in situ*. Em linha. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS-IHA/FLUL. MNAz. SIPA, DGPC, 2018. Disponível em: https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/multimedia/files/GuiaInventario/Guia_Inventario_v1.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

³⁷⁰ MECO, José. *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, p. 26.

³⁷¹ IDEM. *Ibidem*, p. 181.

soldados na Quinta de Suberra é semelhante ao desenho dos trajés de um dos painéis do Mosteiro de São Vicente (fig. 107 e 108).

Para a datação dos revestimentos azulejares da Quinta de Suberra a metodologia adotada foi a consulta da bibliografia, das fontes escritas (lápide da capela), do catálogo em linha Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo e do recurso em linha *Cronologia de Azulejos portugueses* da Az – Rede de Investigação em Azulejos³⁷², a observação, o registo fotográfico, a análise, a descrição e a comparação com outros revestimentos azulejares o que permitiu a dedução das datas. Para a datação dos revestimentos cerâmicos do século XVII adotamos a sistematização de João Miguel dos Santos Simões³⁷³ e para as restantes épocas recorremos à consulta da historiografia da arte e dos recursos em linha mencionados. Assim sendo, datáveis do período de 1633 a 1650 temos revestimentos cerâmicos interiores na Capela de São José e na sala de estar da Vivenda Sol e Serra; do período de 1650 a 1680 temos revestimentos cerâmicos na fonte parietal, na casa de fresco e no interior do escritório; do período de 1700 a 1750 temos revestimentos cerâmicos no exterior do palácio e da Capela de São José, no banco com espaldar ladeado por canteiros, na fonte de São Marcos, em canteiros, no banco e no exterior do escritório; do período de 1750 a 1800 temos revestimentos cerâmicos exteriores no murete, na escada em “L” junto ao relvado e na parede da adega; do período de 1770 a 1820 temos revestimentos cerâmicos interiores numa das escadarias e dos corredores do palácio e na casa de fresco; datáveis do ano de 1823 temos a moldura da lápide em pedra da fonte de São Marcos, o revestimento cerâmico da cozinha da Vivenda Sol e Serra e o revestimento cerâmico exterior dos arrumos e do pombal; por fim, do período entre 1947 e 1950 temos revestimentos cerâmicos numa das escadarias interiores e dos corredores do palácio, no banco do jardim barroco, no antigo tanque de rega, no exterior da Casa do Olival, no exterior e casa de banho da Vivenda Sol e Serra, no exterior da abegoaria, no terraço, na escadaria e no muro com namoradeiras e alegretes.

Concluimos que a Quinta de Suberra reúne uma grande variedade de azulejaria ao nível da sua classificação, temática, estilo, ornamentação, iconografia e datação. Por outro lado, a qualidade dos seus revestimentos cerâmicos é um reflexo da erudição dos

³⁷² *Cronologia de Azulejos portugueses*. Em linha. 2014. Disponível em: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/timeline/>. [visualizado em 2025-10-24].

³⁷³ SIMÕES, J. M. dos Santos. *Op. cit.*, tomo I, p. 13.

encomendadores nas escolhas dos temas e padrões. Considerando que o estudo e inventariação do azulejo em Portugal está em clara expansão com uma abordagem multidisciplinar, o nosso “ponto de chegada” pretende ser um contributo para o estudo e inventariação do património azulejar da Quinta Municipal de Subserra, integrado no património cultural do concelho de Vila Franca de Xira. A Quinta Municipal de Subserra não tem classificação patrimonial, é lhe reconhecida valor cultural no Plano Diretor Municipal da CMVFX³⁷⁴, no entanto achamos essencial para a continuação da sua salvaguarda a classificação como imóvel de interesse público que se justifica pelo seu valor artístico e paisagístico. Neste sentido tem sido importante a conservação integrada do património artístico e paisagístico por parte da CMVFX que mantém a sua atividade agrícola. Com o final desta investigação esperamos deixar em aberto o caminho para futuros estudos e inventariações do património artístico do concelho de Vila Franca de Xira.

³⁷⁴ PLURAL - Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, Lda. *1.ª revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Regulamento (versão 19)*. Em linha. Volume III. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 2024, pp. 114 e 116. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cm-vfxira/uploads/writer_file/document/34651/regulamento_pdm_novembro_2024.pdf>. [visualizado em 2025-12-11]. Segundo Alberto Flávio Lopes, a partir de 1949 as câmaras municipais passaram a poder propor a classificação de imóveis na categoria de valores concelhios *vide* LOPES, Alberto Flávio Monteiro. A classificação das quintas: perspectivas de salvaguarda. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 208.

Fontes e bibliografia

A - Fontes manuscritas e impressas

- AMVFX. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Levantamento topográfico da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1977/1988.*
- IDEM. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Obra de remodelação da casa da uva – refeitório da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1984/1988.*
- IDEM. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Recuperação da casa do caseiro da Quinta da Subserra, R/A.2.7., 1986/1989.*
- IDEM. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Reparação e beneficiação da camarata e chalé n.º 2 da Quinta da Subserra, R/A.2.7., 1987.*
- IDEM. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Reparação da cobertura do chalé n.º 4 da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1986/1988.*
- IDEM. *Documentação da Divisão de Arquivo Municipal | DAG (Departamento de Administração Geral): Restauro exterior da Capela da Quinta de Subserra, R/A.2.7., 1987.*
- IDEM. *Documentação sobre a aquisição da Quinta de Subserra: deliberações no processo de aquisição, contrato n.º 62/80, contrato de compra e venda de uma propriedade denominada Quinta de Subserra a 31-10-1980.*
- ANTT. *Fundo Marquês de Rio Maior: Balanços da Caixa da Casa de Rio Maior e Subserra, 1900/1908, PT/TT/MRM/L136.*

IDEM. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Contas – Receita e Despesa da Sociedade Agrícola para exploração das vinhas da Quinta de Subserra e propriedades anexas*, 1928/1930, PT/TT/MRM/L292.

IDEM. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de Caixa da Sociedade Agrícola da Vinhas de Subserra*, 1928/1929, PT/TT/MRM/M093.003.

IDEM. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de despesa de Subserra*, 1884/1890, PT/TT/MRM/M164.001.

IDEM. *Fundo Marqueses de Rio Maior: Documentos de despesa de Subserra*, 1891/1901, PT/TT/MRM/M165.001.

CMVFX. Aquisição de serviços n.º 62/2016. *Contratação de serviços para elaboração da avaliação estrutural do edifício do Palácio da Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1772133&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Aquisição de serviços n.º 278/2020. *Contratação de serviços para a elaboração de projeto de reabilitação de edifícios na Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 14 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1386832&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Contrato de empreitada de obras n.º 163/2014. *Empreitada da obra de requalificação do edifício da quinta Municipal de Subserra, São João dos Montes*. Em linha. 8 setembro 2014. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1563854&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Contrato de empreitada de obras n.º 281/2020. *Empreitada de obras de adaptação de edifícios da Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. 14 de dezembro de 2020. Disponível em:

https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=1413029&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Contrato de empreitada de obras n.º 336/2023. *Empreitada de trabalhos de reparação e melhoramentos na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*. Em linha. 5 de dezembro de 2023. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=2206150&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Contrato de empreitada de obras n.º 241/2025. *Empreitada de beneficiação de coberturas e execução de mezzanine na Quinta Municipal de Subserra – São João dos Montes*. Em linha. 22 de julho de 2025. Disponível em: https://www.base.gov.pt/Base4/pt/resultados/?type=doc_documentos&id=2342435&ext=.pdf. [visualizado em 2025-09-11].

IDEM. Ofício 2430 de 2008/09/09. *Adjudicação: Quinta Municipal de Subserra – salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da igreja e escadaria de acesso*.

COLHER, Isabel. *Orçamento*. 30 de julho de 2007.

COLHER, Isabel. *Proposta de orçamento para a salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da Igreja e escadaria de acesso da Quinta de Subserra – VFX*. 21 de agosto de 2008.

COSTA, António Carvalho da. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, 1712. Tomo 3.

FÉRIN, Pedro Ivo. *Orçamento para salvaguarda do revestimento azulejar do terraço da Igreja e escadaria de acesso*. 22 de agosto de 2008.

RIPA, Cesare. *Iconologia: overo: descrizione di diverse imagini cuate dall'antichità, & di própria inuentione, trouate, & dichiarate*. Roma: Appresso Lepido Faey, 1603.1

B - Bibliografia

1. Quinta de Subserra

ANDRESEN, Teresa; Teresa Bettencourt da CÂMARA e Luís Guedes de CARVALHO. Lugares da arquitectura paisagista portuguesa: 1940-1970. In: Ana TOSTÕES; Manuel Costa CABRAL. *Do Estádio Nacional ao jardim Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*. Lisboa: FCG, 2003. p. 144-313. ISBN 972-678-034-9.

CABRAL, Francisco Caldeira e Manuel Silveira RAMOS, fotografias. *Quinta da Subserra de João Guedes de Sousa, Alhandra* [Projeção visual]. Em linha. 2002-2003. Disponível em:
<https://www.bibliartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?term=francisco+Caldeira+Cabral+subserra&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab11&session=17AP404437593.6688199&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=200&sp=200&profile=ba&ri=>. [visualizado em 2025-09-09].

CAMACHO, Clara Frayão. Introdução. In: Lino de MACEDO. *Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*. 2.^a ed. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 1992. p. XI-XVII.

CAMACHO, Clara Frayão e José Alberto RIBEIRO. *Quinta Municipal de Subserra*. [Folheto] Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1997.

CÂMARA, Teresa. *Quinta de Subserra*. IPA.00021431. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2004. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431. [visualizado em 2024].

- CMVFX. *Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. (s.d.) Disponível em:
<https://www.cm-vfxira.pt/saber-lazer/quintas-municipais/poi/quinta-municipal-de-subserra>. [visualizado em 2024-05-27].
- CÂNCIO, Francisco. *Ribatejo histórico e monumental*. Vol. 3, fascículo XXV. Junta da Província do Ribatejo, 1939.
- CARAPINHA, Aurora. As quintas de recreio do concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 151-162. ISBN 972-8241-23-2.
- CARRILHO, Pedro. *Quinta Municipal da Subserra*. Em linha. 2021. Disponível em: [Quinta Municipal da Subserra — Pedro Carrilho](#). [visualizado em 2024/2025].
- CARVALHO, Maria Paula Boloca. Vinhas & vinho da Quinta de Subserra através dos tempos. *CIRA. Boletim cultural*. Em linha. 2014/2015, n.º 12, p. 117-131. ISSN 2183-4679. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/752/Cira12_.pdf. [visualizado em 2024/2025].
- CATARINO, Maria Manuela dos Santos Costa. *Na margem direita do baixo Tejo: paisagem rural e recursos alimentares (Séc. XIV-XV)*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da NOVA, 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/10751>. [visualizado em 2024-05-27].
- COLAÇO, Branca de Gonta, compil.; Maria Filomena MÓNICA, pref. *Memórias da Marquesa de Rio Maior*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2005. ISBN 972-8645-25-2.
- COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Casa da Quinta da Subserra*. IPA.00010457. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA. 2001/2002. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457. [visualizado em 2024/2025].

ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO DA REGIÃO DE LISBOA. *Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: <https://www.ertlisboa.pt/pt/informacao-turistica/cidades/equipamentos/quinta-municipal-de-subserra/>. [visualizado em 2024-05-27].

Escritura n.º 62/80 - *Contrato de compra e venda de uma propriedade denominada Quinta de Subserra, sita na freguesia de São João dos Montes*, 31 de outubro 1980.

FERNANDES, Inês Pires. *A quinta de recreio no concelho de Vila Franca de Xira*. Em linha. IV Seminário Internacional A Casa Nobre: um Património para o Futuro, Arcos de Valdevez, 2014-11-27. Disponível em: <10.13140/RG.2.1.3754.4400>. [visualizado em 2024-05-27].

Ficha 230 da *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Em linha. Disponível em: [230.pdf \(cm-vfxira.pt\)](#). [visualizado em 2024-10-15].

GAIO, Felgueiras. *Nobiliário de famílias de Portugal*. Em linha. [Braga]: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso, 1938, tomo 3. Disponível na Internet: https://purl.pt/12151/4/hg-40103-v/hg-40103-v_item4/hg-40103-v_PDF/hg-40103-v_PDF_24-C-R0150/hg-40103-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. [visualizado em 2024-11-19].

GRAÇA, Fernando e Teresa FERNANDES. Jardins históricos do concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 143-150. ISBN 972-8241-23-2.

JORGE, Teresa. *Marqueses de Rio Maior: catálogo*. Em linha. Lisboa: ANTT, 2016. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Catalogo-PT-TT-MRM-Final.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

JUNTA DA PROVÍNCIA DO RIBATEJO. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*. 1937/1940, n.º 1. Lisboa: Tip. Bertrand, 1940.

LEITE, Sílvia. *Pesquisa do património imóvel: Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. Ulysses, sistema de informação do património classificado / Património Cultural, I.P. Disponível em:

<https://imovel.patrimoniocultural.gov.pt/detalhes.php?code=17194983>.

[visualizado em 2024/2025].

LISBOA. Câmara Municipal. Comissão Municipal de Toponímia. *Prof. Francisco Caldeira Cabral: 1908-1992*. Em linha. Lisboa: C.M.-C.M.T., 2008.

Disponível na Internet:

https://www.lisboa.pt/fileadmin/informacao/publicacoes/topon%C3%ADmia/professor_francisco_caldeira_cabral.pdf. [visualizado em 2025-09-12].

LOPES, Alberto Flávio Monteiro. A classificação das quintas: perspectivas de salvaguarda. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 205-210. ISBN 972-8241-23-2.

LYZ, Raul de. *A hora: jornal ilustrado*. 1936 (mar.), n.º 33. Lisboa: R. Lyz, 1936.

MACEDO, Lino de. *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira*.

Em linha. Vila Franca de Xira: Typ. do Campino, 1893. Disponível em:

https://books.google.pt/books/about/Antiguidades_do_moderno_concelho_de_Vill.html?id=UwshIH0C3vIC&redir_esc=y. [visualizado em 2025-11-21].

MACEDO, Lino de. *Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*. 2.^a ed. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 1992.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal: do Renascimento às Revoluções Liberais*. Lisboa: Editorial Presença, 1998, volume II. ISBN 972-23-2254-0.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia.

In: José MATTOSO, dir. e António Manuel HESPANHA, coord. *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, volume 4, p. 296-338. ISBN 972-33-1311-1.

Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Quinta Municipal de Subserra*. [Folheto]. Vila Franca de Xira; Câmara Municipal, Departamento de Economia e Turismo, (s.d.).

Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Roteiro n.º 8 – Quinta Municipal da Subserra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: https://www.museudoneorealismo.pt/cmvmfxira/uploads/writer_file/document/19846/roteiro_no_8_qta_subserra.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

NORTON, Manuel Artur. *A heráldica em Portugal: o armorial português de família e copiadores desaparecidos do cartório da nobreza*. Lisboa: Dislivro Histórica, 2004, vol. II. ISBN 972-8876-81-5.

NUNES, Graça Soares. A agricultura do século XIX em algumas quintas da região de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 173-204. ISBN 972-8241-23-2.

PARREIRA, Rui. Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira – notícia da parcela 404-1. *Boletim cultural*. 1986, n.º 2, p. 73-82.

PIMENTA, João; Mendes, Henriques. *Carta arqueológica de Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: CEAX, 2016. ISBN 978-972-8241-68-1.

PIMENTEL, Alberto. *A Extremadura portuguesa*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1908, vol. 1.

PLURAL - Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, Lda. *1.ª revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Análise e diagnóstico*. Em linha. Caderno IV – História e património (v6) vol. I. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 2004/2009. Disponível em: https://www.museumunicipalvfxira.pt/cmvmfxira/uploads/writer_file/document/22303/proteccao_patrimonio_cultural.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

PLURAL - Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, Lda. *1.ª revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Regulamento (versão 19)*.

Em linha. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 2024, vol. III. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmunicipal/uploads/writer_file/document/34651/regulamento_pdm_novembro_2024.pdf. [visualizado em 2025-12-11].

RAIMUNDO, Orlando. *Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre... Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho*, 7. Em linha. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2011. ISBN 978-989-8254-12-2. Disponível em: <https://www.museumunicipalvfxira.pt/cmvmunicipal/uploads/document/file/772/7.pdf>. [visualizado em 2024-11-18].

RAMOS, Rui. Ruptura constitucional e guerra civil (1820-1834). In: Rui RAMOS, coord. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, p. 457-489. ISBN 978-989-626-139-9.

Rota Histórica das Linhas de Torres. *Quinta Municipal de Subserra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: <https://www.rhlt.pt/pt/portfolio/quinta-municipal-de-subserra/>. [visualizado em 2024-05-27].

Santa Sé – Titulares. Em linha. Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/titulares/santa-se-titulares>. [visualizado em 2024-11-16].

Secrets Places. *Experience the Charm of Quinta da Subserra in Alhandra - Vila Franca de Xira - Portugal* -. [Vídeo]. Em linha. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/a6q2VBpJ4sw?si=C54GUKCX1Y9P2o-b>. [visualizado em 2024-05-27].

SERRÃO, José Vicente. O quadro económico. In: José MATTOSO, dir. e António Manuel HESPANHA, coord. *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, volume 4, p. 67-109. ISBN 972-33-1311-1.

- SILVA, José António Veríssimo. *Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio de Subserra (Freguesia de S. João dos Montes)*. [Texto policopiado]. Junho de 1981.
- SILVA, Manuel. “Quem é Loubet Simões?” In: *Obras da Igreja da Ota*. Em linha. 28 de setembro de 2009. Disponível em: <https://obrasdaigrejadaota.blogspot.com/2009/09/quem-e-loubet-simoes.html>. [visualizado em 2024-09-23].
- SIMÕES, Sara Teixeira. *Os potes martabã: contributos para o seu conhecimento*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da NOVA, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/12138>. [visualizado em 2024-05-27].
- TALIXA, Jorge. Chovem críticas à degradação da Quinta Municipal de Subserra. Em linha. *Publico*. 14 agosto 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/08/14/local/noticia/chovem-criticas-a-degradacao-da-quinta-municipal-de-subserra-1396133>. [visualizado em 2024/2025].
- Um brinde à vitória. *Invade: Rota Histórica das Linhas de Torres*. Em linha. 2020 (dez.), n.º 3, p. 26-27. ISSN 2184-609X. Disponível na Internet: <URL: <https://www.rhlt.pt/wp-content/uploads/2022/01/INVADE-Patrimo%CC%81nio-Turismo-Lazer-No-3.pdf>>. [visualizado em 2024-05-27].
- União das Freguesias de Alhandra, São dos Montes e Calhandriz. *Quinta Municipal Subserra*. Em linha. (s.d.). Disponível em: https://www.alhandra.pt/freguesia/locais-a-visitar/9-quinta_municipal_subserra. [visualizado em 2024-05-27].
- ZÚQUETE, Afonso. *Armorial lusitano: genealogia e heráldica*. Lisboa: Zairol, 2000. ISBN 972-9362-24-6.
- 2. Azulejaria**
- ALMEIDA, Ana de Jesus Rui L. *O azulejo: técnicas e padrões*. [S.l.: s.n.], 2006. ISBN 989-20-0221-0.

Apresentação. Em linha. Disponível em:

<https://lisboaemazulejo.fcsh.unl.pt/index.php/project/01-apresentacao>.

[visualizado em 2025-10-18].

Az - Rede de Investigação em Azulejo. *Az Infinitum | Explore*. Em linha.

Disponível em: <https://youtu.be/zmezOHfAVjM?si=phXnQq3IF199tSdd>.

[visualizado em 2024-11-14].

Az - Rede de Investigação em Azulejo [ARTIS-IHA/FLUL]. *Az Infinitum - Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*. Em linha. Disponível em:

[https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-az/azinfinitum.aspx?pesquisaGeral=1)

[az/azinfinitum.aspx?pesquisaGeral=1](https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-az/azinfinitum.aspx?pesquisaGeral=1). [visualizado em 2024-11-13].

Az - Rede de Investigação em Azulejo [ARTIS-IHA/FLUL]. *Projectos*. Em linha.

Disponível em:

[https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/detail.aspx?lang=PT&cid=110&bid=370&](https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/detail.aspx?lang=PT&cid=110&bid=370&pid=40)

[pid=40](https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/detail.aspx?lang=PT&cid=110&bid=370&pid=40). [visualizado em 2024-11-13].

AzLab. *A exposição de azulejos ONTEM*. Em linha. 7 abril 2014. Disponível em:

<https://blogazlab.wordpress.com/2014/04/07/a-exposicao-de-azulejos-ontem-e->

[hoje-4/](https://blogazlab.wordpress.com/2014/04/07/a-exposicao-de-azulejos-ontem-e-). [visualizado em 2024-08-07].

BERARDO, José. *800 anos de história do azulejo*. Em linha. [S.l.]: Associação de

Colecções, D.L. 2020. ISBN 978-989-33-0380-1. Disponível em:

https://museuberardoestremoz.pt/pdf/Museu_Berardo_Estremoz-Catalogo.pdf.

[visualizado em 2025-09-08].

IDEM. *800 anos de história do azulejo*. [S.l.]: Associação de Colecções, D.L. 2020.

ISBN 978-989-33-0380-1.

BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN. *Projeto DigiTile*. Em linha. Disponível

em: [https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/a-biblioteca/projetos-e-](https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/a-biblioteca/projetos-e-parcerias/projeto-digitile/)

[parcerias/projeto-digitile/](https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/a-biblioteca/projetos-e-parcerias/projeto-digitile/). [visualizado em 2025-09-05].

BORGES, Augusto Moutinho. *O Exército e o azulejo: tradição e arte*. Lisboa: By

the Book, 2016. ISBN 978-989-8614-37-7.

- CALADO, Rafael Salinas. *Azulejo: 5 séculos do azulejo em Portugal*. Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1986.
- CALADO, Rafael Salinas; António Celso MANGUCCI; Luís Fernandes PINTO e Paula FERREIRA. *O revestimento cerâmico na arquitectura em Portugal*. Lisboa: Estar, 1998. ISBN 972-8095-45-7.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. O azulejo barroco – o estudo e a investigação em Portugal. *Revista de História da Arte*. Em linha. 2012, n.º 9, p. 107-125. ISSN 1646-1762. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/16729>. [visualizado em 2024-05-30].
- IDEM. O azulejo na construção de ambientes nos séculos XVII e XVIII. In: Gonçalo Vasconcelos e SOUSA, dir. *Matrizes da investigação em artes decorativas V*. Em linha. Porto: UCE/CITAR, 2013, p. 77-94. ISBN 978-989-8366-57-3. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6514>>. [visualizado em 2024-05-27].
- CARVALHO, Rosário Salema de. *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias - um novo paradigma*. Tese de doutoramento. Lisboa: FLUL, Departamento de História, 2012. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10451/6527>>. [visualizado em 2025].
- CARVALHO, Rosário Salema de; Alexandre PAIS e Ana Paula FIGUEIREDO. *Guia de inventário de azulejo in situ*. Em linha. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS-IHA/FLUL. MNAz. SIPA, DGPC, 2018. Disponível em: https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/multimedia/files/GuiaInventario/Guia_Inventario_v1.pdf. [visualizado em 2024-05-27].
- CORREIA, Ana Paula. Palácios, azulejos e metamorfoses. *Oceanos*. 1998 (out.) - 1999 (mar.), n.º 36-37, p. 179-208.
- COUCEIRO, Gonçalo. *Elementos para a história da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741*. Em linha. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/38490205/Elementos_para_a_Hist%C3%B3ria_da

F%C3%A1brica de Azulejos SantAnna desde 1741. [visualizado em 2025-08-31].

CRISTÓVÃO, Inês de Castro. *"A principal riqueza que dali vem": Os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH, Departamento de História da Arte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/35219>. [visualizado em 2025-08-28].

Critérios indicativos para a avaliação do valor patrimonial relevante de azulejos de fachada, com vista à aplicação da Lei n.º 79/2017 de 18 de agosto. Em linha. Disponível em: <http://www.sosazulejo.com/wp-content/uploads/2018/07/Crit%C3%A9rios-orientadores-de-avalia%C3%A7%C3%A3o-de-fachadas-azulejadas-para-aplica%C3%A7%C3%A3o-Lei-79-2017.pdf>. [visualizado em 2024-11-14].

Esclarecimentos aos municípios no que concerne à aplicação da nova Lei n.º 79/2017 de 18 de agosto, que protege o património azulejar. Em linha. Disponível em: <http://www.sosazulejo.com/wp-content/uploads/2020/05/Esclarecimentos-aos-munic%C3%ADpios.pdf>. [visualizado em 2024-11-14].

Facebook do Município de Oeiras. Fotografia. Em linha. 29 de março de 2021.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10160927536453696&set=pcb.10160927538763696>. [visualizado em 2024-10-14].

GORDALINA, Rosário. *Convento de Santa Maria de Almoester / Igreja Paroquial de Almoester / Igreja de Santa Maria*. IPA.00002440. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 1998. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440. [visualizado em 2025-08-28].

Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz. Em linha. 12/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aqduyk-W-NQ>>. [visualizado em 2025-10-21].

KW Portugal. *Anúncio 4556*. Em linha. Disponível na Internet: <URL: [https://www.kwportugal.pt/Imovel/Venda/Predio/Beja/Beja/Beja-\(Santiago-Maior-e-Sao-Joao-Baptista\)/4556](https://www.kwportugal.pt/Imovel/Venda/Predio/Beja/Beja/Beja-(Santiago-Maior-e-Sao-Joao-Baptista)/4556). [visualizado em 2024-10-04].

LIMA, Pereira de. *Jardim do Palácio de Queluz/Quinta Real de Queluz*. IPA.00024040. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2005. Disponível em: http://monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24040. [visualizado em 2024-10-06].

LUSA. Projeto defende inventariação de património azulejar e mapa nacional do azulejo. *Público*. Em linha. 2023 (2 jul.). Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/07/02/culturaipsilon/noticia/projecto-defende-inventariacao-patrimonio-azulejar-mapa-nacional-azulejo-2055387>. [visualizado em 2024-11-14].

MECO, José, ed. lit. *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal, 1984.

IDEM. *Azulejaria portuguesa*. S.l.: Bertrand Editora, 1985.

IDEM. *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

The Met: the collection: Drawings and Prints. Em linha. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/399405>. [visualizado em 2025-09-25].

MNAz. *Cortejo de Neptuno e Anfitrite*. Em linha. Disponível em: [Cortejo de Neptuno e Anfitrite — Google Arts & Culture](#). [visualizado em 2024-10-15].

Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>. [visualizado em 2025-09-25].

Musée des Beaux-Arts de Nancy: les collections. Em linha. Disponível em: <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-2-acis-et-galatee-sur->

[un-char-nuptial-f12e12fb-514f-4ee0-816b-d6d781f106e6>](#). [visualizado em 2025-09-25].

OLIVEIRA, Armando. *Estação Ferroviária de Urrós*. IPA.00035689. Em linha. 2016. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689.
[visualizado em 2025-09-12].

PEREIRA, João Castel-Branco. Azulejos neoclássicos. *Oceanos*. 1998 (out.) -1999 (mar.), n.º 36-37, p. 211-232.

IDEM. O azulejo neoclássico. In: PORTUGAL. MNAz; Alexandre Nobre PAIS e João Castel-Branco PEREIRA, ed. lit. *Cerâmica neoclássica em Portugal*. Lisboa: MNA, 1997, p. 11-41. ISBN 972-8137-61-3.

PRÉAUD, Maxime. *Inventaire du fonds français, graveurs du XVII^e siècle: Jean Lepautre (deuxième partie)*. Em linha. Tome 12. Paris: Bibliothèque nationale de France, 1999. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4227495v>. [visualizado em 2025-09-25].

Projeto “SOS Azulejo”. *Apresentação*. Em linha. Disponível em:
http://www.sosazulejo.com/?page_id=16. [visualizado em 2024-11-13].

SANCHES, Ana. Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: do passado ao futuro. In: Nadja HORSCH; Michael SCHOLZ-HÄNSEL e Marta OLIVEIRA SONIUS. *Gardens of the Iberian Peninsula: news perspectives on an entangled history*. Em linha. Berlim: Frank & Timme, 2023, p. 293-303. Disponível em:
https://www.parquesdesintra.pt/media/xpddbc0m/gardensoftheiberianpeninsula_ana_sanches.pdf. [visualizado em 2025-10-21].

SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: FCG, 1971. 2 tomos.

IDEM. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. ver. e atualizada. Lisboa: FCG, 2010. ISBN 978-972-678-046-5.

Sobre o projeto. Em linha. Disponível em: <https://azulejopublicitario.pt/about/>.
[visualizado em 2025-10-18].

TELLES, Liberato. *Duas palavras sobre pavimentos*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1896.

The project. Em linha. Disponível em:
<https://sites.google.com/fct.unl.pt/chromaz/about-chromaz/the-project?authuser=0>. [visualizado em 2025-10-18].

VELOSO, A. Barros e Isabel ALMASQUÉ. *Azulejaria de exterior em Portugal*. Lisboa: Inapa, 1991. ISBN 972-9019-38-X.

ZOOMGUIDE. *Jardins do Palácio Nacional de Queluz: 161 – Antigo Jardim do Labirinto*. Em linha. Disponível em:
https://www.zoomguide.app/attraction/123?searchMode=list_search&activeZone=outdoor. [visualizado em 2025-10-21].

ZOOMGUIDE. *Jardins do Palácio Nacional de Queluz: 173 – Jardim Botânico*. Em linha. Disponível em:
https://www.zoomguide.app/attraction/123?searchMode=list_search&activeZone=outdoor. [visualizado em 2025-10-21].

3. Pintura

AMARAL, Rogério. *Rogério Amaral: pintura do silêncio*. Costa da Caparica: Almadarte Galeria, 1993.

AZEVEDO, Fernando de. *Moniz Pereira, João Hogan, José de Guimarães, Rogério Amaral*. Funchal: Quetzal, 1982.

CRUZ, António João. *Da sombra para a luz: materiais e técnicas da pintura de Bento Coelho da Silveira*. Em linha. Lisboa: IPPAR, 2000. Disponível em:
<http://www.ciarte.pt/artigos/pdf/199901.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

RIBEIRO, Rogério e Fernando de AZEVEDO. *Breve retrospectiva da obra de Rogério Amaral: pintura, desenho*. Almada. Câmara Municipal, 1992.

SERRÃO, Vítor. A Pintura Antiga em Terras de Vila Franca De Xira: alguns casos de estudo. *CIRA. Boletim cultural*. Em linha. 2015-2026, n.º 13, p. 206-237. ISSN 2183-069 x. Disponível em: https://www.cm-vfxira.pt/cm-vfxira/uploads/document/file/960/CIRA_BOLETIM_CULTURAL_13_2015-2016_2.pdf. [visualizado em 2024-05-27].

SILVA, Sara Gomes da. Bento Coelho entre o aplauso e o silêncio. *Revista de história da arte e arqueologia*. Em linha. 2015, n.º 23, p. 49-65. ISSN 2179-2305. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/chaa/rhaa/downloads/Revista%2023%20-%20artigo%203.pdf>. [visualizado em 2024-05-27].

SOBRAL, Luís de Moura, ed. lit. *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*. [Lisboa]: IPPAR, 1998. ISBN 972-8087-52-7.

IDEM. Os Desposórios da Virgem, pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta de Subserra. *CIRA. Boletim cultural*. 1998-1999, n.º 8, p. 35-44. ISBN 972-8241-23-2.

4. Jardins e embrechados

ALBERGARIA, Isabel Soares de. Os embrechados na arte portuguesa dos jardins. *ARQUIPÉLAGO, História*. Em linha. 1997, 2.ª série, n.º 2, p. 459-488. ISSN 0871-7664. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/483>. [visualizado em 2025-10-16].

CARAPINHA, Aurora. Da essência do jardim na cultura lusíada. In: José Eduardo FRANCO e Ana Cristina da Costa GOMES, coord. *Jardins do mundo: discursos e práticas*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 197-203. ISBN 978-989-616-261-0.

CARITA, Helder. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte*. S.l.: Edição de autores, 1987.

MECO, José. Azulejos e embrechados nos jardins portugueses dos séculos XVII e XVIII. In: José Eduardo FRANCO e Ana Cristina da Costa GOMES, coord.

Jardins do mundo: discursos e práticas. Lisboa: Gradiva, 2008. ISBN 978-989-616-261-0.

SILVA, André Lourenço e. Conservação e restauro de embrechados. *VIII Jornadas de arte e ciência. Conservação e restauro de artes decorativas de aplicação arquitectónica*. Em linha. Porto, (2012-09-29), p. 166-172. Disponível em: https://www.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/VIII-Jornadas-Arte-Ciencia_compressed.pdf. [visualizado em 2025-10-17].

5. Legislação

Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro. *Estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de protecção e do plano de pormenor de salvaguarda*. Em linha. Diário da República: I série, n.º 206 (2009). Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1574&tabela=leis>. [visualizado em 2024-05-27].

Lei n.º 79/2017, de 18 de agosto. *Protege o património azulejar, procedendo à décima terceira alteração ao Regime Jurídico da Urbanização e Edificação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro*. Em linha. Diário da República: I Série, n.º 159 (2017). Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/79-2017-108016474>>. [visualizado em 2024-11-14].

Lei n.º 107/2001, de 08 de setembro. *Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*. Em linha. Diário da República: I-A série, n.º 209 (2001). [Legislação consolidada]. Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&artigo_id=&tabela=leis&ficha=101&pagina=&nversao=&so_miolo=>. [visualizado em 2024-05-27].

Resolução da Assembleia da República n.º 144/2017. *Consagra o dia 6 de maio como o Dia Nacional do Azulejo*. Em linha. Diário da República: I Série, n.º 129 (2017-07-06). Disponível em:

<https://files.diariodarepublica.pt/1s/2017/07/12900/0338703388.pdf>.
[visualizado em 2024-11-14].

Resolução da Assembleia da República n.º 145/2017. *Recomenda ao Governo a proteção e valorização do património azulejar português*. Em linha. Diário da República: I Série, n.º 129 (2017-07-06). Disponível em:
<https://files.diariodarepublica.pt/1s/2017/07/12900/0338703388.pdf>.
[visualizado em 2024-11-14].

Resolução do Conselho de Ministros 16/93, de 17 de março. *Ratifica o Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira*. Em linha. Diário da República: I-B série, n.º 64 (1993). Disponível em:
<https://files.diariodarepublica.pt/1s/1993/03/064b00/12601271.pdf>.
[visualizado em 2024-05-27].

6. Bancos de dados

Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo. Em linha. Disponível em: [Az INFINITUM \(ulisboa.pt\)](#). [visualizado em 2024/2026].

Biblioteca de Arte Gulbenkian. Em linha. Disponível em:
<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/>. [visualizado em 2024/2026].

CMVFX. *Carta Arqueológica* [SIG mapa interativo]. Em linha. 2017. Disponível em: [Carta Arqueológica \(cm-vfxira.pt\)](#). [visualizado em 2024].

CMVFX. *Emissão de plantas de localização* [SIG mapa interativo]. Em linha. Disponível em: <https://sigvfx.cm-vfxira.pt/MuniSIG/Html5Viewer/index.html?viewer=PlantasLocalizacao>. [visualizado em 2024-11-17].

Cronologia de Azulejos portugueses. Em linha. 2014. Disponível em:
<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/timeline/>. [visualizado em 2025-10-24].

Geni - rede social genealógica. Em linha. Disponível em:
<https://www.geni.com/people/>. [visualizado em 2024-11-21].

Google Earth - programa de mapas em 3D. Em linha. Disponível em:
<https://earth.google.com/web/>. [visualizado em 2025-09-16].

ICONCLASS – Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais. Em linha.
Disponível em: <https://iconclass.org/pt/>. [visualizado em 2024/2025].

Museus e Monumentos de Portugal. *Raiz: plataforma destinada ao inventário, gestão e divulgação de bens culturais*. Em linha. Disponível em:
<http://raiz.museusemonumentos.pt/>. [visualizado em 2024/2025].

SNIT. Em linha. Disponível em: <https://snit-mais.dgterritorio.gov.pt/PortalSobreposicoes/>. [visualizado em 2024-11-18].

VINCULUM - Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries). Em linha.
Disponível em: <https://www.vinculum-database.fcsh.unl.pt/>. [visualizado em 2024-11-18].

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Património azulejar da Quinta Municipal de Suberra

Anexos

Elsa Cristina Mendes Lopes

Mestrado em Estudos do Património

Dissertação orientada pela

Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

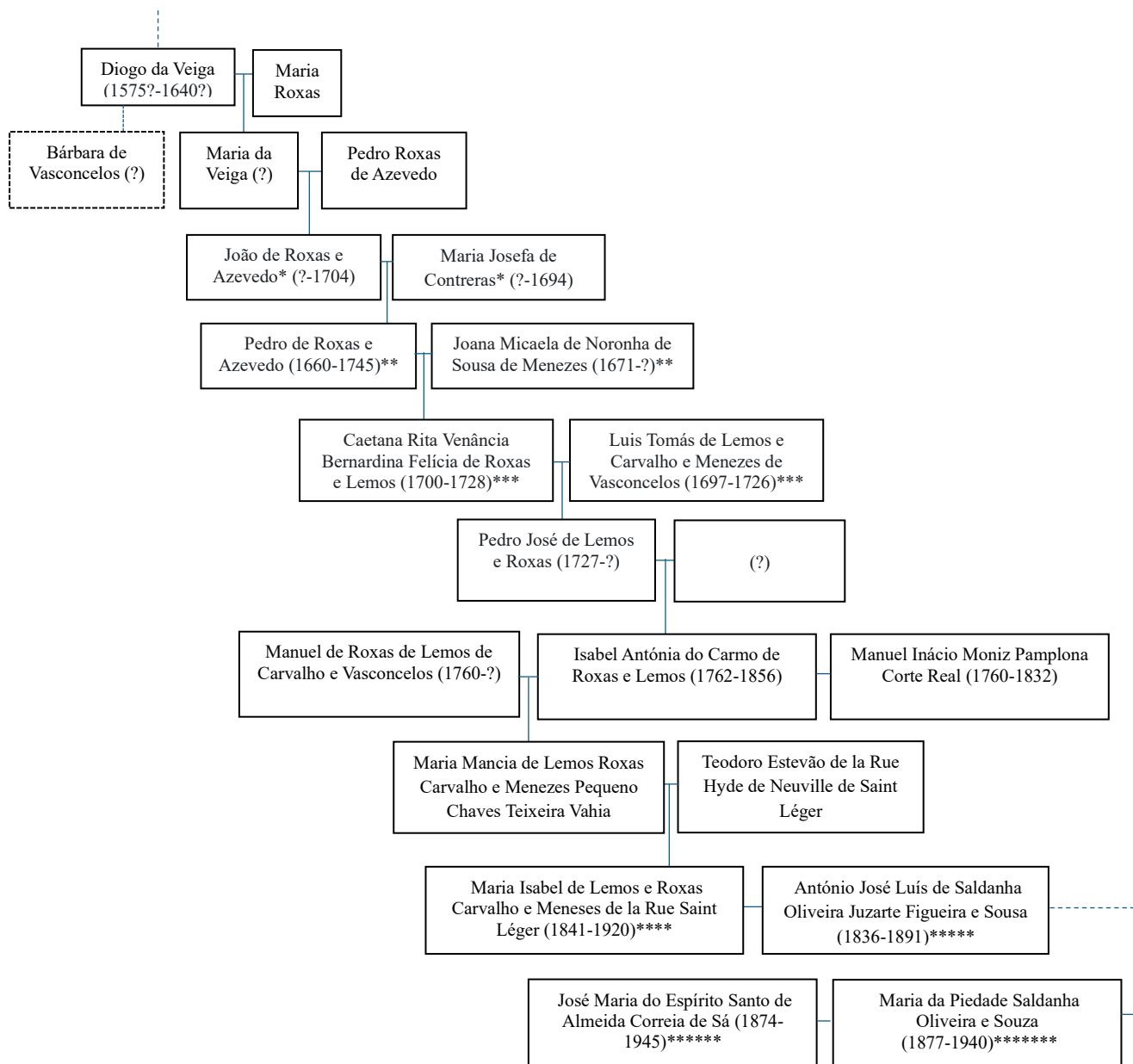
Janeiro de 2026

Índice

| | |
|--|-----|
| Anexo I - Árvore genealógica dos primeiros proprietários da Quinta de Suberra | 4 |
| Anexo II - Cronologia histórico-artística | 6 |
| Anexo III - Fichas de inventário dos azulejos <i>in situ</i> da Quinta Municipal de Suberra | 11 |
| Nota prévia | 12 |
| Visualização hierárquica | 13 |
| VFX_S_QMS - Quinta Municipal de Suberra | 16 |
| VFX_S_QMS_01 – Palácio | 19 |
| VFX_S_QMS_0101 – Escadaria 1 | 21 |
| VFX_S_QMS_0102 – Escadaria 2 | 28 |
| VFX_S_QMS_0103 – Corredor 1 | 37 |
| VFX_S_QMS_0104 – Corredor 2 | 44 |
| VFX_S_QMS_0105 – Parede exterior | 57 |
| VFX_S_QMS_02 – Capela de São José | 75 |
| VFX_S_QMS_0201 – Revestimento cerâmico interior da capela | 78 |
| VFX_S_QMS_0202 – Revestimento cerâmico exterior da capela | 88 |
| VFX_S_QMS_03 – Jardins | 97 |
| VFX_S_QMS_0301 – Banco com espaldar ladeado por canteiros | 100 |
| VFX_S_QMS_0302 – Fonte de São Marcos | 121 |
| VFX_S_QMS_0303 – Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes | 131 |
| VFX_S_QMS_0304 – Canteiros, banco, murete e escadarias | 136 |
| VFX_S_QMS_0305 – Banco do jardim barroco | 162 |
| VFX_S_QMS_0306 – Fonte parietal | 172 |
| VFX_S_QMS_0307 – Antigo tanque de rega | 180 |
| VFX_S_QMS_04 – Casa de fresco | 191 |
| VFX_S_QMS_0401 - Revestimento cerâmico da casa de fresco | 193 |

| | |
|--|-----|
| VFX_S_QMS_05 – Dependências | 206 |
| VFX_S_QMS_0501 – Casa do Olival | 208 |
| VFX_S_QMS_0502 – Vivenda Sol e Serra | 216 |
| VFX_S_QMS_0503 – Arrumos e pombal | 251 |
| VFX_S_QMS_0504 – Escritório | 261 |
| VFX_S_QMS_0505 – Adega | 279 |
| VFX_S_QMS_0506 – Abegoaria | 288 |
| | |
| Autorias | |
| Fábrica Sant’Anna | 295 |
| AMARAL, Rogério (1917-1996) | 298 |
| | |
| Resultado de pesquisa com a inserção da Quinta Municipal de Suberra no Az Infinitum | 300 |

**Anexo I - Árvore genealógica dos primeiros proprietários da
Quinta de Subserra**



Informação consultada em linha. Disponível em:

*<URL: <https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/restrita/enlace.asp?codenlace=1412059>>.

**<URL:GeneaMinas - genealogia mineira - Pedro de Roxas de Azevedo e Joana Micaela de Noronha de Sousa de Menezes>.

***<URL:GeneaMinas - genealogia mineira - Luís Tomás de Lemos e Carvalho e Menezes de Vasconcelos e Caetana Rita Venância Bernardina Felícia de Roxas e Lemos>.

****<URL:<https://www.geni.com/people/Maria-Isabel-da-Anuncia%C3%A7%C3%A3o-e-Menezes-de-Saint-L%C3%A9ger-Marquesa-de-Rio-Maior/600000020241400584>>.

*****<URL:<https://www.geni.com/people/Ant%C3%B3nio-Jos%C3%A9-Oliveira-e-Sousa-1-%C2%BA-marqu%C3%AAs-de-Rio-Maior/60000002024153551>>.

*****<URL:<https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Maria-de-Almeida-Correia-de-S%C3%A1-6-%C2%BA-Marqu%C3%AAs-de-Lavrado/600000020501034167>>.

*****<URL:<https://www.geni.com/people/Maria-da-Piedade-Saldanha-Oliveira-e-Souza/600000020654664852?through=600000020501034167>>. [visualizado em 2024-11-18].

Anexo II - Cronologia histórico-artística¹

¹ Informação retirada dos inventários do SIPA de seguida identificados.

CÂMARA, Teresa. *Quinta de subserra*. IPA.00021431. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2004.

Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431. [visualizado em 2024-07-12]. COSTA, Patrícia; Teresa VALE e Maria FERREIRA. *Casa da Quinta da Subserra*.

IPA.00010457. Em linha. Património Cultural, I.P. SIPA, 2001/2002. Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457. [visualizado em 2024-06-13].

1633 O capitão D. Diogo da Veiga, vindo da Índia, institui o Morgadio de São Severino ou de São Severim e funda a Quinta de Subserra e a Capela de São José.

1680 Obrigação de missa na Capela de São José por D. Bárbara de Vasconcelos.

1694
-
1704 A tela “Desposórios da Virgem” de Bento Coelho da Silveira, no altar-mor da Capela de São José, terá sido encomendada após a morte de D. Maria Josefa de Contreras (1694) e antes da morte de D. João de Roxas e Azevedo (1704).²



1755 O terramoto causa danos na quinta.

1823 D. Isabel de Roxas e Lemos (1762-1856) e o marido Manuel Inácio Pamplona (1762-1832) reedificam a capela e o palácio danificados pelo terramoto de 1755.³



Retratos dos Condes de Subserra pintados por Domenico Pellegrini (1806).⁴

² SOBRAL, Luís de Moura. *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*. Lisboa: IPPAR, 1998, p. 382.

³ Segundo a lápide da Capela de São José estas obras decorreram em 1823. A ficha do SIPA IPA.00021431 refere 1821 como a data da campanha de obras e a ficha do SIPA IPA.00010457 indica que decorreu de 1825-1827.

⁴ Fonte da imagem: Câmara Municipal de Cascais. *Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães destaca obras de Domenico Pellegrini | Palestras dia 18 de janeiro e 22 de fevereiro*. Em linha. 2013-01-11. <https://www.cascais.pt/noticia/museu-biblioteca-condes-de-castro-guimaraes-destaca-obras-de-domenico-pellegrini-palestras>. [visualizado em 2026-01-12].

1856 D. Maria Mância de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves Teixeira Vahia (1805-1881), 2.^a Condessa de Subserra organiza a obrigação de missas e a ampliação da Capela de São José.⁵

1881 D. Maria Isabel de Lemos e Roxas Carvalho e Meneses de la Rue Saint Léger (1841-1920), casada desde 1861 com o Conde e depois Marquês de Rio Maior, herda a propriedade.



Retrato da Marquesa de Rio Maior publicado n' *O Occidente* no dia 15 de março de 1895.

1882 António José Luís de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa (1836-1891), 1.^o Marquês de Rio Maior, e a sua esposa a 1.^a Marquesa de Rio Maior, dão continuidade ao culto na Capela de São José.

1883
-
1891 O 1.^o Marquês de Rio Maior manda construir a estrada que vai da Quinta da Ponte à Quinta de Subserra.



Lápide com informação sobre a estrada.

Século XIX A quinta é um espaço de convívio social para a nobreza e realeza, as Marquesas de Bemposta-Subserra investem na beneficiação da propriedade: jardins, gruta, tanque dos peixes, pombais e estrada de acesso à quinta.

⁵ Segundo informação da lápide da Capela de São José.

1940

A quinta é vendida por José Maria de Almeida Correia de Sá, 6.º Marquês de Lavradio (1858-1945), sobrinho da Marquesa de Rio Maior.



Retrato do 6.º
Marquês de
Lavradio⁶

1941

O cidadão francês Pierre Benoist, diretor da Fábrica Nacional de Penteação de Lãs (em Alhandra), era o proprietário da quinta que era administrada por Eduardo Barata, foram empreendidos grandes melhoramentos.

c. 1945

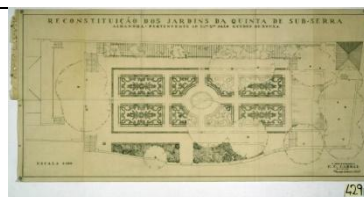
A quinta é adquirida pelo Dr. Silva Araújo, diretor dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

1947

A quinta está muito deteriorada quando é adquirida por João Guedes de Sousa que inicia obras de consolidação e restauro, sobretudo na capela e no palácio.

1950

Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral.



Plano geral, 10 de março de 1950.
1:100; 0,52 x 1,10 cm; suporte vegetal.⁷

⁶ Fonte da imagem: de fotógrafo desconhecido na obra LAVRADIO, D. José Luiz de Almeida, coord. *Memórias do Sexto Marquês de Lavradio*. Lisboa: Edições Ática, 1947, Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=148125033>. [visualizado em 2026-01-12].

⁷ CABRAL, Francisco Caldeira e Manuel Silveira RAMOS, fotografias. *Quinta da Suberra de João Guedes de Sousa, Alhandra* [Projeção visual]. Em linha. 2002-2003. Disponível em: <https://www.bibliartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?term=francisco+Caldeira+Cabral+subserra&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab11&session=17AP4O4437593.6688199&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=200&spp=200&profile=ba&ri=>. [visualizado em 2025-09-09].

1980 A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira compra a quinta a João Guedes de Sousa.

Anos
90 No jardim são efetuadas obras de reabilitação da autoria do arquiteto paisagista Fernando Graça e obras de drenagem.

2024 Em fevereiro de 2024, arranca uma nova obra de reabilitação⁸, focada na adega, que prevê a manutenção do edifício atual, uma nova edificação de ampliação adjacente e a definição de acesso para veículos pesados.

⁸ CARRILHO, Pedro. *Quinta Municipal da Subserra*. Em linha. 2021. Disponível em: [Quinta Municipal da Subserra — Pedro Carrilho](#)>. [visualizado em 2024-05-27].

**Anexo III - Fichas de inventário dos azulejos *in situ* da
Quinta Municipal de Subserra**

Nota prévia

O anexo III reúne uma proposta de inventariação dos azulejos *in situ* da Quinta Municipal de Subserra com o objetivo da sua integração no Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo, desenvolvido pela Az – Rede de Investigação em Azulejo, pelo Museu Nacional do Azulejo e pela Sistemas do Futuro.⁹ O Az Infinitum é uma plataforma *online* em construção que procede à inventariação, catalogação e documentação do património azulejar produzido ou aplicado em Portugal.¹⁰ Para a elaboração das fichas de inventário adotamos o *Guia de Inventário de Azulejo in situ*¹¹ que foi lançado em 2014. A iconografia dos azulejos foi indexada com recurso ao ICONCLASS – Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais.¹²

De acordo com o Az Infinitum atribuímos o seguinte código ao imóvel em estudo VFX_S_QMS: VFX (concelho de Vila Franca de Xira), S (localidade Subserra), QMS (Quinta Municipal de Subserra). As fichas de inventário estão organizadas de forma hierárquica começando no imóvel Quinta de Subserra e subdividindo-se nos seus vários componentes: palácio, Capela de São José, jardins, casa de fresco, dependências. Por sua vez, nalguns casos, cada componente é subdividido por mais componentes. Foram feitas fichas de inventário para os vários revestimentos cerâmicos, molduras e padrões. Após estas fichas temos duas fichas de autoria, uma para Rogério Amaral criada por nós e outra para a Fábrica Sant’Anna baseada na ficha já existente no Az Infinitum na qual completamos a cronologia com as intervenções de revestimentos cerâmicos na Quinta Municipal de Subserra e uma referência bibliográfica. No final apresentamos uma simulação do resultado de pesquisa com a inserção da Quinta Municipal de Subserra no Az Infinitum. Dado que as fichas ainda não integram o Az Infinitum, o campo “Sobre a ficha” não foi preenchido.

⁹ AZ – REDE DE INVESTIGAÇÃO EM AZULEJO - *Quem somos* [Em linha]. [Consult. 10-07-2025]. Disponível na Internet: <URL: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/page.aspx?lang=pt&pid=45&cid=0>>.

¹⁰ IDEM - *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* [Em linha]. [Consult. 10-07-2025]. Disponível na Internet: <URL: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/>>.

¹¹ IDEM - *Guia de Inventário de Azulejo in situ* [Em linha]. [Consult. 10-07-2025]. Disponível na Internet: <URL: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/blog.aspx?lang=pt&cid=117&pid=24>>. Este guia resultou da parceria entre o Az – Rede de Investigação em Azulejo, o Museu Nacional do Azulejo e o SIPA (Direção-Geral do Património Cultural).

¹² ICONCLASS – *Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais* [Em linha]. [Consult. 2024/2025]. Disponível na Internet: <URL: <https://iconclass.org/pt/>>.



Fotografias: Elsa Lopes (EL)

Quinta Municipal de Subserra

[Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz]

VISUALIZAÇÃO HIERÁRQUICA

VFX_S_QMS - Quinta Municipal de Subserra

VFX_S_QMS_01 - Palácio

VFX_S_QMS_0101 – Escadaria 1

VFX_S_QMS_010101 – Revestimento cerâmico da escadaria 1

VFX_S_QMS_0102 – Escadaria 2

VFX_S_QMS_010201 – Revestimento cerâmico da escadaria 2

VFX_S_QMS_0103 – Corredor 1

VFX_S_QMS_010301 – Revestimento cerâmico do corredor 1

VFX_S_QMS_0104 – Corredor 2

VFX_S_QMS_010401 – Revestimento cerâmico do corredor 2

VFX_S_QMS_0105 – Parede exterior

VFX_S_QMS_010501 – Revestimento cerâmico exterior do palácio

VFX_S_QMS_02 – Capela de São José

VFX_S_QMS_0201 – Revestimento cerâmico interior da capela

VFX_S_QMS_0202 – Revestimento cerâmico exterior da capela

VFX_S_QMS_03 – Jardins

VFX_S_QMS_0301 – Banco com espaldar ladeado por canteiros

VFX_S_QMS_030101 – Revestimento cerâmico de banco com
espaldar ladeado por canteiros

VFX_S_QMS_0302 – Fonte de São Marcos

VFX_S_QMS_030201 – Revestimento cerâmico da Fonte de São
Marcos

VFX_S_QMS_0303 – Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e
alegretes

VFX_S_QMS_030301 – Revestimento cerâmico do terraço,
escadaria e muro com namoradeiras e
alegretes

VFX_S_QMS_0304 – Canteiros, banco, murete e escadarias

VFX_S_QMS_030401 – Revestimento cerâmico dos canteiros,
banco, murete e escadarias

VFX_S_QMS_0305 – Banco do jardim barroco

VFX_S_QMS_030501 - Revestimento cerâmico do banco do jardim
barroco

VFX_S_QMS_0306 – Fonte parietal

VFX_S_QMS_030601 - Revestimento cerâmico da fonte parietal

VFX_S_QMS_0307 – Antigo tanque de rega

VFX_S_QMS_030701 - Revestimento cerâmico do antigo tanque de
rega

VFX_S_QMS_04 – Casa de fresco

VFX_S_QMS_0401 - Revestimento cerâmico da casa de fresco

VFX_S_QMS_05 – Dependências

VFX_S_QMS_0501 – Casa do Olival

VFX_S_QMS_050101 – Revestimento cerâmico exterior da Casa do
Olival

VFX_S_QMS_0502 – Vivenda Sol e Serra

VFX_S_QMS_050201 – Revestimento cerâmico exterior da
Vivenda Sol e Serra

VFX_S_QMS_050202 – Revestimento cerâmico do corredor

VFX_S_QMS_050203 – Revestimento cerâmico da sala de estar

VFX_S_QMS_050204 – Revestimento cerâmico da cozinha

VFX_S_QMS_050205 – Revestimento cerâmico da casa de banho

VFX_S_QMS_0503 – Arrumos e pombal

VFX_S_QMS_050301 – Revestimento cerâmico exterior dos
arrumos e pombal

VFX_S_QMS_0504 – Escritório

VFX_S_QMS_050401 – Revestimento cerâmico exterior do
escritório

VFX_S_QMS_050402 – Revestimento cerâmico interior do
escritório

VFX_S_QMS_0505 – Adega

VFX_S_QMS_050501 – Revestimento cerâmico exterior da adega

VFX_S_QMS_0506 – Abegoaria

VFX_S_QMS_050601 – Revestimento cerâmico exterior da
abegoaria

IMÓVEL



Fotografias: EL

Quinta Municipal de Subserra

[Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz]

DESIGNAÇÃO

Quinta Municipal de Subserra

OUTRAS DESIGNAÇÕES

Histórica; Quinta de Subserra

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A Quinta Municipal de Subserra está situada numa área agrícola, é constituída por: um palácio, uma fonte com três tanques em escada, um terraço, uma capela, um jardim de buxo barroco, um antigo tanque de rega, uma horta, dois pomares, uma fonte parietal de embrechados, uma casa de fresco, um lagar, uma abegoaria, pombais e o casario dos trabalhadores.

DATAS IMPORTANTES

1633 - O capitão Diogo da Veiga, vindo da Índia, funda a Quinta de Subserra e a Capela de São José.

1755 - O terramoto causa alguma deterioração na quinta.

1823 - Isabel de Lemos e Roxas e o marido reedificam a capela e o palácio danificados pelo terramoto de 1755.¹³

1881 - Maria Isabel de Lemos Roxas Saint Léger (1841-1920), casada desde 1861 com o conde e depois marquês de Rio Maior, herda a propriedade.

Séc. 19 - A quinta é um espaço de convívio social da nobreza e da realeza, as Marquesas de Bemposta e Subserra investem na beneficiação da propriedade, designadamente nos jardins, na gruta, no tanque dos peixes, nos pombais e na estrada de acesso à quinta.

1940 - A quinta é vendida tendo ao longo do tempo vários proprietários.

1941 - O cidadão francês Pierre Benoist, diretor da Fábrica Nacional de Penteação de Lãs (em Alhandra), era o proprietário da quinta administrada por Eduardo Barata, empreendem-se grandes melhoramentos.

c. 1945 - O Dr. Silva Araújo, diretor dos Hospitais Civis de Lisboa, adquire a quinta.

1947 - A quinta está muito deteriorada sendo adquirida por João Guedes de Sousa que inicia obras de consolidação e restauro, sobretudo na capela e no palácio.

1950 - Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral.

¹³ Segundo data da lápide da Capela de São José.

1980 - A quinta é comprada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX) a João Guedes de Sousa. A CMVFX efetuou obras de reabilitação no jardim da autoria do arquiteto paisagista Fernando Graça e obras de drenagem.

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=21431;

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457)

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

Monografias

SILVA, José António Veríssimo - **Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio de Subserra (freguesia de S. João dos Montes)**. [Texto policopiado]. Junho de 1981, pp. 1-14.

MACEDO, Lino de - **Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira**. 2.^a ed. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, 1992, pp. 343-347.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PALÁCIO



Fotografia: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX)



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Palácio

OUTRAS DESIGNAÇÕES

Histórica; Casa da Quinta de Subserra

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_01

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

O Palácio tem planta retangular e forma de paralelepípedo, com cobertura em quatro águas e três pisos. No alçado voltado para o pátio há uma escadaria de lanços convergentes que dá acesso ao 1.º andar através de uma porta encimada por alpendre de três águas sustentado por duas colunas. No 1.º andar nobre as divisões têm pintura decorativa aparentemente produção pós-Pillement (COSTA, Patrícia; VALE, Teresa; FERREIRA, Maria - Casa da Quinta da Suberra. IPA.00010457). No interior (escadarias e corredores) e exterior do palácio temos revestimentos azulejares de três tipos (pombalino, D. Maria e barroco).

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Suberra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Escadaria 1

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

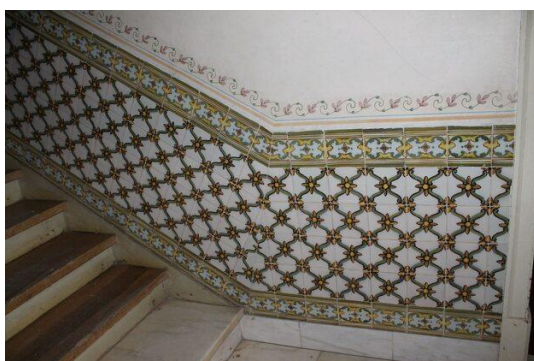
NÚMERO

VFX_S_QMS_0101

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da escadaria 1

NÚMERO

VFX_S_QMS_010101

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Revestimento cerâmico aplicado em silhar com cercadura ao longo das paredes que acompanham a escadaria de madeira que dá acesso ao 1.º andar do palácio, prolongando-se num corredor. O silhar de azulejos tem seis azulejos em altura (incluindo a cercadura). Os azulejos são policromos (branco, verde-seco, azul-claro, amarelo, laranja, castanho e contorno preto) com motivos florais com contornos feitos com óxido de ferro, formam um padrão pombalino do século XVIII. A encimar o silhar temos uma pintura decorativa parietal em forma de friso floral com um perfil dinâmico semelhante a ondas, possivelmente elaborada com a técnica do *stencil*.

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Azul-claro; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Padrão pombalino do século XVIII policromo (branco, verde-seco, amarelo, laranja, castanho e contorno preto) com motivos florais com contornos feitos com óxido de ferro. O módulo de padrão é formado por um azulejo que é repetido. O azulejo no centro tem uma flor quadripétala de tons amarelo e laranja com núcleo amarelo (com o desenho de uma linha interior em cada pétala), em cada canto do azulejo temos um 1/4 de outro tipo de flor quadripétala com as mesmas cores, mas com núcleo castanho (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). As flores estão ligadas por caules curvilíneos de cor verde-seco.

RITMO VISUAL

A repetição do azulejo compõe uma forma semelhante a uma rede hexagonal com um jogo de sombra e luz, com ritmos ondulatórios e diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e um elemento de ligação; Flores e caules curvilíneos. Padrão\jogo de sombra e luz. Padrão\desenvolvido em reticulado. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos ondulatórios. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Centro.

25G41 - flores; Centro e cantos.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Caules.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloché");

Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da escadaria 1

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

Este padrão tem semelhanças com o P-18-00035 (Az Infinitum vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?ns=214000&id=745&Lang=PO&f=padroesEMolduras>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma com fundo azul-claro e tons de verde-seco, amarelo, laranja, castanho e contorno preto. O azulejo tem como elemento central uma flor quadripétala amarela com núcleo castanho (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). A flor central é rematada em cada pétala por uma conta em verde-seco, ficando no interior duma moldura

vegetalista em tons de verde-seco e amarelo. A moldura vegetalista nos bordos tem uma sequência de faixas horizontais amarelas com contorno castanho, alternadas por uma faixa branca, terminando com uma faixa em verde-seco. A flor central da cercadura é semelhante à flor dos cantos do azulejo do padrão pombalino que esta cercadura acompanha.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Motivo vegetalista recortado; Flor quadripétala.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Centro.

48A9833 - flores - ornamento; Elemento central.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Moldura.

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas; Elemento central.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Azul-claro; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da escadaria 1

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Escadaria 2

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_0102

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da escadaria 2

NÚMERO

VFX_S_QMS_010201

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Revestimento cerâmico aplicado em silhar com cercadura ao longo das paredes que acompanham a escadaria de mármore que dá acesso ao 1.º andar do palácio, prolongando-se num corredor. O silhar de azulejos tem oito azulejos em altura (incluindo a cercadura e o rodapé) no primeiro patamar da escadaria, a altura vai variando ao longo das escadas. Os azulejos são policromos (branco, azul-escuro, azul-claro, amarelo, laranja, verde-seco, púrpura e contorno preto) com motivos florais com contornos feitos a preto, formam um padrão D. Maria do século XVIII, com cercadura de motivos florais e rodapé de azulejos marmoreados a púrpura, possivelmente produzidos pela Fábrica Sant'Anna no século XX.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Padrão D. Maria do século XVIII policromo (branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas. O módulo de padrão

é formado pelo esquema de 2x2, dois modelos de azulejo em espelho. O azulejo tem uma grinalda colocada na diagonal que vai de um vértice ao outro do azulejo que termina em 1/4 de círculo azul-escuro cujo padrão forma um círculo que liga as grinaldas. A grinalda é composta por ramagem entrelaçada com duas flores pequenas de cinco pétalas azuis-claras com núcleo amarelo e uma flor maior de seis pétalas em tons amarelos e laranjas com o núcleo azul-escuro (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). Nos vértices opostos do azulejo temos 1/4 de uma flor de pétalas azuis-claras com núcleo amarelo, o padrão compõe uma flor de 16 pétalas.

RITMO VISUAL

A repetição do azulejo compõe uma rede com uma malha em forma de losango com uma flor de 16 pétalas no centro. Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e um elemento de ligação; Flor e grinaldas floridas unidas por círculo. Padrão\desenvolvido em reticulado. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro e cantos.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloché"); Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da escadaria 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma (branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto). O azulejo tem como elemento central uma flor de seis pétalas amarelas e tons alaranjados (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala) o núcleo da flor é azul-escuro. A flor central faz parte de uma grinalda de folhagem em verde-seco que é ligada por um círculo amarelo. A cercadura nos bordos tem uma faixa horizontal mais larga azul-escura, seguida por duas faixas mais estreitas azuis-claras separadas por retas azuis-escuras. A flor central da cercadura é semelhante à flor das grinaldas do azulejo do padrão que esta cercadura acompanha.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Motivo vegetalista recortado; Flor de seis pétalas.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloché"); Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da escadaria 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) – tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materials

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da escadaria 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Corredor 1

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_0103

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do corredor 1

NÚMERO

VFX_S_QMS_010301

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Revestimento cerâmico aplicado em silhar com cercadura ao longo das paredes de um corredor no 1.º andar do palácio. O silhar de azulejos tem seis azulejos em altura (incluindo

a cercadura). Os azulejos são policromos (branco, verde-seco, azul-claro, amarelo, laranja, castanho e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas formando um padrão pombalino do século XVIII. A encimar o silhar temos uma pintura decorativa parietal em forma de friso floral com um perfil dinâmico semelhante a ondas, possivelmente elaborada com a técnica do *stencil*.

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-claro; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Padrão pombalino do século XVIII policromo (branco, verde-seco, amarelo, laranja, castanho e contorno preto) com motivos florais e vegetalista. O módulo de padrão é formado por um azulejo que é repetido. O azulejo no centro tem uma flor quadripétala de tons amarelo e laranja com núcleo amarelo (com o desenho de uma linha interior em cada pétala), em cada canto do azulejo temos um 1/4 de outro tipo de flor quadripétala com as mesmas cores, mas com núcleo castanho (com o desenho de duas linha interior em cada pétala). As flores estão ligadas por caules curvilíneos de cor verde-seco.

RITMO VISUAL

A repetição do azulejo compõe uma forma semelhante a uma rede hexagonal com um jogo de sombra e luz, com ritmos ondulatórios e diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e um elemento de ligação; Flores e caules curvilíneos. Padrão\jogo de sombra e luz. Padrão\desenvolvido em reticulado. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos ondulatórios. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Centro.

25G41 - flores; Centro e cantos.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Caules.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche");

Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho;

Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 1

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

Este padrão tem semelhanças com o P-18-00035 (Az Infinitum vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?ns=214000&id=745&Lang=PO&f=padroesEMolduras>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma com fundo azul-claro e tons de verde-seco, amarelo, laranja, castanho e contorno preto. O azulejo tem como elemento central uma flor quadripétala amarela com núcleo castanho (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). A flor central é rematada em cada pétala por uma conta em verde-seco, ficando no interior duma moldura vegetalista em tons de verde-seco e amarelo. A moldura vegetalista nos bordos tem uma sequência de faixas horizontais amarelas com contorno castanho, alternadas por uma faixa branca, terminando com uma faixa em verde-seco. A flor central da cercadura é semelhante à flor dos cantos do azulejo do padrão pombalino que esta cercadura acompanha.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Motivo vegetalista recortado; Flor quadripétala.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Centro.

48A9833 - flores - ornamento; Elemento central.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Moldura.

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas; Elemento central.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Azul-claro; Vidrado. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 1

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Corredor 2

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

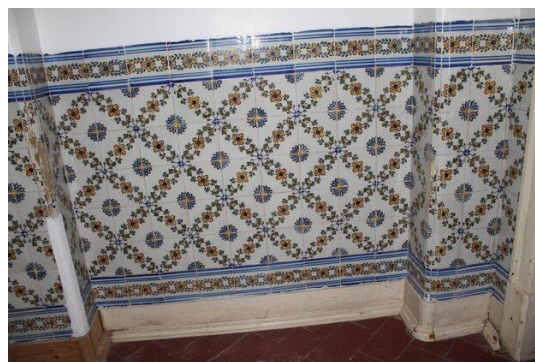
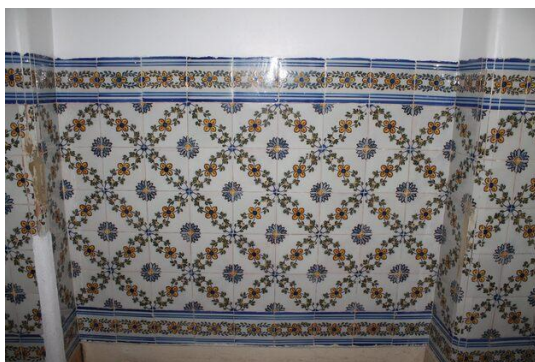
NÚMERO

VFX_S_QMS_0104

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do corredor 2

NÚMERO

VFX_S_QMS_010401

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Revestimento cerâmico aplicado em silhar com cercadura ao longo das paredes que acompanham um corredor no 1.º andar do palácio. O silhar de azulejos tem sete azulejos em altura (incluindo a cercadura) nalgumas partes do corredor e noutras partes oito azulejos em altura (incluindo a cercadura e o rodapé). Os azulejos são policromos (branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja, púrpura e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas formando um padrão D. Maria do século XVIII, com cercadura de motivos florais e, nalgumas partes do corredor, rodapé de azulejos marmoreados a púrpura, possivelmente produzidos pela Fábrica Sant'Anna no século XX.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Padrão D. Maria do século XVIII policromo (branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas. O módulo de padrão é formado pelo esquema de 2x2, com azulejos em rotação. O azulejo tem uma grinalda colocada na diagonal que vai de um vértice ao outro do azulejo que termina em 1/4 de círculo azul-escuro cujo padrão forma um círculo que liga as grinaldas. Numa parte do corredor, a grinalda é composta por ramagem entrelaçada com dois pequenos círculos amarelos e uma flor central quadripétala em tons amarelo e laranja com o núcleo azul-escuro (com o desenho de uma linha interior em cada pétala). Nos vértices opostos do azulejo temos 1/4 de uma flor de pétalas azuis-claras com núcleo amarelo, o padrão compõe uma flor de 16 pétalas.

RITMO VISUAL

A repetição do azulejo compõe uma rede com uma malha em forma de losango com uma flor de 16 pétalas no centro. Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão com um centro e um elemento de ligação; Flor e grinaldas floridas unidas por círculo. Padrão desenvolvido em reticulado. Ritmo visual Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro e cantos.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche"); Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

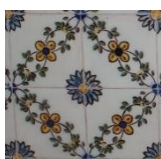
Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo; Pintura. Laranja; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Padrão D. Maria do século XVIII policromo (branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto) com motivos florais e vegetalistas. O módulo de padrão é formado pelo esquema de 2x2, com azulejos em rotação. O azulejo tem uma grinalda colocada na diagonal que vai de um vértice ao outro do azulejo que termina em 1/4 de círculo azul-escuro cujo padrão forma um círculo que liga as grinaldas. Numa parte do corredor, a grinalda é composta por ramagem entrelaçada com duas flores pequenas de cinco pétalas azuis-claras com núcleo amarelo e uma flor maior de seis pétalas em tons amarelos e laranjas com o núcleo azul-escuro (com o desenho de duas linhas interiores em cada pétala). Nos vértices opostos do azulejo temos 1/4 de uma flor de pétalas azuis-claras com núcleo amarelo, o padrão compõe uma flor de 16 pétalas.

RITMO VISUAL

A repetição do azulejo compõe uma rede com uma malha em forma de losango com uma flor de 16 pétalas no centro. Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão com um centro e um elemento de ligação; Flor e grinaldas floridas unidas por círculo. Padrão desenvolvido em reticulado. Ritmo visual Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro e cantos.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche");
Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo;
Pintura. Laranja; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma em tons de branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto. Numa parte do corredor, o azulejo tem como elemento central uma flor com um núcleo azul-escuro e seis pétalas amarelas e tons alaranjados cujo interior tem o desenho de duas linhas. A flor central faz parte de uma grinalda de folhagem em verde seco que é ligada por um círculo amarelo. A cercadura nos bordos tem uma faixa horizontal mais larga azul-escura, seguida por duas faixas mais estreitas azuis-claras separadas por retas azuis-escuras. A flor central da cercadura é semelhante à flor das grinaldas do azulejo do padrão que esta cercadura acompanha.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Motivo vegetalista recortado; Flor de seis pétalas.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche");
Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo;
Pintura. Laranja; Castanho; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

D. Maria

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma em tons de branco, azul-escuro, azul-claro, verde-seco, amarelo, laranja e contorno preto. Numa parte do corredor, o azulejo tem como elemento central uma flor com um núcleo azul-escuro e quatro pétalas amarelas e tons alaranjados cujo interior tem o desenho de uma linha, a mesma flor é repetida em metades em cada lado do azulejo. A flor faz parte de uma grinalda de folhagem em verde-seco. A cercadura nos bordos tem uma faixa horizontal mais larga azul-escura, seguida por duas faixas mais estreitas azuis-claras separadas por retas azuis-escuras. A flor da cercadura é semelhante à flor das grinaldas do azulejo do padrão que esta cercadura acompanha.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Motivo vegetalista recortado; Flor quadripétala.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas; Elemento de ligação.

25G41 - flores; Centro.

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Grinaldas.

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche");
Elemento de ligação.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura; Azul-claro; Pintura. Verde-seco; Pintura. Amarelo;
Pintura. Laranja; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS**NÚMERO/IDENTIFICADOR****MÓDULO**

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA**Materiais**

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor 2

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Parede exterior

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_0105

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior do palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_010501

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\composição de repetição

NOTA DESCRITIVA

Revestimento azulejar a azul e branco aplicado em silhar, interrompido por porta, dividido em dois painéis. O painel da esquerda tem nove azulejos de altura (incluindo a barra e rodapé) e 17 azulejos de largura. O painel da direita tem 8,5 azulejos de altura (incluindo a barra e rodapé) e 16 azulejos de largura. O tema são as albarradas compostas por vasos floridos maiores ladeados por figuras infantis aladas que são intercaladas por vasos floridos menores de largura de um azulejo, os chamados “palmitos”. Sobre uma base quadrangular temos os vasos floridos maiores com 13 flores, decorados com elemento conchiforme, folhas de acanto e dois golfinhos na base. Sobre uma peanha com folhas de acanto temos os vasos floridos menores com cinco flores unidas por laço, os “palmitos”, decorados com motivo floral e volutas nas pegas. As figuras infantis estão assentes em volutas com folhas de acanto e apoiam com os braços uma base de coluna encimada também por volutas com folhas de acanto. A encimar os vasos floridos menores temos rostos alados com flor quadripétala no cabelo. As albarradas estão emolduradas por uma barra composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais. No painel da esquerda, a barra nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), no centro da barra o rosto tem uma flor quadripétala no cabelo. A barra do painel da direita não tem no centro um rosto, mas sim um enrolamento de folhas acanto sem flores. Ambos os painéis têm um rodapé marmoreado a púrpura, no painel da esquerda o rodapé tem a altura de um azulejo e no painel da direita tem a altura de meio azulejo.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9854 - vaso ~ ornamentos
48A9844 - golfinho ~ ornamentos
41A6711 - flores em vaso
25G41 – flores
48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos
48A9853 - concha ~ ornamentos
48A9821 - ornamentos ~ partes humanas
92D1916 - cupidos: "amores", "amoretti", "putti"
11G1911 - querubins i.e. cabeças de crianças aladas
48A9852 - drapeado ~ ornamentos
48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
48C16 - detalhe arquitetónico
25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais sobre um fundo azul-escuro. Nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), os rostos do centro têm uma flor quadripétala no cabelo e os rostos dos cantos têm volutas ornamentais. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos. Emoldura o silhar de albarradas do revestimento exterior do palácio, do lado esquerdo.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B-

MÓDULO

2x6/10

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Barra a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais, nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), os rostos do centro têm uma flor quadripétala no cabelo. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos. A barra emoldura o silhar de albarradas do revestimento exterior do palácio, do lado esquerdo.

CLASSIFICAÇÃO

Barra\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo três elementos centrais florais

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Canto a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por rosto infantil com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha) com folhas de acanto e volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B- - ctr

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Centro a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por rosto infantil com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), tem flor quadripétala no cabelo.

CLASSIFICAÇÃO

Centro\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores: Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais sobre um fundo azul-escuro. Nos cantos tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço, chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha) e volutas ornamentais. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos. Emoldura o silhar de albarradas do revestimento exterior do palácio, do lado direito.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B-

MÓDULO

2x6/10

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Barra a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais, nos cantos tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (españolette sobre concha) e no centro um enrolamento de folhas acanto sem flores. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos. A barra emoldura o silhar de albarradas do revestimento exterior do palácio, do lado direito.

CLASSIFICAÇÃO

Barra\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo três elementos centrais florais

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do palácio

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

CAPELA DE SÃO JOSÉ



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Capela de São José

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura religiosa/Palácio

NÚMERO

VFX_S_QMS_02

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A Capela de São José tem uma planta longitudinal composta pela sobreposição de dois retângulos que correspondem à nave única e à capela-mor com cobertura em abóboda de berço separada por cornija (COSTA, Patrícia; VALE, Teresa; FERREIRA, Maria - Casa da Quinta da Suberra. IPA.00010457). O coro-alto, junto à face interior da fachada principal, tem um arco triunfal de volta perfeita em cantaria, a capela-mor tem muros laterais com os monumentos fúnebres inscritos em arcossólios e muro de topo decorado por retábulo-mor em cantaria com camarim a albergar a pintura sobre tela de Bento Coelho da Silveira “Os Desposórios da Virgem” do final do século XVII (SOBRAL - Os Desposórios da Virgem, pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta de Suberra. CIRA. Boletim cultural. Vila

Franca de Xira: Museu Municipal, n.º 8 (1998-1999) p. 35-44). Tal como o palácio, a capela tem apontamentos de pintura parietal decorativa: frisos florais e vegetalistas, a representação do Espírito Santo, cartela decorativa, entre outros. Uma das técnicas utilizadas possivelmente é o *stencil*. Defendemos que a pintura parietal da capela é produção pós-Pillement à semelhança do palácio. Junto à Capela há uma outra entrada com portal de verga reta destacada encimada por pedra de armas dos Roxas e Azevedo e Sousa Coutinho (COSTA, Patrícia; VALE, Teresa; FERREIRA, Maria - Casa da Quinta da Subserra. IPA.00010457).

DATAS IMPORTANTES

1633 - O capitão Diogo da Veiga, vindo da Índia, funda a Capela de São José.

1680 - Obrigação de missa por Bárbara de Vasconcelos, filha do capitão Diogo da Veiga.

Final do século XVII - Ampliação da capela e colocação da tela de Bento Coelho da Silveira “Os Desposórios da Virgem” por iniciativa de João de Roxas e Azevedo e sua esposa Maria Josefa de Contreras.

1755 - O terramoto causa alguma deterioração na capela.

1823 - Isabel de Roxas e Lemos e o marido reedificam a capela danificada pelo terramoto de 1755.¹⁴

1 de maio de 1823 - Reconsagração da Capela de São José por Isabel de Roxas e Lemos e pelo marido Manuel Moniz Pamplona Corte Real, condes de Subserra.

1856 - Obrigação de missa e ampliação da capela por Maria Mância de Lemos Roxa Carvalho e Meneses Pequeno Chaves Teixeira Vahia e pelo marido Teodoro Estêvão de la Rue Hyde de Neuville de Saint Léger, marqueses da Bemposta-Subserra.

1882 - Continuação do culto por Maria Isabel de Lemos e Roxas Carvalho e Meneses de la Rue Saint Léger e pelo marido António de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, marqueses de Rio Maior.

¹⁴ Segundo data da lápide da Capela de São José.

(informação retirada de lápide no interior da Capela de São José;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=21431;

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457).

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico interior da capela

NÚMERO

VFX_S_QMS_0201

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

No interior da Capela de São José, nas paredes da nave e da capela-mor, aplicado em silhar com cercadura, temos um amplo revestimento cerâmico policromo do tipo "tapete". Este padrão tem um fundo branco com desenhos a azul e amarelo com contornos pretos feitos com óxido de ferro. A composição tem motivos vegetalistas e florais, coroas e franjas na cercadura. O padrão policromo repete-se, alternadamente, em duas cores dominantes (azul e amarelo) delimitado por frisos verticais de motivos florais amarelos com contornos

desenhados a preto. O silhar da nave tem de altura 9,5 azulejos (incluindo a cercadura). O silhar da capela-mor tem alturas diferentes - 20,5 azulejos e 19,5 azulejos (incluindo cercadura) - sendo recortado pelos monumentos fúnebres do lado da Epístola e do lado do Evangelho. A encimar o silhar de azulejos temos pintura parietal decorativa, com as cores azul-claro, verde seco e laranja, de motivos florais e vegetalistas espiralados.

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Segundo o SIPA o padrão deste revestimento cerâmico representa tecidos (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457). De acordo com a sistematização de SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 13), este revestimento cerâmico policromo do tipo "tapete" corresponde ao período de 1630 a 1650. O "tapete cerâmico" no século XVII ganhou monumentalidade (SIMÕES, Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 19).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

6x4/12

DESIGNAÇÃO

Tapete

NOTA DESCRITIVA

Padrão policromo (azul, amarelo e contorno preto) de inspiração têxtil, tipo "tapete", com fundo branco que se repete em duas variantes cromáticas (azul e amarela) delimitadas por friso vertical de motivos florais amarelos. Padrão aplicado em silhar na nave da Capela de São José. Módulo de padrão retangular 6x4 com 12 elementos diferentes. A composição tem vários ornamentos: a coroa; o vaso florido com cinco flores de três tipos diferentes - uma flor central e um par de flores amarelas/azuis e abaixo um par de flores azuis/brancas

e amarelas/brancas - com folhagem; folhas de acanto colocadas na diagonal em espelho. Os ornamentos formam um hexágono aberto. O friso vertical, que separa as variantes cromáticas do padrão, tem fundo branco com motivos florais amarelos com contorno e ramagem ondulante a preto, nos bordos tem faixa amarela com diagonais e contorno a preto. No cabeçalho do padrão temos uma cercadura de franjas amarelas encimadas por três fileiras de contas azuis unidas por fios amarelos que formam diagonais, o bordo superior é uma faixa amarela, os contornos são desenhados a preto.

RITMO VISUAL

A repetição do padrão de azulejo em duas variantes cromáticas impõe um ritmo vertical e um jogo de sombra e luz. As folhas de acanto produzem ritmos diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\de repetição linear; Padrão em duas variantes cromáticas (amarela e azul) que se repetem alternadamente em faixas verticais; Coroas; Folhas de acanto; Vasos floridos.

Padrão\jogo de sombra e luz. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos verticais. Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de\ritmos diagonais.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

25L11 - coroa (heráldica)

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A98311 - folhagem ~ ornamentos

41A6711 - flores em vaso

48A98783 - flores ou motivos florais entrelaçados – ornamentos

41A413 - tapeçarias; padrão inspirado na tapeçaria

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Azul; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

CRISTÓVÃO - **"A principal riqueza que dali vem": os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII**. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH, 2018.

HISTORIAL

Segundo o SIPA, o padrão deste revestimento cerâmico representa tecidos

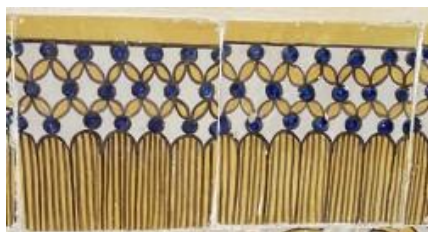
(http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10457). Os tapetes bordados e tecidos estampados vindos da Índia inspiraram vários modelos de azulejos no século XVII, como este padrão de módulo retangular que era menos comum e mais oneroso (SIMÕES - Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 41 e 121). Os tecidos adamascados "onde há mutação de cores formando listas verticais de fundos alternadamente amarelos e

azuis", como refere SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 121), também inspiraram este padrão azulejar. As franjas e contas que guarneciam os tecidos vindos da Índia (CRISTÓVÃO - "A principal riqueza que dali vem": os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII, p. 81) também estão presentes na cercadura deste padrão. O padrão da Capela de São José é similar ao padrão P-702 que pertence à Igreja do antigo Convento de Almoester que segundo SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 121) é "mais belo e muito mais raro".

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

Tapete

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma (amarela e azul) com fundo branco e contornos feitos a preto, aplicada apenas no cabeçalho do silhar de azulejos. O motivo são franjas amarelas encimadas por três fileiras de contas azuis unidas por fios amarelos que formam diagonais, o bordo superior é uma faixa amarela. Este motivo de franjas e contas tem inspiração no têxtil vindo da Índia.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordo, franjas e contas]\simétricos; Motivo têxtil

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

41A413 - tapeçarias; franjas e contas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Azul; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

CRISTÓVÃO - "**A principal riqueza que dali vem**": os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH, 2018.

HISTORIAL

Os tapetes bordados e tecidos estampados vindos da Índia inspiraram vários modelos no século XVII (SIMÕES - Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 41) como esta cercadura de franjas e contas que guarneciam os tecidos vindos da Índia (CRISTÓVÃO - "A principal riqueza que dali vem": os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII, p. 81). Esta cercadura é semelhante à cercadura C-41 inventariada por SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, pp. 142 e 145) que considera azulejos "graciosíssimos" e raros.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Friso amarelo com fundo branco e contornos a preto, tem bordos amarelos preenchidos com diagonais a preto. O fundo branco é ornamentado por ramagem com flor central quadripétala ladeada por pares de flores. O friso é colocado na vertical dividindo as duas variantes cromáticas amarela/azul do padrão que alternam criando um ritmo visual.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central; Motivo floral

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

48A98783 - flores ou motivos florais entrelaçados – ornamentos

48A98141 - ornamentos ~ traceria

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este friso tem semelhanças com o F-17 da Igreja do antigo Convento de Almoester (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 128 e 131).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior da capela

NÚMERO

VFX_S_QMS_0202

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\composição de repetição

NOTA DESCRITIVA

Revestimento azulejar a azul e branco aplicado em silhar com oito azulejos de altura (incluindo a barra). O tema são as albarradas compostas por vasos floridos maiores ladeados por figuras infantis aladas que são intercaladas por vasos floridos menores, os chamados “palmitos”. Sobre uma base quadrangular temos os vasos floridos maiores com 13 flores, decorados com elemento conchiforme, folhas de acanto e dois golfinhos na base. Sobre uma peanha com folhas de acanto temos os vasos floridos menores com cinco flores unidas por laço, os “palmitos”, decorados com motivo floral e volutas nas pegs. As figuras infantis estão assentes em volutas com folhas de acanto e apoiam com os braços uma base de coluna encimada também por volutas com folhas de acanto. A encimar os vasos floridos menores temos rostos alados com flor quadripétala no cabelo. As albarradas estão emolduradas por uma barra composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais. A barra nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), no centro da barra o rosto tem uma flor quadripétala no cabelo.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9854 - vaso ~ ornamentos

41A6711 - flores em vaso

25G41 – flores

48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

92D1916 - cupidos: "amores", "amoretti", "putti"

11G1911 - querubins i.e. cabeças de crianças aladas

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48C16 - detalhe arquitetónico

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B-

MÓDULO

2x6/10

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Barra a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e motivos florais, nos cantos e no centro tem rostos infantis com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), os rostos do centro têm uma flor quadripétala no cabelo. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos. A barra emoldura o silhar de albarradas do revestimento exterior da Capela de São José.

CLASSIFICAÇÃO

Barra\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo três elementos centrais florais

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Canto a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por rosto infantil com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha) com folhas de acanto e volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B- - ctr

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Centro a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por rosto infantil com panejamento na zona do pescoço e chapéu conchiforme (espagnolette sobre concha), tem flor quadripétala no cabelo.

CLASSIFICAÇÃO

Centro\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9821 - ornamentos ~ partes humanas

48A9853 - concha ~ ornamentos

48A9852 - drapeado ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da capela

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

JARDINS



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Jardins

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_03

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

O jardins são compostos por: um banco com espaldar e canteiros; três tanques de água dispostos em escada no pátio do palácio; canteiros, bancos e escadarias; muro de suporte com namoradeiras e alegretes junto ao relvado; um jardim de buxo formal de estilo barroco com simetrias e lago no centro; zonas de árvores, horta e pomar; uma fonte semicircular parietal com uma cabeça masculina barbada esculpida na pedra; uma fonte parietal com esculturas, embrechados e azulejos; antigo tanque de rega revestido a azulejos; uma casa de fresco. As vistas fazem destes jardins uma varanda para o rio Tejo (CÂMARA, Teresa - Quinta de subserra. IPA.00021431), para as vinhas da quinta e para a vila de Alhandra.

DATAS IMPORTANTES

1950 - Projeto de reconstituição do jardim pelo arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral;

1980 - Aquisição da quinta pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira que executa obras de recuperação no jardim da autoria do arquiteto paisagista Fernando Graça.

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

Os jardins ao longo do tempo foram melhorados, nomeadamente com a intervenção de D. João Roxas de Azevedo, com os arranjos necessários após o Terramoto de 1755 e as obras de renovação na segunda metade do século XIX que contemplaram o jardim, a casa de fresco e o tanque dos peixes (Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: EL

DESIGNAÇÃO

Banco com espaldar ladeado por canteiros

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0301

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

NÚMERO

VFX_S_QMS_030101

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\composição de repetição

Revestimento cerâmico\figurativo

NOTA DESCRITIVA

Ao entrarmos na quinta, do lado direito após as arcadas viradas para o rio Tejo, temos um banco com espaldar ladeado por canteiros revestidos a azulejos azuis e brancos. Os canteiros têm forma de paralelepípedo e cada canteiro tem apenas duas faces com revestimento cerâmico. Na face lateral menor tem um painel com seis azulejos de altura (incluindo a cercadura) e cinco azulejos de largura, o tema é o vaso florido sobre uma base, guarnecido com oito flores distribuídas simetricamente e com ramagens, fora do vaso temos em baixo uma flor de cada lado. Este painel é emoldurado por uma cercadura de fundo azul com enrolamentos de folhas de acanto e bordos azuis e brancos. Na face frontal maior tem um painel com seis azulejos de altura (incluindo a cercadura) e 11 azulejos de largura, o tema são as albarradas compostas por dois vasos floridos maiores sobre uma base encimados por uma concha e ladeados por sereias aladas e golfinhos cujas caudas se entrelaçam. No centro do painel temos um vaso florido menor com três flores unidas por laço, o “palmito”, sobre uma peanha decorada com folhas de acanto, a encimar o vaso temos um rosto alado (espagnolette) com flor quadripétala no cabelo. A emoldurar este painel temos uma cercadura de fundo azul com volutas, folhas de acanto e bordos azuis e brancos. O espaldar do banco é revestido com um painel com nove azulejos de altura (incluindo o rodapé) e 21 azulejos de largura, o tema é uma cena historiada militar com soldados de mosquete com baioneta em punho, a cavalo e a pé, dois destes soldados a cavalo transportem um estandarte. Todos os soldados têm tricórnios, alguns com uma flor do tipo margarida, este é um chapéu de influência francesa que fazia parte da farda militar até ao final do século XVIII. A cena é emoldurada por uma estrutura arquitetónica com volutas, elementos vegetalista e florais, na parte inferior temos canhões, balas, tambores, estandartes e uma pá, na parte superior temos canhões, balas e tambores, ao centro temos um rosto esculpido (espagnolette) com panejamentos pendentes com cordas e borlas. Este painel tem um rodapé azul que imita a pedra e os seus rebordos.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9854 - vaso ~ ornamentos
41A6711 - flores em vaso
25G41 – flores
48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos
48A9853 - concha ~ ornamentos
48A9821 - ornamentos ~ partes humanas
11G1911 - querubins i.e. cabeças de crianças aladas
31AA4531 - sereia (ave fantástica com cabeça de mulher) - AA - figura humana feminina
48A9844 - golfinho ~ ornamentos
48A9852 - drapeado ~ ornamentos
48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
48C16 - detalhe arquitetónico
25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore
45F31 - mobilização de tropas; ser convocado, chamada às armas
46C13183 - cavalo a galope
45D12 - porta-estandarte (militar)
41B224 - pá de carvão
45C16(RIFLE) - armas de fogo: espingarda, carabina
45C16(CANNON) - armas de fogo: canhão
48C7341 - tambor (instrumento musical)

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular do painel da face lateral menor dos canteiros, a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto sobre um fundo azul-escuro. Nos cantos tem folhas de acanto e no vértice uma forma oval. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x3/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura do painel da face lateral menor dos canteiros, a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto sobre um fundo azul-escuro. Os enrolamentos de folhas de acanto desenvolvem-se em vários sentidos.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central\alternado; Enrolamento de acanto [EC]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Canto a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por folhas de acanto no vértice uma forma oval sobre um fundo azul-escuro.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular do painel da face frontal maior dos canteiros, a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e volutas sobre um fundo azul-escuro. Nos cantos tem folhas de acanto e volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura do painel da face frontal maior dos canteiros, a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composta por enrolamentos de folhas de acanto e volutas sobre um fundo azul-escuro.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central\Enrolamento de acanto [EC]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Canto a azul e branco com bordos nas mesmas cores, num jogo de luz e sombra, composto por folhas de acanto e volutas sobre um fundo azul-escuro.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura do painel do espaldar do banco, a azul e branco, de forma retangular e internamente recortada numa estrutura arquitetónica com volutas, elementos vegetalistas e florais, na parte inferior temos canhões, balas, tambores, estandartes e uma pá, na parte superior temos canhões, balas e tambores, ao centro temos um rosto esculpido (espanolette) com panejamentos pendentes com cordas e borlas.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\recortada\interior

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48C16 - detalhe arquitetónico

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos
48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
48A9833 - flores ~ ornamentos
45C16(CANNON) - armas de fogo: canhão
48C7341 - tambor (instrumento musical)
45D12 - porta-estandarte (militar)
41B224 - pá de carvão
45C16(CANNON) - armas de fogo: canhão
48C7341 - tambor (instrumento musical)
48A9821 - ornamentos ~ partes humanas
48A9852 - drapeado ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos em azul a imitar a pedra com rebordos.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo de pedra com rebordos em azul

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48C16 - detalhe arquitetónico

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico de banco com espaldar ladeado por canteiros

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Fonte de São Marcos

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0302

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da Fonte de São Marcos

NÚMERO

VFX_S_QMS_030201

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

No pátio que leva à escadaria de acesso à capela temos, do lado esquerdo, a Fonte de São Marcos constituída por três tanques de água em escada. Ao longo da parede de um dos tanques temos uma fiada de azulejos de figura avulsa, a azul e branco, com motivo central de flores diversas e, algumas, caravelas. Nos cantos destes azulejos temos um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Na parede do lado esquerdo, junto aos tanques, temos uma lápide em pedra gravada emoldurada por um friso de azulejos azuis e brancos de motivo floral e vegetalista. Ao fundo, na parede de onde sai a água que abastece os tanques, temos uma barra de azulejos

azuis e brancos de motivo vegetalista e floral, com rodapé de azulejos com marmoreado púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\ Moldura de lápide em pedra datada;
Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular de uma lápide gravada em pedra, situada na parede do lado esquerdo junto aos tanques do pátio. A moldura é constituída por um friso de azulejos azuis e

brancos com motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas), o fundo é azul-escuro e os bordos são azuis e brancos.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\ Moldura de lápide em pedra datada;

Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da Fonte de São Marcos

REFERÊNCIAS

Monografias

SILVA, José António Veríssimo - **Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio de Suberra (freguesia de S. João dos Montes)**. [Texto policopiado]. Junho de 1981, p. 7.

HISTORIAL

A moldura do friso de azulejos enquadra o seguinte texto: "D. Isabel de Lemos e Roxas regressada à Pátria em 1821, com o seu marido Manuel Inácio Martins Pamplona e sua filha D. Maria Mância de Lemos e Roxas, do exílio... (terminado nesse ano) em países estrangeiros, julgado injusto por sua Nobreza Real, edificou nesta Quinta uma modesta habitação no lugar em que esteve (um) Palácio arrasado na sua ausência pela cobiçosa Administração do Fisco. Levantou os paredões caídos em ruínas e restaurou esta fonte, perdida (um) século e de nova descoberta (no) dia de São Marcos, aos 24 de março (ou maio?) de 1823." [transcrição de José António Veríssimo Silva, Monografia sobre a história do lugar, quinta e palácio (Freguesia de S. João dos Montes), jun.1981, p. 7]

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B-

MÓDULO

2x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Na parede de onde sai a água que abastece os tanques temos uma barra de azulejos azuis e brancos de motivo vegetalista (folhas de acanto com volutas) e floral (flor com oito pétalas trilobadas com uma pinta e um núcleo), o padrão é por rotação. A barra tem fundo azul e bordos simétricos azuis e brancos, o motivo floral está sobre uma cartela azul que por sua vez está sobre outra cartela branca.

CLASSIFICAÇÃO

Barra\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9876 - ornamentos ~ cartela

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materials

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da Fonte de São Marcos

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da Fonte de São Marcos

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

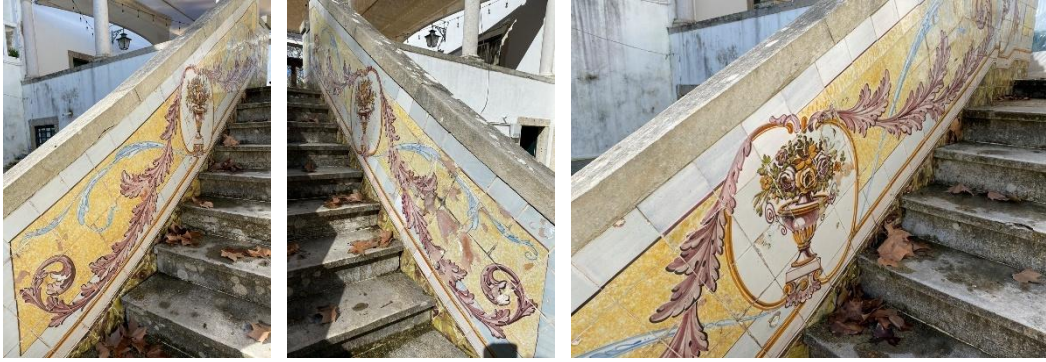
NÚMERO

VFX_S_QMS_0303

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]





Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes

NÚMERO

VFX_S_QMS_030301

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\ornamental

Revestimento cerâmico\composição de repetição

NOTA DESCRITIVA

O muro com namoradeiras e alegretes (junto ao relvado em frente à fachada principal do palácio), a escadaria e o terraço com namoradeiras que ligam o palácio, a capela e os jardins têm um revestimento cerâmico de traçado neoclássico policromo (branco, amarelo, púrpura, verde-seco, castanho e azul-claro) e estilo D. Maria. A temática é ornamental numa composição de repetição de medalhões com elementos arquitetónicos. O revestimento cerâmico tem um fundo branco sobre o qual temos recortes retangulares com esponjado amarelo com contorno que sugere reentrância, num primeiro plano sobreposto temos medalhões brancos com vasos floridos com espirais laterais sobre peanha decorada com folhas de acanto, à volta temos festões de folhagem de cor púrpura e azul-clara a unir. A envolver os medalhões temos filetes amarelos que também estão presentes na horizontal e nalguns apontamentos na vertical ao longo do revestimento azulejar. O fundo tem uma tonalidade azul-clara no guarda-corpo direito da escadaria e no muro com namoradeiras e alegretes. Ao longo do revestimento temos um rodapé marmoreado a branco, verde-seco e

castanho. A composição sugere volumetria e a incidência de luz. Num dos painéis do terraço, do lado da Capela de São José, consta uma assinatura da Fábrica Sant'Anna. num dos painéis.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9877 - ornamentos ~ medalhão

48A9854 - vaso ~ ornamentos

48A98133 - ornamentos ~ espiral e formas derivadas

41A6711 - flores em vaso

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48C16 - detalhe arquitetónico

48A9875 - ornamentos ~ festão, grinalda

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-claro; Pintura. Amarelo; Pintura. Púrpura; Pintura. Verde-seco; Pintura. Castanho; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457.

HISTORIAL

Este revestimento cerâmico é idêntico ao revestimento dos muretes na zona do Jardim do Labirinto do Palácio de Queluz, segundo o SIPA o Jardim do Labirinto foi construído nos anos 60 do século XVIII (vide IPA.00024040

http://monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24040).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Canteiros, banco, murete e escadarias

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0304

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]







Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadarias

NÚMERO

VFX_S_QMS_030401

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

Nos jardins temos canteiros, banco, murete e escadarias com revestimento de azulejos de figura avulsa azuis e brancos cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Nos canteiros do jardim barroco estes azulejos têm como motivo central flores diversas. No banco corrido, junto a uma mesa de mármore, o motivo central são flores, barcos, coelhos, castelos, cestas de fruta, pássaros e figuras humanas. No murete, junto à escada que dá acesso à casa de fresco, os azulejos têm como motivo central flores, pássaros, barcos e coelhos. O murete divide-se

em seis secções, cada painel de azulejos de figura avulsa tem uma cercadura, as secções 1 e 6 têm o mesmo tipo de cercadura e as restantes secções que têm outro tipo. Na escada constituída por quatro degraus, junto ao relvado, temos duas estruturas quadrangulares revestidas com padrão de azulejo de figura avulsa com motivo central flores, numa face um padrão que ao juntar quatro azulejos forma estrelas de oito pontas e noutra face um padrão constituído por azulejos cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Na escada em "L", que tem um patamar intermédio, o guarda-corpo está revestido por seis painéis de azulejos de figura avulsa com moldura de cercadura de padrão pombalino em azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco. Quatro painéis têm azulejos de figura avulsa sem ornamentação nos cantos e dois painéis têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão" nos cantos, o motivo central dos azulejos são as flores, os pássaros e veados. Ao longo dos degraus na zona do rodapé temos azulejos com um marmoreado azul.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Manufatura

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

25F26(RABBIT) - roedores: coelho

41A12 – castelo

41A7751 - recipiente feito de outros materiais vegetais: cesta

41C653 – fruta

25F37 - aves limícolas

25F24(DEER) - ungulados: veado

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

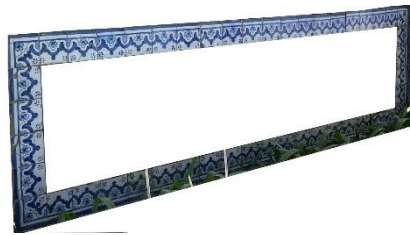
Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

No murete as cercaduras da secção 1 e 6 têm o mesmo tipo de cercadura que é idêntico à C-18-00018 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&IPR=7785>). Na escada em "L" o guarda-corpo tem molduras de cercadura de padrão pombalino idêntico ao C-18-00011 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 2 a 5 do murete constituída por uma cercadura a azul e branco com motivo vegetalista e volutas, com bordos a azul e branco.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 2 a 5 do murete a azul e branco com motivo vegetalista e volutas, com bordos a azul e branco.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Canto da cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 2 a 5 do murete a azul e branco com motivo vegetalista e volutas, com bordos a azul e branco.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 1 e 6 do murete constituída por uma cercadura a azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco. O azulejo tem como motivo linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central, e outra reserva preenchida a azul-claro, em dois cantos do azulejo temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhiço".

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo dois elementos centrais e um elemento de ligação [pintados individualmente]; Reserva com flor [EC]; reserva com cor [EC]; motivo floral [EL]

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central; elemento de ligação

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

Moldura constituída por cercadura idêntica à C-18-00018 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 1 e 6 do murete a azul e branco, idêntico ao C-18-00018, com bordos assimétricos a azul e branco. O azulejo tem como motivo linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central, e outra reserva preenchida a azul-claro, em dois cantos do azulejo temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão".

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo dois elementos centrais e um elemento de ligação [pintados individualmente]; Reserva com flor [EC]; reserva com cor [EC]; motivo floral [EL]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central; elemento de ligação

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

Cercadura idêntica à C-18-00018 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- - ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Canto da cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa das secções 1 e 6 do murete a azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco. O azulejo tem como motivo linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central e outra reserva preenchida a azul-claro, num canto temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhiço".

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\assimétricos; Reserva com flor [EC]; reserva com cor [EC]; motivo floral [EL]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central; elemento de ligação

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular dos painéis de azulejos de figura avulsa da escada em "L" constituída por cercadura de padrão pombalino em azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco, com volutas e motivo vegetalista central e um círculo a unir o conjunto.

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Par de enrolamentos [EC]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas; Elemento central

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

Moldura constituída por cercadura idêntica à C-18-00011 (vide

[https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)

[az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa da escada em "L" de padrão pombalino em azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco, com volutas e motivo vegetalista central e um círculo a unir o conjunto.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Par de enrolamentos [EC]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas; Elemento central

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

Cercadura idêntica à C-18-00011 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=691&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- -ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Canto da cercadura dos painéis de azulejos de figura avulsa da escada em "L" de padrão pombalino em azul e branco com bordos assimétricos a azul e branco, com volutas e motivo vegetalista central.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\assimétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Par de enrolamentos [EC]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas; Elemento central

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

Marmoreado azul

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a azul e branco ao longo dos degraus da escada em "L" com preenchimento de parte de azulejo entre degraus.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado azul.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;

Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico dos canteiros, banco, murete e escadas

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DESIGNAÇÃO

Banco do jardim barroco

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0305

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do banco do jardim barroco

NÚMERO

VFX_S_QMS_030501

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Banco do jardim barroco com revestimento de azulejos de padrão e friso policromos. Cada face tem um padrão de dois azulejos de altura por 10 azulejos de largura emoldurado por

um friso de azulejo. Os azulejos de padrão têm fundo branco com tons de amarelo, azul-escuro e contornos a azul-escuro, decorados por folhas de acanto nos cantos do padrão de 2x2, linhas contracurvadas, ferronneries e volutas, o motivo central é um quadrado. O friso tem tons de amarelo, azul-escuro e azul-claro com linhas contracurvadas, motivos geométricos e vegetalistas.

DATAS IMPORTANTES

1947; 1950; Cerâmica\Século XX\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00035689;
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

O padrão tem semelhanças com o P-17-01082 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=1953&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>) e o P-17-01033 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=189&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>) ao nível das linhas contracurvadas, das cores e da utilização de folhas de acanto nos cantos. A principal diferença é que este padrão tem um quadrado como motivo central, enquanto no P-17-01082 e no P-17-01033 o motivo central é um losango. Este tipo de padrão foi integrado em composições de "caixilhos compósitos" produzidos entre o final do século XVI e a década de 1630 (SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Tomo I, p. 31). A estação ferroviária de Urrós (Mogadouro, Bragança vide http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689), inaugurada em 1938, tem um silhar de azulejos de padrão idêntico aos azulejos de padrão do banco do jardim barroco da Quinta de Subserra, por esse motivo poderão datar do período das obras implementadas por João Guedes de Sousa, entre 1947 e 1950, a sua decoração tem inspiração na azulejaria do final do século XVI até 1630.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

M-

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Moldura retangular policroma (tons de amarelo, azul-escuro e azul-claro) do revestimento cerâmico de padrão do banco do jardim barroco, com bordos simétricos em tons de amarelo e azul-escuro, os motivos são vegetalistas, de ferronnerie e geométricos (octógonos).

CLASSIFICAÇÃO

Moldura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação

Moldura\moldura\quadro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1947; 1950; Cerâmica\Século XX\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas

49D352(8) - polígono regular: octógono

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Amarelo; Pintura. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do banco do jardim barroco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Friso policromo (tons de amarelo, azul-escuro e azul-claro) do revestimento cerâmico de padrão do banco do jardim barroco, com bordos simétricos em tons de amarelo e azul-escuro, os motivos são vegetalistas, de ferronnerie e formas geométricas octogonais no centro e no elemento de ligação.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e um elemento de ligação; Elemento octogonal

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1947; 1950; Cerâmica\Século XX\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas

49D352(8) - polígono regular: octógono

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Amarelo; Pintura. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do banco do jardim barroco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Padrão aplicado no banco do jardim barroco com módulo quadrangular 2x2 com um único tipo de azulejo que se repete. Padrão policromo de fundo branco com tons de amarelo, azul-escuro e contornos a azul-escuro, decorado por folhas de acanto nos cantos, linhas contracurvadas, feronneries e volutas e motivo central quadrado. Este padrão é emoldurado por um friso com tons de amarelo, azul-escuro e azul-claro com linhas contracurvadas, motivos geométricos e vegetalistas.

RITMO VISUAL

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1947; 1950; Cerâmica\Século XX\Primeira metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastroforme ~ ornamentos

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Azul-escuro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do banco do jardim barroco

REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00035689;

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

O padrão tem semelhanças com o P-17-01082 (vide

[https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=1953&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)

[az/ficha.aspx?id=1953&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=1953&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)) e o P-

17-01033 (vide [https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=189&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)

[az/ficha.aspx?id=189&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=189&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)) ao nível

das linhas contracurvadas, das cores e da utilização de folhas de acanto nos cantos. A principal diferença é que este padrão tem um quadrado como motivo central, enquanto no P-17-01082 e no P-17-01033 o motivo central é um losango. Este tipo de padrão foi integrado em composições de "caixilhos compósitos" produzidos entre o final do século XVI e a década de 1630 (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 31). A estação ferroviária de Urrós (Mogadouro, Bragança vide http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35689), inaugurada em 1938, tem um silhar de azulejos de padrão idêntico aos azulejos de padrão do banco do jardim barroco da Quinta de Suberra, por esse motivo poderão datar do período das obras implementadas por João Guedes de Sousa, entre 1947 e 1950, a sua decoração tem inspiração na azulejaria do final do século XVI até 1630.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Fonte parietal

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

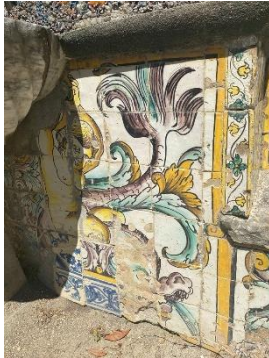
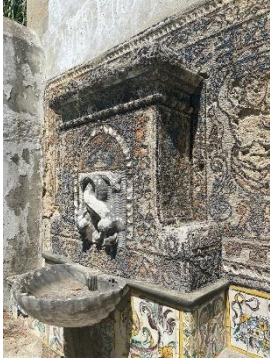
NÚMERO

VFX_S_QMS_0306

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]





| | | | |
|---|---|---|---------|
| 1 | 2 | 3 | Nível 2 |
| 1 | | 3 | Nível 1 |

Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da fonte parietal

NÚMERO

VFX_S_QMS_030601

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figurativo

Revestimento cerâmico\ornamental

NOTA DESCRITIVA

No final do jardim barroco, num patamar superior, temos na parede de uma pequena construção de dois pisos, do lado esquerdo, uma fonte parietal com uma taça conchiforme, ladeada por um banco de cada lado, a encimar a taça temos dois golfinhos ou peixes entrelaçados esculpidos em alto-relevo sobre um fundo de ondas por onde flui a água, do lado direito temos uma coluna da mesma altura da estrutura da fonte. Na parte superior, ocupando dois terços da área da fonte, tem revestimento com a técnica dos embrechados e na parte inferior, ocupando um terço, tem revestimento cerâmico distribuído por nove painéis figurativos e ornamentais policromos (branco, amarelo, verde esmeralda, púrpura, castanho, azul e contorno preto) de brutesco. Todos os painéis têm pintada uma moldura amarela combinada com um contorno preto de espessuras diferentes dando a ilusão de sombra. Os embrechados da fonte compõem um desenho de uma cercadura com motivos vegetalistas na qual estão inseridas simetricamente duas *naginas* que carregam uma cesta da qual saem motivos florais e vegetalistas, a ladear cada *nagina* estão dois pássaros (um de cada lado) e decorações de volutas. Ao centro os embrechados formam o desenho de um arco de volta inteira delimitado por conchas cujo tímpano tem desenhada uma coroa encimada por uma cruz ladeada por dois peixes. O revestimento cerâmico nas secções 1 e 3 do nível 1 é composto por espagnolette sobre concha com motivos vegetalistas, arquitetónicos e volutas, na parte inferior a ladear temos garras de animal e a encimar o espagnolette temos uma conta. As secções 2a e 2b do nível 2 têm espagnolettes sem concha, motivos vegetalistas e volutas, uma conta ao centro em cima e em baixo. Nas secções 3 e 3a do nível 1, na secção 2, nas secções 2a e 2b do nível 2 nas cantoneiras temos um friso vertical de bordos simétricos amarelos, fundo branco com flor quadripétala verde com núcleo amarelo no centro e nas ligações do azulejo, a ladear a flor central temos ramagens com duas flores amarelas em cada lado. Nas secções 1 e 3 do nível 2 os painéis são compostos por dois ramos floridos maiores e um ramo menor no centro pendurados por três argolas através de laçaria. Nas secções 3a e 3b dos níveis 1 e 2 os painéis têm um ramo pendurado por uma argola através de laçaria. A secção 2 tem o painel maior central composto por dois *putti* que sustentam com os seus braços a taça da fonte, sentados sobre golfinhos que deitam jatos de água pela boca com motivos vegetalistas e arquitetónicos. Nas secções 1 (nível 1), 2a (nível 2) e 2 encontramos lacunas preenchidas por azulejos

ornamentais azuis e brancos e policromos (branco, azul e amarelo) que não pertencem aos painéis.

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

- 48A983 - ornamentos derivados de formas vegetalistas
- 48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
- 48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos
- 48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos
- 48A9833 - flores ~ ornamentos
- 48A98333 - ramo de flores ~ ornamentos
- 48A9853 - concha ~ ornamentos
- 48A9821 - ornamentos ~ partes humanas
- 92D1916- cupidos: "amores", "amoretti", "putti"
- 48A9844 - golfinho ~ ornamentos
- 48C16 - detalhe arquitetónico

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura; Pintura. Castanho; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431.

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Segundo o SIPA (IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457), estes painéis de azulejos policromos são datáveis do final do século XVII e, de acordo, com a cronologia definida por SIMÕES (Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 13) enquadram-se no período de 1650 a 1680.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Friso vertical policromo de fundo branco, contornos a preto, com bordos simétricos amarelos, constituído por flor quadripétala verde esmeralda com núcleo amarelo no centro e nas ligações do azulejo, a ladear a flor central temos ramagens com duas flores amarelas em cada lado. O friso é colocado nas cantoneiras da fonte parietal.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central e de ligação;
Motivo floral

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da fonte parietal

REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431.

HISTORIAL

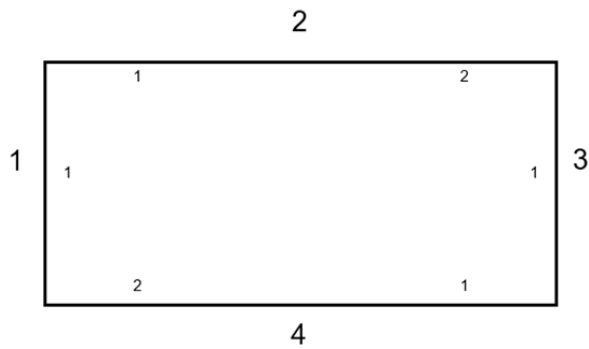
Este friso tem semelhanças com o F-17 da Igreja do antigo Convento de Almoester (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 128 e 131).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL



Esquema do revestimento cerâmico do antigo tanque de rega

DESIGNAÇÃO

Antigo tanque de rega

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0307

PROJETO

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL



Fotografia: CMVFX



Fotografia: EL



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega

NÚMERO

VFX_S_QMS_030701

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figurativo

Revestimento cerâmico\ornamental

NOTA DESCRITIVA

O antigo tanque de rega tem um revestimento azulejar figurativo e ornamental policromo em tons de azul, verde esmeralda, amarelo, púrpura, branco e contornos a preto, no qual constam as assinaturas da Fábrica Sant'Anna e do pintor Rogério Amaral. Os azulejos estão distribuídos por quatro paredes, sendo que as paredes 1 e 3 têm uma secção cada e as paredes 2 e 4 têm duas secções cada. Cada secção tem uma cena mitológica aquática em tons de azul e branco inscrita num medalhão emoldurado por festões de folhagem de

acanto com volutas, flores e concha policromos. A ladear cada secção temos enrolamentos de festões de folhagem de acanto, flores e ramos com pequenas folhas. Todo o revestimento cerâmico é emoldurado por barra com bordos amarelos simétricos com composição de enrolamentos de folhas de acanto e flores nas extremidades. A barra superior é encimada por friso em tons de verde esmeralda. Num nível superior, num degrau do antigo tanque de rega, temos uma cercadura com bordos amarelos simétricos, enrolamentos de folhas de acanto e flores amarelas nas extremidades. Na parede 1, secção 1, temos um tritão com uma coroa de flores na cabeça soprando um búzio montado num golfinho rodeado por três tritões, ao fundo temos uma paisagem montanhosa. Na parede 2, secção 1, temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), com panejamentos numa embarcação com volutas, ladeada por uma sereia que segura o panejamento e outra sereia que segura um espelho na sua direção, à direita na água temos uma concha com pérolas. Na parede 2, secção 2, temos Neptuno com uma capa drapeada segurando um tridente, ao seu lado tem a sua esposa Salácia (Anfitrite na mitologia grega) com panejamentos, estão ambos sentados numa concha, à esquerda na água temos uma sereia soprando um búzio e uma sereia segurando a capa de Neptuno. Na parede 3, secção 1, temos Neptuno envolto em panejamentos que segura um tridente e dirige o seu carro de água puxado por dois cavalos-marinhos. Na parede 4, secção 1, temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), sentada envolta em panejamentos ladeada por duas sereias, com um golfinho à esquerda e um tritão que sopra um búzio à direita num plano recuado. Na parede 4, secção 2, temos uma nereida, possivelmente Salácia (Anfitrite na mitologia grega), num barco em forma de concha ladeada à esquerda por uma sereia que acompanha um golfinho, num plano recuado à esquerda temos uma sereia que sopra um búzio.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

92 - deuses ~ mitologia clássica

25HH23 - mar (paisagem marítima) - HH - paisagens ideais

48A9877 - ornamentos ~ medalhão

48A9875 - ornamentos ~ festão, grinalda

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos
48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
48A9833 - flores ~ ornamentos
48A9853 - concha ~ ornamentos
48C7356(CONCH)
92H331 - Tritão sopra um búzio para elevar ou acalmar as ondas
31AA4561 - tritão - AA - sereia, sirena
41D26611 - pérola; colar de pérolas
48A9844 - golfinho ~ ornamentos
96A29(SALACIA) - outras divindades romanas femininas: Salácia
92I2 - Nereides, filhas de Nereu; ninfas marítimas
48A9852 - drapeado ~ ornamentos
46C23 - embarcação movida por homem ou animal
92H18(TRIDENT) - atributos de Neptuno: tridente
92H141 - Neptuno agita os mares com o seu tridente
25FF62(HIPPOCAMPUS) - peixes ósseos: cavalo-marinho - FF - animais fantásticos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura;
Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

COUCEIRO, Gonçalo - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**. 2015.

https://www.academia.edu/38490205/Elementos_para_a_Hist%C3%B3ria_da_F%C3%A1brica_de_Azulejos_SantAnna_desde_1741

HISTORIAL

O revestimento cerâmico do antigo tanque de rega tem várias assinaturas. Na parede 2, secção 1 temos a assinatura da Fábrica Sant'Anna e do artista Rogério Amaral (COUCEIRO - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**, p. 34). Na parede 2, secção 2 temos a assinatura da Fábrica Sant'Anna. Na parede 3, secção 1 temos a assinatura do artista Rogério Amaral. Na parede 4, secção 1 temos a assinatura da Fábrica Sant'Anna. A datação atribuída é de cerca de 1950, época em que João Guedes de Sousa é o proprietário e investe em obras, nomeadamente nos azulejos exteriores. A assinatura da Fábrica Sant'Anna já não tem a inicial H.C. de Henrique Constâncio, proprietário da fábrica até 1937, (COUCEIRO - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**, p. 29) o que reforça a atribuição do ano de 1950 ao revestimento azulejar do antigo tanque de rega.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x3/3

DESIGNAÇÃO**NOTA DESCRITIVA**

Cercadura com bordos amarelos simétricos, enrolamentos de folhas de acanto e flores amarelas nas extremidades.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA**Materiais**

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega

REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

B-

MÓDULO

2x4/8

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Barra com bordos amarelos simétricos com composição de enrolamentos de folhas de acanto e flores nas extremidades.

CLASSIFICAÇÃO

Barra\retilínea [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega

REFERÊNCIAS

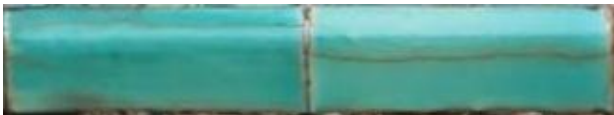
Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Friso em tons de verde esmeralda.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Verde esmeralda; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega

REFERÊNCIAS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

CASA DE FRESCO



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Casa de fresco

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_04

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A casa de fresco está situada num patamar inferior cujo acesso é feito por um caminho ladeado por um amplo muro de suporte com contrafortes. Composta por uma fonte e um banco corrido, a cobertura tem embrechados e as paredes são revestidas com azulejos policromos em tons de azul, amarelo, verde esmeralda, púrpura, preto e branco (CÂMARA, Teresa - Quinta de subserra. IPA.00021431).

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; Ulysses, sistema de
informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

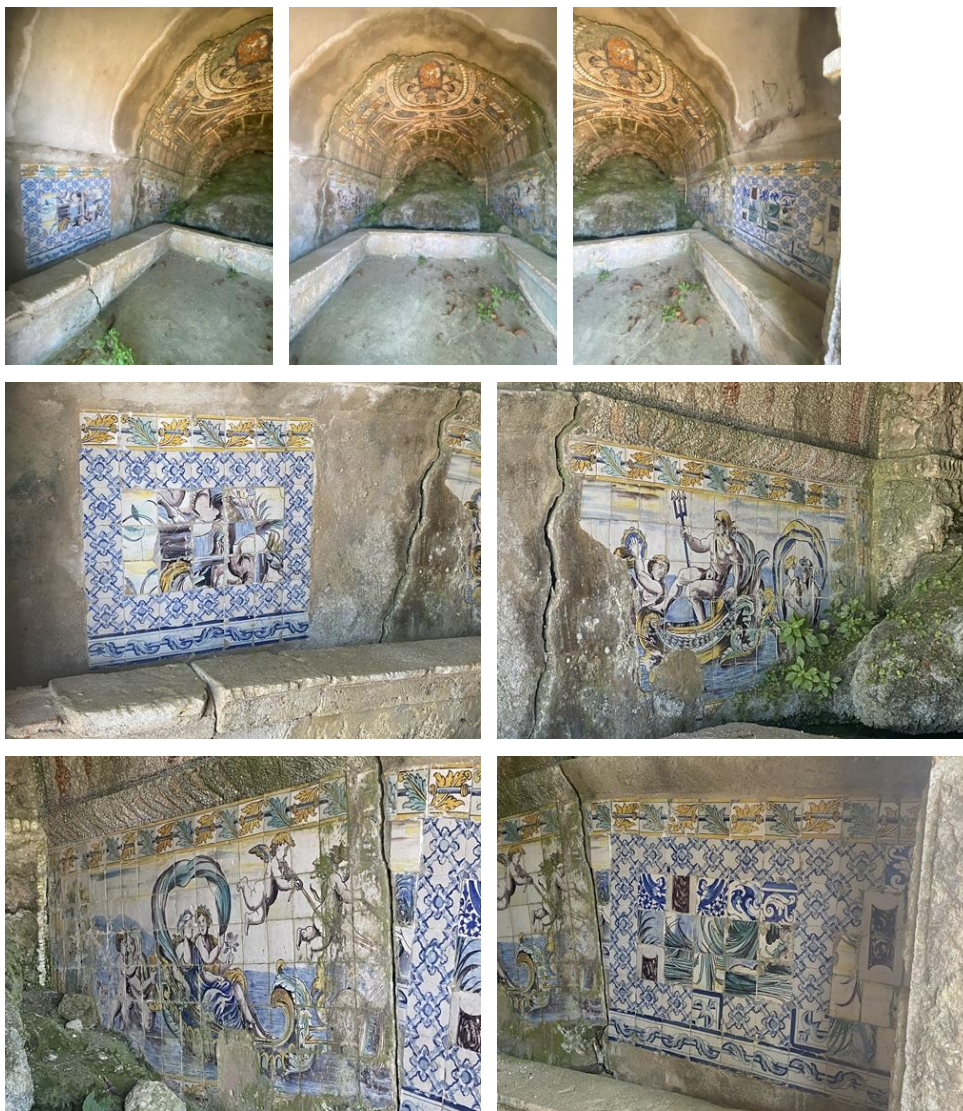
LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila
Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da casa de fresco

NÚMERO

VFX_S_QMS_0401

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figurativo

Revestimento cerâmico\ornamental

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Na parede 1, a secção 1 tem um painel composto por um padrão floral e geométrico em tons de azul e branco formando uma rede de losangos unida por flor quadripétala sobre a qual está pintada uma circunferência aguarelada, no centro do padrão temos um painel de 3x5 azulejos policromos (branco, amarelo, verde esmeralda, púrpura, azul e preto) figurativos que estão misturados e parecem pertencer aos painéis mitológicos presentes na casa de fresco. A encimar o padrão temos uma cercadura policroma de fundo branco com folhas de acanto amarelas e verde esmeralda que envolvem uma barra azul com uniões amarelas, os contornos são pretos e os bordos são amarelos e simétricos. No rodapé temos uma cercadura em tons de azul e branco com folhas que envolvem uma barra, tem bordos azuis e brancos simétricos. Esta secção tem sete azulejos de altura (incluindo as cercaduras) por sete azulejos de largura.

Na parede 1, a secção 2 tem um painel figurativo policromo (branco, amarelo, azul, púrpura, verde esmeralda e preto) de temática mitológica representando Neptuno no seu carro de água, de pé segurando o tridente e com uma capa drapeada, ladeado à esquerda por um tritão que toca pandeireta e, à direita, por um tritão e uma nereida envoltos por um panejamento em arco. O carro é ricamente decorado com volutas, folhas de acanto e grinaldas. No lado direito do painel temos uma árvore de folhas amarelas e, do lado esquerdo, verifica-se a interrupção do desenho que deveria apresentar os cavalos que puxam o carro e o tritão que o conduz do qual apenas vemos os cabelos amarelos. Este painel tem uma moldura constituída por uma cercadura idêntica à cercadura do cabeçalho do painel da secção 1, na mesma parede, esta moldura apresenta interrupções do lado esquerdo e no rodapé.

Na parede 2, a secção 1 tem um painel figurativo policromo (branco, amarelo, azul, púrpura, verde esmeralda e preto) de temática mitológica representando Ácis e Galateia num carro nupcial. Galateia segura numa mão uma rosa e noutra o panejamento em arco que a envolve com Ácis, à esquerda temos uma árvore de folhas amarela, um tritão com uma lira na mão e um *putto* nas suas costas, à direita temos dois cupidos que conduzem o carro nupcial puxado por cavalos-marinhos cuja representação está interrompida. O carro nupcial é ricamente decorado com motivos arquitetónicos, folhas de acanto e um rosto-máscara envolto em folhas de acanto. Este painel tem uma moldura idêntica ao painel de Neptuno no seu carro, neste caso interrompida do lado direito e no rodapé.

O painel da secção 2 (parede 2) é semelhante ao painel da secção 1 (parede 1), as diferenças são as seguintes: tem uma largura maior de dez azulejos e o padrão constituído por uma miscelânea de azulejos não está centrado e, além dos azulejos figurativos, tem azulejos ornamentais de várias proveniências (cantos de cercadura, motivos florais, barras, almofadas).

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

49D342(SQUARE) - quadrilátero regular: losango

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloché")

48A983111 - acanto ~ ornamentos

92H191 - cortejo marinho de Neptuno

83(OVID, Metamorphoses XIII:738-788) - Ácis e Galatéia

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

RIPA, Cesare - *Iconologia: overo: descrittione di diverse imagini cuate dall'antichità, & di própria inuentione, trouate, & dichiarate*. Roma: Appresso Lepido Faeÿ, 1603.

HISTORIAL

O painel mitológico neptuniano da parede 1, secção 2, apresenta uma iconografia de acordo com a descrição do capítulo "Carro da Água" da obra de Cesare Ripa "Iconologia" (1603, p. 57-58). A metade da direita da gravura de Jean Lepautre (1618-1682) "Neptune sur son char" editada por Jean Leblond I, entre 1648 e 1666, terá servido de inspiração para este painel (vide <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-1-neptune-sur-son-char-8b80d04e-d754-4ac0-95a9-2bdda55f1859>), a principal diferença é que no painel azulejar Neptuno não é coroado por um *putto*. O painel mitológico da parede 2, secção 1 terá sido inspirado na metade esquerda da gravura "Acis et Galatée sur un char nuptial" de Jean Lepautre editada por Jean Leblon I, entre 1648 e 1666 (vide <https://collections-mba.nancy.fr/fr/notice/th-99-15-3216-2-acis-et-galatee-sur-un-char-nuptial-f12e12fb-514f-4ee0-816b-d6d781f106e6>). De acordo, com a cronologia definida por SIMÕES (Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 13) este revestimento cerâmico enquadra-se no

período de 1650 a 1680, com exceção da cercadura pombalina azul e branca do rodapé (1770-1820) que é idêntica à C-18-00001 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=350&ns=214000&lang=po&c=padroesEMolduras&IPR=7785>) e do padrão pombalino azul e branco que é idêntico ao P-18-00023 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=709&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

Acantos

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma (branca, azul, amarelo, verde esmeralda e contorno preto) de fundo branco constituída por uma barra metálica azul com incidência de luz que serve de eixo para folhas de acanto amarelas e verde esmeralda colocadas na diagonal em espelho. A cercadura tem bordos simétricos amarelos e, na parte do azulejo com folha de acanto amarela, a barra metálica tem dois anéis amarelos.

RITMO VISUAL

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central; Folhas em torno de eixo [EC]

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\simulando incidência de luz no eixo\que sugere volumetria

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Amarelo; Pintura. Azul; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de fresco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

De acordo, com a cronologia definida por SIMÕES (Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 13) esta cercadura enquadra-se no período de 1650 a 1680.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura em tons de branco e azul, com fundo branco e bordos azuis e brancos simétricos, constituída por uma barra que serve de eixo para o enrolamento de uma folha que é o elemento central, a composição sugere volumetria e a incidência de luz. A combinação dos dois modelos de azulejo não segue uma sequência regular.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central; Folha em torno de eixo [EC]

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\simulando incidência de luz\que sugere volumetria

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos; Elemento central

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de fresco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Esta cercadura é idêntica à C-18-00001 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=350&ns=214000&lang=po&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Canto em tons de azul e branco com bordos azuis e brancos, composto por um eixo em ângulo reto envolto no vértice por um motivo vegetalista encimado por uma conta e um trifólio.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

Canto\com bordos\simétricos\simulando incidência de luz\que sugere volumetria

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de fresco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este canto é idêntico ao C-18-00001-ct01 (vide

[https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=351&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)

[az/ficha.aspx?id=351&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=351&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)) e está

presente na miscelânea de azulejos da secção 2 da parede 2.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Padrão floral e geométrico em tons de azul e branco formando uma rede de losangos unida por flor quadripétala sobre a qual está pintada uma circunferência aguarelada, a composição simula a incidência de luz.

RITMO VISUAL

Em repetição o padrão permite a observação de um reticulado de losangos com um jogo de luz e ritmos diagonais.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\desenvolvido em reticulado de losangos

Padrão\simulando incidência de luz

Ritmo visual\Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1770; 1820; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

49D342(SQUARE) - quadrilátero regular: losango

48A98131 - ornamentos ~ círculo e formas derivadas, e.g. guilhoché ("guilloche")

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de fresco

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este padrão é idêntico ao P-18-00023 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=709&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

DEPENDÊNCIAS



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Dependências

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_05

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A Quinta de Subserra tem diversos revestimentos azulejares nas seguintes dependências: Casa do Olival, Vivenda Sol e Serra, arrumos, pombal, escritório, adega e abegoaria.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: EL

DESIGNAÇÃO

Casa do Olival

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0501

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A Casa do Olival é uma das dependências do casario da Quinta de Suberra que foi adaptada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira numa unidade de alojamento local.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema

de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior da Casa do Olival

NÚMERO

VFX_S_QMS_050101

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores da Casa do Olival são revestidas com um silhar com nove azulejos em altura (incluindo os frisos e o rodapé). Os azulejos são de figura avulsa em tons de verde e branco cujos cantos têm um motivo constituído por dois semicírculos, dois pontos e três traços oblíquos. Os motivos centrais são os animais da quinta (coelho, porco, peru, ovelha, cabra, galinha, galo, touro, etc.) alternados por flores diversas. O silhar é encimado por um friso decorado com trevos de três folhas que se repete em baixo em conjunto com um rodapé de marmoreado verde.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25G4(CLOVER) - plantas e ervas: trevo

48A9833 - flores ~ ornamentos

34B - animais domésticos, mantidos dentro e fora de casa

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Verde; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Friso de fundo branco, com bordos simétricos verdes e preenchido por quatro trevos de três folhas em cada azulejo. O silhar é delimitado horizontalmente por este friso, na parte superior e inferior, terminando num rodapé de marmoreado verde.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25G4(CLOVER) - plantas e ervas: trevo

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Verde; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da Casa do Olival



Revestimento cerâmico exterior da Vivenda Sol e Serra

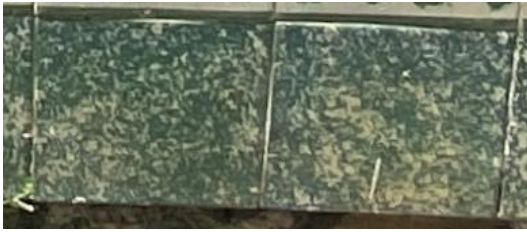
REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado verde

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a verde.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado verde.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Verde; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da Casa do Olival



Revestimento cerâmico exterior da Vivenda Sol e Serra

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX



Fotografia: EL

DESIGNAÇÃO

Vivenda Sol e Serra

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0502

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

A Vivenda Sol e Serra é uma das dependências do casario da Quinta de Subserra que foi adaptada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira numa unidade de alojamento local.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior da Vivenda Sol e Serra

NÚMERO

VFX_S_QMS_050201

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores da Vivenda Sol e Serra estão revestidas com um silhar com sete azulejos em altura (incluindo os frisos e a cercadura). Os azulejos são de figura avulsa em tons de verde e branco cujos cantos têm um motivo constituído dois semicírculos, dois pontos e três traços oblíquos. Os motivos centrais são os animais da quinta (coelho, porco, peru, ovelha, cabra, galinha, galo, touro, etc.) alternados por flores diversas. O silhar é encimado por um friso decorado com trevos de três folhas que se repete no rodapé que termina com uma cercadura de marmoreado verde. Nalgumas zonas consta apenas o rodapé constituído pelo friso e pela cercadura de marmoreado verde.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25G4(CLOVER) - plantas e ervas: trevo

48A9833 - flores ~ ornamentos

34B - animais domésticos, mantidos dentro e fora de casa

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Verde; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico do corredor

NÚMERO

VFX_S_QMS_050202

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

Ao entrar na Vivenda Sol e Serra temos com corredor revestido por um silhar cerâmico com cercadura e rodapé com altura total de cinco azulejos. O padrão do tipo "tapete" e a cercadura são policromos (branco, azul e amarelo), o rodapé é composto por azulejo marmoreado a púrpura. O padrão tem fundo azul com o motivo central da vesica piscis ou mandorla de cor branca com contorno exterior e interior a amarelo e azul, o centro é azul com um motivo branco que resulta da interseção de quatro círculos, a restante decoração é vegetalista estilizada branca e floral branca e amarela, com volutas brancas e anéis amarelos com nervuras a unir os elementos vegetalistas. A cercadura tem fundo azul, com elementos vegetalistas estilizados e volutas brancos e florais brancos e amarelos, ramagem amarela e anel amarelo com nervuras que une ao centro os elementos vegetalistas. A cercadura delimita o silhar na parte superior numa orientação e na parte inferior noutra orientação, terminando num rodapé de marmoreado púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

22C3121 - mandorla oval ou em forma de amêndoa

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampilhagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este revestimento cerâmico terá sido produzido no século XX, contudo a sua estética enquadra-se na azulejaria de padrão de 1630 a 1650, de acordo com a sistematização de SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 13).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura de fundo azul, com bordos simétricos azuis e amarelos, decorada com elementos vegetalistas estilizados e volutas brancas e florais brancos e amarelos, ramagem amarela e anel amarelo com nervuras que une ao centro os elementos vegetalistas e volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampilhagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Esta cercadura terá sido produzida no século XX, contudo a sua estética enquadra-se na azulejaria de padrão de 1630 a 1650, de acordo com a sistematização de SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 13).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/2

DESIGNAÇÃO

Tapete

NOTA DESCRITIVA

Padrão de tipo "tapete" com fundo azul com o motivo central da vesica piscis ou mandorla de cor branca com contorno exterior e interior a amarelo e azul, o centro é azul com um motivo branco que resulta da interseção de quatro círculos, a restante decoração é vegetalista estilizada branca e floral branca e amarela, com volutas brancas e anéis amarelos com nervuras a unir os elementos vegetalistas e volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e quatro elementos de ligação

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

22C3121 - mandorla oval ou em forma de amêndoa

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampilhagem; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este padrão terá sido produzido no século XX, contudo a sua estética enquadra-se na azulejaria de padrão de 1630 a 1650, de acordo com a sistematização de SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 13).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do corredor

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da sala de estar

NÚMERO

VFX_S_QMS_050203

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

A sala de estar da Vivenda Sol e Serra tem um silhar cerâmico com cercadura e rodapé com altura total de sete azulejos. A cercadura é policroma (branco, azul-claro, azul-escuro e amarelo), o padrão é em tons de azul-claro, azul-escuro e branco e o rodapé é marmoreado a púrpura. A cercadura delimita o silhar na parte superior numa orientação e na parte inferior noutra orientação. A cercadura tem contorno azul com motivo central de flor com cálice amarela com conta no centro e volutas sobre um fundo azul-claro e azul-escuro. A ladear a flor amarela temos motivos vegetalistas brancos com volutas. A cercadura tem bordos amarelos, branco e azul-escuro e um bordo maior decorado com motivo de grega entrelaçada que na ligação dos azulejos tem flor amarela do núcleo azul-escuro. O padrão tem contornos a azul sendo composto por laçarias em estrela e cruz que formam dois motivos. Um motivo em forma de estrela de oito pontas com núcleo quadrangular rodeado por contas brancas, a ladear a estrela nas quatro pontas temos um losango envolto por contas brancas. O outro motivo está envolto numa laçaria de forma circular com um motivos vegetalistas e volutas com núcleo quadrangular.

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

48A98133 - ornamentos ~ espiral e formas derivadas, e.g. gregas

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos

48A9815 - ornamentos ~ formas estelares

48A981 - ornamentos ~ motivos geométricos

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

Monografias

BERARDO - **800 anos de história do azulejo**. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

O padrão do silhar tem influência da azulejaria de Talavera de la Reina presente em Portugal entre o final do século XVI e o início do século XVII (BERARDO, 800 anos de história do azulejo, 2020, p. 235). Segundo SIMÕES, a decoração baseada em laçarias em forma de estrela e cruz têm reminiscência na arte mudéjar (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 32). Este padrão é idêntico ao painel de azulejos de padrão 101-43 da Coleção Berardo (BERARDO, 800 anos de história do azulejo, 2020, p. 241) e ao conjunto de azulejos do Museu de Alberto Sampaio MAS A 127 (14) (vide <http://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra?id=5702&tipo=OBJ>), ambos datados do século XVII. A cercadura do silhar é idêntica à C-17-00138 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=133&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

A cercadura é policroma (branco, azul-claro, azul-escuro e amarelo), com contorno azul. O motivo central é uma flor com cálice amarela com conta no centro e volutas sobre um fundo azul-claro e azul-escuro. A ladear a flor amarela temos motivos vegetalistas brancos com volutas. A cercadura tem bordos amarelos, branco e azul-escuro e um bordo maior decorado com motivo de grega entrelaçada que na ligação dos azulejos tem flor amarela do núcleo azul-escuro.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo duas faixas

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

48A98133 - ornamentos ~ espiral e formas derivadas, e.g. gregas

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Amarelo; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da sala de estar

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Esta cercadura é semelhante à C- 63 da ante-sacristia do Mosteiro de Alcobaça (SIMÕES, Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 150 e 153) e é idêntica à C-17-00138 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=133&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

Laçarias

NOTA DESCRITIVA

O padrão é em tons de azul-claro, azul-escuro e branco, com contornos a azul-escuro. A representação compõe-se por laçarias em estrela e cruz que formam dois motivos. Um motivo em forma de estrela de oito pontas com núcleo quadrangular rodeado por contas brancas, a ladear a estrela nas quatro pontas temos um losango envolto por contas brancas. O outro motivo está envolto numa laçaria de forma circular com um motivos vegetalistas e volutas com núcleo quadrangular.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e um elemento de ligação; Estrela de oito pontas [C]; Forma circular com motivos vegetalistas e volutas [EL]

Padrão\desenvolvido em reticulado

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9878 - motivos entrelaçados, laçarias ~ ornamentos
48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos
48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos
48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas
48A9815 - ornamentos ~ formas estelares
48A981 - ornamentos ~ motivos geométricos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da sala de estar

REFERÊNCIAS

Monografias

BERARDO - **800 anos de história do azulejo**. [S.l.]: Associação de Coleções, D.L. 2020

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

Este padrão tem influência da azulejaria de Talavera de la Reina presente em Portugal entre o final do século XVI e o início do século XVII (BERARDO, **800 anos de história do azulejo**, 2020, p. 235). Segundo SIMÕES, a decoração baseada em laçarias em forma de estrela e cruz têm reminiscência na arte mudéjar (**Az. Séc. XVII**, 1971, tomo I, p. 32). Este padrão é idêntico ao painel de azulejos de padrão 101-43 da Coleção Berardo (BERARDO, **800 anos de história do azulejo**, 2020, p. 241) e ao conjunto de azulejos do Museu de Alberto Sampaio MAS A 127 (14) (vide <http://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra?id=5702&tipo=OBJ>), ambos datados do século XVII.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1633; 1630-1650; Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão;
Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da sala de estar

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL



Fotografias: CMVEX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da cozinha

NÚMERO

VFX_S_QMS_050204

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

A cozinha da Vivenda Sol e Serra tem um revestimento cerâmico composto por um silhar com frisos, azulejos de figura avulsa e rodapé. O silhar tem a altura total de onze azulejos. O friso e os azulejos de figura avulsa são em tons de azul e branco, o rodapé é marmoreado a azul-claro. O friso tem fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul. Os azulejos de figura avulsa têm como motivo central diversos tipos de flores sobre fundo branco. Cada azulejo tem nos quatro cantos flores quadripétalas e em cada lado uma flor quadripétala cortada na longitudinal, estas oito flores estão dispostas em círculo à volta do motivo floral central.

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

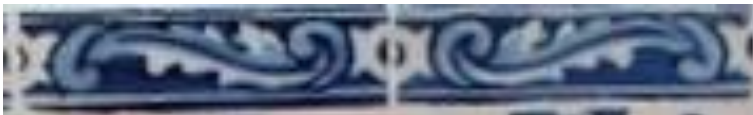
HISTORIAL

Os frisos deste silhar são idênticos à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, data que atribuímos a este silhar. Este revestimento tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

O friso tem fundo e contorno azul-escuro, de bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da cozinha

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

O friso do revestimento cerâmico da cozinha da Vivenda Sol e Serra é idêntico à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, data que atribuímos a este friso que tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado azul-claro

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a azul-claro.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado azul-claro.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;

Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da cozinha

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico da casa de banho

NÚMERO

VFX_S_QMS_050205

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

A casa de banho da Vivenda Sol e Serra tem um revestimento cerâmico composto por um silhar com frisos, azulejos de figura avulsa e rodapé. O silhar tem a altura total de onze azulejos. O friso e os azulejos de figura avulsa são policromos (verde-claro, verde-escuro, púrpura, castanho-escuro, azul-claro, azul-escuro, amarelo, branco, preto), o rodapé é marmoreado a púrpura. O friso superior tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com terminações em espiral, quatro folhas, flor quadripétala castanho-escura com núcleo preto em cada lado. O friso inferior tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com cinco folhas, flor central azul e amarela de cinco pétalas ladeada por bago circular castanho-escuro preso na ramagem. Os azulejos de figura avulsa têm como motivo central diversos tipos de flores sobre fundo branco, alguns decorados com terminações em espiral. Cada azulejo tem nos quatro cantos um raminho com três folhas. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo de figura avulsa. A terminar o silhar temos um rodapé com marmoreado púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A98133 - ornamentos ~ espiral e formas derivadas

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Verde-claro; Pintura. Verde-escuro; Pintura. Púrpura; Pintura. Castanho-escuro. Amarelo; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

O friso tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com terminações em espiral, quatro folhas, flor quadripétala castanho-escura com núcleo preto em cada lado.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento de ligação; Flor quadripétala

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A98133 - ornamentos ~ espiral e formas derivadas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

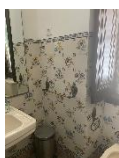
Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Verde-claro; Pintura. Púrpura; Pintura. Castanho-escuro. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de banho

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

O friso tem fundo branco, bordos simétricos a azul-escuro, decorado com ramagem ondulante com cinco folhas, flor central azul e amarela de cinco pétalas ladeada por bago circular castanho-escuro preso na ramagem. O friso é constituído por dois azulejos diferentes, num azulejo temo um bago e no outro azulejo dois bagos.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elemento central; Flor de cinco pétalas

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde-claro; Pintura. Castanho-escuro. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de banho

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico da casa de banho

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL



Fotografia: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Arrumos e pombal

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0503

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

Os arrumos e pombal fazem parte das dependências da Quinta Municipal de Subserra.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior dos arrumos e pombal

NÚMERO

VFX_S_QMS_050301

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores dos arrumos e do pombal estão revestidas com um silhar com 8,5 azulejos em altura (incluindo os frisos, a cercadura e o rodapé). O silhar é encimado por um friso com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul. Os azulejos são de figura avulsa em tons de azul e branco cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Os motivos centrais são

animais, flores, barcos, figuras humanas, vasos, cestas, edifícios. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo de figura avulsa. O nível inferior do silhar é constituído por uma cercadura de fundo branco com bordos inferiores branco e azul, de espessuras diferentes, decorada com motivos curvos e volutas em tons de azul-escuro, azul-claro e branco, nos dois cantos superiores do azulejo temos "estrelinhas" ou "aranhiços" e a terminar temos um rodapé de azulejos marmoreados a azul.

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

48A9854 - vaso ~ ornamentos

41A7751 - recipiente feito de outros materiais vegetais: cesta

48A9845 - outros ornamentos derivados de formas animais

41A626 - edifícios ou construções falsas

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REFERÊNCIAS

HISTORIAL

O friso deste silhar é idêntico à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, data que atribuímos a este silhar. Este revestimento tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

F-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

O friso tem fundo e contorno azul-escuro, de bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com volutas) em tons de branco e azul.

CLASSIFICAÇÃO

Friso\retilíneo [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior dos arrumos e pombal

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

O friso do revestimento cerâmico dos arrumos e do pombal é idêntico à moldura da lápide da Fonte de São Marcos datada de 1823, data que atribuímos a este friso que tem inspiração na azulejaria barroca do século XVIII.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura de fundo branco com bordos inferiores branco e azul, de espessuras diferentes, decorada com motivos curvos e volutas em tons de azul-escuro, azul-claro e branco, nos dois cantos superiores do azulejo temos "estrelinhas" ou "aranhiços".

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior dos arrumos e pombal

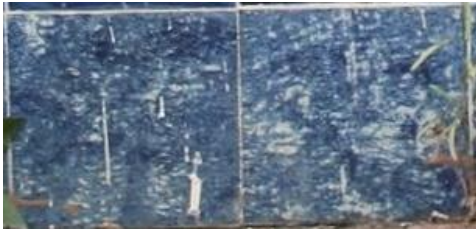
REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado azul

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a azul.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado azul.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1823; Cerâmica\Século XIX\Primeira metade\Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior dos arrumos e pombal

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: EL



Fotografia: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Escritório

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0504

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

Uma das dependências da Quinta Municipal de Subserra foi adaptada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira como escritório.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior do escritório

NÚMERO

VFX_S_QMS_050401

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores do escritório estão revestidas com um silhar com oito azulejos em altura (incluindo cercaduras e rodapé). O silhar é interrompido por portas e uma janela que é emoldurada pela cercadura. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, motivo floral e vegetalista (folhas de acanto com enrolamento) em tons de branco e azul. Os azulejos são de figura avulsa em tons de azul e branco cujos cantos têm um motivo constituído por cinco pontos e quatro traços - as chamadas "estrelinhas" ou "aranhão". Os motivos centrais são animais, flores, barcos e figuras humanas. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9845 - outros ornamentos derivados de formas animais

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/2

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, flor quadripétala com conta em cada pétala e núcleo a azul-escuro e motivo vegetalista com folhas de acanto com enrolamento em tons de branco e azul.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9831 - folhagem, enrolamentos, ramagem ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9833 - flores ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C- -ct

MÓDULO

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Canto com fundo azul-escuro, bordos simétricos azuis e brancos, de cada lado tem flor quadripétala branca com conta em cada pétala e núcleo a azul-escuro, a sair de cada flor tem um motivo vegetalista com folhas de acanto em tons de branco e azul dirigidos para o canto e no centro um motivo pontiagudo branco com volutas.

CLASSIFICAÇÃO

Canto\com bordos\simétricos

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A98311 - folhagem ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1700; 1750; Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade; Revestimento

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico interior do escritório

NÚMERO

VFX_S_QMS_050402

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\de padrão

NOTA DESCRITIVA

As paredes interiores do escritório estão revestidas com um silhar policromo (branco, azul-escuro, amarelo, verde esmeralda, púrpura e contornos pretos) com seis azulejos em altura (incluindo cercadura e rodapé). O silhar tem a encimar cercadura de fundo branco, com bordos simétricos amarelos, motivo vegetalista com volutas e motivo de ligação com anéis amarelos e azuis alternados. Os azulejos formam um padrão policromo de camélias do tipo "tapete" com módulo 2x2 com motivos vegetalistas, florais e bagas nas extremidades de caules em fundo branco. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A98311 - folhagem ~ ornamentos

48A983111 - acanto ~ ornamentos

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Púrpura; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

O padrão do interior do escritório tem semelhanças formais com o P-17-01005 (Az Infinitum vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=58&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=9672>), diferindo nas cores aplicadas. Este padrão tem também semelhanças como os seguintes padrões identificados por SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, pp. 45-46): P-207, P-208, P-209 e P-212. A este tipo de padrão com o tema da flor oriental com pétalas sobrepostas que se desenvolve no centro de rotação SIMÕES deu o nome de "camélias" (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 44).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x2/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura de fundo branco, contornos a preto, com bordos simétricos amarelos, motivo vegetalista com volutas e motivo de ligação com anéis amarelos e azuis alternados.

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\com um elemento de ligação

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A98311 - folhagem ~ ornamentos

48A9861 - voluta, ornamento nastriforme ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

PADRÕES



NÚMERO/IDENTIFICADOR

P-

MÓDULO

2x2/1

DESIGNAÇÃO

Camélia

NOTA DESCRITIVA

Padrão policromo (azul-escuro, amarelo, verde esmeralda, fundo branco e contorno preto), com um centro e dois tipos de elementos de ligação. O centro é uma camélia com três camadas de pétalas azuis com rebordo amarelo, no núcleo tem uma flor branca. À volta da camélia temos ramagens com folhas amarelas, azuis e verde esmeralda, e bagas azuis nas extremidades dos caules. Num dos vértices temos um elemento de ligação que é um florão azul de folhas de acanto com reserva interior branca em forma de estrela. Outro elemento de ligação, em dois vértices do azulejo, é uma flor estilizada de oito pétalas azuis-escuras e verde esmeralda com bagas amarelas nas extremidades de caules.

CLASSIFICAÇÃO

Padrão\com um centro e dois elementos de ligação

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A98311 - folhagem ~ ornamentos

48A9813 - ornamentos ~ formas circulares e curvas

48A983111 - acanto ~ ornamentos

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde esmeralda; Pintura. Preto; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

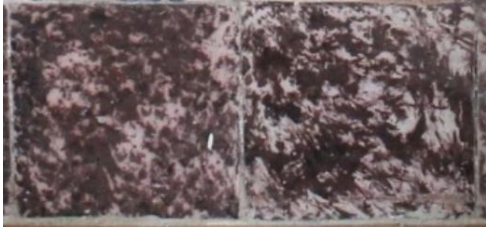
HISTORIAL

O padrão do interior do escritório tem semelhanças formais com o P-17-01005 (Az Infinitum vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=58&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=9672>), diferindo nas cores aplicadas. Este padrão tem também semelhanças como os seguintes padrões identificados por SIMÕES (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, pp. 45-46): P-207, P-208, P-209 e P-212. A este tipo de padrão com o tema da flor oriental com pétalas sobrepostas que se desenvolve no centro de rotação SIMÕES deu o nome de "camélias" (Az. Séc. XVII, 1971, tomo I, p. 44).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1650-1680; Cerâmica\Século XVII\Segunda metade; Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico interior do escritório

REFERÊNCIAS

Monografias

SIMÕES - **Azulejaria em Portugal no século XVII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: EL

DESIGNAÇÃO

Adega

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0505

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;

http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;

<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: CMVFX



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior da adega

NÚMERO

VFX_S_QMS_050501

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores da adega estão revestidas com um silhar com oito azulejos em altura (incluindo cercaduras e rodapé). O silhar é interrompido por portas. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com bordos assimétricos a azul e branco, com motivo de linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central, e outra reserva preenchida a azul-claro, em dois cantos do azulejo temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Os azulejos do silhar são de figura avulsa em tons de azul e branco cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão", os motivos centrais são animais, flores, barcos, figuras humanas, edifícios e cestas. O silhar termina com um rodapé de azulejos marmoreados a púrpura.

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central; elemento de ligação

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9845 - outros ornamentos derivados de formas animais

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

41A7751 - recipiente feito de outros materiais vegetais: cesta

41A626 - edifícios ou construções falsas

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

O silhar tem cercadura idêntica à C-18-00018 (vide

[https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)

[az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785](https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785)).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Pombalino

NOTA DESCRITIVA

Cercadura com bordos assimétricos a azul e branco, motivo de linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor quadripétala central, e outra reserva preenchida a azul-claro, em dois cantos do azulejo temos o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão".

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\assimétricos\desenvolvendo dois elementos centrais e um elemento de ligação [pintados individualmente]; Reserva com flor [EC]; reserva com cor [EC]; motivo floral [EL]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central; elemento de ligação

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS





REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da adega

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

Cercadura idêntica à C-18-00018 (vide <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az/ficha.aspx?id=740&ns=214000&lang=PO&c=padroesEMolduras&IPR=7785>).

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

Marmoreado púrpura

NOTA DESCRITIVA

Rodapé de uma fiada de azulejos marmoreados a púrpura.

CLASSIFICAÇÃO

Rodapé\retilíneo; Motivo marmoreado púrpura.

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1750; 1800; Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino; Manufatura

ICONOGRAFIA

25D12(MARBLE) - tipos de pedras não-preciosas: mármore

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Marmoreado Esponjado;
Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Púrpura; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da adega

REFERÊNCIAS

Monografias

Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Abegoaria

OUTRAS DESIGNAÇÕES

TIPO DE PATRIMÓNIO

Arquitetura civil/Quinta agrícola

NÚMERO

VFX_S_QMS_0506

PROJETO

DISPOSIÇÕES LEGAIS

NOTA DESCRITIVA

Dependência onde ficavam os animais da quinta e se guardavam as alfaias agrícolas.

DATAS IMPORTANTES

RECURSOS RELACIONADOS

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [SIPA]; IPA.00021431;
http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21431; IPA.00010457;
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10457. Ulysses, sistema de informação do património classificado / PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P.;
<https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=17194983>

LOCALIZAÇÃO

Largo 1.º de Maio, n.º 1, Subserra, 2600-843 São João dos Montes; Portugal/Lisboa/Vila Franca de Xira/Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]



Fotografia: CMVFX



Fotografias: EL

DESIGNAÇÃO

Revestimento cerâmico exterior da abegoaria

NÚMERO

VFX_S_QMS_050601

TIPO DE PATRIMÓNIO

Azulejo

CLASSIFICAÇÃO

Revestimento cerâmico\figura avulsa

NOTA DESCRITIVA

As paredes exteriores da abegoaria estão revestidas com um silhar policromo com sete azulejos em altura (incluindo as cercaduras). O silhar é interrompido por portas. O silhar tem cercadura, em cima e em baixo, com bordos simétricos a azul-escuro e branco, com motivo de linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com flor central de seis pétalas com três folhas em cima e em baixo, e uma reserva preenchida a amarelo, em dois cantos do azulejo temos um motivo das "estrelinhas" ou "aranhão". Os azulejos do silhar são de figura avulsa policromos (branco, azul-escuro, azul-claro, amarelo, verde-seco, púrpura e castanho) cujos cantos têm o motivo das "estrelinhas" ou "aranhão", os motivos centrais são animais, flores, barcos, figuras humanas e edifícios. Os azulejos de figura avulsa estão dispostos em xadrez, um azulejo branco intercalado por um azulejo policromo de figura avulsa.

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

48A9833 - flores ~ ornamentos

48A9845 - outros ornamentos derivados de formas animais

46C24 - embarcação à vela, barco à vela

41A626 - edifícios ou construções falsas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnicas

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre; Azulejo

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura. Amarelo; Pintura. Verde-seco; Pintura. Púrpura; Pintura. Castanho; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REFERÊNCIAS

HISTORIAL

Atribuimos à Fábrica Sant'Anna a produção deste revestimento azulejar, durante o período das obras implementadas por João Guedes de Sousa, entre 1947 e 1950. A sua decoração tem inspiração na azulejaria holandesa.

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

MOLDURAS



NÚMERO/IDENTIFICADOR

C-

MÓDULO

1x1/1

DESIGNAÇÃO

NOTA DESCRITIVA

Cercadura policroma (branco, azul-escuro, azul-claro, amarelo, verde-seco, púrpura e castanho) com bordos simétricos a azul-escuro e branco, com motivo de linhas contracurvadas em diferentes cores que criam duas reservas, uma preenchida a branco com

flor central de seis pétalas com três folhas em cima e em baixo, e uma reserva preenchida a amarelo, em dois cantos do azulejo temos um motivo das "estrelinhas" ou "aranhão".

CLASSIFICAÇÃO

Cercadura\retilínea [com bordos]\simétricos\desenvolvendo um elementos central; Reserva com flor [EC]; reserva com cor [EC]; motivo floral [EL]

PRODUÇÃO

Portugal/Lisboa/Lisboa

DATAS IMPORTANTES

1950; c. 1950; Revestimento

ICONOGRAFIA

48A9876 - ornamentos ~ cartela; reserva; Elemento central

48A9833 - flores ~ ornamentos; Elemento central

48A9814 - ornamentos ~ combinação de linhas retas e curvas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais

Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo; Azulejo

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre

Cores

Branco; Vidrado. Azul-escuro; Pintura. Azul-claro; Pintura.

PADRÕES E MOLDURAS



REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico exterior da abegoaria

REFERÊNCIAS

HISTORIAL

SOBRE A FICHA

[0000-00-00 nome; Inserção de ficha]

AUTORIAS

Fábrica Sant'Anna

Produção [fábrica]

NOTA BIOGRÁFICA:

A fábrica foi fundada em 1860 no sítio de Sant'Anna à Lapa, em Lisboa, passando depois para a Calçada da Boa Hora na Ajuda, aquando da abertura da Av. Infante Santo. De início produziu objetos em barro vermelho, tendo depois passado a fabricar azulejos e faianças decorativas pintadas à mão livre segundo os processos tradicionais, característica que se mantém atualmente. Entre os artistas que nela trabalharam destacam-se Gilberto Renda, que aqui pintou o revestimento de algumas estações de comboio e, a partir de meados da década de 1950, Rolando Sá Nogueira, Alice Jorge, Júlio Pomar, Eduardo Nery e Luís Camacho [Texto Fichas IPC - Ana Almeida]

CRONOLOGIA

1860; 1860; Fundação; Fundada no sítio de Sant' Anna à Lapa, em Lisboa (Almeida - Fábricas de [...], p. 276)

1940; 1970; Morada; A fábrica muda de instalações para a Calçada da Boa Hora, na Junqueira, em Lisboa (Almeida - Fábricas de [...], p. 276)

1950; c. 1950; Revestimentos cerâmicos da escadaria 2 e corredor 2 do Palácio da Quinta Municipal de Suberra são semelhantes aos azulejos dos bancos do Jardim Municipal de Oeiras com assinatura Fábrica Sant'Anna.

1950; c. 1950; Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega da Quinta Municipal de Suberra com assinatura da Fábrica Sant'Anna e de Rogério Amaral.

1950; c. 1950; Revestimento cerâmico do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes com assinatura da Fábrica Sant'Anna no terraço, do lado da Capela de São José.

1958; 1959; Painel de azulejos - identificado; Lisboa, Avenida Infante Santo, escadaria - painel da autoria de Alice Jorge e Júlio Pomar

1958; 1959; Painel de azulejos - identificado; Lisboa, Avenida Infante Santo, escadaria - painel da autoria de Rolando Sá Nogueira

1958; 1958; Revestimento cerâmico - assinado; Vilar Formoso, Posto Alfandegário, "A Terra", "O Norte", "A montanha", "O Sul", "A planície", "O Mar", "A praia", "A pesca", "Cataventos", "Rosa dos mares" - revestimento da autoria de Júlio Resende

1993; 1994; Revestimento cerâmico - assinado; Lisboa, Rua da Mãe d'Água, muro - revestimento da autoria de Luís Camacho

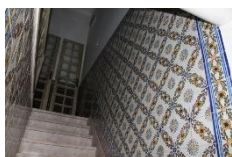
1996; 1996; Painel de azulejos - assinado; Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, "Zona de Risco" - painel da autoria de Luís Camacho

REVESTIMENTO

Revestimento cerâmico escadaria|

Painel de azulejos da autoria de Alice Jorge e Júlio Pomar|

Painel de azulejos da autoria de Rolando Sá Nogueira|



Revestimento cerâmico da escadaria 2 do Palácio da Quinta Municipal de Subserra



Revestimento cerâmico do corredor 2 do Palácio da Quinta Municipal de Subserra



Revestimento cerâmico do terraço, escadaria e muro com namoradeiras e alegretes



Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega da Quinta Municipal de Subserra

REFERÊNCIAS

Monografias

Fábricas de Azulejos. **O Azulejo em Portugal no século XX**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/INAPA. 2000. p. 275-277.

COUCEIRO, Gonçalo - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**. 2015.

https://www.academia.edu/38490205/Elementos_para_a_Hist%C3%B3ria_da_F%C3%A1brica_de_Azulejos_SantAnna_desde_1741

AMARAL, Rogério (1917-1996)

Pintor

NOTA BIOGRÁFICA:

O artista plástico Rogério Amaral (1917-1996) trabalhou na Fábrica Sant'Anna durante cinco décadas, sendo responsável por importantes trabalhos a partir de meados do século XX. O primeiro registo da sua atividade na Fábrica Sant'Anna é de 1936 com a sua assinatura num azulejo comemorativo da primeira fornada nas instalações da Calçada da Boa Hora, quando Henrique Constâncio era o proprietário. Rogério Amaral tem obras de cerâmica e azulejaria, pintura, gravura, serigrafia, cenografia, escultura e fotografia. O seu trabalho como mestre-pintor e ceramista da Fábrica Sant'Anna consagra-o como um dos mais importantes pintores de azulejaria do século XX. Entre a década de 40 e o 25 de Abril de 1974, a maioria das encomendas à Fábrica Sant'Anna seguiam um gosto tradicional, revivalista e académico de acordo com a política cultural do Estado Novo veiculada por António Ferro. (COUCEIRO - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**, pp. 74-79)

CRONOLOGIA

1917; 1917; Nascimento de Rogério Amaral

1934; 1934; Foi aluno do curso de “Pintor Ceramista” da Escola Industrial Fonseca Benevides.

1936; 1936; Primeiro registo da sua atividade na Fábrica Sant'Anna com a sua assinatura num azulejo comemorativo da primeira fornada nas instalações da Calçada da Boa Hora.

1950; c. 1950; Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega da Quinta Municipal de Suberra com assinatura da Fábrica Sant'Anna e de Rogério Amaral.

1954; 1954; Primeira presença numa exposição de pintura organizada por José-Augusto França, na Galeria de Março.

1959; 1959; Ganha o 1.º prémio Silva Porto, obteve a 2.ª Medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes.

1996; 1996; Falecimento de Rogério Amaral.

REVESTIMENTO



Revestimento cerâmico do antigo tanque de rega da Quinta Municipal de Subserra

REFERÊNCIAS

COUCEIRO, Gonçalo - **Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant' Anna, desde 1741**. 2015.

https://www.academia.edu/38490205/Elementos_para_a_Hist%C3%B3ria_da_F%C3%A1brica_de_Azulejos_SantAnna_desde_1741

**Resultado de pesquisa com a inserção da Quinta Municipal de Subserra
no Az Infinitum**

Autorias (2)

Fontes Visuais

Imóveis (1)

Padrões e Molduras (58)

Revestimento – (26)

Todas Referências